



Do Aracoara ao Planalto

Um programa de Governo

JOÃO FIGUEIREDO

Discursos: 05/01/1978 - 15/03/1979

Exemplares adicionais desta edição preliminar podem ser solicitados à

SECOM — Secretaria de Projetos Especiais
(Dep. I)

Palácio do Planalto
70.150 — Brasília — DF.

APRESENTAÇÃO

Reúnem-se neste volume os discursos proferidos por João Baptista de Figueiredo desde 5 de janeiro de 1978, ao ter o seu nome indicado pelo Diretório Nacional da ARENA como candidato oficial à Presidência da República, até 15 de março de 1979, quando recebeu a faixa presidencial das mãos do Presidente Ernesto Geisel.

Se não falhou a pesquisa, apenas dois discursos não foram recuperados: o de 16 de janeiro de 1978, no Palácio do Planalto, ao receber cumprimentos dos servidores do SNI pela passagem, na véspera, do seu 60º aniversário natalício, e o de 12 de maio, em Porto Alegre, por ocasião do almoço no Quartel General com os oficiais do III Exército.

Por questão de registro, reproduzem-se no final do volume os quatro discursos preparados para a campanha mas não pronunciados por motivos ligados à falta de tempo e más condições climáticas.

ÍNDICE CRONOLÓGICO

BRASÍLIA — DF, em 05 de janeiro de 1978.	1
Palácio do Planalto.	
Indicação de seu nome pelo Diretório Nacional da ARENA, como candidato oficial à Presidência da República.	
BRASÍLIA — DF, em 18 de janeiro de 1978.	2
Palácio do Planalto.	
Transcurso de seu natalício, a 15 de janeiro.	
BRASÍLIA — DF, em 03 de abril de 1978.	3
Congresso Nacional — Sala Clóvis Beviláqua.	
Filiação ao Partido.	
BRASÍLIA — DF, em 09 de abril de 1978.	4
Residência do Torto.	
Resultado oficial da Convenção da ARENA.	
BRASÍLIA — DF, em 09 de abril de 1978.	5
Congresso Nacional.	
Lido por ocasião de sua indicação pela ARENA para concorrer à Presidência da República.	
PORTO ALEGRE — RS, em 13 de maio de 1978.	11
Assembleia Legislativa.	
Encontro estadual da ARENA JOVEM do Rio Grande do Sul.	
ALEGRETE — RS, em 14 de maio de 1978.	13
Centro de Tradições Gaúchas Farrroupilha.	
Churrasco de confraternização.	
URUGUAIANA — RS, em 14 de maio de 1978.	14
Galpão Crioulo Maurício Sirotsky, da TV Uruguaiana.	
Jantar de confraternização.	
SALVADOR — BA, em 26 de maio de 1978.	17
Assembleia Legislativa.	
Lançamento do livro — «Rui, o Parlamentar» — comemorativo ao centenário da 1ª edição parlamentar de Rui.	

SALVADOR — BA, em 26 de maio de 1978.	18
late Clube da Bahia.	
Jantar oferecido pelos Deputados Estaduais.	
BRASÍLIA — DF, em 29 de maio de 1978.	19
Setor Militar Urbano — Quartel General do Exército.	
Lido por ocasião de sua despedida do Exército, no posto de General-de-Exército.	
BRASÍLIA — DF, em 13 de junho de 1978.	21
Palácio do Planalto — Gabinete do Chefe do SNI.	
Despedida do General SEBASTIÃO JOSÉ RAMOS DE CASTRO.	
BRASÍLIA — DF, em 14 de junho de 1978.	22
Escola Nacional de Informações.	
Despedida do General OCTÁVIO AGUIAR DE MEDEIROS.	
BRASÍLIA — DF, em 15 de junho de 1978.	24
Palácio do Planalto — Gabinete Presidencial.	
Lido no dia de sua exoneração do cargo de Ministro Chefe do Serviço Nacional de In-	
formações.	
BRASÍLIA — DF., em 15 de junho de 1978.	26
Palácio do Planalto — Gabinete do Chefe do SNI.	
Passagem da Chefia do SNI ao General-de-Brigada OCTÁVIO AGUIAR DE MEDEI-	
ROS.	
RIO DE JANEIRO — RJ, em 25 de junho de 1978.	27
São Cristóvão — Igreja do Bonfim.	
Lido em agradecimento a sua admissão como membro da Irmandade de São Cristó-	
vão.	
RIO DE JANEIRO — RJ, em 26 de junho de 1978.	30
Agência do Rio de Janeiro do SNI.	
Despedida daquele estabelecimento.	
BRASÍLIA — DF, em 29 de junho de 1978.	31
Aracoara Hotel.	
Lido na abertura do escritório e da campanha da ARENA.	
BRASÍLIA — DF, em 30 de junho de 1978.	35
Aracoara Hotel.	
Encontro com o Conselho Nacional dos Representantes dos Trabalhadores do Comér-	
cio.	
RIO DE JANEIRO — RJ, em 6 de julho de 1978.	37
Associação Comercial do Rio de Janeiro.	
Posse do Presidente, Dr. RUI BARRETO.	
RIO DE JANEIRO — RJ, em 7 de julho de 1978.	38
Jornal «O DIA» e o Jornal «A NOTÍCIA».	
Visita à direção da Empresa.	
RIO DE JANEIRO — RJ, em 7 de julho de 1978.	40
Revista «MANCHETE».	
Visita à direção da Empresa.	
BRASÍLIA — DF, em 19 de julho de 1978.	42
Aracoara Hotel.	
Encontro com os Dirigentes Sindicais da Confederação Nacional dos Trabalhadores	
em Transportes Terrestres.	

BELO HORIZONTE — MG, em 20 de julho de 1978.	43
Lido na Convenção Regional da ARENA de Minas Gerais.	
BELO HORIZONTE — MG., em 21 de julho de 1978.	47
Almoço com os Oficiais da 4ª Divisão de Exército (4ª DE).	
BRASÍLIA — DF, em 25 de julho de 1978.	48
Aracoara Hotel.	
Encontro com os Prefeitos da Associação do Alto Jacuí.	
LAGES — SC, em 27 de julho de 1978.	51
Map Hotel.	
Reunião com os Representantes dos Trabalhadores, Empregadores e da Agropecuária.	
LAGES — SC, em 27 de julho de 1978.	52
Sociedade de Caça e Tiro.	
Churrasco com representantes da ARENA.	
FLORIANÓPOLIS — SC, em 27 de julho de 1978.	55
Empresa Cassol.	
Churrasco com representantes da ARENA.	
PORTO ALEGRE — RS., em 28 de julho de 1978.	57
Hotel Plaza San Rafael.	
Almoço com líderes da ARENA.	
PORTO ALEGRE — RS, em 28 de julho de 1978.	59
CEASA.	
Jantar de confraternização com os militares da ativa e os da reserva.	
CRUZ ALTA — RS, em 29 de julho de 1978.	61
Sede da ARENA JOVEM.	
Encontro com representantes da ARENA JOVEM.	
IJUÍ — RS, em 29 de julho de 1978.	63
Centro de Tradições Gaúchas.	
Encontro com representantes da ARENA.	
PORTO ALEGRE — RS, em 29 de julho de 1978.	66
Lido no III Congresso Estadual de Vereadores arenistas do Rio Grande do Sul.	
APARECIDA DO NORTE — SP, em 30 de julho de 1978.	71
Rádio Aparecida.	
Visita à cidade de Aparecida do Norte.	
RECIFE — PE, em 11 de agosto de 1978.	72
SUDENE.	
Lido no encontro com o Conselho Diretor da SUDENE e com lideranças políticas e empresariais do Nordeste.	
OLINDA — PE, em 11 de agosto de 1978.	78
Mosteiro de São Bento.	
Encontro com professores das Faculdades de Direito Pernambucanas e Secretários de Estado.	
PRESIDENTE PRUDENTE — SP, em 21 de agosto de 1978.	81
Delegacia da Receita Tributária.	
Inauguração das novas instalações.	
ARAÇATUBA — SP, em 21 de agosto de 1978.	83
Esporte Clube Corinthians.	
Churrasco com representantes da ARENA.	
JALES — SP, em 21 de agosto de 1978.	86
Ginásio de Esportes.	
Concentração arenista.	

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO-SP, em 21 de agosto de 1978	88
Praça Rui Barbosa.	
Concentração arenista.	
CATANDUVA-SP, em 22 de agosto de 1978	91
Trevo sobre a SP-320.	
Inauguração.	
BAURU-SP, em 22 de agosto de 1978	93
Bauru Esporte Clube.	
Almoço com líderes políticos.	
SÃO PAULO-SP, em 22 de agosto de 1978	95
Clube Pinheiros.	
Jantar com líderes políticos.	
SÃO PAULO-SP, em 23 de agosto de 1978.	98
Quartel General do II Exército.	
Lido no encontro com lideranças militares.	
BELÉM-PA, em 30 de agosto de 1978.	100
Ginásio Jarbas Passarinho.	
Lido no II Congresso Político da ARENA do Pará.	
BELÉM-PA, em 31 de agosto de 1978.	104
SUDAM.	
Lido no encontro com a direção da Superintendência.	
RIO DE JANEIRO-RJ, em 3 de setembro de 1978.	109
Jacarepaguá — residência particular do Cel Roberto de Moura.	
Churrasco de confraternização.	
RIO DE JANEIRO-RJ, em 4 de setembro de 1978.	111
Hotel Nacional.	
Lido no almoço com correspondentes da Imprensa Estrangeira.	
ANÁPOLIS-GO, em 11 de setembro de 1978.	115
Praça Bom Jesus.	
Concentração popular.	
GOIÂNIA-GO, em 11 de setembro de 1978.	117
Praça do Centro Social Urbano.	
Lançamento do programa «Ação dos Bairros».	
CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM-ES, em 15 de setembro de 1978.	119
Clube Jaraguá.	
Encontro com líderes políticos.	
VITÓRIA-ES, em 15 de setembro de 1978.	121
Ginásio Wilson Freitas.	
Encontro com a liderança estadual.	
CAMPINA GRANDE-PB, em 25 de setembro de 1978.	123
Associação Comercial.	
Encontro com líderes locais.	
NATAL-RN, em 25 de setembro de 1978.	124
Inauguração do Centro de Clínicas.	
NATAL-RN, em 26 de setembro de 1978.	126
Candelária.	
Lido na inauguração do Centro Social Urbano.	
FORTALEZA-CE, em 26 de setembro de 1978.	129
FUNABEM.	
Visita informal.	

FORTALEZA-CE, em 26 de setembro de 1978.	130
Centro de Convenções.	
Lido no III Congresso da Associação Brasileira de Municípios.	
SÃO LUÍS-MA, em 2 de outubro de 1978.	135
Academia Maranhense de Letras.	
Lido durante a visita a Acadêmicos.	
SÃO LUÍS-MA, em 2 de outubro de 1978.	139
Hotel São Francisco.	
Churrasco de confraternização.	
MANAUS-AM, em 2 de outubro de 1978.	140
SUFRAMA.	
Lido na reunião com a diretoria e lideranças empresariais.	
MANAUS-AM, 2 de outubro de 1978.	144.
Escola Técnica.	
Encerramento do Congresso de Bairros.	
MANAUS-AM, em 2 de outubro de 1978.	146.
Praça 14 de Janeiro.	
Concentração popular.	
RIO BRANCO-AC, em 3 de outubro de 1978.	148
Palácio do Governo.	
Concentração popular.	
RIO BRANCO-AC, em 3 de outubro de 1978.	150
INAMPS.	
Lido em saudação aos acreanos.	
SANTA CRUZ DO SUL-RS, em 8 de outubro de 1978.	154
III Festa Nacional do Fumo (FENAF).	
SANTA CRUZ DO SUL-RS, em 8 de outubro de 1978.	155
Colégio Mauá.	
Visita.	
CAMPOS-RJ, em 9 de outubro de 1978.	157
Praça São Salvador.	
Concentração popular.	
RIO DE JANEIRO-RJ, em 11 de outubro de 1978.	160
FUNABEM.	
Visita.	
BRASÍLIA-DF, em 14 de outubro de 1978.	161
Churrascaria do Lago	
Lido no almoço com Delegados do Colégio Eleitoral da ARENA	
BRASÍLIA - DF, em 15 de outubro de 1978	164
Aracoara Hotel.	
Lido à Nação como Presidente Eleito.	
SÃO PAULO — SP, em 18 de outubro de 1978	168
Clube Pinheiros.	
Lido no almoço com lideranças políticas e arenistas.	
SÃO PAULO — SP, em 18 de outubro de 1978	172
TELESP.	
Lido por ocasião da entrega dos prêmios TELESP DE JORNALISMO.	
CAXIAS DO SUL — RS, em 20 de outubro de 1978	174
Alfred Palace Hotel.	
Encontro com líderes políticos da área.	

CAXIAS DO SUL — RS, em 20 de outubro de 1978	175
Colégio Capuchinho.	
Concentração popular.	
SANTA MARIA — RS, em 21 de outubro de 1978	178
Colégio Santa Maria.	
Concentração popular.	
BRASÍLIA — DF, em 23 de outubro de 1978	180
Aracoara Hotel.	
Encontro com cronistas esportivos de São Paulo.	
SALVADOR — BA, em 24 de outubro de 1978	182
Clube Baiano de Tênis.	
Almoço com lideranças políticas, empresariais e trabalhistas.	
SALVADOR — BA, em 24 de outubro de 1978	184
Base Naval de Aratu.	
Encontro com os oficiais das FFAA de Salvador.	
SALVADOR — BA, em 24 de outubro de 1978	186
Bairro da Liberdade.	
Concentração popular.	
ARACAJU — SE, em 25 de outubro de 1978	188
Clube do Trabalhador.	
Almoço com líderes locais.	
ARACAJU — SE, em 25 de outubro de 1978	191
28º Batalhão de Caçadores.	
Saudação à tropa.	
MACEIÓ — AL, em 25 de outubro de 1978	192
Praça dos Martírios.	
Concentração popular.	
BRASÍLIA — DF, em 26 de outubro de 1978	194
Lido no 1º Simpósio dos Servidores Públicos de Brasília.	
Rio de Janeiro — RJ, em 28 de outubro de 1978	198
Edifício de Paoli.	
Reunião na Confederação Nacional da Indústria.	
BLUMENAU — SC, em 31 de outubro de 1978	200
Bairro Fortaleza Tribess.	
Lido na Inauguração do Centro Social Urbano da Sociedade Recreativa Cultural.	
BLUMENAU — SC, em 31 de outubro de 1978	203
Indústria Têxtil Hering.	
Almoço com os operários.	
CURITIBA — PR, em 31 de outubro de 1978	205
Centro Social Urbano.	
Lido numa concentração popular por ocasião da inauguração.	
ESTRELA — RS, em 3 de novembro de 1978	209
Colégio Cristo Rei.	
Lido durante concentração arenista.	
ARROIO DO MEIO — RS, em 3 de novembro de 1978	212
Fábrica de Rações COOPAVE.	
Inauguração da fábrica e concentração popular.	
RIO GRANDE — RS, em 4 de novembro de 1978	213
Praça da Prefeitura.	
Concentração popular.	

RIO GRANDE — RS, em 4 de novembro de 1978	215
Ginásio Ipiranga.	
Lido no almoço com líderes locais.	
RIBEIRÃO PRETO — SP, em 7 de novembro de 1978	219
Ginásio de Esportes.	
Lido numa concentração popular.	
CAMPINAS — SP, em 7 de novembro de 1978	222
Instituto Agrônômico.	
Lido no encontro com líderes agropecuários.	
CAMPINAS — SP, em 7 de novembro de 1978	226
FEPASA.	
Lido no churrasco de confraternização com ferroviários.	
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS — SP, em 7 de novembro de 1978	229
Novotel.	
Encontro com líderes políticos.	
TAUBATE — SP, em 7 de novembro de 1978	231
Praça da Catedral.	
Lido numa concentração popular.	
SÃO BERNARDO DO CAMPO — SP, em 7 de novembro de 1978	236
Restaurante São Judas Tadeu.	
Lido no jantar com representantes da classe empresarial.	
SÃO BERNARDO DO CAMPO — SP, em 08 de novembro de 1978	240
Escola Técnica Professor Lauro Sodré — Ginásio de Esportes	
Encontro com alunos.	
SANTOS — SP, em 08 de novembro de 1978	241
Cinema Júlio Dantas.	
Lido numa concentração de portuários.	
ARAGUAÍNA — GO, em 09 de novembro de 1978	244
TELEGOIÁS.	
Concentração popular.	
ITUMBIARA — GO, em 09 de novembro de 1978	247
Praça da República.	
Lido numa concentração popular.	
UBERABA — MG, em 10 de novembro de 1978	250
Praça Rui Barbosa.	
Lido numa concentração popular.	
UBERLÂNDIA — MG, em 10 de novembro de 1978.	253
Praça Tubal Vilella. Parque de Exposições.	
Lido em homenagem prestada a populares.	
RIO DE JANEIRO — RJ, em 11 de novembro de 1978.	256
Escola Euclides Figueiredo.	
Lido durante a visita feita à escola.	
CAXIAS — RJ, em 11 de novembro de 1978.	258
Praça Roberto Silveira.	
Concentração popular.	
NILÓPOLIS — RJ, em 11 de novembro de 1978	260
Escola Beija-Flor.	
Concentração popular.	

NOVA IGUAÇU - RJ, em 11 de novembro de 1978	261
Praça Santos Dumont.	
Concentração popular.	
BRASÍLIA - DF, em 01 de dezembro de 1978	265
Escritório no 19º andar do Banco do Brasil.	
Lido ao Povo Brasileiro.	
BRASÍLIA - DF, em 29 de dezembro de 1978	269
Escritório no 19º andar do Banco do Brasil.	
Indicação de Lideranças do Congresso Nacional.	
BRASÍLIA - DF, em 15 de janeiro de 1979	271
Escritório no 19º andar do Banco do Brasil.	
Transcurso de seu natalício.	
BRASÍLIA - DF, em 18 de janeiro de 1979	273
Escritório no 19º andar do Banco do Brasil.	
Indicação do Senador José Sarney para Presidente da ARENA.	
BRASÍLIA - DF, em 19 de janeiro de 1979	274
Auditório - no 22º andar do Banco do Brasil.	
Indicação de seu Ministério.	
BRASÍLIA - DF, em 9 de março de 1979	279
Discurso, como presidente-eleito, aos governadores-eleitos.	
BRASÍLIA, DF, em 15 de março de 1979	284
Discurso proferido ao receber a faixa presidencial das mãos do Presidente Ernesto Geisel.	

DISCURSOS PREPARADOS MAS NÃO PROFERIDOS

PELOTAS - RS, em 03 de novembro de 1978	289
Ginásio de Esporte Paulista Futebol Clube	
Concentração Popular	
NOVA IGUAÇU - RJ, em 11 de novembro de 1978	293
DUQUE DE CAXIAS - RJ, em 11 de novembro de 1978	297
ESTEPE (Reserva) - 11 e 12 de novembro de 1978	299

BRÁSÍLIA — DF — 05-01-78

PALÁCIO DO PLANALTO.
INDICAÇÃO DE SEU NOME PELO DIRETÓRIO NA-
CIONAL DA ARENA, COMO CANDIDATO OFICIAL À
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

É difícil dizer o quanto me honra a indicação do meu nome pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República à Comissão Executiva Nacional da Arena como candidato à Presidência da República. Não menos honrado, Sr. Deputado, me sinto pelo apoio que acabo de receber dos ilustres membros da referida Comissão.

O soldado se situa diante de mais uma missão a cumprir. O cidadão a encara como o dever cívico mais alto que lhe poderia ser imposto.

Estou seguro, Sr. Deputado, de que, uma vez aprovado meu nome pela Convenção Nacional da Arena e posteriormente escolhido pelo colégio eleitoral do Presidente da República, contarei não só com o apoio mas também com a confiança e o estímulo do Partido e da Nação brasileira para desincumbir-me de tão insigne responsabilidade, porque só assim, tenho certeza, me será possível prosseguir na grandiosa obra iniciada a 31 de março de 1964. Obrigado.

BRASÍLIA — DF — 18-01-78

PALÁCIO DO PLANALTO.
TRANSCURSO DE SEU NATALÍCIO, A 15 DE JANEIRO

A homenagem que me prestam, Senhor Presidente, por motivo do transcurso do meu natalício tem para mim, desta feita, um significado bem maior do que em ocasiões anteriores. Aumentar a idade é coisa irreversível.

A cada ano, na data do nascimento, repetem-se as felicitações dos familiares, dos amigos e dos camaradas. Tanto mais vezes quanto maior for a saúde ou a boa estrela. Mas, completar 60 anos é um marco especial na vida de cada um, pois os 60 anos se constituem no limite longo da fase mais produtiva do homem como ser pensante e atuante, e que alguns generosamente entendem como fim da meia idade.

A partir do dia 15 último passei a ser referido, apenas por deferência, como um senhor, mas no íntimo de cada um, bem o sei, estou sendo encarado, observado, julgado e tratado como um sexagenário. Vale dizer, um pré-ancião. A intransigência deverá ser vista como ranzinze.

A simples gripe será indício certo de pneumonia. A alimentação será restringida na qualidade e, o que é pior para mim, na quantidade. O infarto do miocárdio e o derrame cerebral rondarão os meus anos restantes de vida como uma ameaça constante. A emoção será um sintoma muito grave. A discordância será vista ou recebida como uma fase bem adiantada de arteriosclerose. Daí por que, Senhor Presidente, esta homenagem tem para mim um sabor diferente. Sinto-me honrado por ela e muito sensibilizado.

BRASÍLIA — DF — 03-04-78

CONGRESSO NACIONAL — SALA CLÓVIS BEVILÁ-
QUA
FILIAÇÃO AO PARTIDO

Aqui venho, como cidadão, cumprir a primeira exigência no sentido de minha filiação ao Partido sob a insigne direção de Vossas Excelências.

Assim o faço, antes de decorrido o prazo que a Lei me faculta e antes da realização da Convenção Nacional, porque desejo ver meu nome levado à consideração dos Senhores Convencionais já filiado à ARENA, acreditando contribuir, dessa forma, para o fortalecimento da agremiação partidária e o exercício da boa prática democrática.

Rogo que aceitem, também, esse meu gesto como homenagem à ARENA e aos seus membros.

BRASÍLIA — DF — 09-04-78

RESIDÊNCIA DO TORTO
RESULTADO OFICIAL DA CONVENÇÃO DA ARENA

Agradecemos, eu e o ilustre Governador Aureliano Chaves, a fidalguia por demais honrosa e desvanecedora de virem Vossas Excelências à minha casa, à frente o Presidente da ARENA, para me dar conhecimento formal do resultado da Convenção Nacional do nosso Partido, ontem realizada.

Antecipo, e me apresso a fazê-lo, o agradecimento que terei hoje à noite a oportunidade de expressar aos convencionais da Comissão de Direção Nacional do Partido, pela demonstração de coesão e pela confiança depositada em nós dois.

As palavras de Vossa Excelência, Sr. Deputado Francelino Pereira, a presença de Vossas Excelências, Srs. membros da Comissão Executiva do Partido, e a acolhida que deram os ilustres convencionais aos nossos dois nomes trazem a certeza de que a trilha da campanha eleitoral — árdua sem dúvida — será percorrida com tal empenho de nossa parte que, tenho certeza, nos conduzirá à vitória.

BRASÍLIA — DF — 09-04-78

CONGRESSO NACIONAL
LIDO POR OCASIÃO DE SUA INDICAÇÃO PELA ARE-
NA PARA CONCORRER À PRESIDÊNCIA DA REPÚ-
BLICA

Recebo, com pleno sentimento da alta responsabilidade que me é cometida, a indicação da Aliança Renovadora Nacional para concorrer à eleição de Presidente da República. Em meu nome e no do eminente parlamentar, administrador e homem público, Governador Aureliano Chaves, escolhido para disputar a Vice-Presidência, agradeço a confiança em nós depositada pela egrégia Convenção Nacional do Partido.

Ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República, aqui representado por Sua Excelência o Ministro da Justiça, Armando Falcão, e aos Excelentíssimos Senhores Ministros de Estado e Governadores, nosso penhorado agradecimento por aqui nos virem honrar, com o testemunho dignificante de suas presenças a este ato de decisão partidária.

As palavras do ilustre Deputado Henrique Córdova, benevolentes, apontam-nos qualidades que acreditamos possuir, mas na justa medida — nunca maior — em que as possui o homem comum. A ser necessário dar-lhes exponencialidade, no exercício de tão altos cargos, haveremos de recorrer ao rico manancial de amor ao homem e à terra e de devoção patriótica à causa pública, que em nós existe, assim como extravasa da alma generosa de todos os brasileiros.

Profundamente solene é este instante de compromisso. Assumimo-lo com ponderada humildade, perante Deus e o povo deste País. Na grandiosa incumbência que se nos depara, rogamos as graças do Senhor para que ilumine nossa pequenez; e pedimos ajuda e compreensão a toda a Nação, convocando vontades para robustecer a fragilidade e compensar imperfeições de nossa condição humana.

Volto-me aqui, com saudade e gratidão, à memória de meu pai, Euclides de Oliveira Figueiredo, o mais intransigente professor

de amor à Pátria que já tive. A ele devo o exemplo na carreira das armas e na vida, que ambas procurei pautar à sua imagem de cidadão-soldado.

Volto-me, com amizade, reconhecimento e respeito, para a figura humana e digna do Presidente Emílio Garrastazu Médici. Em seu Governo austero e de marcante surto de progresso, o honroso exercício das Chefias do Gabinete Militar e da Secretaria-Geral do Conselho de Segurança Nacional proporcionou-me valiosa aprendizagem, sempre atualizada, sobre a complexa problemática brasileira.

Volto-me, em preito de admiração, para o eminente Presidente Ernesto Geisel. Tenho a fortuna de acompanhar de perto a obra invulgar de governo que vem realizando. Colho ensinamentos preciosos de sua devoção total ao exercício do cargo. A História dirá melhor da competência do estadista, que, sinto em consciência, se medirá também pelo acerto na indicação de seu sucessor — embora recuisse esta em quem nada postulava e só a aceitou como imperativo do dever — a ser justificada na medida em que testemunhar judicioso proveito das lições hauridas junto a esses três homens.

Volto-me também para o meu Exército, onde, desde os idos de 1929, encontrei Chefes e mestres que, entre ensinamentos e exemplos múltiplos, souberam incutir no âmago de meu ser a sólida convicção de que a farda veste seres humanos e não abafa no peito, jamais, o cidadão.

Volto-me para meus camaradas de Armas que vêm, através dos anos, incentivando meus esforços, alimentando meu entusiasmo e relevando atitudes em que o arrobo ou a emoção permitiram ao coração sobrepor-se à razão.

Divisamos, hoje, o limiar de mais uma etapa de nosso processo revolucionário, dinâmico na busca de uma estrutura política, econômica e social mais aperfeiçoada e que melhor responda aos anseios nacionais de paz, de justiça e de progresso. Ponderáveis setores de nossa sociedade opinam sobre variadas sugestões de reformas. Outras respondem a expectativas utópicas, por definição irrealistas. Outras há que se fundamentam em concepções ultrapassadas por uma conjuntura, tanto interna como externa, em acelerada mutação.

Outras, ao contrário, perseguem uma progressiva consolidação institucional, que dê ao Estado instrumentos e mecanismos para sua destinação de servir ao povo, executar sua vontade e preservá-lo contra a ação de minorias predatórias ou dominadoras.

Entendo que a estruturação que melhor traduz as aspirações nacionais, inspiradas pelos valores cristãos sobre os quais se erigiu a sociedade brasileira, se alicerça em um Legislativo atuante, representativo das várias correntes do eleitorado, constituído de figuras políticas que valorizem seu papel de veículos de ligação, em duplo

sentido, entre o povo e o Governo; em um Judiciário dinâmico, respeitado pela isenção e pela autoridade, em todas as suas instâncias; e em um Executivo consciente da delegação que exerce, ágil, probo, forte política e administrativamente, em condições de prosseguir na consecução dos objetivos nacionais.

Afirmo ser essa uma determinação revolucionária que acompanhei no nascedouro. O recurso à exceção, por imperativos conjunturais sobretudo de segurança, não destruiu o ideário, de inspiração essencialmente democrática, que legitimou a Revolução de 31 de Março de 1964 e lhe assegura a continuidade. A corrupção e a subversão foram seus inimigos, como deveriam ser de qualquer governo.

Mas a Revolução não se limitou a ser contra uma e outra. Em 14 anos de acertos e tropeços, suas realizações mostram que não foi tão acanhada e desambiciosa a diretriz que se traçou. Só não o vêem os míopes de paixão facciosa, os extremistas e os nescios. E, agora, estamos muito mais próximos da meta democrática e lá chegaremos, a confirmar que, dinâmica e nunca imobilista, a Revolução É, e não, apenas, ESTÁ.

Com vistas ao aperfeiçoamento institucional, as reformas não poderiam se completar em um tempo único. A progressividade lhes é essencial, para que não se veja a sociedade sufocada, nem o Governo desarmado. Teremos, pois, de encontrar medidas que compatibilizem a liberdade do indivíduo com a segurança da sociedade; mantenham uma imprensa livre, cônica de sua responsabilidade; favoreçam uma organização político-partidária capaz de captar tendências do eleitorado; estructurem uma organização sindical dando justo valor à força do trabalho.

E falar em força de trabalho é falar no potencial ativo de uma população de 110 milhões de brasileiros, riqueza magnífica ainda não aproveitada em toda a sua pujança.

Cumprir dar prosseguimento, e cada vez com maior empenho, a esta nossa obra revolucionária de reduzir desequilíbrios sociais.

Prometo um grande esforço para promover a habilitação profissional, erradicar a desnutrição, melhorar o nível de saúde, deixar no passado as dificuldades de abastecimento e zelar pelas condições de higiene e segurança dos milhões de trabalhadores brasileiros.

Eis por que, na batalha ingente pelo desenvolvimento integrado do país, que já lhe traz lauréis de potência emergente, terá de estar toda a Nação voltada sempre, prioritariamente, para a valorização do homem, sua riqueza maior.

Nação — e não apenas Governo. A este cabe, por certo, criar as necessárias condições, mas não é sua a responsabilidade total.

Compete a cada um e, principalmente, aos segmentos mais organizados da sociedade, assumir a sua parte:

- aos trabalhadores, pleiteando melhores condições de vida, mas cômicos de que só o aumento da produtividade pode ensiná-las;

- ao empresariado rural e urbano, dando alcance social e integracionista a seus investimentos;

- aos profissionais liberais, empregadores e associações, buscando o bem da comunidade e do indivíduo ademais da defesa de seus próprios interesses;

- aos homens de comunicação de massa, exercendo seu papel de veículo de cultura e de informação dentro dos padrões de verdade, conveniência e moralidade;

- aos intelectuais, dirigindo sua imaginação criadora para o crescimento cultural e político da sociedade;

- aos estudantes, retribuindo o privilégio que não alcança a todos e potencializando o investimento da Nação, pelo aproveitamento no aprendizado que elevará a qualidade profissional;

- a educadores e mestres, contribuindo para ensino mais realista, profissionalizante e de conteúdo humanístico;

- às confissões religiosas, aplicando dedicação, sabedoria e experiência seculares na promoção do homem, com superação do recurso destruidor da luta de classes;

- aos funcionários públicos, dando dimensões de ideal à destinação de servir à população através dos organismos do Estado;

- aos militares, cumprindo seu dever sem concessões à disciplina, à hierarquia e ao apostolado da integridade nacional.

Se eleito, assumirei com determinação minha parcela de responsabilidade, voltado para a valorização maior do homem brasileiro e a prevalência do interesse nacional. E, no direcionamento da economia, não me arredarei dos caminhos que favoreçam um crescimento integrado e a redução dos desequilíbrios regionais.

Entendo que direcionar a economia é atribuição intransferível de Governo. A mais dos setores em que o controle estatal é reconhecidamente essencial à segurança nacional, cabem a ele os investimentos pioneiros, enquanto não suscetíveis de atrair a iniciativa privada, transferíveis porém a esta desde que disposta a assumi-los. Cabe-lhe, também, a regulação do acesso, da aplicação e do retorno do capital externo, indispensável que é a um país em desenvolvimento, mas compatibilizado com o fortalecimento do capital nacional. Cabe-lhe, ainda, restringir a influência do poder econômico, em particular o transnacional, buscando um nivelamento de forças de que resulte o equilíbrio social. Cabe-lhe, além de tudo isso, estimular e garantir a prevalência do regime de livre empresa.

Encaro o direcionamento da economia com um alcance abrangente, para que, de um lado, se promova, com igual interesse, a multiplicação dos bens e dos serviços, a oferta de trabalho e a elevação dos padrões de vida da comunidade em seu todo, com distribuição melhor da renda nacional; e, de outro lado, se combata a inflação, corrosiva dos salários, aceitando-se taxas de crescimento ao alcance de nossas possibilidades e condicionadas às reais limitações de nosso balanço de pagamentos.

Defendo atenção prioritária para o desempenho da agricultura e da pecuária, na produção sobretudo de alimentos, em proveito do consumo interno e também da exportação.

Tais objetivos seriam inatingíveis, sem dúvida, se adotássemos um comportamento isolacionista, cego à evidência desta «aldeia global» em que vivemos. Para sua concretização, muito influirá a manutenção de fraterna convivência internacional, atitude que preside, tradicionalmente, nossa política exterior.

E esta, vejo-a orientada, com firmeza, no reclamo de ordenação mais justa do comércio e da estrutura monetária mundiais; com inflexibilidade, na exigência de respeito à autodeterminação nacional; com agilidade, para a abertura de novas fronteiras comerciais; com objetividade e realismo, na promoção dos interesses nacionais nos círculos cada vez mais ampliados, a partir do continente americano, de nossa circunvizinhança política e na colaboração generosa à segurança e à paz internacionais.

Creio seja este um esboço sumário para a projeção do Brasil na comunidade dos povos, com preservação de nossa maneira de ser e de viver e mantido integral o território nacional.

Senhores convencionais:

Não pretendo esconder que revolucionária foi minha indicação pelo Excelentíssimo Senhor Presidente Ernesto Geisel ao partido do qual é presidente honorário, tudo se desenvolvendo, ainda, dentro de um processo deflagrado, em 1964, pelas Forças Armadas, em resposta a apelo da Nação.

Presente a responsabilidade das Forças Armadas no processo revolucionário, não é imodesto render-lhes eu minhas homenagens.

Soldado, recebi essa indicação como uma missão a cumprir. Candidato, dispo agora a farda para exercer as atividades essencialmente civis de postulante à suprema magistratura e mais tarde — confio — as de Presidente da República. E, então, caber-me-á dar continuidade a um projeto que cumpre etapa na consolidação política, econômica e social do país, sem intransigências na reformulação de conceitos, conquanto a tolerância não se confunda com permissividade ou esquecimento de violações à segurança do indivíduo e da sociedade.

A hora é, pois, da responsabilidade dos políticos.

É hora da responsabilidade, maior ainda, da ARENA, partido majoritário que é e continuará a ser, se o espírito partidário prevalecer sobre as divergências pessoais e sobre interesses localistas. Prometo-vos meu devotamento de todas as horas. E que não se arrefeça, em nenhum de nós, a dedicação à campanha. Nem a deslustrem argumentos demagógicos, quando aí está, para ser divulgada, toda a obra já realizada pela Revolução de 64.

Não arrefeça a obstinação em perseguir nas urnas a vitória, que fortalecerá o Partido e garantirá se venha a dar pronta efetividade às reformas ansiosamente esperadas por um povo que quer ordem, tranqüilidade, segurança, estabilidade política sem estagnação nem imobilismo. Um povo que se renova pela predominância numérica dos jovens, e que tem, portanto, os olhos postos no futuro, na descoberta de novos caminhos.

A hora é do trabalho de todos. Desenvolvimento é, antes de tudo, um estado de espírito, a presidir nossos atos mais corriqueiros tanto quanto decisões de alcance vital. É desse estado de espírito nacional que emanará a energia de uma sociedade que se quer aperfeiçoar e ordenar, sem dependência do arbítrio, dentro dos princípios cristãos de dignificação do homem, de igualdade de oportunidades, de moralidade dos costumes.

A hora é de conciliação e é de compreensão, sem acomodações subalternas mas também sem intransigências, em benefício do Brasil.

Deus me dê energia e luzes para honrar a confiança e corresponder às esperanças postas em mim.

PORTO ALEGRE — RS — 13-05-78

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
ENCONTRO ESTADUAL DA ARENA JOVEM DO RIO
GRANDE DO SUL

Fico sensibilizado com a acolhida generosa da ARENA Jovem nesta visita informal do candidato da ARENA à Presidência da República. Candidato que vem aqui para um primeiro contato com a juventude do Rio Grande, para sentir suas tendências, seus anseios, e procurar saber como devemos orientar o nosso Governo de maneira geral, com o aplauso da gente jovem do Sul. E quando digo gente jovem do Sul, penso também em outros jovens que não participam deste movimento da ARENA Jovem.

Desejo que os jovens do Rio Grande do Sul saibam dizer a mim o que pensam, o que sentem, o que querem, e o que não estão entendendo bem de certas atitudes do Governo e de certos atos da Administração. Se assim não for, teremos de fazer a nós mesmos a pergunta: Por que discordam de nós? Por que somos mais velhos? Se somos velhos temos também o espírito dos jovens, e devemos, portanto, compreender os seus ideais e os seus anseios. Alguma coisa está acontecendo que não faz uma ligação direta entre os mais idosos e os mais jovens. E vocês da ARENA Jovem — eu senti aqui, neste ambiente — têm a responsabilidade dessa ligação. Cabe-lhes mostrar a nós, homens do Governo, o que acham que está errado, para que possamos ir a cada um de vocês. E eu explicava a razão que temos para proceder dessa maneira ou então aceitar as sugestões de vocês, que muitas vezes não recebemos porque vocês não têm acesso a nós.

Poderá parecer, essa minha atitude, um pouco de inovação, mas não é. Posso afirmar aos senhores que o meu estilo é direto. Sou um velho moço. Tenho consciência de que sou um velho. Sou sexagenário, mas tenho a alma de um guri de dezoito anos.

Muitos dizem que eu sou até circunspecto, que sou um indivíduo que não gosta do diálogo. Disseram até que sou meio gros-

so. E eu uma vez disse a um repórter: sou, de fato, meio grosso. Mas não vou mudar depois de velho. E por isso mesmo, por essa minha maneira de ser, eu não tenho dúvidas — se Deus lá me levar, não haverá dúvidas neste País, quer de jovens, quer de velhos — sobre o que estou pensando. Eu nunca esconderei ao povo de minha terra o que tenho na cabeça. Se isso é grossura, eu me envaideço de ser grosso.

Mas de qualquer maneira quero que o diálogo seja franco, para que eu possa nessa minha maneira de encarar as coisas de frente dizer também de frente, e às vezes até com certa rispidez, o que estou pensando.

Mas ninguém virá à minha presença e sairá sem saber o que vou fazer. Se é verdade que algumas vezes a resposta fica para o amanhã, seja por questões de segurança de Estado, seja por conveniências da administração, também essa maneira será explicada.

Repito mais uma vez: agradeço esta acolhida por demais benevolente que tiveram comigo, e espero que, hoje meninos ainda, rapazes, responsáveis pelo nosso Brasil de amanhã, muitos dos senhores estarão no nosso lugar daqui a poucos anos. Cooperem conosco e mostrem à nossa juventude que nós podemos errar, erraremos por certo, mas as nossas intenções são de fato no sentido de procurar dar paz e tranqüilidade à nossa gente. Dar paz e tranqüilidade à nossa gente, e que consigamos atingir, com o esforço de cada um, a normalização política do País, para que ele possa desenvolver-se economicamente com segurança, e todos se sentindo felizes por serem brasileiros.

Muito obrigado a todos.

Aqui venho como velho soldado, que ao despir a farda sentiu necessidade de rever esta terra e a sua gente, movido pela saudade e pela gratidão. Saudade dos meus nove anos, dos idos de 1927, quando pela voz e pelo exemplo, pelo que vi, ouvi e aprendi, comecei a me identificar com a maneira de ser e de viver da gente do Rio Grande. A saudade dos meus companheiros de folguedo, das cavalgadas, das travessuras e das tropelias, dos banhos no Ibirapuitã e no Caverá. Saudade dos meus amigos, do Soldado Miguel e do Sargento Pamerindo, do Ten Hilton Maciel dos Santos, meus primeiros professores, meus primeiros professores na difícil tarefa de bem entender a disciplina militar. Saudade de minha inesquecível professora Dona Mimi, Zulmira Contino, misto de mestra e de mãe, que soube me ensinar a enfrentar as dificuldades e dar-me desde cedo o gosto de vencê-las e o prazer, também, de vencê-las de frente. Saudade dos meus sonhos de infância, de chegar a ser Tenente de Cavalaria e ginetear tão bem como meu mestre de então e amigo, Ten Mário Galvão. E gratidão a Deus, que me permitiu fosse a minha formação de cidadão e soldado iniciada neste rincão. Gratidão também a esta Terra e à sua gente, que soube implantar no espírito do menino um entusiasmo tão vibrante que até hoje persiste; persiste e ainda faz dobrar o coração do velho soldado. Trago hoje a saudade do guri e a gratidão do velho. E são os dois que estão aqui presentes para, ao agradecerem esta generosa acolhida e as palavras dos amigos, saudar esta bendita terra e a sua gente.

Muito obrigado.

URUGUAIANA — RS — 14-05-78

GALPÃO CRIOULO MAURÍCIO SIROTSKY, DA TV
URUGUAIANA

JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO

Hoje, em Alegrete, tive a oportunidade de agradecer a generosa acolhida que me foi dispensada por aquela gente, tendo eu afirmado então que o que me movia nesta viagem era a saudade do guri e a gratidão do velho soldado. Disse eu aos alegretenses que agradecia ao bom Deus haver me permitido iniciar minha formação de cidadão e de soldado nestes rincões.

Agradei àquela terra e à sua gente por haver implantado em mim um entusiasmo que o tempo não conseguira apagar, e que até hoje ressoa no coração do velho soldado. Disse mais que ali estava presente a saudade do guri e a gratidão do velho, e que os dois vinham agradecer a acolhida e prestar homenagem à terra e à sua gente. Agradei àquela terra que iniciou a minha formação de homem, agradei àquela terra que me deu a primeira oportunidade de me identificar com a gente do Rio Grande pela sua maneira de ser e de viver. Agora, aqui, devo confessar aos amigos de Uruguaiana e à sua gente que se Alegrete iniciou a minha formação eu aqui fiz o meu curso de aperfeiçoamento de civismo, como tenente de Cavalaria. Em Alegrete tive as primeiras lições dadas por um soldado e por um sargento e aperfeiçoadas por um tenente. Aqui encontrei um Regimento inteiro, o então 8.º Regimento de Cavalaria Independente, que recebeu o Tenente carioca e fez ver a ele que ainda não estavam esquecidas as lições que aprendera em 1927 em Alegrete. E reacenderam-se no espírito do Tenente aquelas lições às margens do Ibiraputã. Aqui, às marges do Uruguai, encontrei os melhores mestres que tive em minha vida, os meus sargentos, neste momento representados pelo meu ilustre amigo Francisco de Assis Pereira, que, como sargento, muitas vezes me indicou o caminho do dever, aconselhando-me como se fora ele o meu comandante; e eu lhe obedecia cegamente, porque tinha certeza da sua experiência e nenhuma dúvida sobre o seu caráter.

Aqui vim e programei esta viagem a Uruguaiana, justamente para retemperar o meu entusiasmo e vi, e o meu amigo Carus confirma, que a gente da fronteira oeste não faz reivindicações ao candidato à Presidência. Devo afirmar ao povo da fronteira que eu é que faço uma reivindicação a esta gente: se o bom Deus até lá me conduzir, não me falem os apelos e o apoio da gente destes rincões para concretizar as intenções que tenho e que, estou certo, são da maioria do povo brasileiro, de levar a nossa Pátria aos seus justos destinos, quaisquer que sejam as dificuldades que encontremos pela frente, sejam elas azuis ou vermelhas, mas haveremos de conduzir esta Nação a uma democracia de que os nossos filhos se orgulhem. E que possamos morrer descansados, certos de que tudo fizemos para deixar de lado o arbítrio e a prepotência.

(Aparte do Embaixador Batista Luzardo: General! Vossa Excelência há de permitir que eu interrompa a sua oração neste ponto. Vossa Excelência acaba de proferir uma frase singular e expressiva: «... certos de que tudo fizemos para deixar de lado o arbítrio e a prepotência». É isso que a Nação quer, e eu peço a esta assembléia aqui reunida que receba, uma por uma, com carinho e satisfação, as palavras de Vossa Excelência, que se ponha de pé para saudá-lo).

Agradeço comovido a interrupção do nosso digno Embaixador Batista Luzardo, amigo do meu Pai, amigo de ideais da gente da geração de meu Pai, e que tantos exemplos nos deu com o seu civismo e com a sua bravura. Na verdade, Sr. Embaixador, Senhores amigos de Uruguaiana, essas são as nossas intenções, o que não significa, entretanto, abandonarmos a idéia de permanecer estritamente dentro do caminho democrático, pois dentro dele não cabem, absolutamente, os elementos que optam pela subversão. Não caminharíamos juntos com os subversivos de qualquer coloração, venham eles do Oriente ou do Ocidente, mas na trilha certa daquela democracia que é possível para nós, dentro das nossas tradições, dos nossos costumes e da nossa maneira de ser e de viver, sem nos importarmos com qualquer tipo de democracia de além-mar e além-fronteira, que não nos interessam, porque a nós só interessam os verdadeiros interesses da nossa Pátria. E pensamos contar com o apoio e com a ajuda de todas as nações amigas, nossos vizinhos que pensam como nós e que hão de compreender as nossas dificuldades, em virtude das quais tivemos, momentaneamente, que nos afastar da nossa rota inicial. Daí, prefeito Carus, haver eu dito que a reivindicação é minha; necessito do apoio dos senhores, para que me impulsionem nessa direção e me advirtam, com lealdade, quando as circunstâncias ou a minha fraqueza me fizerem dela afastar-me. Tenho a certeza de que a gente do Rio Grande saberá compreender as minhas fraquezas, mas tenho também a certeza de que me dará forças para que elas se apresentem sem maior intensidade.

E se amanhã nada der certo, se as circunstâncias impedirem que levemos a bom termo esses nossos propósitos, que pelo menos a gente do Rio Grande saiba que quem falhou fui eu. E hei de reconhecer as minhas falhas, mas jamais deixarei de dizer alto e bom som que não aceitamos imposições de quem quer que seja; e se todos os que nos entenderem quiserem cooperar, pares e ímpares, que venham. Receberemos de braços abertos apoios de quaisquer origens, desde que inspirados na verdadeira democracia, no verdadeiro sentido de ação social de que tanto necessita a nossa gente, no verdadeiro sentido de abjurar totalmente as ditaduras de qualquer coloração.

Muito obrigado aos senhores.

SALVADOR — BA — 26-05-78

ASSEMBLÊIA LEGISLATIVA

LANÇAMENTO DO LIVRO — «RUI, O PARLAMENTAR» — COMEMORATIVO DO CENTENÁRIO DA 1.^a EDIÇÃO PARLAMENTAR DE RUI

Como brasileiro devo manifestar a minha solidariedade às comemorações pelo transcurso do centenário da primeira eleição do ilustre baiano.

O vulto insigne do grande brasileiro superou, pela perseverança e dedicação aos estudos, a modéstia de suas origens, chegando a se impor ao acatamento da opinião mundial. E deve sempre estar presente como exemplo a ser seguido e respeitado pela mocidade de nossa Pátria.

Ressalto, ainda, minha satisfação pela oportunidade deste contato com as autoridades e o mundo político baiano e com os senhores deputados desta Casa Legislativa, a quem empresto o meu apreço e simpatia pelo trabalho profícuo que aqui têm desenvolvido, contribuindo para preservar as tradições desta instituição parlamentar desde que há um século Rui, o Grande Rui, iniciava sua fulgurante trajetória na vida política nacional:

Registro estas comemorações como mais uma demonstração do espírito público dos baianos, incentivando sempre os grandes acontecimentos no Estado e no País.

Muito obrigado a todos.

SALVADOR — BA — 26-05-78

IATE CLUBE DA BAHIA
JANTAR OFERECIDO PELOS DEPUTADOS ESTADUAIS

De início desejo, desvanecido e comovido, agradecer a acolhida que a gente baiana, tão generosamente, me deu. Acolhida que eu já esperava, porque conheço, de há muito, esta terra, mas que para mim, na atual condição, vem me dar o incentivo, vem me dar o estímulo de que necessito para levar a outras paragens do Brasil os ventos que aqui senti.

Quero levar àquelas outras paragens estes ventos que aqui senti, e que traduzem a coesão do nosso Partido.

E, como sempre, a Bahia vem dar o exemplo aos nossos outros correligionários, porque o momento que vivemos é este vivido pelos políticos da ARENA baiana, é o momento da compreensão, o momento da conciliação, o momento em que os nossos interesses, por mais importantes que sejam, ficam para trás, quando temos à frente os interesses públicos, os interesses da Pátria.

Reveste-se de tal importância a vitória do nosso Partido nas eleições de 15 de novembro que a normalização política da nossa Pátria muito facilitada estará se conseguirmos convencer o povo, com os nossos argumentos, a votar no nosso Partido.

Daí por que, prezados companheiros, volto satisfeito, volto satisfeito e aqui retornarei, tenho certeza, para dizer aos senhores que os ventos que daqui levei alcançaram seus destinos e que todos chegaremos unidos a 15 de novembro.

Muito obrigado aos senhores.

BRASÍLIA — DF — 29-05-78

SETOR MILITAR URBANO — QUARTEL GENERAL DO
EXÉRCITO
LIDO POR OCASIÃO DE SUA DESPEDIDA DO EXÉRCITO,
NO POSTO DE GENERAL-DE-EXÉRCITO

Em cerimônias similares, participei como vós das homenagens a Generais que se despediam do Serviço Ativo, comovido pela beleza desse gesto de reconhecimento do Exército aos Chefes que lhe dedicaram uma vida inteira de labor. A cada uma que se seguia, mais forte a emoção me travava a garganta, porque sentia alongar-se meu próprio caminho percorrido e já começava a vislumbrar, imprecisa na distância, a linha inexorável do fim da carreira, que a idade ou a permanência no posto se encarregaria de traçar.

Circunstâncias que não poderia prever aceleraram minha hora de dizer adeus às armas, e despeço-me, por honrosa indicação do Alto Comando do Exército, promovido ao último grau do Generalato. Somam-se, portanto, às evocações que tornam penosa a ruptura dos vínculos formais, componentes de significação maiúscula na configuração do meu sentimento de gratidão pelo que tenho recebido neste final de vida militar.

Agradeço, com efusão, a deferência a mim proporcionada pelos meus Chefes e camaradas de armas.

Agradeço, penhorado, as referências do Sr. Ministro, Sua Ex^a o General-de-Exército Fernando Belfort Bethlem. Conheço, de longos anos, sua generosidade, como conhecemos todas as virtudes de caráter e a postura de Chefe que o trouxeram, com justiça e oportunidade, ao Comando Superior de Exército.

Se suas palavras ultrapassam o que mereço, inspiradas na sã camaradagem sempre prevalecente no quartel, dão-me, de qualquer forma, ao despir a farda tranqüilo de consciência, a sensação de vaidade por alguma coisa útil que tenha conseguido realizar, durante meus 43 anos de soldado. Dão-me, principalmente, a sensação de confiança das Forças Armadas e a certeza do apoio do Exército, sem o que a missão seria aventura, num mundo político diferente

nos caminhos, mas identificado com o castrense pela responsabilidade de representar os anseios nacionais e realizar o bem da Pátria.

Os momentos de hoje fizeram repassar pela minha mente, em traços marcantes de saudade, todos aqueles outros que pontilharam minha vida militar. E, a cada instante, revivi os exemplos de abnegação, despreendimento, lealdade e disciplina de que fui testemunha, partidos de Chefes e subordinados, e que me deram a verdadeira dimensão do que seja o bem servir.

Nascido no ambiente de caserna, foi seu pulsar que inspirou minhas estripulias dos verdes anos. Meio século passado, ainda me vejo no Colégio Militar: a iniciação na disciplina e na camaradagem, os mestres e as amizades inesquecíveis, ajudando meu pai — o mais intransigente professor de amor à Pátria que já tive — e minha mãe — modelo de bondade, severidade, altivez, estoicismo — a plasmar minha personalidade.

Rememoro semblantes. Revivo fatos. Fatos e semblantes que compuseram minha vida nos quartéis. Tristeza e alegria se intercambiam na recordação: a tristeza de não poder vê-los ou vivê-los novamente e a alegria de senti-los ainda presentes.

Deixo aos camaradas mais moços a mensagem que recolhi de um velho Chefe, respeitado e admirado, na esperança de que minha despedida produza os mesmos efeitos de estímulo e fé impregnados em mim pela sabedoria de suas palavras: «Os velhos soldados se despedem mas não se vão. O seu amor ao quartel os traz de volta, nos grandes dias, de festa ou de angústia. No Exército permanecem os meus velhos sonhos, a avocação dos meus melhores dias, a mocidade há muito perdida, e a confiança nos que virão depois de mim».

Soldado por formação e vocação, transferido para a Reserva por circunstâncias em que meu desejo foi o que menos prevaleceu, continuarei soldado, porque será sempre em minhas origens que irei encontrar o estímulo para dar o que de melhor possa no interesse único do Brasil.

E só quando Deus houver por bem me chamar é que me permitirei ouvir o toque de silêncio. Tenho certeza de que cada dia, ao despertar, hei de continuar ouvindo o som dos clarins anunciando a alvorada, como se fora a própria voz dos meus camaradas, reavivando o solene compromisso do dever.

BRASÍLIA — DF — 13-06-78

PALÁCIO DO PLANALTO

GABINETE DO CHEFE DO SNI

DESPEDIDA DO GENERAL SEBASTIÃO JOSÉ RAMOS
DE CASTRO

Esta reunião pode parecer uma reunião de rotina, já que é norma nossa entregar aos companheiros que se despedem uma lembrança pelos serviços que prestaram à nossa organização e, ao mesmo tempo, demonstrar-lhes o nosso apreço.

Pode parecer e é, de fato, uma norma de rotina nossa. Entretanto, textualmente, devo dizer ao Gen. Castro que para mim ela significa muito mais, porquanto época houve em que o Gen. Castro quis se retirar do Serviço, escrevendo-me nesse sentido uma carta que eu guardo até hoje com especial carinho. Em vez de responder a essa carta, eu disse-lhe que ele permaneceria no Serviço pelo menos enquanto eu aqui estivesse, e que juntos sairíamos.

Esta placa, Gen. Castro, para mim é a resposta àquela carta, tão generosa, tão leal e tão comovente, que o Senhor me escreveu. Em casa, sempre que ler os seus dizeres, lembre-se dos companheiros do SNI; lembre-se dos seis anos que aqui passou e dos reais e indelévels serviços que prestou à Presidência da República e aos Ministérios dos Governos Médici e Geisel. Mas lembre-se, também, da minha resposta à sua carta.

Muitas felicidades, Gen. Castro.

BRASÍLIA — DF — 14-06-78

ESCOLA NACIONAL DE INFORMAÇÕES
DESPEDIDA DO GENERAL OCTÁVIO AGUIAR DE
MEDEIROS

As generosas palavras que acabo de ouvir, pronunciadas pelo Diretor da Escola, Gen. Octávio Medeiros, são por demais suspeitas, dada a amizade que entre nós existe. A amizade que me devota o Gen. Medeiros é tão profunda que ele, como sempre, é levado a exageros imperdoáveis. Já não é a primeira vez que, aqui mesmo, neste recinto, discordo das afirmações do Gen. Medeiros. Temos que passar o restante da vida discordando.

E exagero há quando me atribui qualidades que absolutamente sei, de sã consciência, não possuir; ao contrário, os meus defeitos é que foram explorados pelos amigos mais diletos, a fim de que eu não parasse no meio do caminho.

Sempre agi em função do incentivo dos amigos e dos camaradas, porque de minha parte preferia ficar nos meus devaneios matemáticos e nos meus exercícios equestres. Infelizmente, tenho maus amigos. De qualquer modo, Gen. Medeiros, agradeço sinceramente a sua generosidade. E, se me foi possível realizar alguma coisa, como Chefe do Serviço Nacional de Informações, devo confessar que nada teria sido feito, não fosse o apoio dos seus integrantes e a vontade de cada vez mais aperfeiçoar o nosso funcionamento, a fim de que melhor pudéssemos informar a quem de direito; não fosse o apoio e a dedicação que recebi dos meus auxiliares diretos, dos meus Chefes de Gabinete, dos Diretores da EsNI, dos Chefes da Agência Central e dos demais Chefes de Agências que sempre procuraram fazer o melhor possível, dentro dos recursos parcos que eu lhes colocava à disposição. E, entre tantos amigos e colaboradores diretos, ressalto, nesses quase quatro anos à frente do SNI, os dois companheiros que me ensinaram mais ainda a ser humilde: o Gen. Sebastião Castro e o Gen. Medeiros, que em momento algum, mesmo naqueles momentos mais amargos, me faltaram com seu apoio

desinteressado e sempre com os olhos voltados para a melhoria da nossa Organização.

Tudo isso só foi possível, também, graças ao apoio que recebi dos Senhores Ministros, em particular dos dois que aqui estão hoje: O Ministro Mário Simonsen e o nosso Presidente do Banco do Brasil, Dr. Karlos Rischbieter, que com as suas inteligências brilhantes conseguiram, desde logo, perceber mais que quaisquer outros o verdadeiro alcance do Serviço Nacional de Informações. A esses, o meu agradecimento. E manifesto, também, de público, o meu agradecimento a Sua Excelência, o Exm^o Senhor Presidente da República, que foi, por assim dizer, o maior incentivador no aperfeiçoamento da nossa organização.

É possível que eu volte aqui mais vezes, no futuro. Seja para matar saudades deste ambiente e rever fisionomias, seja para dar contas daquilo que prometi. É possível que eu venha também aqui para confessar que fracassei. Mas que hei de voltar a este recinto numa dessas três situações, isto eu prometo, porque só a satisfação de estar entre os companheiros é suficiente para justificar a volta.

Muito obrigado aos Senhores.

BRASÍLIA — DF — 15-06-78

PALÁCIO DO PLANALTO — GABINETE PRESIDENCIAL
LIDO NO DIA DE SUA EXONERAÇÃO DO CARGO DE
MINISTRO CHEFE DO SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

Ao ser exonerado do cargo de Ministro Chefe do Serviço Nacional de Informações, antes do prazo que a lei me faculta, a fim de dispor de mais tempo para dedicar-me às tarefas que a condição de candidato à Presidência da República exige, desejo expressar meus agradecimentos.

Muito me tocou a saudação do General Moraes Rego, tão generosa e marcada por delicados sentimentos de amizade e camaradagem. Agradeço-a de coração cheio, ao mesmo tempo que manifesto meu apreço e minha afeição aos velhos amigos e companheiros que aqui permanecem.

Sou grato ao apoio que, no desempenho de minhas atribuições, em todos os momentos, recebi de Vossa Excelência, Senhor Presidente, quer propiciando meios, quer aprovando alterações na estruturação básica do Serviço e na política de pessoal, o que nos permitiu um grau de eficiência que está perto de ser considerado muito bom.

Se é verdade que hoje atingimos um fluxo racional para as informações, se dispomos de condições para melhor guarda e manuseio de documentos, os quais se equiparam ao que de mais moderno existe, se as comunicações já podem ser encaradas como um problema de rotina e se o pessoal relacionado pode ser instruído dentro dos padrões mais exigentes, tudo isso só foi possível graças à importância que Vossa Excelência, Senhor Presidente, sempre deu ao Setor de Informações e graças ao apoio conseqüente com que distinguiu a nossa gestão.

Sou grato ao suporte e, em certos casos, à compreensão dos Senhores Ministros, que procuraram sempre, por todas as formas,

cooperar com os nossos trabalhos, pondo à nossa disposição, com oportunidade, os meios de que necessitávamos ou os dados de que carecíamos.

Tenho a certeza, Senhor Presidente, de que tudo fizemos para que o Serviço Nacional de Informações continuasse a se conduzir como de fato se conduziu, dentro das suas atribuições legais, adstrito ao campo que lhe é inerente — o da informação.

Sob esse aspecto vale ressaltar que ainda assim não foi possível desmanchar totalmente a falsa imagem, continuamente propalada, de que o SNI se assemelha a um órgão político. Espero que nossa pertinácia possa, em prazo curto, pôr a verdade no seu devido lugar, assimilando-a, pela evidência, à real imagem que, com justiça, deve caber à organização, mercê do reconhecimento de que elabora suas informações e análises dentro de leis que regem o seu funcionamento.

Ao me desligar das altas funções que, por mais de quatro anos, exerci, por honrosa decisão de Vossa Excelência, Senhor Presidente, desejo consignar que, por mais espinhosa e árdua tenha sido a missão, ela foi grandemente facilitada pelos exemplos de perseverança, dedicação, espírito público e patriotismo que recebi de Vossa Excelência. E só isso é motivo suficiente para compensar as injustiças que possa ter sofrido.

Ao meu sucessor, o Excelentíssimo Senhor General Octávio Aguiar de Medeiros, expresso os meus votos de feliz desempenho na nova missão, na certeza de que saberá, como é do seu feitio, levar ao Senhor Presidente e aos Senhores Ministros a verdade crua da informação, na oportunidade certa e com a isenção devida.

BRASÍLIA — DF — 15-06-78

PALÁCIO DO PLANALTO — GABINETE DO CHEFE
DO SNI
PASSAGEM DA CHEFIA DO SNI AO GENERAL-DE-
BRIGADA OCTÁVIO AGUIAR DE MEDEIROS

Eu não tenho inveja do senhor, General Medeiros, porque sei bem que o que é chefiar um serviço dessa natureza. O senhor, que assistiu, junto a mim, à fundação do serviço, em 1964, e que, posteriormente, já se surpreendeu, quando, vindo do estrangeiro, assumiu a Escola Nacional de Informações, vai, de hoje em diante, ter gratas surpresas, apesar de vir acompanhando de perto os trabalhos que estamos realizando.

Sob esse aspecto o senhor vai se sentir um homem realizado, porque poderá verificar que muitas daquelas coisas com que nós sonhávamos em 1964 já estão implantadas e bem implantadas, mercê de uma equipe de técnicos de alto gabarito e mercê da dedicação de alguns companheiros que por aqui passaram.

Mas, repito, não o invejo, porque o senhor vai ser o principal responsável por todas as cargas desta nação, por tudo aquilo de mais negativo que possa ter acontecido. Até pela peste suína o SNI amanhã já deverá ser o culpado.

Sei o que são as noites indormidas, a documentação sem hora, e o volume dessa documentação que tem de ser digerida, dada a responsabilidade de informar ao Senhor Presidente da República e aos senhores Ministros. Mas pode o senhor ter a certeza de que vai encontrar uma equipe de abnegados, homens que não conhecem o cansaço, homens que não têm partidatismo, homens que procuram a crueza da verdade às vezes com dor no coração.

De minha parte, retiro-me saudosos dos companheiros que, com tanta dedicação, serviram comigo nestes quatro anos, mas ao mesmo tempo com a consciência tranqüila por entregar esta organização tão injustiçada, mas tão eficiente, às mãos honradas e capazes do senhor General.

Tenho a certeza, General Medeiros, de que o Serviço, sob a sua direção, vai desfazer, a prazo curto, aquela imagem falsa.

Muitas felicidades.

SÃO CRISTÓVÃO — RJ — 25-06-78

SÃO CRISTÓVÃO — IGREJA DO BONFIM
LIDO EM AGRADECIMENTO POR SUA ADMISSÃO COMO MEMBRO DA IRMANDADE DE SÃO CRISTÓVÃO

O lugar-comum tem a vantagem de nunca ser exagero. Perdoem-me se emprego o lugar-comum de dizer da emoção com que recebo, ao lado de minha mulher, a acolhida da nossa Irmandade. Emoção por ser recebidos como Irmão por quem, há 122 anos, se dedica inteiramente à prática fervorosa da vida cristã e a auxiliar os Irmãos que precisam de ajuda espiritual e moral.

O convívio com esses ideais e com a prática do bem, como objetivo social, é especialmente confortador, quando, mais e mais, o egoísmo parece substituir a caridade e a busca dos bens materiais quer tomar o lugar antes reservado ao altruísmo, ao sacrifício pessoal e à oração.

Esta é a minha Irmandade. A irmandade do meu bairro.

São Cristóvão é um bairro de cavaleiros — de Pedro Primeiro e sua Guarda de Honra, os Dragões da Independência — e um bairro de estudantes — do mais ilustre educandário civil, o Colégio Pedro Segundo, à humilde escola pública que ostenta o nome de um Presidente ilustre, Nilo Peçanha.

É um bairro de soldados, de operários, de gente de trabalho em fábricas, usinas e repartições. Que ama a sua Quinta da Boa Vista onde leva seu amor a passear, como ama o Campo de São Cristóvão, porque ali passeavam seus pais. Bairro dos saraus musicais que desceram as escadas do Império para soar nas retretas do seu regimento, que reuniam toda a população.

Aqui nasceu meu pai, menino carregador de marmita, porque órfão, e aluno do Colégio Militar, porque órfão de um veterano da guerra do Paraguai.

Aqui meu pai criou a farda dos Dragões da Independência.

E é este um bairro de atletas, do Clube de São Cristóvão, cujo time de futebol se compunha, quase todo, de cadetes da Escola Mi-

litar do Realengo — jogadores que meu pai reuniu na primeira concentração de equipe feita no Brasil, abrigada nos dormitórios do Primeiro Regimento de Cavalaria.

Aqui nasci, menino de vila, de pés descalços, aluno da Escola Nilo Peçanha. Comandante do regimento de meu pai, tive a honra de ser incumbido de conduzir para o novo Distrito Federal, em Brasília, os Dragões de Pedro I, os soldados de meu pai, os meus soldados. E a integração do Regimento com o bairro foi tão perfeita, em 159 anos de convívio, que, ao sair daqui, recebi das mãos do presidente do Conselho Diretor de Entidades e Associações de São Cristóvão, Dr. José Puoci, a imagem de São Cristóvão, que o 1.º Regimento de Cavalaria de Guardas conserva até hoje. O nosso apreço, na mesma ocasião, traduziu-se na placa de prata com a qual nós — soldados — quisemos registrar nossos agradecimentos aos moradores desta parte nobre da cidade.

Este continua a ser o meu bairro — e eu o contemplo como se fosse o próprio Brasil: confraternização civil e militar de estudantes, soldados, operários. De gente aqui nascida, ou vinda para ser a população da cidade de bairros sem bairrismos exclusivistas. Desta cidade mesclada de todas as raças, de todas as crenças. Desta cidade maravilhosa, na expressão de três cariocas: o maranhense Coelho Neto, o sergipano Genolino Amado, o paulista César Ladeira; e do carioca autor de seu hino, André Filho; única cidade do mundo que, na boca de cada um, exprime a alegria de nela viver: «RIO!»

Meu Rio, nosso Rio, um Rio como cruzou São Cristóvão, agasalhando ao ombro o mais pobre dos meninos, o mesmo que para aqui veio, adulto e eterno, morar no alto do Corcovado, abrindo os braços para todas as raças, todas as crenças.

Cidade posta sob a proteção de outro santo, São Sebastião, o Santo varado de flechas; como o seu fundador, Estácio de Sá, varado de flechas para que aqui existisse «uma população honesta e boa».

Cidade de chão de estrelas, de céu de São João, de riso carnavalesco, de música trauteada ao ar livre, de grito unânime de gol da vitória.

Cidade onde a praia, a rua, o morro, a avenida extravasam a agudeza de seu habitante.

Cidade de vicissitudes, e é isto que se deve dizer também: porque aqui a injustiça social, as dores do mundo — da pobreza ou do progresso voraz — marcaram feridas de crime, de desconforto, de poluição, que urge curar, numa tarefa a pedir a nossa união, de todos nós cariocas do Amazonas ao Rio Grande do Sul, igualmente vítimas e enfermeiros.

Porque esta, a nossa cidade, a minha cidade, é a cidade-síntese do Brasil, a cidade-sonho dos que nela não vivem, a cidade amada

dos que nela nasceram ou aportaram, cidade-resumo da inventividade, da inteligência, da arte, da cultura, da fraternidade brasileira.

Meus compatriotas, meus conterrâneos, meus concidadãos, meus irmãos:

Se o humilde filho do bairro de São Cristóvão alcançar a Presidência da República, será o primeiro carioca nato a receber tal honra; e por ser carioca poderá dizer: comigo a alcançaram todos os cidadãos de todos os Estados, cariocas por mercê de Deus, por bênção do Cristo Redentor.

E o menino deste bairro, vosso irmão, não deslustrará, eu lhes prometo, os seus conterrâneos, irmãos numa mesma democracia.

Coronel Verrastro, meu particular amigo, meu ex-cadete, meus amigos da Agência Rio, eu fico deveras agradecido e emocionado com a cortesia do Chefe da Agência, dos membros da Agência, do meu amigo Pergentino Sete Câmara e de Paulinho Vasconcelos, que aqui vieram para receber as minhas despedidas. Quero, porém, afirmar a vocês que não vim apresentar as minhas despedidas: vocês vão ter ainda muito que me aturar.

Em primeiro lugar, porque aqui está a família que fez nascer a Agência do Rio de Janeiro, engrossada através dos tempos por outros companheiros, família à qual me integrei desde o início. Em poucos meses de trabalho conseguimos formar aqui uma equipe que se não era eficiente, porque os meios eram deficientes, já tinha a dedicação e a abnegação à mostra para o então inexperiente oficial de informações que eu era.

E o primeiro ensinamento que esta família me deu consiste em que mais do que a técnica e muito mais do que os cursos o que vale na informação é a vontade de dizer a verdade.

Foi aquela pequenina equipe vinda do então Serviço Federal de Informações e Contra-Informação que me ensinou a maneira de arrancar a verdade dos meandros da documentação e fazer das tripas coração a fim de levar a quem de direito, doesse a quem doesse, a verdade crua dos fatos.

Aqui conheci esta família sem hora para trabalhar, sem hora para descansar. Frequentes eram as vezes em que saíamos daqui às onze horas da noite, para às sete horas da manhã estarmos novamente a postos, quando não dormíamos aqui mesmo, mas todos satisfeitos porque o chefe estava sempre bem informado.

Daí por que digo que não posso me despedir, acima de tudo por uma questão de afeição e de gratidão. Sempre que eu puder estarei aqui junto ao cadete VERRASTRO e aos seus subordinados, quaisquer que sejam os rumos aonde o destino me leve; sempre hei de encontrar tempo para revê-los, para abraçá-los, para incentivá-los e também, por que não dizer, para matar um pouco da saudade deste ambiente tão sadio.

Muito obrigado.

BRASÍLIA — DF — 29-6-78

ARACOARA HOTEL
LIDO NA ABERTURA DO ESCRITÓRIO E DA CAM-
PANHA DA ARENA

Começa hoje, aqui, a caminhada que nos levará juntos — partido e candidatos — ao dia 15 de março.

Livre dos compromissos que minha função no governo impu-
nha, posso agora acolher-me no seio desta nossa Aliança
Renovadora Nacional, que é precisamente isso: uma aliança de bra-
sileiros de boa vontade, desejosos de renovar a vida nacional.

Depois da convenção histórica, que sufragou o meu nome e o
do meu ilustre companheiro, Governador Aureliano Chaves, posso
agora dedicar-me inteiramente aos afazeres de candidato. E neste
momento meu pensamento volta-se, em primeiro lugar, para o bom
e generoso povo brasileiro.

Penso em cada cidadão no seu labor diário, no lar, na escola,
na fábrica, na loja, no campo, nas oficinas e nos escritórios. Aqui
continuarei a ouvir e a sentir suas aspirações e anseios. Aqui me de-
dicarei à reflexão, à discussão de idéias e ao trabalho, na procura
de soluções e caminhos, para corresponder àquelas aspirações e sa-
tisfazer aqueles anseios.

Porque sei que a estrutura partidária é o veículo necessário pa-
ra ligar o povo ao governo, pretendo que este escritório seja um
ponto de convergência e de contacto com os correligionários de todo
o País. Aqui, os dirigentes e os militantes do nosso partido me en-
contrarão, sempre prontos a ouvir as sugestões e os reclamos de ca-
da um, de cada município, de cada região, de cada estado.

Esta será, pois, a casa do nosso partido. Aberta a toda hora, a
todos os companheiros de legenda, de todos os recantos da nossa
Pátria. Aberta, também, a todos aqueles que, independentemente
de conotação político-partidária, desejam ver o Brasil grande e for-
te.

Daqui sairei com freqüência, na campanha cívica que levare-
mos a bom termo. Coesos e irmanados no mesmo ideário — o ideá-

rio da ARENA, do nosso partido, da Revolução nacional — chegaremos vitoriosos, com o apoio decidido e inabalável do povo, aos grandes encontros de setembro, outubro e novembro.

Quero, pela mesma razão, visitar todos os Estados do Brasil. Sentindo a vontade popular; convivendo com a família brasileira; conhecendo a diversidade dos problemas, na unidade das grandes aspirações, espero iniciar uma nova e estimulante experiência. Quero juntar ao muito que estudei, ao muito que meditei, nos gabinetes, a marca insubstituível da experiência de primeira-mão, que vem do contacto direto com a nossa gente. Um aperto de mão, o olhar frente a frente, a convivência na praça pública, o contacto pessoal — que nenhum relatório pode substituir — são essenciais para quem recebe a missão difícil de conduzir a Pátria ao seu alto destino.

Desejo, também, que os brasileiros me conheçam melhor. Na franqueza do meu linguajar, que tanto prezo, e que reflete a sinceridade das minhas convicções. Na fala franca, sem as sutilezas da restrição mental, ou dos subterfúgios cavilosos.

Quero que os brasileiros me conheçam, na retidão dos propósitos com os quais aceitei colocar-me a serviço exclusivo dos interesses do povo e da Nação. Espero que, conhecendo-me melhor, e vendo que não tenho pensamentos interesseiros ou egoístas, os brasileiros de intenção honesta e julgamento sereno me dêem a confiança e o respeito que não desmerecerei.

Essa base é condição permanente e indispensável à boa condução de qualquer governo. Digo isto porque não me prestaria a mistificações, como as que se abrigam atrás de composições mal cozidas, e de convivência incômoda para tantos de seus participantes.

Nós, da ARENA, temos o nosso caminho.

Sabemos o que queremos.

Queremos o aperfeiçoamento do regime político brasileiro.

Pois quem verdadeiramente quer a liberdade, quem de fato quer o aperfeiçoamento do regime somos nós, é o governo do eminente presidente Ernesto Geisel, através das reformas concretas que apresentou.

Quem quer franquias democráticas é a ARENA.

A ARENA, que vai dar apoio e suporte aos compromissos da Revolução.

O Presidente Ernesto Geisel e o nosso partido sempre quiseram a distensão. Sendo realistas e, sobretudo, tendo a responsabilidade de sua execução, ela teve de ser gradual. Mas foi certamente segura. E é assim que estamos chegando a este magnífico encontro do País com a democracia.

Esse privilégio é nosso.

É da Revolução, e do partido que a apóia nas assembléias, nos comícios, junto ao povo.

É a bandeira da conciliação.

Do progresso com liberdade.

Da paz com justiça social.

Da ordem dentro da democracia.

No acervo do governo do presidente Ernesto Geisel — honra lhe seja feita — inclui-se a realização da primeira etapa da liberalização e da distensão.

Começamos pela abolição da censura à imprensa.

Continuamos com a revogação de todos os atos de exceção.

E vamos prosseguir nessa árdua caminhada, com a revisão, já em processo, de algumas leis importantes, como a que trata dos crimes contra a segurança nacional.

Sabemos que muito ainda nos resta fazer, neste novo ciclo de aperfeiçoamento democrático.

Mas sei, e afirmo, que não faltarão forças e decisão ao Presidente — como a mim não faltarão — para dar consequência prática à reforma da Constituição, em sua nova orientação liberalizante e pluralista.

Sem querer apresentar agora um plano de governo, peço aos nossos companheiros e ao grande povo brasileiro que me escutem em algumas proposições de trabalho.

No plano da organização federal, é preciso reajustar as relações entre a União, de um lado, e os Estados e seus Municípios, de outro. A eles terá de caber, por força do próprio sistema federativo, maior autonomia e maiores responsabilidades na gestão da coisa pública. Será preciso, também, que a estas corresponda uma participação mais equânime nos recursos e fundos públicos.

Entendo que precisamos simplificar e consolidar nossa legislação, reconhecidamente superabundante e casuística; como meio, mesmo, de estimular a iniciativa individual e setorial das autoridades.

Teremos de caminhar decididamente para a descentralização administrativa e para a eliminação das dificuldades burocráticas, tantas delas sedições e que se cumprem como mero ato ritual, destituído de propósito ou razão.

No quadro econômico, teremos de inverter a forte tendência estatizante e concentradora, talvez inevitável nos últimos decênios, para que pudéssemos construir os fundamentos do nosso desenvolvimento. Agora, ao lado da presença insubstituível do Estado, nos ca-

sos previstos na Contribuição, queremos trabalhar em favor de uma economia de mercado mais arejada, para que possam melhor florescer a livre empresa e a iniciativa privada em todas as suas formas. Nesse particular, reafirmo a ênfase à agropecuária, como fator imprescindível de melhoria das condições de vida do nosso povo.

No campo social, queremos colocar em termos mais flexíveis a sadia convivência entre o capital, o trabalho e o governo. Queremos vitalizar e estimular a representação do trabalho urbano e rural, em sindicatos responsáveis e autênticos. Ainda no plano social, as grandes aglomerações urbanas, com seus problemas próprios, terão de merecer cuidados e carinho especiais.

Nas universidades e nas escolas, onde se formam os que nos sucederão no trabalho pelo bem do Brasil, queremos conciliar a explosão de energia, que caracteriza os jovens, com os rumos compatíveis com o progresso cultural e a preparação das novas gerações, objetivamente para as missões que lhes caberão mais tarde.

Não se esgotam, aí, os nossos objetivos. O que lhes quis dar, hoje, meus amigos, meus correligionários, foi menos do que a filosofia do meu governo. Foi uma amostra das minhas preocupações com o muito que haverá a fazer, em todos os campos de atividade e de pensamento, neste nosso Brasil.

Do muito que resta fazer, depois do tanto que já foi feito, especialmente pelos quatro grandes Presidentes da Revolução.

Entretanto, para que tudo o que resta fazer possa ser, ao menos, bem equacionado, é imprescindível que o povo brasileiro nos dê seu apoio expresso e maciço.

Sei e reconheço que, como está na Constituição, todo o poder emana do povo e em seu nome será exercido.

Por isso mesmo, é preciso que os eleitores se manifestem claramente. E o façam, nas urnas de 15 de novembro, em favor do partido que quer e pode corresponder aos anseios do povo. É preciso que os brasileiros elejam uma nítida maioria arenista para o Senado Federal; para a Câmara dos Deputados; e para as Assembléias Legislativas.

Outra não é a razão para que todos nos empenhamos a fundo na campanha eleitoral que vai iniciar-se. Com a ARENA e por seus candidatos, vamos às urnas de 15 de novembro.

Vamos à vitória, que garantirá um regime democrático, progressista e renovador.

Vamos à vitória, que permitirá construir mais uma etapa dignificante e altamente significativa na ininterrupta ascensão do Brasil aos seus destinos gloriosos de grande Nação.

Muito obrigado.

BRASÍLIA — DF — 30-06-78

ARACOARA HOTEL
ENCONTRO COM O CONSELHO NACIONAL DOS RE-
PRESENTANTES DOS TRABALHADORES DO CO-
MÉRCIO

Eu poderia dizer que estou quadruplamente satisfeito e sensibilizado com a visita dos senhores. Em primeiro lugar, pela cortesia que esta visita encerra: representantes de três milhões de trabalhadores brasileiros vêm à minha presença apenas para me cumprimentar. E esse contato com os trabalhadores, através de seus representantes, é de fato importante para mim, porquanto se eu não tiver o apoio e o incentivo dos trabalhadores brasileiros a minha caminhada será praticamente inócua. São os senhores que possibilitam, de fato, o desenvolvimento do Brasil.

Repito o que disse para alguns representantes de sindicatos no Rio: não há capital no mundo capaz de desenvolver um País se, atrás desse capital, não estiver a força de vontade de sua gente operária. Esta é a minha primeira satisfação.

A segunda satisfação é que os senhores não trouxeram nenhuma reivindicação — o que me comove muito e dá a essa visita uma conotação todo especial. Isso não quer dizer que os senhores não tenham reivindicações a fazer e que não vão apresentá-las no momento oportuno, mas o simples fato de virem à minha presença, de peito aberto, esquecendo aquelas reivindicações, algumas delas de suma importância para a vida dos senhores, e deixando-as para mais tarde, isso me comove muito. Fico agradecido por mais esta gentileza.

A terceira é ter observado, no semblante dos senhores e pela palavra do nosso presidente, que os senhores também trazem uma mensagem de esperança. Não vieram aqui, à minha presença, desanimados; os senhores estão vendo o futuro do Brasil com olhos otimistas, e sem esse otimismo não conseguiremos fazer nada.

Peço aos senhores que se empenhem junto aos seus companheiros para que mantenham esse otimismo. Eu já disse, há alguns me-

ses, que o desenvolvimento é mais um estado de espírito; e sem esse estado de espírito nada é possível fazer. É preciso que o governante sinta atrás de si o incentivo, o aplauso que os senhores trouxeram.

E, finalmente, a quarta satisfação se deve à verificação de que os senhores têm no nosso Ministro Arnaldo Prieto um amigo, e não um Chefe. Quisera que todas as classes de brasileiros encarassem os homens de governo como os senhores encaram o Ministro Prieto. Essa impressão, essa amizade, só foram possíveis porque ele soube compreender as dificuldades dos senhores, e soube dialogar de igual para igual. E é isso o que eu quero. Que os senhores venham a mim como foram ao Ministro Prieto, e conversem comigo no mesmo tom como têm conversado com o Ministro.

RIO DE JANEIRO — RJ — 06-07-78

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO RIO DE JANEIRO
POSSE DO PRESIDENTE, Dr. RUI BARRETO

Desejo agradecer o convite honroso para vir a esta cerimônia de posse de Rui Barreto, convite que muito me sensibilizou, pois me deu uma primeira oportunidade de estar com os responsáveis pelas atividades comerciais do Estado do Rio de Janeiro do nosso País, contato que julgo de suma importância, já que é, de fato, o comércio a mola mestra da transformação da nossa produção em riqueza. E seria bater na tecla de um desenvolvimento econômico sem paralelamente estar ao seu lado, como força propulsora, o comércio. É tão grande essa importância que julguei conveniente falar com meus assessores a fim de apertarem o tempo disponível que tenho hoje no Rio, dando-me a satisfação de estar aqui presente e prestigiar essa classe de cujas atividades tanto necessita o nosso País. E para dizer também que se o Destino me levar à mais alta Magistratura do País, se o bom Deus decidir que serei eu o responsável pelos destinos da nossa Pátria, desejo ter contatos freqüentes com essa classe que considero uma das molas mestras do nosso desenvolvimento.

Peço aos senhores e, em particular, ao Dr. Rui Barreto, que me desculpem a pressa ditada pelas circunstâncias do programa que tenho a desenvolver ainda hoje, mas que essa pressa não prejudique o gesto de estar presente e a honra com que recebi o convite, além do desejo de dizer aos senhores que preciso conversar com os responsáveis pelo comércio. Que esse diálogo possa resultar em algo de útil para as minhas decisões em relação ao futuro, as quais não de ser compatíveis com as reivindicações dos homens do comércio e, antes disso, com os interesses da nossa Pátria.

RIO DE JANEIRO — 07-07-78

JORNAL «O DIA» E JORNAL «A NOTÍCIA»
VISITA À DIREÇÃO DA EMPRESA

Honram-me sobremodo as palavras que o orador acaba de proferir e a deferência com que me distinguiu o Sr. Chagas Freitas, ao lado dos seus diretores e funcionários, recebendo-me aqui.

Nesta oportunidade em que agradeço a deferência dos senhores, digo que o principal motivo de minha peregrinação aos jornais, que de fato refletem a opinião pública, é que não poderia, na situação atual, deixar de dar a minha palavra aos senhores, e, ao mesmo tempo, expressar o meu contentamento pela realidade do momento, em que todos gozam da liberdade de dizer o que pensam graças ao estágio que nossa Revolução atingiu; graças à possibilidade de que nossa Revolução retome o seu verdadeiro caminho.

De outro lado, desejo também declarar que, se é verdade que alguma parte da imprensa se queixava de que eu era pouco conhecido, que nada sabiam a meu respeito — porque, pelas minhas funções, estava recolhido às quatro paredes de meu gabinete — quero, agora, dar oportunidade a que a imprensa me conheça melhor e possa transmitir aos seus leitores aquelas idéias, as idéias que de fato tenho e que podem não coincidir com as de cada um dos jornais que visitei, mas das quais não abro mão. E para dizer aos senhores que fico satisfeito quando vejo um órgão de comunicação discordar dessas idéias, porque é a prova certa de que estamos, de fato, numa democracia.

E, se é verdade que devo dizer alguma coisa para que o povo brasileiro conheça o homem indicado pelo Senhor Presidente da República como candidato à sua sucessão, desejo também, tal como os senhores jornalistas que estão tomando contato comigo, que os leitores possam fazer uma idéia nítida, bem nítida, quanto mais nítida melhor, de que não pretendo enganar ninguém.

Há quem me acuse de nebuloso, mas podem crer que essa nebulosidade não existe.

Peço aos senhores que transmitam aos leitores de «O Dia» e «A Notícia», jornais tão bem recebidos pelo nosso público, a idéia de que esse hábito eu não tenho. Poderei ter outros, por deficiências minhas, mas nunca esconderei meu pensamento quando se tratar dos interesses do povo.

Agradeço, muito sensibilizado, a gentileza desta placa que os senhores acabam de me oferecer. E que ela fique em meu escritório como testemunho de que os senhores começaram a me compreender.

Agradeço, sensibilizado, as palavras que Murilo Melo Filho acaba de proferir; tão lisonjeiras para mim, tão suspeitas. Suspeitas porque todos sabem das ligações que há muito mantenho com Murilo Melo Filho, e da franqueza com que conversamos — muito antes da minha indicação como candidato à Presidência da República — a respeito dos mais variados temas que interessam à nossa terra.

Agradeço, sinceramente, esta cortesia do Dr. Adolpho Bloch e desejo esclarecer o motivo de minha presença aqui. Ela se justifica pelas relações de amizade que sempre mantive com alguns elementos que trabalham na Manchete, como meu prezado amigo Oscar Bloch e Murilo Melo Filho; como também pela necessidade que senti de vir aqui, como a outros órgãos da imprensa escrita, numa demonstração de que desejo estar junto daqueles que refletem a opinião pública. E isso, também, porque a missão a mim imposta exige que esses órgãos espelhem exatamente aquilo que sou, já libertado das quatro paredes do meu gabinete, pois como Chefe do Gabinete Militar e como Chefe do Serviço Nacional de Informações minha principal característica tinha de ser a discrição. Agora, felizmente, eu posso me mostrar como os meus companheiros do Exército sempre me conheceram, como os meus amigos mais chegados sempre me tiveram em conta. Ademais, por que não dizer, pelas próprias necessidades que a condição de candidato impõe, eu posso me mostrar sisudo, com um pouco das qualidades que alguns amigos tentam sempre exagerar e com muitos, mas muitos mesmo, dos defeitos que a minha atuação e o meu temperamento deixam à mostra a todos os que privam mais de perto comigo.

Não me canso de proclamar esses defeitos. Alguns ultrapassaram a minha força de vontade para tentar corrigir. Quanto a outros, confesso que não fiz força, porque me orgulho de possuí-los.

Assim, se é verdade que esses órgãos da imprensa vão me mostrar como sou, tenho certeza de que todos eles, procurando expres-

sar a verdade, não de chegar pelo menos à conclusão — entre tantas outras que não me serão favoráveis — de que estou munido das melhores intenções, no sentido de aperfeiçoar o nosso sistema democrático.

Estou determinado a cumprir o prometido apesar das dificuldades que terei pela frente, não apenas pelas agruras da nossa situação econômica como também pelas conseqüências que advirão dessa abertura rápida a que se propôs o Presidente Geisel. Estejam certos os senhores da imprensa de que apesar de tudo isso hei de pôr todo o meu empenho na consecução de um perfeito funcionamento daquela Democracia a que achamos que temos direito dentro do nosso alcance, sem os instrumentos de que a Revolução agora vai abrir mão.

Sejam quais forem as dificuldades que encontrarmos pela frente, conseguiremos convencer os ainda não convencidos de que a razão está conosco e de que só há um caminho para que possamos dar um pouco mais de bem-estar ao nosso povo, que é o caminho da conciliação de todos aqueles que acima dos seus interesses e até mesmo — por que não dizer? — acima das suas convicções políticas colocam os interesses do Brasil.

Estou certo de que, com a ajuda dos senhores da imprensa, se não alcançar totalmente os objetivos a que me proponho, hei de obter pelo menos que, ao fim de tudo, os senhores logrem convencer os seus leitores, a opinião pública, de que fiz o possível para acertar. E se algum mérito eu tiver, se algum mérito eu alcançar, saibam todos, escribas e leitores, que o mérito se deveu também, e talvez muito mais, à ajuda que os senhores me tiveram dado.

Muito obrigado aos senhores.

BRASÍLIA - DF - 19-07-78

ARACOARA HOTEL
ENCONTRO COM OS DIRIGENTES SINDICAIS DA
CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADO-
RES EM TRANSPORTES TERRESTRES.

Fico até sem jeito de responder ao representante dos senhores, porque os senhores são o segundo grupo de representantes de classe que vem aqui apenas para me cumprimentar e para me conhecer. Fazendo questão de ressaltar que esta não é a hora de apresentar reivindicações. Deixando bem claro, entretanto, que os senhores têm sérias reivindicações a fazer, e eu sei bem disso. Fico muito satisfeito com isso, principalmente porque o presidente dos senhores começou falando em confiança, e acho que essa é a palavra necessária, no momento, para o Brasil.

Se os senhores acham que podem ter confiança em mim, posso afirmar aos senhores que a qualquer momento — vou repetir aqui o que tenho dito a outros representantes de classe — que a qualquer momento os senhores terão sempre a porta aberta para dizer-me o que estiverem sentindo de certo ou de errado. Mais de errado, porque de aplauso o governo não vai precisar. O governo vai precisar que os senhores digam ao cidadão Figueiredo o que os outros cidadãos estão sentindo a respeito das suas dificuldades, e isso já será uma grande coisa.

Ao receber cada um dos senhores de peito aberto a fim de ouvir as suas dificuldades espero poder dizer-lhes frontalmente que não tenho condições de resolvê-las por me faltarem recursos, ou que tentarei resolvê-las por existirem recursos.

Isso já será um grande passo, porque estará estabelecida a confiança e aí o nosso País irá para a frente. Sem isso, não há capital que desenvolva o nosso País. Esperança e confiança de todos nós, uns nos outros — eis a nossa maior necessidade.

BELO HORIZONTE— MG — 20-07-78

LIDO NA CONVENÇÃO REGIONAL DA ARENA DE
MINAS GERAIS

A razão e o coração me diziam que esta minha primeira viagem a Minas deveria começar por uma peregrinação à velha capital de Ouro Preto.

É que em Ouro Preto se cruzam — como em nenhuma outra cidade do Brasil — o testemunho do nosso passado e as promessas do nosso futuro. Foi bom ter subido de novo suas ladeiras patinadas de ouro, ferro e sangue. E relembrado os poetas, juristas, soldados, sacerdotes e homens do povo que fizeram de Ouro Preto seu caminho, altar e sepultura. E meditado sobre a harmonia fundamental entre a história e a esperança. É isso que me anima a reafirmar que os meus compromissos com o Brasil têm raízes nos mesmos ideais que ali se cultuam.

Como os Inconfidentes, quero uma pátria maior, mais livre, mais próspera, mais justa.

Nas relações entre as nações, o Brasil, pela sua postura autônoma, pode aceitar tratamento especial, desde que não encubra um paternalismo anacrônico e discriminador.

Nesse particular, o Brasil deseja que o progresso da Humanidade seja universal, para não ser *iníquo*. Não é mais possível admitirmos, neste final de século XX, a existência de ilhas de prosperidade, cercadas de miséria por todos os lados. A consciência mundial não pode continuar fingindo que não vê e não ouve o choro dos que sofrem e têm fome.

Penso que, no plano doméstico, precisaremos redobrar esforços para alcançar melhor medida de justiça social.

Para que as crianças tenham acesso efetivo à educação. E para que sejam mais saudáveis e bem alimentadas.

Para que haja trabalho para todos. E para que os benefícios da produção e do comércio se distribuam por todos, de maneira mais

equânime. E para que o trabalhador possa gozar com dignidade sua velhice.

É particularmente importante reafirmar, aqui, as minhas preocupações com o bem-estar do povo brasileiro. Pois foi aqui, em Minas, que se criou a sociedade de formação mais genuinamente brasileira.

Aqui, as preocupações com os bens materiais estão subordinadas à tradição de respeito pelos valores culturais; e têm como pano de fundo o pensamento liberal e a ação libertária, que formam a base de sua história.

Nenhum lugar melhor, também, para renovar meu compromisso de dar continuidade ao aperfeiçoamento do regime político brasileiro, em boa hora deflagrado. Aquilo que o presidente Ernesto Geisel começou, nós da ARENA continuaremos.

Tal o propósito que confirmo, em honra de tantos mineiros ilustres, que nos precederam nas lides políticas e nos postos mais altos da República.

Compromisso e propósito que, posso dizer perante a ARENA mineira, são também do meu companheiro de chapa, o Governador Aureliano Chaves.

Que são, também, presidente nacional do partido e futuro Governador Francelino Pereira, e do seu Vice-Governador, João Marques de Vasconcellos. São compromissos, também, dos nossos candidatos ao Senado Federal, à Câmara dos Deputados e à Assembléia Legislativa.

Unidos nesses compromissos, e coesos em torno desses ideais, os candidatos hoje escolhidos pela ARENA serão consagrados pelo povo mineiro, nas urnas de 15 de novembro.

Falo com segurança, porque sei que jamais faltou ao Brasil a palavra serena e segura de Minas Gerais, nas horas decisivas de nossa história.

Assim foi na velha Vila Rica.

Assim é nesta cidade tão justamente chamada de Belo Horizonte.

Assim será em todo o Brasil.

Esta convenção e este partido são uma eloqüente amostra do que se chama o espírito mineiro. Ele se realiza na conciliação, na busca do equilíbrio entre tendências aparentemente conflitantes, na convivência amena e reciprocamente respeitosa dos homens de bem.

Sei, porém, que o povo mineiro, sem abrir mão de suas tradições irrenunciáveis, deseja participar mais diretamente do progresso do nosso País. Nesse sentido, a identificação completa dos Governos Ernesto Geisel/Aureliano Chaves assegurou a realização de empreendi-

mentos essenciais, que prosseguem sob a regência do novo Governador Levindo Ozanan Coelho.

Da mesma forma, a conjugação de pensamento e trabalho, entre as administrações Figueiredo/Francelino Pereira, haverá de resultar em novos ganhos substantivos para o Estado.

A atenção devida aos setores estratégicos para o desenvolvimento econômico do País, como um todo, encontra seu objeto natural no enorme potencial de Minas.

Assim é, sem dúvida, na produção de alimentos, o que pressupõe uma série de programas de apoio e suporte à agropecuária, dos quais nos ocuparemos prioritariamente.

Meu governo prosseguirá na criação ou na ampliação da infraestrutura de serviços necessária à agropecuária, para que o produto da terra não se perca. E para que o seu caminho da fazenda ao consumidor seja mais curto, mais rápido e mais direto. Em uma palavra: queremos que o povo pague menos pelos seus alimentos, mas que o produtor receba uma parcela maior do preço pago pelo consumidor.

Ainda que os resultados de nossa ação só se façam sentir a longo prazo, temos de cuidar da geração de tecnologia própria para a produção e conservação de produtos do campo, e de sua transmissão efetiva aos agricultores e criadores nacionais.

Vamos destinar recursos suficientes à ampliação das facilidades de armazenamento e de transporte de produtos agropecuários. Vamos cuidar dos corredores de exportação e incentivar os Estados e Municípios para a abertura de estradas vicinais necessárias.

Vamos estimular o beneficiamento e o processamento de alimentos, tão próximo quanto possível ou aconselhável das fontes de produção.

Vamos ampliar o apoio do governo às empresas de comercialização, de todos os tipos e dimensões.

Se tanto falei sobre o assunto, só o fiz porque Minas tem a seu crédito um saldo altamente positivo: o maior rebanho bovino, a maior produção de leite, a maior participação nos programas de reflorestamento, o mais intenso replantio de café do Brasil.

Não posso esquecer as imensas riquezas minerais deste Estado. Elas são, ao mesmo tempo, o grande desafio e a melhor oportunidade para a atração de investimentos de vulto e de notável efeito multiplicador.

O apoio federal à siderurgia mineira continuará, no meu governo. Além do que já foi e está sendo feito em relação à Açominas, apoiaremos a criação de novas usinas, de iniciativa pública ou privada, e prosseguiremos na expansão das existentes, como é o caso da Usiminas. Conseqüentemente, novos recursos serão mobilizados

para que a ferrovia do aço atinja seu objetivo final: ligar os centros produtores mineiros a São Paulo.

Poderia continuar aqui toda a noite. Tenho tantas coisas para falar a este grande povo de Minas Gerais, de quem a ARENA é legítimo representante e advogado hábil, persistente e eloquente. E gostaria de melhor poder ouvir e sentir o que pensam os mineiros.

Tenho, dos tempos em que aqui servi, como jovem tenente, as recordações mais gratas da família mineira. Do exemplo de humildade e perseverança das mulheres mineiras, mães dessa imensa família que se espalha e recobre de sabedoria e operosidade todos os Estados, dos vizinhos aos longínquos. Da fortaleza na fé cristã do povo mineiro, de sua tenacidade suave, mas imbatível.

Penso nesta Belo Horizonte e constato, com realismo, embora não sem certa tristeza, que a força incoercível do progresso obliterou completamente o velho Curral d'El Rey. Onde havia paz e tranqüilidade, temos a cidade-metrópole, com todos os problemas das grandes aglomerações urbanas. Vossos governadores — o que saiu, para me acompanhar nesta missão; o que está agora, e o que virá em março — têm plena consciência deles. Cuidam do transporte de massa, de melhorar o saneamento básico, de tornar mais humana a vida na cidade, enquanto é tempo.

Mas penso, também, no quanto devemos aos mineiros ilustres que, no século passado, tiveram o arrojo de criar uma nova capital, para não destruir a antiga. A eles devemos mais que a nossa veneração. Devemos a obrigação de respeitar sua inteligência e visão política e social. Em consequência, devemos preservar os templos cívicos que nos legaram os seus antepassados.

Para que isso seja possível, para que Minas se mantenha fiel a si própria, e para que alcance o progresso que merece, conclamo os eleitores de Minas Gerais a consagrar nas urnas os candidatos escolhidos hoje.

É importante que o povo de Minas compareça em massa à eleição para o Senado, fazendo sua escolha entre os nossos companheiros Israel Pinheiro Filho e Fernando Fagundes Neto, dois grandes nomes que prestigiam este partido.

Ao lado de Murilo Badaró, eleito para o Senado pelo Colégio Eleitoral, e com as bancadas de deputados arenistas mineiros na Câmara dos Deputados e na Assembléia Legislativa, que serão expressivamente majoritárias, os Executivos Federal e Estadual poderão cumprir sua missão, que é uma só: trabalhar pelo bem do Brasil.

Muito obrigado.

BELO HORIZONTE— MG — 21-07-78

ALMOÇO COM OS OFICIAIS DA 4ª DIVISÃO DE
EXÉRCITO (4ª DE)

Eu fico muito grato por esta cortesia de comandante do senhor General Hermes, meu particular amigo, a quem conheço desde os idos do Colégio Militar de Porto Alegre, e meu ex-chefe da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, onde me impôs alguns pesados trabalhos.

Fico muito grato ao General Hermes por essa oportunidade de rever aqui companheiros como o General Leoni, também meu amigo, inclusive responsável por ter eu o Curso de Comando e Estado Maior, porque me aprovou no exame final, o que eu não merecia, mas de qualquer maneira, dizia eu, fico muito grato por esta oportunidade de estar aqui com os senhores e pelas palavras generosas que acabo de ouvir do General Hermes. Nesta oportunidade em que venho rever alguns companheiros, matar um pouco a saudade e reviver este clima de quartel que tanta falta me tem feito, quero dizer aos senhores que em qualquer situação hei de recordar aquilo que estimo.

Em primeira instância, não me esquecerei das Forças Armadas, não me esquecerei do Exército a que devo tudo e de minha formação de cidadão feita dentro dos quartéis.

Repito, portanto, que estarei junto dos meus companheiros em qualquer situação e espero que eles compreendam algumas atitudes que eu possa tomar, mas quero também que saibam que minha última trincheira será sempre na defesa dos superiores interesses do Brasil.

Muito obrigado.

BRASÍLIA — DF. — 25-07-78

ARACOARA HOTEL
ENCONTRO COM OS PREFEITOS DA ASSOCIAÇÃO
DO ALTO JACUÍ.

Quero agradecer a presença dos senhores aqui nesta oportunidade, para apresentarem os seus anseios, as suas reivindicações, os seus problemas. E confesso aos senhores que não foi nenhuma surpresa para mim, em particular no que diz respeito à atividade dos senhores. Os senhores sabem bem a ênfase que dei, continuo dando e pretendo dar no futuro às atividades agropecuárias. Acredito que a saída para o Brasil em face da crise do petróleo, e aí está o exemplo dos dois últimos anos, se encontra nas atividades agropecuárias. Não fossem os produtos primários e, em particular, aqueles oriundos da agricultura e da agropecuária, não teríamos conseguido um certo equilíbrio na balança comercial.

As críticas que aqui ouvi estão por certo justificadas. Eu me referi ao atropelo do nosso desenvolvimento, porque nós nos atiramos após a Revolução numa ânsia de progresso que nos trouxe resultados positivos. Mas a crise do petróleo nos pegou em flagrante, já avançados alguns planos. Confesso aos senhores que, na minha opinião, é chegada a hora de darmos uma parada, para apenas nos empenharmos naquilo que de fato for imprescindível à sociedade, estabelecendo-se prioridades. E devemos ter a coragem de eliminar nossos anseios de desenvolvimento a galope.

Eu sei que haverá muita frustração, que sofreremos muitos ataques, mas temos que pôr os pés no chão dessa realidade. Os poucos recursos gerados internamente são insuficientes e nos obrigam a buscar a poupança externa tão necessária ao nosso desenvolvimento. Esses recursos não podem ser desperdiçados em programas que não respondam àquilo que de fato for essencial à nossa sociedade.

Direi que talvez as minhas palavras não sejam encorajadoras àqueles que querem um desenvolvimento autêntico. Ninguém mais que eu quer ver o mais cedo possível a nossa economia desenvolvida e o Brasil em condições de ter um mercado interno capaz de absor-

ver os nossos produtos, a fim de ficarmos totalmente, já não digo independentes, porque em matéria de mercado internacional já não há mais independência hoje, mas pelo menos sossegados quanto à comercialização dos nossos produtos.

Sei que vou sofrer muitas críticas, mas sei que esse é o caminho certo. Quando me aventurei a dizer, no meu primeiro discurso, que daria prioridade às atividades agropecuárias, não foi só porque ela correspondia ao equilíbrio da nossa balança de pagamento. Se nós fizermos uma parada e olharmos para as nossas grandes aglomerações, veremos que os problemas que mais estão afligindo os governantes decorrem do êxodo rural para as grandes cidades, tais como problemas habitacionais, problemas de saneamento básico, de água, de esgoto, problemas de transporte de massa, de abastecimento. Todos eles ficarão diminuídos se de fato conseguirmos convencer o homem do campo de que lá é o seu lugar e lá ele terá melhores condições de vida, de sobreviver, de educar sua família, do que se for para a cidade.

E quem diz fixar o homem no campo, não quer dizer apenas plantar, criar, proporcionar incentivos, dar financiamento e facilidades.

Isso que o Sr. falou, a educação, é um dos grandes males do nosso sistema educacional, porque nós procuramos massificar o ensino superior, entregamos aos jovens «canudos» de toda espécie, criando uma geração de jovens frustrados porque não têm condições de sobreviver. O que vemos hoje é uma mocidade impaciente, com o seu diploma assegurado em virtude das facilidades de ingresso nas universidades. E vemos um hiato no ensino médio, no ensino técnico.

Não temos enfermeiros, não temos técnicos agrícolas, técnicos agrônomos, tratoristas, não temos uma porção de coisas que fazem de fato a força viva da Nação. Precisamos nos fixar nesses aspectos a fim de que a homem do campo sinta que o seu trabalho é necessário, e tenha uma correspondência seja em assistência técnica, seja em previdência social, e aí, então, nós poderemos pensar em diminuir os problemas das grandes aglomerações urbanas.

Por outro lado, não podemos continuar a nossa industrialização à custa apenas de recursos vindos de fora. É preciso que criemos esses recursos, porque o mundo tem fome e se conseguirmos vender alimentos nós teremos os dólares necessários para as máquinas da nossa indústria. Essas afirmações podem parecer primárias, podem parecer muito simplistas, mas traduzem a realidade de nosso país, e eu tenho a certeza de que incentivando a agropecuária nós estaremos dando uma solução para o nosso problema de recursos, e uma solução também para o nosso problema social.

O nosso companheiro A. L. Neto (*) fez uma referência dizendo que Santa Catarina precisa ser vista no mapa. Eu me permito aqui fazer uma afirmação, repetindo o que disse a respeito da nossa revolução de 1964, quando de meu discurso na Convenção Nacional da Arena. Há alguns Estados no Brasil, e eu cito em particular o Maranhão, Mato Grosso e Santa Catarina, que precisam deixar de estar só no mapa. Eles têm que integrar o conjunto da Federação pelo que podem produzir. E eu tenho a certeza de que esse hiato que o nosso amigo A. L. Neto viu no mapa passando do Paraná para o Rio Grande do Sul deixará de existir no dia em que Santa Catarina começar a produzir aquilo que realmente pode. E então, será um Estado e não estará só no mapa.

Não posso dizer aos senhores que todos os problemas serão resolvidos, nem concretizados todos os seus anseios, mas posso afirmar que as críticas que aqui ouvi, o desespero que aqui senti, quero continuar sentindo. Assim, repito o que disse a outras classes, para que os meus auxiliares possam me assessorar direito, de tal maneira que eu consiga pelo menos ficar com a consciência tranqüila, certo de que não deixei de levar em consideração aquilo que de fato está na mente e nos anelos dos senhores.

Muito obrigado.

*Presidente da Associação dos Criadores de Gado Chalem.

LAGES — SC — 27.07.78

MAP HOTEL

REUNIÃO COM OS REPRESENTANTES DOS TRABALHADORES, EMPREGADORES E DA AGROPECUÁRIA

Vim aqui para dar alento, para dar ânimo e para dar força aos senhores em face da batalha eleitoral que se aproxima. Devo confessar, no entanto, que conhecendo como conheço os operários, os trabalhadores de Lajes, quem vem aqui buscar ânimo sou eu. Venho aqui junto aos senhores cobrar ânimo para continuar dizendo o que sempre disse aos meus companheiros, aos meus compatriotas, procurando não me desviar um milímetro daquilo que sou e procurando fazer ver aos meus patrícios que as minhas intenções são de fato aquelas que tenho afirmado. Sei bem o que significa o apoio dos senhores para mim: não é possível tentar desenvolver uma Nação, fazê-la mais próspera e buscar uma justiça social mais ampla se eu não tiver o apoio dos senhores, porque de fato a força viva da Nação são os seus trabalhadores. Não há gênios no mundo que consigam desenvolver uma Nação senão com base na força daqueles que produzem o trabalho, daqueles que realizam. Tenho afirmado por essas minhas andanças que não há capital no mundo capaz de substituir a força de trabalho, e se essa força de trabalho vem com ânimo, com fé, com esperança no futuro da Nação e principalmente com confiança nos homens que a estão dirigindo, então — não tenho dúvida — vamos fazer desta nossa Pátria um grande País. E isso está na mão dos senhores, mais na mão dos senhores do que na minha. Preciso ter o apoio dos senhores para continuar fazendo aquilo que quero fazer. Tenho a certeza de que nestas minhas andanças não me faltará o ânimo que já nestes primeiros instantes experimento aqui entre os senhores. Muito obrigado pela deferência de estarem aqui comigo. Espero encontrar sempre, como aqui, amigos francos, abertos, sem temores, para que possamos melhor nos compreender e para que os nossos objetivos sejam objetivos comuns.

Muito obrigado.

Ouvi hoje por três vezes agradecimentos por estar aqui presente a fim de dar um pouco de estímulo à gente de Santa Catarina. E por três vezes discordei dizendo que aqui vinha para que o povo de Santa Catarina, este sim, me desse um pouco de ânimo, a fim de que eu não me desviasse das intenções manifestadas. Pelo entusiasmo que aqui senti esta manhã, tenho a certeza de que estou expressando uma verdade quando digo que ele servirá de estímulo para mim. Devo agradecer ao povo desta terra a acolhida generosa, tão ao agrado da gente hospitaleira de Santa Catarina, dada a mim e aos meus companheiros. Devo agradecer esta recepção festiva, como devo agradecer também as palavras dos oradores que aqui nos saudaram, tão benevolentes, tão entusiásticas que chegou a considerá-las imerecidas em face do que tenho feito pelo povo desta terra.

Devo agradecer também as sugestões que recebi dos representantes de todas as classes. Muitas já do meu conhecimento e outras que me vieram alertar sobre certas facetas de alguns problemas que me haviam passado despercebidos. E ao formular estes agradecimentos devo também, juntamente com eles, fazer algumas afirmações em resposta a uma outra que ouvi hoje pela manhã, de que Santa Catarina está no mapa mas não está presente. Santa Catarina, pelo esforço dos senhores, se Deus quiser com a minha ajuda, deixará de estar apenas no mapa e passará a representar o papel que lhe cabe no contexto da Federação, porque pelo potencial de sua terra, pelo valor de sua gente, temos que dar a ela um corredor que leve ao mar os produtos de sua gente. E esse mar generoso há de levar para outros centros aquilo que as estradas trouxeram, as duas que vocês tanto reivindicam, as BR 282 e 475.

Quando ainda há pouco um estudante me perguntou se eu incluiria nos meus planos essas duas estradas, ou se já estavam incluídas em algum plano meu, respondi que ainda não havia elaborado planos. Mas poderia afirmar que elas seriam incluídas. Sei que

o sonho de todos os senhores, que é também o meu sonho, é trazer progresso a esta terra e ver o seu progresso extravasar do Estado, buscar outros centros produtores.

E então Santa Catarina será alguma coisa e não existirá apenas no mapa. Não só pelo que produz, mas também pelo que faz. Deverá estar junto de mim para me auxiliar, mandando a sua gente mais capaz para me aconselhar naquilo que eu não sei, que não estudei, mas que devo saber a respeito desta terra. E se amanhã os resultados não forem os que nós esperamos, poderemos ter pelo menos a certeza de que esta terra, que é santa e é mulher, não deixou de ser destinatária do nosso esforço e do esforço de vocês. Santa Catarina não poderá ser um hiato entre São Paulo, Paraná e o Rio Grande do Sul, e para que isto seja conseguido em prazo curto é necessário que tenhamos paz, estabilidade política, e que possamos trabalhar em benefício do progresso de nosso País, e não a serviço de ideologias que venham de fora. É preciso, numa palavra, que gozemos de tranqüilidade, que possamos ter em Santa Catarina um Governo que se afine com o nosso, que possamos ter na Câmara e no Senado aqueles que vão batalhar comigo: os nossos candidatos.

Será preciso que o futuro governador tenha respaldo na assembléia legislativa e que aqueles atos conducentes ao progresso desta terra sejam acompanhados pelo voto desta gente. Em outras palavras: precisamos ter maioria na Assembléia, na Câmara e no Senado, para que possamos transformar o plano em realidade. E ainda mais, precisamos ir aos rincões mais longínquos desta terra para fazer com que à testa de cada rincão esteja aquele homem indicado pelo nosso partido, porque o nosso partido escolhe os mais capazes.

Então não haverá dúvida de que ao fim do meu governo eu poderei ter dado alguma coisa a esta terra, e que não foi em vão o esforço de quererem transformar um simples soldado num político. Não foi em vão o esforço que estou fazendo para despir a farda e ser um cidadão, misturando-me ao povo para sentir os seus anseios, como estou fazendo aqui com os senhores.

Se tudo der certo, se amanhã tivermos um povo feliz e risonho, uma sociedade melhor para os nossos netos e para nossos filhos, devemos agradecer isso aos senhores, que são de fato os construtores da pujança desta terra. Mas se falhas houver, eu peço que não se esqueçam de que aqui está um arremedo de político e de que por mais que eu me esforce às vezes terei que ser soldado e perder um pouco a paciência. Eu sei que às vezes falo um pouco rude demais, mas prefiro esta arrogância e esta franqueza.

Prefiro esta rudeza e esta franqueza, na certeza de que estou expressando a verdade. Quero que o povo desta terra saiba que em nenhuma hipótese usarei de mistificação de qualquer espécie e que continuarei sendo na Presidência aquilo que sempre fui há sessenta

anos: um homem do povo, um homem que gosta de conversar, gosta de rir, que sofre com as amarguras de todo mundo, que se sente bem quando vê gente contente à sua volta, um homem que não gosta de tristeza, que não gosta de fraqueza, que gosta de otimismo, um homem que tem raiva da pobreza e da miséria, que não gosta de ver ninguém passar fome e que tudo fará para que aqueles que hoje passam fome possam pelo menos dormir tendo saciado sua fome e tendo um agasalho para se cobrir.

Estarei bem recompensado se cada um dos senhores acreditar em mim, porque eu acredito na minha gente e nas potencialidades do meu País. Sem isso, nada será possível fazer. E vamos partir para uma campanha altaneira, uma campanha digna do nosso Partido, uma campanha sem retaliações, mas em que verdades fiquem bem ditas, a fim de que amanhã não afirmem que fomos omissos. Uma campanha que nos dê a vitória e a possibilidade de melhorar um pouco este rincão.

Muito obrigado.

FLORIANÓPOLIS — SC — 27-07-78

EMPRESA CASSOL
CHURRASCO COM REPRESENTANTES DA ARENA

Desejo agradecer, sensibilizado e comovido, a acolhida que me deu o Povo de Florianópolis, acolhida por demais generosa para os serviços e os sacrifícios que até agora a Pátria de mim exigiu. Generosos demais para quem pouco fez pelo seu País e por esta terra. Tão grande é a sua generosidade que me faz sair daqui decidido a olhar esta terra com os olhos que ela merece, com os olhos que ela merece pela operosidade dos seus trabalhadores, pela representatividade dos seus líderes, pelo entusiasmo e idealismo puro e são da sua juventude, pelas virtudes da mulher catarinense, e principalmente pela mensagem de fé e de esperança com que saio daqui inoculado pelo entusiasmo dessa gente.

Longe, repito o que disse hoje pela manhã em Lajes, longe de vir aqui dar incentivo a esta gente, à população de Santa Catarina, venho aqui buscar no entusiasmo do seu povo o alento e o ânimo de que necessito para não me desviar daquelas intenções com que mercê de Deus assumirei a Presidência da República. E que são as intenções de um soldado, de um soldado que não postulou e não desejou esta missão, mas que a recebe e vai levar até o fim quaisquer que sejam as dificuldades que se lhe deparem pela frente; que terá sempre presentes a operosidade e o valor de povo de Santa Catarina, dando-lhe nas suas decisões o peso necessário para que ele tenha de fato a representatividade a que faz jus na Federação brasileira, e para que com minha ajuda possa de fato Santa Catarina dispor de uma infra-estrutura que lhe possibilite escoar a sua riqueza, produto do labor da sua gente.

Levo daqui, além dessa mensagem de fé e de esperança, levo daqui também a convicção de que esta gente saberá entender as minhas falhas, saberá entender o meu modo de ser e o meu temperamento. Não venho pedir aplausos para aqueles possíveis acertos que no futuro possa ter a meu favor, mas venho pedir um pouco de

compreensão naquelas horas amargas em que por certo hei de errar, mas jamais agirei sem ter bem presentes os anseios, as esperanças e as reivindicações do povo de Santa Catarina.

Não vou afirmar aos senhores que despi a farda para ser um político, pois não posso abandonar os meus 43 anos de quartéis, a minha maneira de ser e de entender a vida: essa eu levarei para o túmulo comigo, mas posso garantir aos senhores que nestes 43 anos em que enverguei a gloriosa farda do nosso Exército jamais deixou de bater em meu peito o coração do cidadão, do homem comum, do homem do povo que sente e sofre com os anseios da sua gente e que tudo há de fazer para minorar as dificuldades, em particular daquelas classes menos favorecidas.

Eu sei que seria muito fácil fazer aqui demagogia e falar em distribuição de renda a curto prazo, embora seja necessário que alguns percam um pouco para que muitos possam ter mais alguma coisa. Isso tem que ser feito, mas só será possível se eu tiver atrás de mim o entusiasmo e a fé de cada um dos senhores e também contar com auxiliares que não permitam que me desvie dessas intenções. Daí por que eu solicito a esta terra, à gente desta terra, que eleja nas próximas eleições aqueles homens que a meu ver devem ser apontados para me auxiliar, aqueles homens que bem conhecem os problemas desta terra e que irão discutir comigo frente a frente como equacioná-los e como resolvê-los. Peço que sejam sufragados os candidatos escolhidos pelo nosso Partido, porque com esses eu sei o caminho a prosseguir, com esses eu sei que não poderei me desviar nem terei de apressar o passo para atingir aquela meta que é a meta de todos nós, que é o aperfeiçoamento do nosso regime democrático.

PORTO ALEGRE—RS — 28-07-78

HOTEL PLAZA SAN RAFAEL
ALMOÇO COM LÍDERES DA ARENA

Ao agradecer a gentileza da acolhida que me dá a família arenista do Rio Grande do Sul, devo dizer que não fiquei surpreso com a cortesia e com a hospitalidade da sua gente. Acostumado que estou a lidar com a gente desta terra, aqui criado e formado em mentalidade e em educação, já me habituei, desde pequeno, a receber dos gaúchos a gentileza e o cavalheirismo em seus próprios lares. Não estou surpreso, mas nem por isso estou menos sensibilizado, comovido, e, portanto, agradecido em face deste gesto, que tiveram para com o candidato do partido à Presidência da República. Mas, quisera eu receber esta acolhida como amigo apenas. Cidadão simples que sou, não mereço os gestos de carinho e de afeição que a gente desta terra tem me proporcionado. Poucos foram os serviços que prestei e os sacrifícios que fiz, e ainda não retribuí o muito que recebi desta Pátria.

Estou agradecido, porque vejo nesta acolhida um gesto de cordialidade a um velho amigo, que o destino fez, a contragosto, candidato ao mais alto posto da nossa Federação. Ao manifestar este agradecimento devo repisar, entretanto, que sinto aqui, também, a confiança depositada no candidato, menos pelo que ele possa ter feito no passado, porque o fez nos quartéis, como um desconhecido. Só aqueles que, de perto, lidaram comigo é que podem dizer das minhas verdadeiras intenções, desde que cursei, aqui, os bancos do Colégio Militar de Porto Alegre. Mas devo dizer, também, que esta confiança deve ter sido depositada em função de algumas afirmações que tenho feito, de que nunca falhei e nunca enganei ninguém.

Se há alguma coisa que possa me entristecer é sentir que alguns setores ainda persistem em não acreditar em minhas boas intenções, quando afirmo que hei de fazer deste País uma democracia.

Hei de fazer deste País uma democracia, a despeito de quaisquer resistências que se me anteponham, venham elas de onde

vierem. Desde que não venham dos céus, elas serão combatidas. Acredito, também, que esta confiança tenha vindo de afirmações que tenho feito, no sentido de não impedir o desenvolvimento de nossa Pátria.

Mas de não fazê-lo com atropelo, fazê-lo com segurança e fazê-lo dentro de um realismo possível, o realismo que eu vejo no momento, aquele realismo a que se refere o nosso Presidente Ernesto Geisel. Fazer o nosso desenvolvimento político de maneira gradual e segura, para se ter a certeza de que não sofreremos pressões e de que não haverá retrocesso no nosso peregrinar para esse objetivo. Fazer o nosso desenvolvimento econômico com base, principalmente, naquilo que está nas nossas mãos e que são três e meio milhões de quilômetros quadrados de terras para plantar e produzir, produção que deve e tem de ser um fator para diminuir os nossos problemas de balança de pagamento; os nossos problemas de fixar o homem à terra e impedir o êxodo rural; os problemas que desafiam os nossos governantes, como são os das grandes aglomerações urbanas e suas conseqüências funestas; e, também, o grave problema de diminuir as tensões sociais, mostrando ao homem que a verdadeira riqueza da nossa terra está na própria terra que ele possui.

Quero crer que esta confiança em mim depositada tenha sua origem, também, naquele apelo de conciliação que fiz no meu primeiro pronunciamento na convenção nacional do nosso Partido: que venham cooperar conosco gregos e troianos de boa vontade e que acreditem no futuro da nossa Pátria, que venham todos eles, de todos os matizes, mas que não venham perturbar a tranquilidade de nosso trabalho; que venham aqueles que crêem que esta Pátria há de ser uma Pátria democrática e progressista, sem apelo a qualquer tipo de ideologia de terras estranhas à nossa. E é porque eu sei e porque eu sinto que a confiança em mim depositada provém dessas coisas que agradeço aos senhores. E para conseguir todas essas coisas eu conto com a voz de todos os senhores, para que possamos, em nossa campanha, mostrar, com nossos argumentos, que estamos com a razão, e dar ao nosso partido um volume de representantes que possibilite ao Governo prosseguir na sua obra, em paz e tranquilidade, dando à nossa terra o futuro que Deus, tenho a certeza, tem reservado para o seu destino.

Muito obrigado aos senhores.

PORTO ALEGRE—RS — 28-07-78

CEASA

JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO COM OS MILITARES DA ATIVA E OS DA RESERVA

Meu prezado amigo e querido Chefe General Oscar Azambuja, cujas virtudes militares e cujas qualidades morais foram talvez as primeiras que ouvi da boca do meu saudoso pai. Meu prezado amigo e mestre General Samuel, que tanto esforço fez para, na Escola de Estado-Maior, ensinar-me um pouco do muito que sabe, e a quem devo o muito que consegui ser na minha vida militar. Prezados companheiros gerais, meu prezado amigo General Oscar Luís, companheiro das horas amargas que em todos os momentos sempre procurei ouvir, daquelas horas de ansiedade para todos nós. Prezados amigos e camaradas aqui presentes. Segundo Tenente R-2 de Cavalaria Sinval Guazzeli, citado agora porque ainda não me consegui despir do princípio da antigüidade. Companheiros aqui presentes, Chefes, Mestres, Amigos, Camaradas e meus ex-Cadetes. Desejo agradecer sinceramente sensibilizado e sobremodo comovido esta homenagem com que me honram os companheiros da Reserva, realçada pela benevolência dos companheiros que permanecem na Ativa. Desejo agradecer, ao mesmo tempo, as palavras generosas que acabo de ouvir do nosso Chefe, General Oscar Luís, as palavras bondosas e por demais exageradas que pronunciou a meu respeito. Vejo nelas uma afirmação de que continuam presentes, como sempre estiveram entre os companheiros da Reserva e da Ativa, aquelas virtudes militares com que fomos iniciados no recesso dos nossos lares, e que foram aperfeiçoadas por Chefes, Mestres, Instrutores e Companheiros, desde os nossos cursos de formação até os de aperfeiçoamento. Virtudes que formam talvez a única riqueza que levamos na nossa bagagem quando encerramos a vida na caserna, e entre essas virtudes que fundamentam toda a nossa conduta, que orientam o nosso comprometimento perante os companheiros e às vezes apontam o destino de nossas vidas, a par da lealdade e do despreendimento, está aqui também presente a camaradagem. E é esta

camaradagem que eu peço aos companheiros, ao agradecer esta homenagem, que continuem cultuando junto aos seus subordinados, junto aos seus filhos e netos, para que tenhamos a certeza de que amanhã, quando for preciso, as nossas Forças Armadas e o nosso Exército em particular continuarão coesos como sempre, com esta franqueza, com a beleza que é esta virtude, que é a camaradagem e a compreensão.

Muito obrigado aos Senhores.

CRUZ ALTA — RS — 29-07-78

SEDE DA ARENA JOVEM
ENCONTRO COM REPRESENTANTES DA ARENA JO-
VEM

Ao iniciar minha peregrinação Brasil afora, após ser indicado — repito, a contragosto e com muita resistência — para candidato à Presidência da República, pela ARENA, fiz questão de que minha primeira viagem fosse às plagas onde desde menino formei a minha mentalidade e o meu caráter, convivendo com o exemplo da gente da terra do Rio Grande do Sul.

Fiz questão de ir a Alegrete, onde passei a meninice; fiz questão de ir a Uruguaiana, onde iniciei a minha formação cristã, com os Irmãos Maristas; fiz questão de ir a São Gabriel, onde encontrei uma família de gente que me ensinou, ainda mais, a respeitar e amar esta terra; e fiz questão de ir a Porto Alegre, que me acolheu, já depois de velho, no fim de minha carreira militar, com o mesmo carinho com que me acolheu o povo da campanha.

Agora, após a primeira visita que fiz ao Estado, faço questão de vir ao interior do Rio Grande; elegi duas regiões — a de Cruz Alta e a de Ijuí — por representarem um exemplo do esforço laborioso da gente gaúcha naquilo em que ponho mais empenho no meu programa de Governo: fazer com que a riqueza que Deus nos deu, que é esta terra, produza de fato o que a gente brasileira precisa.

Sei que o esforço não vai ser pequeno; que os recursos não serão suficientes para a grandeza da obra; e que resistências outras haverá ao meu propósito. Por isso vim aqui para me reanimar e pedir ao povo de Cruz Alta que me ajude nesta cruzada; para que haja compreensão, para que todos vejam que o meu empenho em dar ênfase à agropecuária não representa, apenas, o que todos pensam. É, por si só, um programa de Governo.

Se cada um de nós meditar nas conseqüências que poderão advir para a nossa Pátria se não nos empenharmos a fundo em aumentar a nossa produção, de modo que o agricultor receba o preço

justo pelo resultado de seu trabalho e o consumidor, com sua família, consiga satisfazer as necessidades de cada dia com o poder aquisitivo do salário que percebe, mais inadiável se afigurará a adoção de providências naquele sentido, não obstante o muito que terá de ser despendido em infra-estrutura agropecuária, em transportes, em capacidade de armazenagem e, principalmente, na eliminação do indiferentismo que ainda predomina em vários segmentos da população. E é isso que eu venho pedir aos senhores. Que me dêem alento, e que não me deixem fraquejar no meio da caminhada.

Tenho certeza de que o povo desta terra, produtor que é, por tradição, há de entender o mais alto alcance de nossos propósitos. Não é só dar alimentos mais baratos para a nossa gente, mas também dar condições, através das exportações, ao nosso desenvolvimento econômico, sem pedir mais à poupança alheia. Com isso, estaremos equilibrados comercialmente. E poderemos, então, partir para o que mais desejamos, que é ter o suficiente para no futuro encarar com dignidade o que fizemos por esta Pátria, o que fizemos pelos nossos filhos, deixando o País com a Justiça Social e com a Democracia, livre, bem livre, como é do nosso propósito.

É forçoso que eu às vezes me torne repetitivo, é forçoso que eu às vezes faça as mesmas afirmações que tenho feito alhures, porque algumas delas eu as tenho como uma obsessão. A obsessão de dizer o que penso e de falar a verdade, a obsessão de permitir que o meu pensamento fique bem firmado na cabeça dos meus patrícios, a fim de que amanhã não me apontem como um mistificador.

Desejo agradecer de início a calorosa acolhida que me dá a gente de Ijuí, que me dá a gente do Norte do Rio Grande, que me dá a gente do seu Noroeste, acolhida talvez exagerada, acolhida ao candidato do nosso Partido à Presidência da República. Mas confio, no fundo do meu íntimo, em que a acolhida também se deve ao amigo, àquele que, formado e criado no Rio Grande do Sul, compreende os problemas da sua gente e sabe das suas aflições. Não vim aqui, repito, em propaganda de candidato. O objetivo desta minha vinda ao interior do Rio Grande foi aprender e sentir, aprender um pouco mais daquilo que é uma das minhas obsessões, fazer com que as atividades agropecuárias desta região, uma das principais do Rio Grande do Sul, tenham de fato o peso que devem ter, não só porque o mereçam, mas porque há necessidade disso para o nosso desenvolvimento. O peso que a minha convicção inabalável demonstra, e que é uma das maneiras de sairmos do impasse econômico em que estamos.

Vim aqui para aprender. Estive em Cruz Alta com os dirigentes da FECOTRIGO. Estive aqui com os técnicos da Cooperativa de Ijuí. E com eles aprendi em pouco tempo muito do que já deveria ter aprendido em leituras, em documentos, em livros, mas aprendi com eles principalmente uma coisa que os livros não nos transmitem, que é a fé e o entusiasmo nas atividades a que estamos julgados para o bem do Brasil. Aprendi com eles que não estou sozinho nas minhas afirmações quando digo que as atividades agropecuárias, longe de ser apenas uma atividade para obtenção de lucros, é

uma atividade essencial para que o Brasil possa crescer de fato e tornar-se uma potência. Para que possamos iniciar ou continuar a nossa industrialização, para que não precisemos empenhar a nossa palavra buscando as reservas do exterior, a poupança do exterior, para que possamos com o nosso próprio esforço produzir a riqueza de que necessitamos para intensificar o nosso desenvolvimento. Vim aqui para aprender, para aprender um pouco com o povo desta terra a ser humilde, a sentir os seus anseios e procurar, principalmente, compreendê-los. Mais que isso, vim aqui para sentir o ambiente do Rio Grande do Sul, da gente que trabalha a terra e nela produz a riqueza do País, vim aqui para verificar que os nossos propósitos de aperfeiçoamento democrático da nossa Pátria não são propósitos vãos, vim aqui para continuar na minha convicção, como continuo, de que é possível transformarmos este País numa democracia sem que haja tropeços nem alvoroços, desde que todos nós nos juntemos na compreensão e busquemos apenas a felicidade e o progresso desta terra, desde que queiramos fazer uma democracia ao nosso modo, de acordo com a nossa história, com as nossas tradições e com os nossos costumes, uma democracia de acordo com os nossos sentimentos cristãos e não a democracia propalada por aqueles que querem tirar proveito dos sofrimentos dos mais humildes, e ao invés de resolver as suas dificuldades e os seus anseios, ao invés de minorar os seus sofrimentos, buscam por todas as formas a exaltação dos ânimos para que se faça agitação social. Eu tenho a certeza de que esses maus brasileiros não de, com o tempo, compreender o erro das suas convicções, ou então serão submergidos pela força das nossas convicções. Eu vim aqui para sentir isso que estou sentindo agora, e também não estou errado nesta minha peregrinação, nesta minha determinação de, a todo custo, fazer deste País uma democracia à brasileira. Uma democracia que não vai necessitar de buscar formas ou processos extrafronteira, porque nós sabemos o que queremos. Eu estou convicto de que o povo do Rio Grande compreenderá que o caminho mais fácil para lá chegar é acreditar principalmente naqueles que falam com sinceridade, trabalhar, produzir, certos de que em nenhum momento, se eu for conduzido, mercê de Deus, à Presidência da República, hei de enganar os senhores, hei de faltar com meu apoio, e se não o puder fazer terei a coragem de dizer diretamente aos senhores por que não o faço. Ao agradecer, portanto, esta acolhida e as palavras generosas que acabei de ouvir a meu respeito, elevo minhas preces ao céu para que o nosso Deus, que tão pouco brasileiro tem sido nestes últimos anos, se lembre um pouco de que nós somos a maior Nação Cristã do mundo, e que todos os dias fazemos as nossas orações, não pedimos nada, pedimos apenas que Ele olhe para a nossa gente e que dê recursos para que a justiça social seja instaurada nesta terra. Para que a justiça social seja instaurada sem necessidade de apelos a ideologias estranhas. Eu tenho a convicção, repito, de que lá chega-

remos, lá chegaremos porque temos fé nesta terra e na sua gente, temos fé em que esta gente não há de faltar se amanhã tivermos necessidade de recorrer a outros meios para repelir os adeptos de tais ideologias, a fim de garantir o progresso da nossa Pátria. Tenho a certeza de que os senhores hão de convencê-los, junto comigo, para que venham formar ao nosso lado, de modo que possamos mais tarde, quando o céu nos chamar, deixar para os nossos descendentes, para os nossos filhos e para os nossos netos, uma Pátria de que eles se orgulhem, rezando todas as noites pelas nossas almas.

Muito obrigado aos senhores.

PORTO ALEGRE—RS — 29-07-78

LIDO NO III CONGRESSO ESTADUAL DE VEREADORES ARENISTAS DO RIO GRANDE DO SUL

Para mim, vir ao Rio Grande do Sul, onde servi por três vezes, e onde me sinto perfeitamente em casa, é um prazer sempre esperado e renovado.

Tenho a maior afinidade com os gaúchos. Originário da Cavalaria, que aqui tem seu berço, desde o período de consolidação das fronteiras, amo os horizontes largos, o céu descampado, o tropel dos animais no campo aberto.

Aqui aprendi a churrasquear e a tomar o meu amargo.

Mas é sobretudo com as virtudes típicas do gaúcho que mais me identifico. Prezo a franqueza. Estimo a lealdade. Sofro com a dor solidária e sorrio com a alegria do vizinho. Respeito a bravura dos homens que sabem ser generosos na vitória.

Assim são os meus gaúchos.

Gaúchos do Brasil.

Talvez ainda mais brasileiros, por se encontrarem neste extremo da Pátria. E por isso a querem e amam com notável dedicação e espírito cívico.

É dentro desse quadro que hoje se realiza o III Congresso Estadual de Vereadores Arenistas do Rio Grande do Sul.

Como todos nós lembramos, o povo brasileiro, numa demonstração de reconhecimento pelos esforços do governo Geisel em promover o desenvolvimento, deu ao nosso partido uma vitória expressiva, nas eleições municipais de 1976. O mandato dos Vereadores então eleitos não está em causa, agora. Registro, por isso, com satisfação, o interesse dos congressistas pela ação partidária, com vistas à próxima eleição.

São os vereadores a base dos Colégios Eleitorais que elegerão os governadores, a 1º de setembro. Sua presença aqui dá testemunho eloqüente, e em primeiro lugar, de sua fidelidade ao partido.

Por isso mesmo, sinto que os vereadores gaúchos compreendem perfeitamente a necessidade de assegurar sólida maioria arenista nos legislativos federal e estadual. Assim, o quinto Governo da Revolução poderá dar continuidade às imensas realizações dos Presidentes Castello Branco, Costa e Silva, Médici e Geisel.

Só assim o vosso futuro Governador Amaral de Souza poderá dar seguimento ao trabalho do atual Governador Sinval Guazzelli.

Não desconheço, também, a importância intrínseca do governo municipal — primeira forma de organização jurídica e política das sociedades humanas. Na história do Ocidente, o Município precede de séculos o Estado Moderno.

No Brasil-Colônia, o Município foi implantado segundo o modelo português das Ordenações Filipinas. Logo após a Independência, a Constituição de 1824 afeiçoou os Municípios à realidade brasileira, destacando-lhes a importância.

A primeira lei brasileira de Direito Público, que data de 1º de outubro de 1826, já põe em relevo o significado administrativo dos Municípios.

Depois da República, à medida que se definiam, nas sucessivas Constituições, os poderes políticos da União Federal, ia-se acentuando a importância do Município como entidade autônoma.

Assim, o nosso País só progredirá harmoniosamente na medida em que — respeitadas as diretrizes constitucionais da União e dos Estados, e as leis de organização municipal — o Poder Político Estatal for elemento impulsionador da responsabilidade administrativa dos Municípios. Este o caminho do progresso brasileiro.

De sua parte, a lei municipal é a que afeta mais diretamente o bem-estar e a qualidade da vida das populações, ao regulamentar o uso do solo, determinar as atividades permissíveis ou disciplinar as obras e velar por sua segurança.

Por estarem mais perto do povo, prefeitos e vereadores podem sentir melhor suas aspirações. Essa a razão pela qual vêm o desenvolvimento como fenômeno de muitas faces, quando tantos fazem do progresso meramente material sua preocupação dominante.

Em sua esfera de competência, não faltam problemas aos municípios brasileiros, especialmente diante da urbanização crescente da população. Por isso, nosso apoio às atividades rurais tem como objetivo, também, ajudar a desacelerar a fuga do homem do campo para as cidades.

Sei, porém, que estamos diante de um fenômeno irreversível de nossa época. À medida que se aprimora a tecnologia dos produtos da terra, haverá necessidade de menos e menos pessoas, para produzir mais e mais alimentos e matérias primas rurais. Por isso mesmo, áreas como as de Porto Alegre, Caxias do Sul, Santa Maria e Passo

Fundo apresentaram, entre 1960 e 1970, índices de crescimento urbano de 46 a 78%.

Não é preciso muita imaginação para concluir que esse ritmo — que se reproduz em tantas outras regiões brasileiras — engendra enormes problemas, em termos de serviços públicos, de ensino de primeiro grau e de melhoramentos urbanos. Mas, para enfrentá-los, os municípios só têm sua crônica indigência de meios humanos e materiais.

Penso, porém, que a verdadeira solução para essas questões não será a substituição do município pelo Estado ou pela União. Se faltam recursos aos municípios, o que se deve procurar — e o que prometo fazer — é lutar por nova ordenação tributária.

E, naqueles casos em que os problemas abrangerem simultaneamente vários municípios, e a solução conjunta se impuser, está dever ter a participação ativa, e não passiva, dos municípios interessados. Mas que sua autonomia, no que diz respeito ao peculiar interesse local, como está na Constituição, seja mantida e fortalecida.

Nem poderá ser de outra forma, se quisermos estender a todo o Brasil os benefícios do desenvolvimento.

Nesse contexto, é justo reconhecer que o governo do eminente gaúcho, presidente Ernesto Geisel, deu passos decisivos. De uma parte, tomando medidas efetivas para desestimular a excessiva concentração de atividades econômicas — e especialmente industriais — em áreas já saturadas. De outra, determinando a descentralização das grandes empresas estatais ou mistas.

A localização, no Rio Grande do Sul, do terceiro pólo petroquímico nacional foi uma decisão de estadista. Com ela, o Governo Federal deu exemplo de praticar o que pregava. Esse pólo será um imenso fator novo de geração de empregos e de multiplicação de investimentos. Centenas de fábricas novas surgirão, para utilizar as matérias primas produzidas no pólo.

No meu Governo, continuaremos a cuidar da descompressão urbana e da descentralização industrial. Vamos acionar mecanismos de estímulo, para favorecer as indústrias pioneiras e aquelas que se localizarem próximo das fontes produtoras de matérias-primas, ou nos locais onde a mão-de-obra seja abundante.

Mas isso não implicará diminuição da ênfase à agropecuária, de que tenho falado tantas vezes.

O Rio Grande já é o Estado brasileiro que registra o maior desenvolvimento da tecnologia de produção rural. Criando seus próprios métodos, e já os exportando para outras regiões, o Rio Grande tira partido de seu clima temperado e se alinha entre as áreas do mundo que podem produzir mais, melhorar ainda mais a

qualidade dos produtos e colocá-los no mercado a preços mais competitivos.

Esses objetivos pressupõem mecanismos adequados de criação, adaptação e transferência de tecnologia. Mas pressupõem, também, que os produtores recebam as novas técnicas e métodos, não como ingerência do Governo em atividades sedimentadas pelos anos de prática, mas como meio de melhorar o rendimento de sua atividade e sua capacidade de competir nos mercados externo e interno.

Meu governo estará atento à comercialização dos produtos do campo. Aqui no Rio Grande, a associação dos produtores em cooperativas têm provado sua validade e multiplicado sua força. No meu governo, não faltará apoio a elas. Especialmente, nos esforços que conduzirem à ampliação da integração agroindustrial.

Os exemplos de atividades como as vinícolas, os curtumes, a indústria de óleos vegetais, de doces, de frigoríficos, de celulose, e pesqueira podem e devem multiplicar-se. O Estado, que já é o maior produtor brasileiro de soja, trigo e arroz, e grande produtor de carne, lã e suínos, pode e deve ser o maior industrializador desses produtos.

Isso tudo só acontecerá se assegurada a continuidade do apoio do governo, e o aperfeiçoamento dos instrumentos de suporte da atividade rural, como seja:

- uma política realista de crédito, acoplada a preços mínimos compensadores;
- a garantia de comercialização dos produtos, sem que o governo se torne monopolista dos estoques;
- uma política de estímulos que anime a iniciativa dos que querem produzir, sem premiar os que querem subsidiar sua inércia, ou sua incapacidade.

Esses instrumentos terão de ser utilizados pelo governo com prudência, mas com firmeza; e com agilidade, para acelerar o crescimento do produto interno.

Tenho certeza de que, como em tantas outras ocasiões, a agropecuária responderá, com rapidez e eficiência, à necessidade de aumentar a oferta de matérias-primas e produtos de mesa à industrialização, ao consumo e à exportação.

Entretanto, para que tudo isso aconteça sem desfalecimentos ou tropeços, é preciso que o povo gaúcho consagre, em 15 de novembro, os candidatos arenistas à Assembléia Legislativa, à Câmara dos Deputados e ao Senado Federal.

Cada vereador, como ficou demonstrado neste Congresso, é um soldado do partido. Sob a liderança da direção partidária, e do ilustre Governador Sinval Guazzelli, vamos eleger os nossos candidatos

na eleição indireta, Amaral de Souza e Tarso Dutra. E peço aos gaúchos que, na eleição direta, façam sua escolha entre os nossos companheiros Mário Bernardino Ramos, José Mariano da Rocha Filho e Fernando Gay da Fonseca, que disputarão a cadeira de Senador à qual deu tanto brilho o ilustre gaúcho Daniel Krieger.

Chegaremos, com eles, à vitória de 15 de novembro. Vitória que se completará, estou certo, com a maioria arenista que os gaúchos elegerão para a Assembléia Legislativa e para a Câmara dos Deputados.

Muito obrigado.

Povo de São Paulo: fiz questão de que a minha primeira passagem pelo Estado de São Paulo começasse por Aparecida. E fiz questão absoluta disso, de que a minha entrada, como candidato à Presidência da República, fosse feita pela nossa capital espiritual, a fim de que os paulistas que aqui estão peregrinando e os demais brasileiros vindos de outros Estados, juntos, orássemos pela felicidade de São Paulo e do Brasil. Para que ela, Nossa Senhora, me desse forças e ânimo a fim de que eu não me desviasse daquelas intenções com que iniciei esta campanha e, com as graças do Senhor, pudesse levar a bom termo aquilo que estou determinado a fazer, que é lutar de todas as formas pelo progresso de nossa Pátria.

Paulista, por sangue materno, ligado ao Estado de São Paulo pelo passado de meu saudoso pai, honrado que fui pelo convite, feito pelo então Governador do Estado, Doutor Laudo Natel, para comandar a Força Pública do Estado de São Paulo, sinto-me perfeitamente à vontade para pedir à nossa padroeira que me encare também um pouco como paulista, que me dê as bênçãos e o apoio de seu povo. Carioca de São Cristóvão, protegido dos Santos por todas as partes, as igrejas sempre estiveram abertas para os meus pedidos, e não há de ser por eu ser carioca que não vou me esforçar em benefício desta terra de meu pai, carioca que também se esforçou por ela.

Infelizmente, lamento ter que afirmar, em face do que vi, que ele se esforçou e se sacrificou mais do que muitos bons paulistas, nascidos aqui e que, momentaneamente, esqueceram seu dever para com a nossa Pátria. Sinto-me, portanto, à vontade para estar aqui, entre os paulistas. Daí por que não quis, absolutamente, fazer nenhuma declaração à imprensa, para que eu não fosse levado a me desviar da motivação que me trouxe a Aparecida, e a fim de que minhas preces ficassem só nelas e eu não misturasse as duas coisas em respeito ao próprio povo de São Paulo.

RECIFE — PE — 11-8-78

SUDENE

LIDO NO ENCONTRO COM O CONSELHO DIRETOR
DA SUDENE E COM LIDERANÇAS POLÍTICAS E EM-
PRESARIAIS DO NORDESTE

Venho a este sofrido Nordeste para ver e ouvir.

Trago humildade para reconhecer a magnitude dos problemas. E também a coragem de enfrentá-los. A fortaleza e a determinação para estudar e resolver. Construir e executar os programas.

Sobretudo, tenho comigo a certeza de que a solução para as questões nordestinas não está em atos de caridade. Isso, os nordestinos não querem. Como também não querem a solidariedade interesseira dos que pensam em ajudar o Nordeste para apaziguar a consciência. Ou a responsabilidade distante e paternalista, reservada às coisas incômodas. Isto é, às coisas que não podemos esconder atrás da porta, quando chegamos às visitas.

Um Nordeste próspero e feliz não interessa apenas aos nordestinos. Mas a todo o Brasil. A toda a humanidade. Seus 30 milhões de criaturas humanas provaram muito mais que a capacidade de sobreviver em condições adversas. Os descendentes dos brancos, pretos e índios, que selaram sua união em Guararapes, estão criando a mais adiantada civilização equatorial do mundo.

Por isso, o Nordeste não pede favores, nem os aceita. Nem os donativos que envaidecem os que dão e humilham os que recebem.

O que o Nordeste quer — aquilo a que tem direito — é sua justa parcela do progresso do Brasil. Não quer mais. Nem aceita menos. E é precisamente isso que o Brasil deve ao Nordeste.

Ao preparar esta viagem, não posso esquecer a emoção que senti quando acompanhei o presidente Médici na visita que fez, em 1970, às zonas flageladas pela seca. Não posso apagar da memória o quadro dramático que vi. Nem as palavras emocionadas com as quais o então Presidente falou da esperança e da fortaleza moral daqueles que nada tinham, ou tudo haviam perdido. Nada, disse o

presidente Médici, em toda a sua vida, o havia chocado e emocionado tanto; ou desafiado tanto sua vontade.

O que então vimos aqui sacudiu o Brasil. Daí data o meu voto de dedicar-me a minorar a angústia, o sofrimento e as penas de tantos milhões de brasileiros.

Coube aos quatro Presidentes da Revolução tomar providências que, a seu tempo, constituíram um divisor de águas na política brasileira para o Nordeste. Assim foi com a criação do ministério extraordinário, que vejo a transformar-se no Ministério do Interior. Assim foi com a instituição do FINOR, para citar apenas dois exemplos.

E assim é com a alocação de recursos para os programas em execução, sob o comando do grande Presidente Ernesto Geisel. Nenhuma história do progresso do Nordeste brasileiro estará completa se não analisar programas como o POLONORDESTE; o de desenvolvimento da agroindústria; o de industrialização; o de fortalecimento dos projetos de irrigação; o de pesquisa na zona tropical semi-árida e de desenvolvimento de sua agropecuária; o de controle de enchentes e recuperação de vales; o projeto Sertanejo; e, por fim, mas não menos importante, os programas de promoção social e de apoio às regiões metropolitanas de Salvador, Recife e Fortaleza. E, em especial, se não levar em conta os programas, a cargo do Ministério da Saúde, de combate à esquistossomose e outras endemias.

Não é possível avaliar corretamente o desenvolvimento do Nordeste sem mencionar, ainda que de passagem, os grandes empreendimentos que pontilharão a região, como estrelas luminosas do seu presente ou do seu futuro:

- a petroquímica, na Bahia;
- a cloroquímica, em Alagoas;
- Os álcalis do Rio Grande do Norte;
- Suape, em Pernambuco;
- Aratu, na Bahia;
- Itaqui, no Maranhão,

como exemplos de complexos industriais-portuários, voltados para a exportação.

E, além desses,

- o aproveitamento dos recursos minerais de Sergipe;
- os complexos eletro-metal-mecânicos, em vários Estados;
- os projetos de desenvolvimento agropecuário do Piauí;
- os pólos e centros industriais, baseados no aproveitamento de matérias primas regionais e da abundante mão-de-obra qualificável, como é o caso das indústrias têxtil, de confecções e de couros;

— Os distritos manufatureiros de Campina Grande e João Pessoa;

— a expansão dos parques cimenteiros, no Norte de Minas ao Ceará.

Finalmente, o terceiro pólo industrial do Nordeste, que o Presidente Geisel acaba de aprovar para o Ceará.

A ação do Governo Federal, no Nordeste, está presente em todos os Estados e em todos os setores. No seu propósito de reduzir as disparidades entre as regiões mais pobres e as mais desenvolvidas, investiram-se vários bilhões no fomento à educação, à ciência, à tecnologia, à cultura, na melhoria dos equipamentos urbanos, dos transportes, das comunicações, das energias, para citar apenas alguns setores. Para que isso tudo se conseguisse, não faltou ao poder central o apoio e a participação — quando não a iniciativa e a persistente promoção — dos governos estaduais e municipais. Assim como esteve sempre presente o empresariado brasileiro, daqui e de outras regiões.

Entretanto, para sermos realistas, temos de reconhecer que todo o esforço despendido desde 1960; todos os bilhões investidos na região; todos os incentivos dados e aproveitados — tudo isso permitiu apenas que o Nordeste não se atrasasse mais sobre os índices nacionais de desenvolvimento. A dura realidade é que o Nordeste tem sido como um atleta que precisa correr muito, não para alcançar os demais; só para não ficar mais para trás.

A tarefa que nos espera, depois de 15 de março — a mim e aos novos Governadores — é fazer o Nordeste ganhar terreno, sem frear o desenvolvimento do resto do Brasil.

Tremendo desafio.

Sabemos que a ele não chegaremos órfãos. Temos diante de nós o exemplo que nos deixam o Presidente Geisel e os dez Governadores que cumpriram seus mandatos.

E temos, também, vários instrumentos de trabalho.

De um lado, a própria SUDENE, o Banco do Nordeste, o Banco do Brasil, têm respeitável folha de serviços prestados ao progresso desta área. Com os bancos estaduais e os bancos privados da região, eles constituem mecanismos ágeis de transferência de recursos para o Nordeste.

Medidas simples — muitas das quais sob exame do Presidente Geisel — podem reduzir o preço desses recursos. Entre elas, cumpre citar as seguintes:

— regular a alocação de recursos ao FINOR, com base na arrecadação, independentemente do valor das opções;

— permitir que as sociedades de economia mista utilizem toda a margem de incentivos fiscais — sem a limitação atual;

— autorizar o depósito no Banco do Nordeste, o nosso BNB, dos recursos dos órgãos federais destinados a aplicação na região;

— reforçar as parcelas de fundo a baixo custo repassadas ao BNB.

Concomitantemente, será necessário cuidar de reequipar a SUDENE, valorizando os recursos humanos que são seu principal capital, para agilizar o processo de análise de projetos. Será preciso, também, que a agência possa adequar os projetos aos fundos disponíveis e previamente conhecidos em bases plurianuais. Retomando sua função eminentemente planejadora e coordenadora — sem prejuízo da competência dos outros Ministérios e da autonomia dos Estados e Municípios — ela poderá melhor administrar as prioridades. Agir como estimuladora será melhor — e mais proveitoso — do que administrar a liberação de dinheiros escassos.

Penso, porém, que mais importante — do ponto de vista do meu governo — será a tomada de posição frontal relativamente à grande pobreza que resiste e subsiste no Nordeste. Temos de reconhecer que a meta dos programas governamentais terá de ser a redução drástica, como segundo passo para a eliminação do regime crônico de desemprego ou subemprego rural ou urbano.

Temos de melhorar as oportunidades de acesso à educação, que, no Nordeste, mostra grande defasagem, em relação ao resto do País, nos seus três aspectos: número dos que vão à escola de primeiro grau; proporção destes que ingressam no segundo; e parcela que vai à Universidade.

Nesse e nos demais campos, a ação federal no Nordeste tem por objetivo promover a aceleração necessária para que a região possa, em prazo certo e razoável, atingir os mesmos níveis de desenvolvimento do Brasil como um todo. Tanto em termos de produto interno, como de bem estar social; de qualidade de vida, como da posse dos bens que a tornam mais amena.

E, também, em termos de repartição dos frutos do trabalho entre todos e não apenas entre uns poucos. Lembrando, sempre, que os beneficiários do desenvolvimento do Nordeste não são os nordestinos, mas todos os brasileiros.

Pois não haverá Brasil próspero com Nordeste miserável.

Cresceremos, ou pereceremos, todos juntos.

E haveremos de crescer, na medida em que pudermos enfrentar as questões com a coragem de pensar, a franqueza de dizer, e a lealdade de não esconder.

Cada brasileiro terá a sua própria fórmula mágica para «salvar o Nordeste». Não tenho nenhuma. Tenho apenas um elenco de

políticas e estratégias que espero ampliar e consolidar com a ajuda da inteligência nordestina, no meu plano de governo.

Penso, como linhas básicas, ao longo das seguintes idéias:

— Desenvolvimento rural integrado, abrangendo o aumento das áreas plantadas e a introdução de tecnologia para melhorar o rendimento das culturas e sua resistência às secas. Esse programa não pode dissociar-se da melhoria das condições de vida no campo, expressa através de programas de saúde, de combate às grandes endemias, de eletrificação, de educação, de assistência social, de sindicalização e de respeito aos direitos dos trabalhadores.

— Industrialização, que contemple, em primeiro lugar, a agroindústria. Em segundo lugar, a transformação de matérias primas próprias da região e a utilização da mão-de-obra abundante e qualificável. Como a agroindústria, a industrialização de bens de consumo popular intensivo tem grande capacidade de interiorização. Dessa forma, será possível criar, também, atrativos para não agravar a pressão urbana nas capitais e regiões metropolitanas. Os grandes complexos industriais, assim como o início da implantação de certas unidades de produção de bens de capital — para os quais o fator de localização é menos importante — continuarão a merecer apoio do governo.

— Procuraremos consolidar e ampliar a estrutura de energia, transportes e comunicações — que tanto se expandiu sob os governos revolucionários — como pressuposto do progresso das atividades produtivas e, em certos casos, como indutora dele. Nesse particular, assinalo a integração de complexos industriais-portuários, do Maranhão à Bahia, passando pelo Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Pernambuco.

Tudo isso, entretanto, implica atenção para o desenvolvimento social. A começar pela educação, pela saúde pública, pelo combate às endemias, pelo saneamento básico, pela habitação digna, a preço acessível à maioria da população.

A política salarial há de ser entendida como um meio, ao mesmo tempo, de diminuição das diferenças interregionais e de elevação do padrão de vida da população.

De outra parte, o Nordeste tem evidente vocação para as indústrias de serviço e, muito em particular, para o desenvolvimento do turismo. As belezas naturais da região, sua gente e os equipamentos de que já dispõe devem ter sua utilização acentuada, especialmente quanto ao turismo doméstico.

Sei bem que tudo isso custa dinheiro. E muito.

Não pretendo fazer milagres.

Pretendo, sim, melhorar a eficiência da máquina administrativa, para que os recursos disponíveis não se desperdicem. Pretendo

evitar as superposições perdulárias de competências concorrentes. Pretendo desburocratizar. Pretendo agilizar.

Só não posso ficar indiferente diante da necessidade que temos de criar, nos próximos dez anos, pelo menos 5 milhões de empregos no Nordeste.

Nem quedar-me sem ação, diante de uma estrutura fundiária anacrônica. Respeitado o direito de quem possui a terra e a utiliza para a exploração econômica, e atendidas as necessidades dos produtos de plantio extensivo, que interessam ao Brasil, não é mais possível conviver com o minifúndio ineficiente e o latifúndio ocioso ou subutilizado.

Vamos querer, também, repensar o papel de certas culturas, como é o caso da cana de açúcar. Produto nobre da terra, a cana precisa ter uma política global, e não apenas de seus produtos. Diante da situação conhecida dos combustíveis, o Brasil pode ter aqui no Nordeste um dos pilares da indústria sucroquímica. Do álcool como combustível, em substituição aos derivados de petróleo, para a indústria química de vulto.

Sei que a ação governamental na região tem de ser estimuladora da iniciativa privada. Ousada para pensar e exata no definir. Só assim será possível, de mãos dadas, governo, povo, empresários e trabalhadores caminharem para o único futuro digno dos brasileiros destas bandas: para que não haja tantos com muito em poucos lugares, e tantos com tão pouco, em tantas partes do Brasil.

O que formos capazes de fazer, no Nordeste, será a medida com que os brasileiros serão medidos, no campo da justiça social.

E, portanto, da paz, de que todos precisamos, para viver neste mundo que Deus nos deu.

Muito obrigado.

OLINDA — PE — 11-08-78

MOSTEIRO DE SÃO BENTO
ENCONTRO COM PROFESSORES DAS FACULDADES
DE DIREITO PERNAMBUCANAS E SECRETÁRIOS DE
ESTADO

É para mim motivo de alegria poder passar alguns momentos deste dia 11 de agosto aqui no mosteiro de São Bento. Peço licença ao Dom Abade para falar de coisas que, sendo temporais, são também de Deus, como fonte de toda lei.

O Brasil atravessa, nestes dias, um momento importante e delicado de sua história republicana: um instante fecundo de transição.

As emendas constitucionais propostas ao Congresso Nacional pelo Presidente Ernesto Geisel representam o princípio da restauração da ordem jurídica, com a qual a Revolução está comprometida de boa-fé. Com elas, retomamos o processo iniciado por Castello Branco, com a Constituição de 1967.

Qualquer regime jurídico é compromisso, através do qual a sociedade, impossibilitada de resolver todos os seus conflitos, aspirações e ansiedades, procura conciliá-los, na limitação das construções humanas, imperfeitas por definição.

Tenho que a evolução do Direito é um processo contínuo, infindável. Da mesma forma que o é a evolução da própria sociedade, e do Estado, que a representa.

Entretanto, as instituições de Direito — além de representarem a conciliação possível em sua época — são duradouras, na medida em que alicerçadas no respeito a certos princípios, como, no nosso caso, à concepção cristã e democrática da vida social.

São esses fins de Direito e esses princípios que as reformas do Presidente Geisel pretendem restaurar. Com elas, a Revolução concretiza as suas intenções primeiras e busca ao mesmo tempo criar condições para que o Brasil atinja os ideais de paz e bem-estar, dentro da ordem com liberdade, que só se conseguem a partir do Direito.

É com tais reflexões que chego a esta matriz do ensino jurídico brasileiro. Especialmente em vista do caráter eminentemente conceitual do estudo do Direito na Escola do Recife.

Inevitavelmente, por isso, o pensamento se volta para os nomes dos grandes mestres, como Teixeira de Freitas, Clóvis Bevilacqua e Tobias Barreto. A própria atividade normativa dos dois primeiros, na codificação do Direito Civil, está impregnada do conteúdo conceitual inerente ao espírito daqueles dois grandes nordestinos.

A vida e a obra de Paula Batista, Zacarias de Góis, Martins Júnior, exprimem a continuidade do espírito da grande escola brasileira. E, convém lembrar, Rui Barbosa iniciou seu curso no Recife, onde adquiriu os princípios que serviram de base, depois, à sua gigantesca obra de caráter normativo.

De sua parte, a outra grande escola de Direito, a paulista, irmã da que começou aqui em Olinda, inclinou-se mais para a criação dos instrumentos que podem dar vivência aos conceitos normativos. Não posso deixar de recordar os nomes de José Bonifácio, o Moço, na transformação do parlamentarismo; Joaquim Nabuco, na vitória do abolicionismo; Campos Salles, Prudente de Moraes, Rodrigues Alves, Júlio de Castilhos e João Pinheiro, na implantação e consolidação da República; e Rio Branco, no direito internacional.

As sociedades humanas não podem prescindir do Direito, como meio de atingir os fins do Estado — apesar de todas as mudanças trazidas pelas novas condições da vida. Os conceitos de Estado Democrático, para o qual se encaminha firmemente o Brasil, são conhecidos. O que varia, conforme as condições históricas e sociais de cada povo, em cada momento, é a norma, ou seja, a utilização do Direito como motor do bem-estar, da ordem e do progresso sociais.

Nesse contexto, é válido lembrar que o Brasil independente nasceu — e vive até hoje — sob os influxos da ordem jurídica. E é notável registrar que a preocupação com o ensino do Direito transparece desde as primeiras manifestações da Assembléia Geral e Constituinte, convocada pelo Imperador.

Os dois cursos, o de Olinda e o de São Paulo, criados há 151 anos, significaram, também, a formulação do pensamento jurídico da nova nação. Só assim foi possível institucionalizar a independência política num corpo de doutrina democrática, ao qual o Brasil sempre retorna, como faz agora.

Sob essas inspirações, venho aqui dizer que não entendo o desenvolvimento se não for integrado. Isto é, se não for geograficamente abrangente, não tiver caráter econômico-social e não se fizer dentro da Lei e sob o Direito.

Neste momento histórico, sob a direção do eminente Presidente Ernesto Geisel, o Brasil retoma o curso de sua tradição histórica e constitucional. E o faz sob o gradualismo daqueles que, sendo rea-

listas, sabem que é preciso, às vezes, andar por etapas, para não ter de recuar.

Em toda caminhada — por longa que seja — há sempre um primeiro passo. E outro depois deste. E mais um depois daquele. É assim a vida das sociedades humanas.

A caminhada começou.

E continuará, sob o meu Governo, com prudência e firmeza. E com a decisão de prosseguir e completar a reordenação jurídica de nossas instituições.

Esse o compromisso que quis assumir aqui, sob as bênçãos de São Bento, e ao lado dos monjes beneditinos, tão intimamente ligados à civilização pernambucana.

Muito obrigado.

PRESIDENTE PRUDENTE — 21-08-78

DELEGACIA DA RECEITA TRIBUTÁRIA
INAUGURAÇÃO DAS NOVAS INSTALAÇÕES

Eu e o Dr. Aureliano Chaves ficamos muito agradecidos e desvanecidos com a recepção que o povo desta terra tão generosamente nos tributou. Tenho certeza de que essa recepção foi espontânea, como espontâneo é tudo que parte do povo paulista. Em todas as ocasiões da história e naquelas oportunidades em que pude participar junto com o povo paulista, ele sempre soube aplaudir aquilo que sente e que está na sua consciência, repelindo com veemência aquilo de que discorda. Muito ao meu estilo, porque eu gosto daqueles que são sinceros e que não escondem o seu pensamento. Tenho certeza, repito, de que ele aqui está de plena vontade, talvez um pouco por curiosidade, para me conhecer mais de perto, mas, no fundo, tenho a certeza de que veio porque quis. Eu não poderia esperar outra coisa da gente desta terra, ao iniciar oficialmente a minha campanha por esta região, a região, como há pouco nos disse o nosso Governador Paulo Egydio, de gente que sabe dizer não, mas, que não esconde aquelas ocasiões em que sabe dizer sim. Eu quis iniciar por esta região, significando que venho ao encontro daqueles que produzem a riqueza e não daqueles que a consomem. Venho ao encontro daqueles que vivem da terra e para a terra, e que a defendem como a defenderam os nossos antepassados. Daí por que me sinto à vontade entre os senhores. Homem do povo que sou, venho aqui para dizer-lhes que entre as minhas preocupações está aquilo que Deus, na sua benevolência, nos permite tirar desta terra generosa, e é com ela que iremos construir a riqueza deste país. Estive aqui há onze anos atrás, ainda como Coronel que comandava a gloriosa Força Pública de São Paulo, e já constatei, após esses quase onze anos de ausência, o quanto esta gente da fronteira de São Paulo fez por este Estado, e quero me congratular com o Sr. Prefeito e com os seus antecessores pelo trabalho magnífico que fizeram em prol da sociedade paulista radicada nestas bandas. Aos senhores que tiveram confiança nesses homens peço que acreditem

um pouco na minha palavra, no que eu tenho dito por este Brasil afora: apóiem os nossos candidatos, porque com eles estou certo de que não hei de faltar àqueles compromissos que tenho assumido, nem permitir jamais que o meu Governo se desvie das nossas instituições cristãs.

Muito obrigado aos senhores.

Vim a terras paulistas dando início oficial à campanha da Aliança Renovadora Nacional. E fi-lo a propósito. Quis de fato prestigiar a terra de onde saíram os homens que delinearão as nossas fronteiras, os bandeirantes. E que, não cansados do denodo, da coragem e do sacrifício, ainda tiveram forças para estar junto aos outros brasileiros na nossa independência. E, mais adiante, na proclamação da nossa República. E nunca se cansaram, a ponto de irem ao sacrifício de 1932. Vim esta tarde para dizer que chegou o momento de São Paulo não ser apenas a locomotiva econômica do nosso País. São Paulo tem que assumir por força da vontade de sua gente, por força do voto de seu povo, o papel de locomotiva política do Brasil. E não poderia eu, como candidato, com essas idéias em mente, deixar de vir aqui para dizer quais são aquelas minhas outras idéias, a que me proponho. Não trago para os paulistas nenhuma fórmula milagrosa, mas trago a minha força de vontade. A minha força de vontade, que há de impulsionar as minhas boas intenções. E trago também a esperança de que o povo desta terra saberá compreender a sinceridade das minhas palavras.

Como idéia primeira, reafirmo que o Brasil continuará uma democracia cristã, a despeito de quaisquer idéias que venham de outras fronteiras, a despeito de quaisquer agitações que se possam fazer. Havemos de construir nesta terra uma democracia cristã, que elegerá, em primeiro lugar, como sua meta maior, como sua riqueza maior, o homem. E quem fala em homem brasileiro fala em saúde, fala em educação, fala em bem-estar. E falar em saúde é falar, em primeiro lugar, em boa alimentação. Eu não poderia, portanto, deixar de vir hoje prestigiar aquela terra que é a principal responsável pelo abastecimento de São Paulo em carne, em leite e em industrializados, e que ainda tem força para exportar para o resto do País. Mas quem fala em alimentação, quem fala em produtos agropecuários, tem, necessariamente, que falar em infra-

estrutura agropecuária. De nada adianta produzir se o produtor não receber pelo produto de seu trabalho o preço justo, e se não dispu- ser de armazenagem e transporte que permitam a comercialização a tempo dos seus produtos.

E falar em saúde é falar em assistência social aos menos favorecidos, em assistência médica imediata. E falar em saúde é fa- lar também nos velhos, na previdência social. E em educação. Não a educação elitista que nós todos estamos acostumados a ver, mas aquela educação que só virá produzir riqueza para o País, que é a educação que os senhores, no Oeste paulista, tiveram. A pronta abertura de nossas escolas deve ocorrer de tal modo que o estudan- te, no fim do curso, não se sinta um frustrado. Será necessário que ele encontre, ao fim de tanto esforço, um mercado de trabalho que o receba de braços abertos. E falar no homem, em saúde e em edu- cação é falar também na sua preparação política, para que ele se integre, de fato, na sociedade, e possa servir, no futuro, como diri- gente da nação.

Nada disso seria suficiente, se não tivéssemos a intenção de dar ao homem do campo as melhores condições, para que não assistamos a esse espetáculo, de uns 30 anos para cá, do êxodo ru- ral, em que nossos grandes centros urbanos se tornam um dos prin- cipais problemas para os governantes, consumindo grande parte dos erários estadual e federal para dar habitação e salário dignos ao ho- mem do campo. Precisamos fazer com que o nosso agricultor, o nosso criador, se convençam de que têm melhores condições de vida onde eles produzem, onde eles criam, a fim de que daqui a dois anos não assistamos ao espetáculo de ver a nossa Grande. São Paulo se transformar num caos.

Só isso, meus senhores, já é um programa de governo. E maior ain- da, se for possível produzir excedentes que possam ser exportados a fim de equilibrar a nossa balança comercial. Devemos pensar em descentra- lizar as nossas indústrias, fazendo com que o nosso interior, seja, de fato, uma sociedade completa, desanuviando um pouco os horizontes dos nossos grandes centros.

Repito aos senhores: trago boas intenções. E hei de levá-las à frente, espero, com a ajuda dos senhores, porque não me será possível concretizar nenhuma dessas idéias se eu não dispuser de quadros eleitos pelo partido que me escolheu como candidato. Al- guns afirmam que tenho feito muitas promessas. Alguns chegam a me desafiar, dizendo que sou muito pródigo em afirmações. O que eu desejo é que as minhas intenções se transformem, no futuro, em afirmações, mercê da vontade e da ajuda que os senhores poderão dar-me. Uma delas, entretanto, eu desejo reafirmar neste momento; é que, a despeito de quaisquer dificuldades que eu possa enfrentar, a despeito de quaisquer resultados a que as nossas eleições possam conduzir, hei de fazer deste País uma democracia. Hei de fazer des-

te País uma democracia, por persuasão, porque chegará o dia em que até os nossos adversários hão de se convencer de que nós falamos a verdade. E se amanhã isto for possível, se alguma coisa do que tenho dito for possível, eu quero retornar a estas terras, para dizer que o êxito foi dos senhores, que esse bom êxito só foi possível pelo apoio que aqui recebi e pela ajuda que hão de me dar os homens de São Paulo. E se eu fracassar, a culpa será minha, porque não tive força de vontade para criar os instrumentos necessários. Confio em Deus em que ao fim da nossa campanha, conhecendo como conheço o homem brasileiro, teremos votos, muitos votos até do MDB, porque convencidos de que a razão está conosco e, se eles pregam a democracia para daqui a três anos, num governo de transição, eu a prego para depois de amanhã. Porque vou numa andadura lenta, gradual e segura, e meu cavalo não vai se cansar. Tenho certeza de que hei de chegar à meta a que nos propusemos, e tenho certeza de que lá havemos de esperar o abraço dos nossos adversários. Temos que chegar juntos porque todos nós, enfim, só queremos o bem do Brasil.

Muito obrigado.

Eu poderia repetir aqui aquelas palavras há pouco pronunciadas em Araçatuba, mas antes desejo dizer da satisfação minha e do meu amigo Dr. Aureliano Chaves pela recepção que o povo de Jales nos proporcionou, por essa generosa acolhida e também — por que não dizer? — pelo entusiasmo demonstrado à nossa chegada. Poderia repetir, dizia eu, que vim à terra paulista fundamentado no exemplo daqueles bandeirantes que delimitaram o território da nossa Pátria, fundamentado no exemplo dos paulistas presentes a todos os episódios históricos da nossa terra, à nossa Independência e à proclamação da nossa República. Que estiveram presentes em defesa da lei em 1932, que estiveram presentes pela vontade da mulher paulista naquelas belíssimas passeatas de 1964, que estiveram presentes inclusive com a governança do Estado para nos dar o exemplo do que nós, militares de então, deveríamos fazer a 31 de março.

E poderia acrescentar que vim aqui imbuído desse espírito, para junto dos paulistas levar um pouco do seu estímulo aos outros Estados, e dizer aos demais brasileiros que nesta nossa pregação não estamos sozinhos, que o povo paulista saberá estar ao nosso lado, porque ele tem acreditado na nossa palavra; dizer aos nossos outros patrícios que os paulistas sabem que eu não trago nenhum remédio milagroso para dar prosperidade imediata ao Brasil, mas que os paulistas sabem que eu o o Dr. Aureliano Chaves queremos e temos de querer sempre uma democracia cristã fundamentada naquele lema que está na nossa bandeira, uma democracia progressista e com ordem, uma democracia refratária às idéias dos pseudo-democratas que longe de apresentarem soluções para o sofrimento de nossa gente menos abastada, menos favorecida, se aproveitam dos seus sofrimentos para deles fazer bandeira eleitoral. O que não queremos, o que não aceitamos, o que não admitimos, o que temos de combater, são essas falsas idéias com que querem enganar a nossa gente.

Trago aqui a minha palavra de confiança no povo paulista e a certeza de que saberá compreender as intenções com que iremos enfrentar esta jornada, intenções, dizia eu em Araçatuba, que têm como único aval a minha força de vontade. Trago a minha fé, a fé no futuro da nossa pátria e a esperança de que um dia, talvez não muito longe, os brasileiros hão de ter a certeza de que nós é que falamos a verdade, e quando falamos a verdade concitamos a nossa gente a voltar-se para a agropecuária, cultivar esta terra que o bandeirante com tanto esforço e sacrifício conquistou, a fim de arrancar dela não só os alimentos de que o nosso povo precisa mas também as divisas que nos permitirão importar aquilo de que necessitamos. Os senhores irão compreender bem o que significa dar ênfase à agropecuária, o que significa isso como um plano de Governo em infra-estrutura de pesquisa, de ligação, de transporte, de armazenagem e também — por que não dizer? — de facilidade na comercialização dos nossos produtos, tarefa árdua, tarefa pesada, dados os nossos poucos recursos, mas que bem iniciada e compreendida poderá nos levar a equilibrar a nossa balança comercial e trazer riquezas capazes de melhorar a vida dos menos favorecidos e impedir que o exódo rural transforme as nossas metrópoles em problemas sem solução para os nossos governante governantes.

Tenho a certeza que o povo de Jales, agricultor e pecuarista, não necessita das minhas palavras como incentivo, mas quero levar daqui a certeza de que poderei dizer aos demais brasileiros que o povo de Jales pensa como eu e irá dar o seu apoio àquelas minhas intenções. Àqueles que não acreditam nas nossas afirmações, àqueles que duvidam da nossa sinceridade apenas por bandeira eleitoral, estendemos as nossas mãos e concitamos a que se juntem a nós, para que unidos possamos encetar esta caminhada em prol de um progresso mais rápido para nossa gente.

Vim aqui à terra paulista lembrando-me da história da sua gente, e saio daqui levando a esperança e a crença da sua gente no futuro do Brasil. Não queremos pensar em partidos nesta nossa caminhada, mas para que o meu programa de governo possa ser bem encaminhado desde logo, necessito contar com aqueles que acreditam nas minhas palavras, e por isso venho pedir o apoio do povo de Jales aos homens do meu Partido, aos homens do meu Partido e aos do outro Partido, se a nossa peregrinação conseguir ao fim convencê-los de que só nós é que estaremos em condições de encetar tal programa dentro da legalidade democrática.

Amanhã, quando aqui voltar talvez já governante de nossa Pátria, virei pedir aos senhores, trabalhadores que são do campo, sugestões para que eu possa continuar seguro nessa trilha e também para buscar estímulo a fim de que não me desvie jamais daquelas intenções com que vou iniciar o meu Governo.

Muito obrigado aos senhores.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO — SP — 21-08-78

PRAÇA RUY BARBOSA
CONCENTRAÇÃO ARENISTA

Vim a terras paulistas com uma palavra de fé, com uma palavra de esperança. E hoje saio desta praça de São José do Rio Preto com mais fé e com mais esperança, porque vi o entusiasmo do povo desta terra. Vim aqui inspirar-me no espírito dos bandeirantes, vim aqui imbuir-me um pouco do espírito dos bandeirantes, vim aqui render preito à gente paulista na figura de sua mulher, quando, em 1964, concitou a nós, os homens, a que assumíssemos a atitude exigida pela pátria. Vim aqui despido da minha farda, mas pensando em tratar a gente da minha terra como eu tratava os meus soldados, e sinto que não vai ser difícil. Ter aquele mesmo procedimento de carinho e amor que tinha pelos meus subordinados nos quartéis. Ter aquele mesmo amor e carinho. Eu sinto que posso tê-los, junto com o povo da minha terra.

Soldado que fui fardado, posso agora tornar-me um simples soldado da democracia, e como soldado da democracia, tão disciplinado como fui quando fardado, rendo as minhas homenagens ao candidato a governador de São Paulo. Sabidamente não era ele o meu candidato, mas a decisão da maioria escolheu o Dr. Paulo Salim Maluf e esta aceitação do desejo da maioria é a primeira eleição democrática que eu me imponho, e me imponho com satisfação, porque só com atitudes como esta é que conseguiremos praticar a verdadeira e sã democracia.

Venho com intenções que a maioria do povo brasileiro já conhece através de meus pronunciamentos, mas que eu desejo transformar em afirmações positivas, afirmações positivas que só serão possíveis se amanhã eu puder contar com o apoio da gente paulista. Aquele apoio que não faltou aos constitucionalistas de 1932 eu venho cobrar novamente em 1978 da gente de São Paulo, porque preciso desse apoio. Não apenas do apoio do voto, essencial para que

eu possa escolher entre os mais votados, entre os escolhidos pelo povo, aqueles que irão me auxiliar na governança do país. Mas preciso também do apoio, de entusiasmo de todos, indiscriminadamente.

Candidato à Presidência da República através de uma eleição indireta, poderia parecer estranho que eu viesse à praça pública pedir o apoio e o entusiasmo do povo. Achei que seria dever meu fazer com que o povo da minha terra conhecesse um pouco das minhas idéias e até delas discordasse, a fim de que amanhã, quando for possível concretizar aquelas promessas que tenho feito de aperfeiçoar o nosso regime democrático, eu saiba onde buscar os votos de que necessitarei. Nas afirmações que tenho feito, em forma de intenções, reafirmo nesta praça pública que hei de fazer deste país uma democracia, hei de transformar nossa pátria numa democracia de que os nossos filhos e os nossos netos se orgulhem, aquela democracia cujos elementos básicos desde o grupo escolar as nossas professoras nos ensinaram, e que tem por princípio uma formação cristã. A maior nação do continente de fé católica considera imprescindível uma democracia cristã, escudada contra aqueles elementos que, arautos de pretensas liberdades democráticas, querem nos impingir uma democracia fantoche, uma democracia que finge que o povo tem vontade, mas no fundo quem tem vontade é a cúpula.

Ouçoo vozes da oposição exigindo para já uma abertura democrática total, mas o seu candidato diz que necessita de um governo de transição de três anos para atingi-la. O meu já é para daqui a pouco, talvez para depois de amanhã, sem transições. O ritmo da nossa abertura depende da vontade dos eleitores, são os senhores eleitores que vão dizer qual o ritmo que devo adotar para alcançarmos a plenitude democrática. É a vontade do povo, expressa nas urnas, que vai dizê-lo.

Daí por que eu disse que saio esperançoso. Irei levar aos demais Estados a confiança e o entusiasmo que vi aqui nos olhos dos senhores, certo de que já existem milhões de brasileiros que acreditam nas nossas verdades e sabem que eu não ia abandonar o meu exército, ao qual dediquei 43 anos de vida, não ia abandonar o meu exército para vir à praça pública mistificar o povo.

Repito o que tenho dito em terras de São Paulo: não trago fórmulas milagrosas, mas trago muita força de vontade. E com esta força e com o entusiasmo do povo de minha terra hei de conseguir aquela democracia que todos nós almejamos, sem necessidade de ir buscar exemplos outros que não os ditados pela nossa formação cristã, pela nossa história e pelas nossas tradições.

Vou por este Brasil afora, repito, levando daqui o entusiasmo desta gente e a certeza de que São Paulo em 15 de novembro, através do voto, vai dar o primeiro passo para que esta terra deixe de

ser apenas a locomotiva econômica do país e passe a ser o seu carro-chefe político.

Para isso, conto com o voto dos senhores. O voto nos candidatos do meu Partido, o Partido que depositou confiança em mim e me fez abandonar aquilo que de mais querido eu tinha, que era o meu quartel, certo de que poderia com o meu entusiasmo, com o entusiasmo da gente de São Paulo e com o apoio de todos esses homens que me acompanham, fazer de São Paulo, de fato, a cabeça política do país.

Muito obrigado aos senhores.

CATANDUVA — SP — 22-08-78

TREVO SOBRE A SP-520
INAUGURAÇÃO

Ao dirigir-me ao povo de Catanduva, desejo de início agradecer a calorosa manifestação com que me recebeu, a mim e ao Dr. Aureliano Chaves, mas depois de ouvir as palavras do prefeito desta cidade achei do meu dever dizer algo. Confesso que me surpreenderam as palavras do senhor prefeito. Se êxitos tive, através da minha vida militar, eu os tive porque achei sempre que era meu dever retribuir com o máximo de esforço aquilo que a Nação me dava. Por isso estudei. Estudei e tive sorte, e mereci as bênçãos de Deus.

Rendo aqui as minhas homenagens àqueles meus companheiros de estudo, alguns não menos esforçados e muito mais brilhantes do que eu, e que só não se classificaram na minha frente porque não tiveram a sorte que eu tive.

Disse o Senhor Prefeito que sou um homem preparado. Sou, de fato homem preparado para suportar as vicissitudes da vida, para ser derrotado e começar tudo de novo. Se alguma coisa estes anos de estudo me deram foi a força de vontade, robustecida pela oportunidade de conhecer o nosso povo nestas viagens pelo Brasil afora. Estas duas coisas, a minha força de vontade e o conhecimento que eu tenho da nossa gente, constituem a bagagem que eu trago para assumir a Presidência da República. O resto vai depender dos senhores. Porque eu tenho aprendido muita coisa em contato com soldados em traje civil. É a mesma gente que sofre, que sente, que ama, com as qualidades e os defeitos de todo ser humano, mas que tem uma característica, que é saber quem fala a verdade. E é por sentir isso que tenho confiança, tenho confiança em que o povo sabe quem está tentando enganá-lo e quem tem o verdadeiro propósito de lutar pelo seu bem-estar.

Confesso-me sumamente lisonjeado e desvanecido em face de tudo que vi aqui em Catanduva, e pelo que ouvi do Senhor Prefeito desta cidade tão aprazível. Digo isto porque já sinto gosto por Ca-

tanduva, só pela manifestação, e pelo olhar do seu povo. E é levando este olhar de esperança e contando com o apoio desta gente que vou continuar a minha peregrinação. Vez por outra voltarei meus olhos para cá, para lembrar-me de que aqui ficou uma população que me apóia, e que não vai permitir que eu me desencaminhe ou que perca o meu impulso inicial.

Muito obrigado aos senhores.

BAURU — SP — 22-08-78

BAURU ESPORTE CLUBE
ALMOÇO COM LÍDERES POLÍTICOS

Desejo agradecer comovido à manifestação que o povo de Bauru, capitaneado pelo Sr. Prefeito Osvaldo Sbeghen, proporcionou a mim e a meu companheiro, Aureliano Chaves. A generosa recepção já fora o suficiente para nos deixar por demais agradecidos, mas o povo de Bauru, pela palavra de seu Prefeito, teve ainda a gentileza de me considerar hóspede oficial da cidade, gesto que mais ainda aumentou a minha emoção.

E, não satisfeito ainda, o povo de Bauru me honrou com a palavra do meu dileto amigo, deputado Alcides Franciscato, companheiro de horas boas e más, que me inspira entusiasmo nas horas de depressão, me inspira confiança pelo seu entusiasmo. O povo de Bauru ainda me ofertou um regalo, que veio acompanhado daquelas palavras generosas do deputado Franciscato. Palavras generosas e suspeitas, porque sei que falou mais alto a amizade que me dedica quando pintou um quadro exagerado pelo coração, mas não tão exagerado ao dizer que sou rude e franco. Peço ao povo de Bauru que, além da hospitalidade, tenha comigo também um pouco de compreensão. Sou rude e franco porque é do meu temperamento.

Já estou muito velho para mudar, e as verdades às vezes têm de vir revestidas de franqueza para soarem mais alto, como dizia Bergehardt: «Fazer as verdades vibrarem bem sonoras, como os plim-plim de esporas». Algumas verdades têm de ser ditas e às vezes doem. Às vezes doem pela maneira de ser ditas, mas são tão rudes na sua essência que não precisam rudeza no falar.

Outras, ao contrário, para que a gente se aperceba da sua importância, têm de ser ditas rudemente, para mostrar, com a nossa agressividade, que nós estamos de acordo com ela. Eu peço ao povo de Bauru compreensão para com meu temperamento. Se for preciso modificá-lo e passar a dizer as verdades com tibieza, eu prefiro parar. Desejo ir até o fim sendo o que sempre fui. Durante os meus 43

anos de vida militar, graças a Deus, nos momentos mais graves por que passei, nenhum chefe teve dúvidas sobre qual era o meu pensamento.

Até mau conspirador eu fui, pois sempre ia a meus chefes e dizia que ia conspirar, porque não sei esconder a verdade. Se preciso for, para ganhar as eleições, esconder ao povo de minha terra o que eu penso, o que eu sinto, então é melhor o povo buscar outro candidato, porque eu não sirvo. Por isso, peço ao povo de Bauru um pouco de compreensão, para as minhas irascibilidades às vezes, porque nelas está a essência de minha personalidade. Ao agradecer esta generosa acolhida, levo daqui todos estes gestos de cortesia que tiveram para comigo e para com o meu amigo Dr. Aureliano Chaves, e posso dizer lá fora que aqui o povo soube me ouvir e, tenho a certeza, será compreensivo para comigo.

Muito obrigado.

CLUBE PINHEIROS
JANTAR COM LÍDERES POLÍTICOS.

Os 1.011 quilômetros que acabo de percorrer, neste Estado, permitiram que eu chegasse a São Paulo de Piratininga edificado pelo exemplo de operosidade e dedicação dos paulistas. Vi homens que plantam e colhem. Vi indústrias. Vi crianças que estudam e mulheres que trabalham. Falei com políticos. Ouvi o povo.

De tudo isso, trago a certeza de que o Brasil será tanto maior, quanto mais forte e progressista for São Paulo. Não preciso recordar-lhes seu papel insubstituível na formação da riqueza nacional.

Quero lembrar, porém, que a felicidade da pessoa humana não está apenas nos valores materiais. Depende tanto, ou mais, de outros valores sem expressão numérica ou monetária. Os paulistas, desde o início de sua história, souberam colocar as aspirações de liberdade, o espírito de aventura e descoberta, o amor à cultura, pelo menos em pé de igualdade com a produção e o comércio.

Não foi por acaso que a independência se cristalizou às margens do Ipiranga. Nem que tivesse como principal inspirador um paulista ilustre, como tantos outros que enobreceram o Império e dignificaram a República. A eminência dos paulistas, na política nacional, decorre do seu amor à causa pública e do desprendimento pelas glórias mundanas, de que deram tantos exemplos.

Chego aqui, por isso, lembrando que os paulistas nos deram a epopéia das Bandeiras. E se levantaram em armas, em 1932 — e falou disso com conhecimento de causa — só com o objetivo de ver restabelecida a ordem constitucional. E depois, em 1964, repetiram na praça pública, em forma inequívoca e eloqüente, a demonstração de que não compactuavam com o desvirtuamento das instituições republicanas, que então se pretendia.

Recordo, como se fosse ontem, o apoio da sociedade civil brasileira, que teve sua expressão máxima na marcha pacífica da família

paulista. Foi esta que deu às Forças Armadas o respaldo de que precisavam para a jornada de 31 de março.

Digo essas coisas, relembro esses fatos, para notar que estamos, novamente, num momento de transição.

Sob a liderança do presidente Ernesto Geisel, o Brasil retoma sua tradição jurídica e constitucional. Restabelecem-se as franquias democráticas, continuando o processo gradual, iniciado com o restabelecimento da liberdade da imprensa. Volta o «habeas corpus», na forma da Constituição. Revoga-se a legislação excepcional.

Enfim, restauram-se os postulados do Estado Democrático, na forma da melhor tradição brasileira.

A tudo isso pretendo dar seguimento no meu governo. Continuarei a caminhada iniciada agora. Promoverei a simplificação dos instrumentos legais de que o País dispõe, dentro do reordenamento jurídico iniciado com as reformas em estudo pelo Congresso Nacional.

Julgo necessário — e a isso consagrarei o meu tempo e a minha vontade — dar ao desenvolvimento social e político a mesma atenção que temos dado ao desenvolvimento econômico.

Não digo que já crescemos o bastante. Queremos crescer mais. Mas queremos que mais brasileiros participem equitativamente do bolo maior. A Revolução continua fiel aos seus princípios.

O que queremos hoje, como ontem, é o mesmo que queríamos na grande jornada de março de 64. E se muito conseguimos realizar, isso nos dá a visão do muito que ainda está por fazer. E que faremos.

Ora, todas as medidas que devem ser tomadas, na esteira das reformas políticas do Presidente Geisel, pressupõem uma expressiva maioria no Congresso Nacional. Maioria que deseje, sinceramente, chegar aos mesmos objetivos que nós, revolucionários. E, por isso, reconheça com altivez que a caminhada começou, e que cada passo deverá vir a seu tempo.

Essa maioria será constituída pelas bancadas da ARENA nas duas casas do Congresso Nacional.

Vindo do interior, chego reconfortado. Acho que podemos ganhar.

E sei que a vitória possível será tanto mais certa, quanto mais os líderes da ARENA paulista se dispuserem a caminhar juntos.

A sabedoria imemorial dos povos já demonstrou as vantagens da união de propósitos e de esforços. Mas provou, acima de tudo, o quanto é fácil reinar contra aqueles que estão divididos.

Meus amigos da ARENA paulista: esta é a hora da união. União para um Brasil maior. União para o bem de São Paulo. Bem

de São Paulo, que em 1932 uniu, no sangue e no sofrimento, milhares de brasileiros de toda a parte, que só queriam o bem maior do Brasil.

Espero que os líderes da ARENA paulista saibam ser dignos desse bem, como o foram os heróis da Revolução Constitucionalista de 1932.

Esta é a hora do bem do Brasil.

Muito obrigado.

SÃO PAULO — 23-08-78

QUARTEL GENERAL DO II EXÉRCITO
LIDO NO ENCONTRO COM LIDERANÇAS MILITA-
RES

Fico muito agradecido pela cortesia do general Dilermando, em reunir aqui os companheiros para me receberem dentro do protocolo militar, o que muito me sensibilizou. Fico agradecido aos senhores oficiais gerais por terem vindo aqui dar, com as suas presenças, um pouco mais de solenidade a esta reunião. Mas o meu objetivo era ter a oportunidade, não só de abraçar meus velhos companheiros, chefes alguns, subordinados outros, alunos que tiveram a desventura de passar por minhas mãos inábeis de professor, mas de voltar a ter esse convívio de quartel, que a força das circunstâncias fez com que eu não gozasse mais no meu dia-a-dia. Tenho repetido, e até sido censurado por isso, aquelas palavras que disse ao Presidente Geisel, quando tentou me convencer de que eu devia enfrentar essa empreitada, e que ele havia escolhido o meu nome para substituí-lo.

Disse ao presidente Geisel que a missão não era do meu temperamento, nem das minhas ambições, e que eu tinha me feito, desde menino, dentro dos quartéis. Dentro de um quartel eu sabia que me sentia bem. Embora não pudesse ser encarado como algo de excepcional, eu tinha a certeza de que não iria me sair tão mal. O de que eu gostava mesmo era ouvir a tropa marchar e os clarins tocarem. Seria muito difícil para mim esquecer todos esses anos, desde os quatro anos de idade, passados nos quartéis, naquele ambiente de sã camaradagem. E como me sentia infeliz a cada dia que terminava, quando o ambiente se desfazia. Daí por que, não raras vezes, morei dentro dos quartéis.

Por tudo isso, nesta oportunidade de estar com meus companheiros, quero declarar que apesar de as circunstâncias me terem lançado em direções outras, que nunca esperei, sempre tenho os meus olhos e meu coração voltados para o meu Exército. E tenho repetido, nos diversos quartéis que tenho visitado: quaisquer que

sejam as circunstâncias a que o futuro possa levar a nossa Pátria, não conseguirei despir a minha farda. Estarei sempre entre os meus companheiros, porque tenho a certeza de que junto aos meus companheiros estão a ordem e a lei. E eles irão dar guarida ao que for melhor e ao que for mais certo para o bem de nosso País.

Muito obrigado por tudo.

BELÉM—PA — 30-08-78

GINÁSIO JARBAS PASSARINHO
LIDO NO II CONGRESSO POLÍTICO DA ARENA DO
PARÁ

Inicialmente, desejo agradecer à direção da ARENA paraense o convite para que o candidato do Partido à Presidência da República viesse falar nesta Assembléia acolhedora. Esta minha visita à sede paraense do partido majoritário do País é oportunidade para rever figuras amigas, de expressiva significação na vida pública deste grande Estado. São, como eu, participantes solidários da política executada pelos Governos da Revolução. São seu apoio e suporte constantes.

A todos os companheiros, antigos e novos, os meus sinceros agradecimentos por sua presença aqui esta noite.

A tradição paraense é fértil de exemplos que dignificam a conduta de seus grandes líderes em momentos difíceis da vida nacional. Embora todo o Brasil viva um panorama de paz política, é oportuno assinalar a perfeita harmonia da ARENA paraense.

Peço, por isso, aos meus companheiros da ARENA do Pará que continuem nesse espírito de união. A coesão, tão bem personificada no futuro Governador Alacid Nunes e no Senador Jarbas Passarinho, é prenúncio da vitória que, estou certo, recolheremos aqui, nas eleições de 15 de novembro. Vitória para a consecução dos objetivos permanentes da Revolução: a continuação do progresso, do desenvolvimento econômico e do bem-estar da comunidade brasileira.

A realização desses ideais pressupõe toda uma série de «reformas políticas para um regime democrático», como está assinalado com propriedade no temário deste Congresso. Como já tenho dito, aquilo que o presidente Ernesto Geisel começou, eu continuarei. As emendas que serão votadas nos próximos dias são, reconhecidamente, muito mais do que os nossos adversários achavam possível ou, mesmo, indispensável. Para nós, entretanto, são apenas o começo, o ponto de partida.

O fim será a estruturação jurídica da sociedade brasileira em termos compatíveis com a evolução experimentada pelo País, nesta segunda metade do século. Há todo um direito novo a ser codificado. Há toda uma legislação a ser consolidada. Vou exemplificar.

As relações entre empregado e empregador, na sociedade industrial na qual nos aprofundamos, implicam toda uma filosofia nova, que torne mais real, direta e equânime a participação de todos nos frutos do trabalho comum.

A urbanização e metropolização das populações, que prossegue de modo inexorável, requer novos instrumentos e recursos adequados. A expansão urbana e a obrigação conseqüente de as autoridades resolverem problemas como os de transportes de massa, de saneamento básico, de vias expressas, de zoneamento, exigem novos conceitos, no que se refere ao uso do solo urbano. Isso para não falar na contribuição de melhoria, prevista na Construção, mas não regulamentada.

Nos últimos 30 anos, acentuou-se a presença do Estado na economia, ora como poder regulador ou concedente, ora agindo diretamente como produtor ou vendedor. As empresas do governo têm, nos casos constitucionais e nos setores pioneiros, de longa maturidade, uma ação insubstituível. Mas, nos demais casos, é preciso dar conseqüência à opção brasileira — correta, a meu ver — pelo regime de iniciativa privada. Dessa forma, e respeitada a função social do lucro, é preciso estabelecer limites realistas e não demagógicos à ação estatal na economia, de forma a valorizar o capital e o trabalho, em proveito de todos.

O direito do mar, tão importante, agora, em face do descobrimento da tecnologia para a exploração das riquezas encontradas sob o solo oceânico; o direito tributário; o direito da cultura, da história e da natureza; o direito de acesso ao progresso, sem prejuízo da qualidade da vida — são outros tantos campos em que teremos de promover sério esforço institucional ou regulamentar.

Não se trata, apenas, de fazer algumas leis novas. Trata-se, na verdade, de toda uma reordenação de institutos jurídicos, quando não da criação de novos. É um esforço de modernização, nessa área, comparável ao que tem sido feito, nos últimos 15 anos, nos campos do progresso material.

Esse trabalho requer, naturalmente, um Poder Legislativo afinado com a Revolução.

Que comungue dos mesmos ideais.

Que esteja disposto a dedicar-se ao estudo e à reflexão.

Voltado só para os interesses nacionais.

Acima da contestação, e afastado das ideologias estranhas à gente brasileira.

Por isso mesmo, os nossos candidatos à Câmara dos Deputados e às Assembléias Legislativas devem receber, nas eleições de 15 de novembro, a consagração dos brasileiros interessados no aperfeiçoamento das instituições democráticas.

Peço aos paraenses que os consagrem nas urnas. Assim como peço que escolham, entre os nossos candidatos ao Senado, Aluizio Chaves e Sílvio Meira. Junto com Gabriel Hermes e os Deputados Federais eleitos, eles terão pela frente uma imensa tarefa legislativa.

Os resultados que esperamos das urnas paraenses são aqueles que reconfortam e animam. Dessa forma se constata o apreço do povo pela continuidade administrativa, apanágio da Revolução, representada pelos presidentes Castello Branco, Costa e Silva, Médici e Geisel. A união entre o governo e o povo permite e facilita o aproveitamento, em benefício do soerguimento da sua economia, do imenso potencial da Amazônia. E — por que não dizer? — do Pará, em particular.

O Pará está organizando com eficiência a ocupação econômica e produtiva de seus espaços territoriais. Está agilizando seus setores de atividades. Assegurada a continuação dos programas em curso, como tenho por assentado, o Pará haverá de colocar-se, em tempo previsível, entre os mais avançados Estados da Federação.

Tenho sensibilidade para ouvir e sentir o povo. Para reconhecer seus anseios e aspirações. Sofro com as dificuldades dos que nada têm, além da prole e do futuro árido na terra cultivada com dificuldade. Penso nos que não têm pão. Vibro com a alegria da minha gente. E me orgulho daqueles que, como pude observar tantas vezes, aqui, enfrentam as maiores dificuldades para aprender a ler e a contar. Ou, às vezes, para estudar e fazer-se doutores.

A esses, aos que têm aspiração, apesar da penúria, da febre e dos obstáculos a vencer, renovo o compromisso da Revolução.

Nós não os esqueceremos.

Nem descansaremos sobre os resultados já recolhidos.

Estes servem para mostrar o muito que — unidos e vitoriosos — ainda temos por fazer.

Senhores dirigentes da ARENA, meus estimados correligionários:

Vim à histórica e hospitaleira Santa Maria de Belém do Grão Pará para este contato e para rever este grande centro da cultura, berço da conquista e da civilização da Amazônia. Rever Belém, a paisagem repousante de suas ruas cheias de frondosas mangueiras, o carinho de sua gente, é sentimento que nunca se distancia do meu coração e do coração dos meus familiares.

Por isso tudo, aqui me encontro de corpo e alma abertos. Volto o pensamento para o futuro e digo ao grande povo paraense que

não me faltarão a decisão e a firmeza para proporcionar ao Pará e à Amazônia tudo o que for em benefício do seu permanente crescimento e desenvolvimento.

Essa tarefa será tanto mais facilitada quanto mais eloquente for a votação que o povo der à nossa ARENA.

Com a ajuda de Deus e a compreensão do povo brasileiro, havei de realizar, no Governo, os ideais da Revolução de Março: um regime democrático, progressista, de paz e segurança para toda a Nação.

Um Governo respeitado pelo cumprimento pleno dos compromissos assumidos.

Muito obrigado.

BELÉM — PA — 31-08-78

SUDAM
LIDO NO ENCONTRO COM A DIREÇÃO DA SUPERINTENDÊNCIA

Ao chegar à Amazônia, o viajante observador notará que já passaram os dias da hipérbole vazia e do deslumbramento ufanista, que produziam planos inexecutáveis.

Historicamente, a fase dinâmica do desenvolvimento da Amazônia começa com a instituição, pelo Presidente Castello Branco, dos três principais instrumentos de progresso regional. Como os senhores sabem, eles são a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), que substituiu a antiga SPVEA; o Banco da Amazônia (BASA), no qual se transformou, com objetivos mais amplos e melhores recursos, o antigo Banco de Crédito da Borracha; e, finalmente, a Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), institucionalizada e reestruturada, após dez anos de inércia. Hoje, é possível dizer, com justiça, que o primeiro Presidente da Revolução iniciou, com essas medidas, a verdadeira revolução da Amazônia.

Terminaram aí os sonhos fantásticos, as ambições irrealizáveis. Começou a fase do realismo; do planejamento da ação; das diretrizes para o desenvolvimento coordenado; da mobilização de recursos para a sua execução.

A partir dessa plataforma, cuidou o Governo Federal de romper, primeiramente, o isolamento da região em relação ao resto do País.

As grandes obras de infra-estrutura portuária, aeroportuária e rodoviária realizaram no terreno a união consagrada há séculos pelo cimento do patriotismo.

Depois, vieram os programas de pesquisas, para melhor conhecimento da região a desenvolver. Com o RADAM, a Amazônia transforma-se em nova e importante província mineral. As jazidas de ferro, manganês, ouro, bauxita, cassiterita, calcários, sal-gema e tantas outras ocorrências de ferrosos e não-ferrosos produ-

zirão materiais de que o Brasil precisa para sua indústria ou para exportação.

Registro com satisfação os estudos para a ocupação e desenvolvimento integrado do vale do Tocantins, já em execução, com a hidrelétrica de Tucuruí, o aproveitamento de Carajás e o complexo de alumínio ALBRÁS/ALUNORTE. Este último projeto articula-se com a exploração da bauxita no vale de Trombetas, no município de Oriximiná. Os outros estudos — abrangendo o Xingu/Tipajós e o Rio Branco — são novas etapas, para outras tantas colocações ousadas.

A consequência natural dessas iniciativas foi a terceira etapa, na qual nos encontramos agora, de concentração de recursos humanos e materiais na promoção de setores vitais para a economia da Amazônia.

As participações societárias do FINAM, os financiamentos do BASA, as isenções de impostos, permitiram a implementação de centenas de projetos de mineração, de florestamento, de indústrias eletrotérmicas e eletrolíticas, de pesca empresarial, de lavouras selecionadas e de pecuária.

No campo dos serviços, o potencial da Amazônia para o turismo receptivo, doméstico e internacional está em vias de ser utilizado. Com o primeiro plano de turismo da Amazônia, o lazer poderá ser compatibilizado com a preservação do ecossistema — obrigação de hoje e de sempre.

E no setor da infra-estrutura econômico-social para o interior registro os resultados alcançados através do POLAMAZÔNIA. Sua continuação e a extensão de seus benefícios merecerão meus cuidados especiais.

Da mesma forma, assegurarei apoio à manutenção dos programas de exploração das riquezas minerais; ao complexo industrial-portuário de Itaquí; à expansão e consolidação das redes rodoviárias e de telecomunicações; ao saneamento básico; à formação de recursos humanos necessários ao desenvolvimento regional; à educação e à saúde; à pesquisa para identificação de novos recursos minerais e para desenvolvimento da agricultura e da pecuária adequadas ao solo e ao clima da região.

Esta não é uma promessa, mas a simples obrigação de honrar as iniciativas postas em marcha pelo eminente Presidente Ernesto Geisel. Nele, em seu patriotismo, a Amazônia tem um amigo e o Brasil um estadista de larga visão.

Essa a resposta dos fortes aos grandes desafios da Amazônia. Só os fracos e os timoratos deixam cair os braços, esmagados pela pequenez do homem ante a majestade da Hileia de Humboldt, La Condamine, von Martius, von Spix, Agassis e outros tantos cientis-

tas, estrangeiros e brasileiros, que a percorreram, descreveram ou catalogaram.

Rica e selvagem, quão bela e frágil, a Amazônia não é só uma enorme extensão de terra a dividir e cultivar. Essa é uma visão materialista da região, que o Brasil recusa.

Da mesma forma que rejeita quaisquer veleidades de «internacionalização» do controle ou da supervisão da área.

Quanto a este aspecto, a política do Brasil está expressa no chamado «Pacto Amazônico». Nele, os oito países da região — e só eles — se propõem, entre outros objetivos, à cooperação técnica e científica; a assegurar a liberdade de navegação, e à criação da estrutura adequada de transportes e comunicações. Fica proclamado, porém, que o uso e o aproveitamento exclusivo dos recursos naturais, nos territórios de cada país signatário, «é direito inerente à soberania do Estado».

Penso, assim, que a exploração dos recursos naturais da amazônia brasileira deve atender a quatro objetivos gerais igualmente importantes.

Em primeiro lugar, a ocupação e utilização do território deve basear-se na permanência das grandes áreas florestais contínuas, indispensáveis à preservação do equilíbrio ecológico e da vida na região.

Segundo, temos de criar condições para que, ao lado das grandes empresas industriais, comerciais, agrícolas, pecuárias ou florestais, vivam e prosperem as médias e pequenas empresas. Muitas delas têm base regional e são fruto do esforço pessoal de seus titulares e de suas famílias, não raro há gerações.

Terceiro, temos de adotar um modelo de desenvolvimento que permita a absorção dos excedentes de mão-de-obra, já existentes em certos lugares, e que pressionam as capitais e as cidades.

Quarto, a política de transportes deve permitir a utilização dos rios, meios naturais de intercâmbio comercial, entre as várias áreas. Essa política compreenderá uma estrutura de fretes capaz de dar aos produtos deste solo fértil condições de concorrência nos mercados nacionais e mundiais.

Para tudo isso, procurarei reforçar, com meios não inflacionários, os recursos da SUDAM e do BASA, a fim de que não falte apoio aos que querem criar riquezas.

No meu governo, a União manterá o regime de estímulos para o desenvolvimento sub-regional ou localizado. É o caso dos programas da SUFRAMA, em Manaus. Sua continuidade é essencial à cidade, ao Estado, à região, ao Brasil. Outros, como o de desenvolvimento do Médio Amazonas (PROMAN), o da região nordeste do Pará (PRONOPAR), os estudos para o desenvolvimento do vale do

Mearim, na pré-Amazônia maranhense, terão prosseguimento adequado.

Em muitas áreas, e cito o Acre como exemplo, temos de equacionar, para resolver, a questão da estrutura fundiária. Nesse particular, continuarão a ser respeitados os direitos dos que ocupam a terra e a exploram. Mas o Governo evitará ou corrigirá a ocupação irregular, em todas as suas modalidades.

Bem sei que os problemas regionais não se esgotam nesse modesto elenco. Precisamos institucionalizar uma política florestal que permita a exploração racional e a reposição das espécies destinadas à utilização industrial ou artesanal. A política florestal para a Amazônia é inseparável da de colonização, inclusive agroflorestal. Grandes e médias empresas deverão conviver com as pequenas, cada qual na sua vocação própria.

A política de incentivos fiscais para o desenvolvimento da Amazônia será mantida. Desejo regularizar a alocação dos recursos necessários, com base na arrecadação, independentemente do valor das opções, como já vem fazendo em bases anuais o Presidente Geisel. Da mesma forma, será necessário garantir recursos a baixo custo, ou a custo zero, ao BASA, para reforçar sua capacidade financeira. Uma possibilidade será permitir o depósito, no BASA, dos fundos à disposição dos órgãos e entidades federais, para aplicação na Amazônia.

Sei, também, que temos uma tarefa de gigantes para executar, no setor social. Precisamos ter certeza de que ao trabalhador da Amazônia — urbano e rural — será dado o acesso, que lhe é devido, à educação, à saúde, à previdência social, aos direitos trabalhistas e a todos os benefícios inerentes à sociedade justa, como a que desejamos alcançar no Brasil.

O desafio da Amazônia sugere, ainda no plano administrativo, novos aperfeiçoamentos do muito que já foi feito. De um lado, os Territórios — que um estadista brasileiro denominou de «províncias da República» — deverão assumir gradualmente, de acordo com a capacidade que demonstrarem, maior soma de autonomia na resolução das questões de seu próprio interesse.

No relacionamento entre a agência de desenvolvimento regional e os demais órgãos do Governo Federal e dos Estados, deveremos procurar o máximo possível de coordenação — respeitadas as autonomias dos outros sócios do progresso amazônico.

Falei, há pouco, da Hiléia dos cientistas, ou melhor, Hiléia de Deus.

Pois é em seu nome que os brasileiros desta geração haverão de trabalhar sem descanso para garantir, na floresta selvagem, a conservação de tantas espécies animais e vegetais que têm, aqui, seu abrigo final.

Para que possamos domar as águas e transformá-las em fonte de progresso e bem-estar.

Para que o chão batido dos passos cautelosos do índio que busca alimento seja, também, da caça que procura o barreiro.

Para dar a quem precisa uma parcela justa desta terra. E para que ela continue a devolver em miríades a semente fecundada pelo suor da nossa gente.

Para dar satisfação aos animais terrestres e às aves, cansados de ver passar os que derrubam por querer, matam sem razão, sujam e desfiguram a paisagem por desleixo, indiferentes à natureza amável ou trágica, mas igualmente perecível.

Para que sejamos dignos do dom que, nesta Amazônia, recebemos do nosso Criador.

Muito obrigado.

RIO DE JANEIRO — RJ — 03-09-78

JACAREPAGUÁ — RESIDÊNCIA PARTICULAR DO
CEL ROBERTO DE MOURA
CHURRASCO DE CONFRATERNIZAÇÃO

Agradeço sinceramente comovido a oportunidade que Roberto de Moura me deu, reunindo aqui em sua casa os companheiros de armas, amigos, chefes, ex-alunos, companheiros de turma, que possuem entre si o denominador comum de terem vivido comigo os dias difíceis de 31 de março de 64.

Agradeço sinceramente comovido as palavras benevolentes e generosas pronunciadas pelo meu Comandante, General Aragão. Palavras exageradas no seu sentido, porque ninguém, nem mesmo eu com a força de vontade que reconheço que tenho, conseguiu superar o General Aragão em demonstrações de virtudes militares no dia-a-dia dos quartéis, exemplo que foi para mim como chefe, como professor, como amigo. Em cada atitude sua eu o via tentando incutir em seus subordinados aqueles mesmos princípios que, tenho certeza, ele recebeu do meu pai como aspirante. Engana-se, portanto, o General Aragão ao afirmar que eu consegui suplantá-lo. O que eu tive, General, foi a benevolência dos amigos, dos companheiros e dos chefes, que sempre estimularam meus esforços para suplantar minhas deficiências e sempre souberam perdoar, às vezes até cometendo injustiças, as minhas fraquezas, que o General Aragão sabe que não são poucas.

Tenho a satisfação de verificar, na oportunidade desta reunião entre amigos que, repito, viveram as aflições de 31 de março de 64, que se as circunstâncias me levaram até onde estou hoje estes amigos que aqui vieram não mudaram os seus ideais. Não permitiram que a ambição, a inveja, desvirtuassem aqueles mesmos princípios que defendemos em 31 de março.

Mais do que isto, amigos que são, continuaram durante 43 anos da minha vida militar acreditando um pouco nas minhas afirmações. Continuaram leais e fiéis à causa que defendemos. Minha

satisfação é ainda maior, por saber que, apesar de todas as dificuldades que terei pela frente, eles acreditam que eu também não mudei.

Se é verdade que os dias são outros para o nosso País, se é verdade que partimos para uma abertura democrática, e que visamos à normalização política do País, verdade é também que estamos perfeitamente cientes de que defendemos aquilo por que nos batemos em 31 de março. Se houve necessidade de momentaneamente nos desviarmos daquela diretriz, daquele rumo que nós traçamos, é verdade também que nunca abandonamos a idéia de ver a nossa Revolução retomar os rumos iniciais.

E sinto assim, com satisfação, que os verdadeiros amigos, aqueles que nunca deixaram de acreditar na minha sinceridade, de tenente a general, continuam acreditando que as minhas intenções são as mesmas de 31 de março, desejando para nossa Pátria uma democracia de acordo com os nossos costumes e com as nossas tradições, dentro dos princípios cristãos, e repelindo violentamente — com a mesma violência de 31 de março — quaisquer desvios para ideologias extremistas. E é verdade, também, que dentro dessa democracia que eu e todos os senhores almejamos não há lugar para desordens, não há lugar para desvios ou para pressões que levem o povo a desacreditar da nossa causa. Não há lugar para infidelidades ou esquecimentos das nossas proposições passadas. Continuamos, nós, os mesmos. Outros mudaram, mas nós seguiremos em frente, tenho a certeza, com o apoio de todos os amigos. E se amanhã não for possível isto, não nos acusem de falta de sinceridade ao dizer que queremos uma democracia ordeira, uma democracia cristã, uma democracia em que o comunismo não tenha vez, mas em que o homem brasileiro seja respeitado em suas liberdades individuais, e uma justiça que saiba bem compreender o que serve e o que não serve à nossa sociedade.

Tenho a certeza de que outros virão. Outros tardios hão de reconhecer a nossa sinceridade, mas não tomarão a vez daqueles que sempre se consideraram ou se confirmaram, ou sempre estiveram, na posição de fiéis a 31 de março de 64.

Poderão dizer que servimos a governos de exceção. Todos nós servimos a governos de exceção, mas o fizemos na convicção de que era a única forma possível de não desmoralizar as Forças Armadas, e se necessário for, para defender esta Pátria, não hesitaremos em repetir o nosso procedimento.

Peço a Deus, no entanto, que a gente que se nos opõe pense um pouco na felicidade da Pátria e nos permita seguir a trilha daquela democracia que todos almejamos.

RIO DE JANEIRO — RJ — 04.09.78

HOTEL NACIONAL
LIDO NO ALMOÇO COM CORRESPONDENTES DA
IMPRENSA ESTRANGEIRA

Aceitei com satisfação o convite para este meu primeiro encontro com os correspondentes da imprensa estrangeira do Rio. Sei que, dada a sua tarefa de relatar ao público de seus países o que se passa no Brasil, os Senhores exercem um papel extremamente importante, na aproximação entre os nossos povos.

De minha parte, considero a liberdade de opinião e de informação essencial ao funcionamento de um regime democrático.

Fui parte do processo que levou o Presidente Ernesto Geisel a restabelecer a plena liberdade de imprensa, condição preliminar para as reformas políticas em discussão no Congresso Nacional.

Por isso mesmo, antes de responder às perguntas que me farão, gostaria de dizer-lhes algumas palavras que, espero, ajudarão a colocar as minhas respostas no seu contexto correto.

O Brasil é um país hospitaleiro, tradicionalmente aberto às contribuições positivas que lhe chegam do exterior. Não temos o hábito de nos vermos como exemplo para o mundo. Mas confiamos em nossa experiência nacional, e no país que estamos construindo.

Nesse quadro, nossa política externa sempre se apresentou coerente nas motivações, objetivos e procedimentos, desde antes mesmo de a nação se haver organizado em Estado independente. Ela decorre da combinação de fatores histórico-culturais, como a preservação e a defesa da soberania; a convivência pacífica; a tolerância religiosa e racial; a observância das normas e compromissos internacionais.

A própria formação territorial do Brasil delineou-se pacificamente, por meio de princípios jurídicos e tratados diplomáticos. O Brasil é um desses casos raros de grandes países estabelecidos, fisicamente, pela geografia e pelo direito.

A Constituição étnica e social do nosso povo absorveu sem sobressaltos os antagonismos religiosos, os preconceitos raciais e as

confrontações ideológicas. Por isso mesmo, não podemos aceitar comportamentos e atitudes conflitantes com esses pontos e traços característicos da personalidade nacional.

A nossa independência política foi alcançada num processo singularmente consensual, próprio de quem tem vocação para o convívio internacional. Anteriormente, a abertura de todos os portos do Brasil, em 1808, já marcara o nosso interesse pela participação no comércio mundial.

Talvez, entretanto, as grandes linhas mestras do que veio a ser a inspiração permanente de nossa política externa possam encontrar-se nas palavras dos dois brasileiros ilustres que vou citar.

No manifesto que dirigiu aos governos e nações amigas, logo após a independência, o primeiro Ministro brasileiro das Relações Exteriores, José Bonifácio de Andrade e Silva, acentuava: «... Como o Brasil sabe respeitar os direitos dos outros povos e governos legítimos, espera igualmente, por justa retribuição, que seus inalienáveis direitos sejam por eles também respeitados e reconhecidos».

No começo deste século, o Barão do Rio Branco manifestou sentimentos que, tendo raízes na tradição diplomática brasileira, mantêm sua atualidade até o presente. Eis suas palavras: «O dever de todo estadista, o de todos os homens de verdadeiro senso político, é combater as propagandas de ódios e rivalidades internacionais... A todas as Nações americanas só desejamos paz, iniciativas inteligentes e trabalhos fecundos, para que, prosperando e engrandecendo, nos sirvam de exemplo e estímulo à nossa atividade pacífica...»

Ainda hoje, eu subscreveria tranquilamente esses conceitos.

No plano interno, queremos que o indivíduo seja respeitado em sua integridade. Que a realização dos anseios de cada um se harmonize com os interesses gerais da sociedade. Nossa bandeira é a democracia, é a liberdade com responsabilidade.

No plano internacional, vejo a persistência de rivalidade e, mesmo, de confrontação; embora as relações entre os países do Leste e do Oeste se tornem mais densas e importantes.

O átomo, que deveria ser utilizado exclusivamente para promover o desenvolvimento, o progresso e a paz entre as nações, continua a ser a espinha dorsal da competição militar.

O diálogo entre países ricos, do Norte, e pobres, do Sul, está praticamente paralisado. Muitas promessas feitas, poucas cumpridas.

Frustrações se acumulam entre os países em desenvolvimento, ante a falência da cooperação internacional em eliminar — ou sequer diminuir — os obstáculos externos ao desenvolvimento. Diria, mesmo, que os obstáculos externos aumentam, à medida que avança o desenvolvimento.

A esse propósito, os setores econômicos e políticos brasileiros manifestam apreensão ante dois problemas: de um lado, a proteção à indústria doméstica dos países desenvolvidos; de outro, as restrições à transferência de tecnologia daqueles para os outros.

A atual onda protecionista bloqueia o crescimento de nossas exportações mais rentáveis, exatamente para os mercados de maior poder aquisitivo. Conseqüentemente, acumulam-se déficits em nossa balança comercial, a despeito de todos os esforços governamentais para estimular nossas vendas ao estrangeiro.

Os obstáculos à transferência internacional de tecnologia, que hoje ameaçam transbordar para vários setores, fizeram-se inicialmente, e de modo dramático, na implementação de nosso programa nuclear. Pessoalmente, estou certo de que pressões nessa área, ou em outras, não farão o Governo brasileiro mudar rumos fixados depois de cuidadoso estudo e amadurecida reflexão.

Diante desse panorama internacional, antevejo que a política externa brasileira será conduzida segundo três vetores.

O primeiro deles é o universalismo. A vocação brasileira é a de ampla presença internacional. Extensão territorial; grande e diversificada população; longas linhas de litoral e de fronteiras — tudo nos aconselha a que alcemos os olhos para o que se passa além dos nossos horizontes e nos preocupemos com a sorte dos povos e nações. Os traços latino-americanos, africanos, europeus e asiáticos, que caracterizam nossa cultura e nossa gente, nos levam aos caminhos da universalidade.

O segundo vetor é a combinação de nosso sentimento de dignidade nacional com a necessidade de manter uma adequada flexibilidade de ação, num mundo imprevisível como o de hoje. O Brasil continuará a conduzir sua política externa com serenidade e sem confrontações. Nossa tradição é de, resguardados os interesses nacionais, procurar resolver as questões internacionais por meio de negociações, tendo por principal condição o respeito mútuo.

Finalmente, o terceiro vetor é a boa convivência. O nosso maior milagre é a convivência fraterna dos brasileiros de todas as origens, espalhados do Norte ao Sul do país. Essa a mais importante herança de nossos antepassados.

Todo o nosso modo de ser — leal, aberto, direto — vem dessa alegria de pertencermos a um povo unido; que não tolera, em seu meio, quaisquer formas de discriminação. Essa capacidade de diálogo, com todos os interlocutores de boa fé, caracteriza também o nosso perfil externo.

Pela sua história, pela sua cultura, o Brasil sente-se no direito de reclamar e esperar a confiança dos outros povos e dos governos

amigos de todo o mundo, que sejam amantes da paz, do progresso, da liberdade e da justiça, como nós.

Esse o espírito com que encaro a política externa brasileira.

Agora, estou pronto a responder às perguntas que os Senhores queiram fazer.

Muito obrigado.

ANÁPOLIS — GO — 11-09-78

PRAÇA BOM JESUS
CONCENTRAÇÃO POPULAR.

Poderia parecer estranho que eu, um candidato à Presidência da República pela via indireta, viesse à praça pública para ter um contato com o povo da minha terra. Faço-o mais em respeito a este mesmo povo, porque creio que é do meu dever. Antes de me submeter ao Colégio Eleitoral que me elegerá Presidente da República, desejo que o povo da minha terra me conheça. Conheça o homem que vai dirigir os destinos deste país durante seis anos. E para conhecê-lo melhor, nada melhor do que iniciar estas minhas palavras repetindo aquilo que tenho dito em outras paragens deste Brasil: tenho consciência de que posso fazer — e vou fazer — deste país uma democracia.

Tenho consciência de que não me faltará força de vontade nem ânimo para isso. Hei de fazer do Brasil uma democracia fundamentada em nossas tradições cristãs e sob o lema da nossa Bandeira, de Ordem e Progresso. Não tenho por que temer outros que prometem a mesma coisa, porque eu o farei mais rápida e mais seguramente.

Ao falar ao povo de Anápolis, desejo dizer também que ouvi, aqui, os anseios da sua gente, através dos vários oradores. E posso dizer que um povo que ajudou a construir a Capital do país — Brasília — não pode ficar sem uma Faculdade de Engenharia. Se aqui foi o ponto de apoio logístico para a construção de duas capitais, em material e em trabalhadores, falta agora que se dê a esta terra o direito de ter, também, os planejadores de outras cidades.

Quero também dizer ao povo de Anápolis que a ênfase que tenho dado à agropecuária, através dos meus pronunciamentos, está voltada para o Estado de Goiás, Estado que até agora ainda não tirou todo o devido proveito da proximidade da Capital que ajudou a construir. E será com base nessa agropecuária, com base no Distrito Agroindustrial de Anápolis, que haveremos de ver o povo de Anápolis fornecendo alimentos mais baratos para os demais Estados, e

gerando também a poupança para que possamos dispor das divisas necessárias para importar o material destinado ao nosso desenvolvimento.

Se é verdade que tenho dado essa ênfase à agropecuária, penso, principalmente, nos benefícios que isso poderá trazer ao nosso país, já não digo só em alimentos, mas também pela fixação do nosso homem no campo, para não assistirmos a esse espetáculo de abandono das nossas terras, porque os preços que oferecem ao agricultor não são suficientes.

Poderia falar também dos transportes. Da rede de transportes de que tanto necessita o Estado de Goiás. E também no problema da habitação, crucial para todas as nossas aglomerações urbanas. Mas preferia falar, principalmente, naquilo que o povo goiano, de início, pode dar ao novo Governo. Não trago para os senhores fórmulas milagrosas de progresso rápido e de felicidade farta. Trago uma bagagem muito grande de força de vontade, de fé e de esperança, para realizar aquilo que deve ser realizado. Mas para isso, é preciso que o povo goiano me dê o respaldo de que necessitamos na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, votando naqueles que, tenho a certeza, irão me dar o apoio básico para que eu possa fazer as transformações que tenho em mente.

Peço aos nossos líderes de Goiás que abandonem momentaneamente as suas dissensões internas e, com o seu patriotismo, ponham em primeiro lugar os interesses do país e se unam para que obtenhamos a vitória a 15 de novembro.

GOIÂNIA — GO — 11-09-78

PRAÇA DO CENTRO SOCIAL URBANO
LANÇAMENTO DO PROGRAMA «AÇÃO DOS BAIR-
ROS»

Desejo agradecer, profundamente emocionado e por demais satisfeito, a acolhida que o povo desta terra está dando a mim e aos meus companheiros, a mais calorosa acolhida que já tive em nossas terras. Acolhida que me leva a afirmar não terem razão aqueles que declaram não estar o povo comigo, e que me leva à certeza de que o povo aceita as verdades que digo com rudeza e com franqueza. Digo-as com rudeza e com franqueza porque as verdades ferem sempre os ouvidos daqueles que não as desejam ouvidas pelo povo.

Ao agradecer esta acolhida devo afirmar ao povo desta terra que não trago promessas milagrosas de felicidade e bem estar geral a curto prazo, porque não faço promessas, a não ser uma só, solene, que tenho repetido por este Brasil afora. A única promessa que lhes faço é de que no meu governo o aperfeiçoamento de nossas instituições democráticas será atingido, custe isso o sacrifício que custar. Não dou o direito a nenhum outro brasileiro de estar mais desejoso do que eu de ver esse objetivo atingido no mais curto prazo. E aceito aqueles que quiserem colaborar comigo nesse desiderato. Mas além desta promessa solene trago também uma mensagem de fé, uma mensagem de esperança, mensagem que se transforma hoje em intenções e que, mercê de Deus, há de se transformar em realidade, há de se transformar em realidade impulsionada pela minha força de vontade.

Não trago verdadeiramente promessas, trago intenções, e a primeira delas é fazer com que os dinheiros públicos do País sejam menos empregados em obras suntuosas e mais em obras sociais que resultem em maior benefício para o povo. Trago a intenção de transformar cada brasileiro num cidadão capaz de, com o seu trabalho, produzir um pouco de riqueza para a nação, dando-lhe para isso melhor assistência médica e dando-lhe facilidades para que eduque os seus filhos. Trago a intenção de proporcionar mais verbas

aos Prefeitos desta terra, a fim de que, sentindo de perto os anseios do povo, possam empregá-las em benefício desse povo. Desejo também ver a gente de minha terra melhor alimentada, e para isso desfraldei a bandeira da agropecuária, que há de nos dar alimentos mais e mais baratos. Trago, ademais, a intenção de que ao fim de tudo cheguemos, a curto prazo, àquela democracia com que todos nós sonhamos, fundamentada nos princípios cristãos que são as nossas tradições, e não àquela outra democracia que explora as dificuldades do povo e até as incrementa para fazer delas a sua bandeira eleitoral.

Trago pouca coisa, trago muito pouca coisa de mim, a não ser essa promessa solene e essas minhas intenções, mas se eu conseguir fazer um pouco de tudo isso ficarei feliz, porque terei feito muito pelo povo de minha terra. E trago também a bandeira da conciliação. Se todos os brasileiros da Oposição estão empenhados, como dizem, no nosso aperfeiçoamento democrático, haverão de encontrar-nos de braços abertos para recebê-los e, juntos, procurarmos tornar este país um pouco mais feliz. Que venham com as mesmas intenções nossas, e juntos iremos construir um Brasil melhor. Mas que deixem para trás, antes de se decidirem a cooperar conosco, aquelas intenções escusas de alterar a nossa rota democrática, puramente democrática, para se apoiarem em ideologias que a nossa gente não aceita.

Portanto, eu peço ao povo desta terra que eleja os nossos candidatos à Câmara Federal e ao Senado, para que possamos prosseguir, o governo federal e o governo estadual, juntamente com os senhores Prefeitos, na obra grandiosa já iniciada por Irapuã Costa Júnior, obra que, tenho certeza, terá continuidade acelerada no governo de Ari Valadão, com o meu total apoio. E ao fim do nosso governo haveremos de voltar para os nossos lares com a consciência tranqüila, porque a par da prosperidade desta terra iremos deixar como herança para nossos filhos e nossos netos não um país que o estrangeiro apenas respeite, mas um país respeitado e também aplaudido pelos seus exemplos de democracia.

Muito obrigado aos senhores.

CLUBE JARAGUÁ
ENCONTRO COM LÍDERES POLÍTICOS

A acolhida que o povo desta terra está proporcionando a mim e ao meu companheiro de chapa, meu prezado amigo Dr. Aureliano Chaves, com aquela simpatia conhecida em todo o Brasil através da prosa e do verso dos seus filhos ilustres e famosos, diz bem o que é o povo de Cachoeiro. Agradeço comovido e sensibilizado este gesto de cortesia que, repito, nada mais é do que um reflexo da gente desta terra. E ao agradecer esta acolhida devo dizer a esta gente, que com tanta generosidade nos acolheu, que chegamos às vésperas da nossa eleição para Presidente da República com o ânimo de quem não tem medo do futuro.

Por mais que queiram enegrecer os horizontes do amanhã, por mais que maus brasileiros tentem pintar, com cores diversas que não as da esperança, aquilo que almejamos e que temos a certeza de fazer pelo nosso País, não tenho medo do amanhã, e não tenho porque conheço o povo de meu País e sei bem que quando bem orientado ele sabe aplaudir os homens de bem. Um povo que já atingiu a idade adulta para identificar aqueles que lhe falam a verdade, às vezes uma verdade dura que dói, mas que não escondem de seu pensamento. E que sabe dizer não na hora precisa, mas sabe também explicar porque está dizendo não. Um povo que já sentiu que não são promessas vãs que vão tornar este País próspero e feliz, e que só com sacrifício e com o nosso próprio trabalho é que conseguiremos a felicidade da nossa gente.

Sinto que entre as minhas poucas qualidades, a par das muitas deficiências que sei que tenho, o povo já começou a perceber que eu não o enganarei, pois sabe que trago uma mensagem de fé, esperança e otimismo, embora não possua fórmulas milagrosas de salvação a curto prazo. Um povo como este de Cachoeiro de Itapemirim sabe que a única promessa solene que tenho feito em praça pública é dar tudo de mim para que este País se torne de fato uma democracia. Mas uma democracia fundamentada simplesmen-

te nas nossas tradições cristãs. Uma democracia que não aceita venham alguns brasileiros explorar as dificuldades da nossa gente para fazer destas dificuldades suas bandeiras eleitorais, e ao invés de cooperar conosco para diminuí-las ou para saná-las mesmo procuram aprofundá-las para delas tirar o máximo proveito.

Daí por que eu e o Dr. Aureliano Chaves estamos agradecidos por esta acolhida, que nos veio dar um incentivo maior para que continuemos na nossa caminhada além do 15 de outubro, até o 15 de novembro, quando tenho a certeza de que esta generosa acolhida se traduzirá em apoio para a nossa causa.

Aqueles que ainda não acreditam nas nossas afirmações, nos nossos anseios e nas nossas intenções, estaremos com os braços abertos para receber, de modo que, juntos, possamos desenvolver um esforço comum, a fim de fazer desta pátria não só aquilo que nós hoje almejamos, mas aquilo de que se possam orgulhar os nossos filhos e os nossos netos. E também para que a nossa pátria, além de respeitada como é hoje no cenário internacional, possa ser também aplaudida e admirada pelas nações amigas.

Estas são as intenções que afirmo aos senhores ao fazer o meu agradecimento, e que queira Deus possam se transformar em ações positivas. Para isso, estou certo de contar, mercê de Deus, com o apoio do povo de Cachoeiro do Itapemirim.

Muito obrigado.

VITÓRIA — ES — 15-09-78

GINÁSIO WILSON FREITAS
ENCONTRO COM A LIDERANÇA ESTADUAL

Ainda hoje, pela manhã, eu tive a grata satisfação de agradecer ao povo de Cachoeiro do Itapemirim a generosa acolhida que nos deu a mim e ao meu companheiro de chapa Dr. Aureliano Chaves, e ao fazê-lo eu disse que essa generosa acolhida refletia bem o espírito do povo do Estado do Espírito Santo, hospitaleiro que é, e bondoso demais nas suas manifestações de simpatia. Agora renovo aqui os meus agradecimentos ao povo de Vitória, que repetiu no seu entusiasmo a acolhida que tive pela manhã, e me permito reiterar aquelas afirmações que então fiz ao complementar o meu agradecimento, dizendo que esta manifestação já é bem um sinal de que o povo começou a compreender aqueles que querem dizer a verdade, e a sentir os que lhe falam com o coração aberto e com toda a sinceridade.

O povo já começou a sentir, principalmente, as intenções dos que vêm à praça pública, e já sabe repelir aqueles que ficam nas promessas vãs de felicidade a curto prazo. Repetia eu, e o faço aqui novamente, que não trago promessas de felicidade fácil, mas intenções que pretendo transformar em afirmações positivas e em realidade, e que tudo hei de fazer para o bem desta terra. A penas uma promessa eu faço publicamente: é que iremos chegar a uma democracia muito mais cedo do que dizem os adversários, e iremos lá chegar porque tenho a certeza de que não me faltará o apoio desta gente para aquelas medidas saneadoras da nossa democracia. E dizia também das minhas intenções de tudo dar de mim em prol do trabalhador brasileiro, a fim de que através de obras sociais ele tenha uma vida mais elevada e possa tratar de seus filhos mais dignamente. E disse, mais, que era meu propósito, como tenho dito por todos os rincões do Brasil, incrementar a agropecuária como uma prioridade para nossa gente, e, a par disso, dar todo o apoio à saúde do povo e facilitar àqueles que têm poucos recursos atingir

as suas metas educacionais, de modo que possam servir à sociedade de acordo com os seus méritos e com o seu esforço.

Mas isso são intenções gerais para todo o País. Ao povo do Espírito Santo trago apenas, além dessa promessa, aquela de terminar no meu governo, o mais cedo possível, a implementação da Siderúrgica de Tubarão, e ainda mais complementar o corredor de exportação de Vitória, para que o Estado de Espírito Santo possa, além de marcar a sua presença no cenário político do Brasil, fazê-lo condignamente também no cenário econômico de nossa terra. E particularmente ao povo de Vitória trago a promessa de que a terceira ponte será uma realidade a fim de que o povo de Vila Velha se sinta mais povo de Vitória do que é hoje, e possamos fazer das duas cidades, Vitória e Vila Velha, a grande Vitória que todos nós almejamos.

Eu creio que aí estão as promessas que posso fazer ao povo de Vitória, ao agradecer esta manifestação e dizer, também, que este povo, que tão bem recebeu a mim e ao meu amigo Dr. Aureliano Chaves, irá no dia 15 de novembro dar o seu voto àqueles que me acompanham, àqueles que irão cooperar comigo na concretização das minhas intenções, e tenho a certeza de que voltarei a Vitória para agradecer, nos braços do povo, esse voto consciente que será dado em 15 de novembro.

Muito obrigado aos senhores.

CAMPINA GRANDE — PB — 25.09.78

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL
ENCONTRO COM LÍDERES LOCAIS

Eu já conhecia a hospitalidade desta gente, mas não a sabia tão carinhosa, a ponto de deixar seus afazeres para vir me homenagear. Saúdo o povo desta terra e reafirmo que ele pode esperar de mim aquilo que eu posso dar: muita força de vontade, muita vontade de acertar e de trazer aqui para o Nordeste um pouco do muito que o Nordeste merece e não tem tido, por não ter estado presente na cogitação de muitos de nossos homens públicos. Peço também a este povo que confie em mim, porque jamais hei de esquecer as dificuldades da gente mais humilde.

Muito obrigado aos Senhores.

Eu poderia iniciar as minhas palavras como manda a cortesia, agradecendo a acolhida generosa que o povo desta terra está me proporcionando. Eu poderia me estender, falando da já conhecida hospitalidade do povo potiguar. E poderia complementar, agradecendo a saudação em nome do povo desta terra que me fez o seu Governador, Tarcísio Maia.

Ao agradecer, devo confessar que não vim aqui ao encontro dos senhores para obter aplausos. Vim aqui para aplaudir as obras deste Governador que termina o seu mandato e que muito gentilmente me convidou para estar presente a uma de suas inaugurações. Para expressar o meu desejo de que o próximo Governador, o nosso Dr. Lavoisier, continue na mesma linha que vem seguindo até aqui o Governador Tarcísio Maia, em benefício desta terra e de seu povo. Não quero dizer que não gosto de inaugurações. Eu as saúdo e as incentivo tanto mais quando elas têm, como esta, cunho social e trazem algum benefício para o povo. Mas o que eu quero mesmo dizer ao povo desta terra é que o meu maior desejo é ver inaugurada a era do bem-estar desta gente.

Quero sentir nesta gente bem-estar e felicidade, porque só assim as obras que um Governo estadual, ou mesmo que um Governo federal, venha a fazer terão a sua consequência prática. Governar é buscar o bem-estar do povo. E tudo aquilo que o contraria é desgovernar. Venho aqui buscar, sentir junto desta gente, como já senti em outros locais, que há os que acreditam em minhas palavras, já há aqueles que crêem que eu não vou mentir. Amanhã, quando as minhas promessas falharem, este povo terá o direito de cobrá-las na praça pública.

Venho aqui para dizer aos senhores que não possuo fórmulas milagrosas de enriquecimento rápido para nossa Pátria. Trago apenas uma mensagem de fé, a minha força de vontade e as minhas preces ao bom Deus, para que no meu governo eu me volte um pouco para o Nordeste e lhe dê aquilo que ele merece. Para que,

como governante, possa vir aqui e sentir no meu povo, sentir junto ao povo mais humilde desta terra, que o que estou fazendo está lhe agradando, porque ele está melhorando. Não quero aplausos, quero que o povo desta terra faça justiça e, pelo menos, me dê um crédito de confiança para aquilo que eu pretendo fazer, mercê de Deus, com o apoio dos senhores. Para tanto, eu peço apenas que me dêem auxiliares na Capital Federal, me dêem homens que acreditem também nas minhas palavras, que possam me ajudar no Congresso. Que me permitam votar aquelas leis em benefício do Nordeste. Homens que eu conheço, que eu sei que acreditam em mim. E é por isso que peço ao povo desta terra que olhe com carinho a eleição do Senador Jessé Freire. Que, assim como eu, tem esquecido muitos tropeços que teve pela vida afora, muitas injustiças que sofreu no passado e que ainda está sofrendo. Peço ao povo desta terra que pare de pensar nas mazelas políticas que, porventura, possam existir, que pense em primeiro lugar no bem do Rio Grande do Norte, que se una para a nossa vitória.

Muito obrigado.

NATAL — RN — 26-09-78

CANDELÁRIA

LIDO NA INAUGURAÇÃO DO CENTRO SOCIAL URBANO

É com satisfação que participo deste ato de inauguração de mais um Centro Social Urbano. Minha presença aqui, porém, não é fortuita. É, na verdade, sinal de minha preocupação com o desenvolvimento social do povo brasileiro. Trata-se de um objetivo que, no Governo do eminente Presidente Ernesto Geisel, vem merecendo atenção prioritária, e que terá continuidade na minha administração.

Relembrando o Brasil de anos atrás, faço comparações históricas. Os Governos da Revolução realizaram mais pelo setor social que os demais Governos, em qualquer época da história desta País, pois estavam motivados pelo princípio de que um povo assistido, com recursos sociais, será um povo capacitado a participar do desenvolvimento econômico e, também, do desenvolvimento político.

A evolução tem de caminhar de forma integrada. Meu compromisso de fomentar uma distribuição mais justa da riqueza nacional já é bastante conhecido.

Tenho na promoção do homem brasileiro, da cidade e do meio rural, o objetivo prioritário do meu governo.

Não visualizo a promoção abstrata, a fórmula mirabolante sem conteúdo, sem base na realidade. O Brasil já não permite que se vagueie nas fantasias dos que pretendem salvar o País com promessas vãs. Dos eternos pseudo-salvadores da Pátria, que só criticam, mas nunca oferecem uma alternativa válida, um caminho seguro.

Para atender a essa exigência da Nação, começamos a pensar nos problemas do homem, a agir para o homem, no sentido de lhe permitir a convivência social, em termos tais que a vida democrática prossiga e se revigore. E para que isso ocorra é necessário que não haja segmentos marginalizados da população no processo de desenvolvimento e da produtividade nacional.

Reconheço no Programa Nacional dos Centros Sociais Urbanos uma das formas dinâmicas de atuação no campo social. Ele evita que o homem da cidade se isole dentro de si mesmo. Coloca-o no seio da comunidade, de que é dependente, numa tentativa séria de abrigar o cidadão numa atmosfera solidária e feliz, fazendo-o conhecer e cultivar os fundamentos espirituais da sociedade humana.

Preocupo-me com o fenômeno da metropolização. Considero-o inelutável. O mundo contemporâneo caminha para viver na cidade. O problema que se nos apresenta é o de encontrar o meio de tornar o crescimento urbano ordenado. Como utilizar os recursos do País para assegurar uma sociedade urbana perfeita.

Em cidades como esta de Natal, cujo crescimento ainda não chegou a se tornar um problema, as soluções serão mais simples. Porém, nas áreas metropolitanas, teremos de desenvolver enorme esforço de reorganização, para obter ordenação.

Com referência ao futuro deste País, preocupa-me a previsão de que, no ano 2.000, praticamente amanhã, na marcha em que vamos, 80% da população brasileira estará habitando as Regiões Metropolitanas. Urge, portanto, encontrar soluções que disciplinem o crescimento das grandes cidades, permitam o atendimento das necessidades básicas de seus cidadãos e, ao mesmo tempo, fortaleçam as cidades de pequeno e médio porte. Dessa maneira, estaremos garantindo ao povo melhor qualidade de vida.

No meu Governo, desejo contribuir para que a cidade seja fator de felicidade dos seus habitantes. Desde a antigüidade, a concepção de liberdade, o centro de cultura, de bens e idéias, encontraram na vida urbana o seu elemento motivador. Temos, portanto, de zelar para que esse conceito perdure entre nós.

Ao participar desta inauguração, de um dos 403 Centros Sociais Urbanos que o Governo do Presidente Geisel fez plantar pelo Brasil afora, acredito que estamos trabalhando pela humanização das cidades. Daí a minha decisão de dotar todas as cidades brasileiras, todos os bairros das grandes metrópoles, de empreendimentos como este, propiciando à comunidade, de forma integrada e multi-setorial, todo um conjunto de atividades e de serviços.

Repito aqui o oportuno conceito com que os Centros Sociais Urbanos definem o seu programa de ação: não se trata apenas de um trabalho para a comunidade, mas principalmente de um trabalho com a comunidade. É essa a participação que desejamos. O Governo não é o único protagonista desse projeto de reorganização da vida nas cidades. Sem a participação criativa e dinâmica de todos, não obteremos sucesso.

Não medirei esforços para levar à frente todo o elenco de reformas sociais capazes de coroar no tempo o trabalho que vem sendo empreendido pelo Governo do Presidente Geisel.

O Governo não está divorciado das aspirações do povo, como apregoam os que criticam apenas por criticar. Esses não oferecem soluções para o problema social brasileiro, nem para outro qualquer problema. Não há oferta de alternativas, de programas reais, que possam ser encampados pelo Governo. Problemas, há. E muitos. Apontá-los é fácil. Oferecer soluções viáveis e duradouras, como esta, é mais difícil. E é exatamente o que nos propomos fazer.

Muito obrigado.

FUNABEM
VISITA INFORMAL

Meu desejo era que em todos os lugares deste nosso Brasil, por onde tenho andado, eu fosse recebido como estou sendo agora pelos jovens e pelas crianças da minha terra. Pelos jovens e pelas crianças que só têm no coração o que é bom, que ainda não sentiram as maldades da vida e as maldades do homem. Pelos jovens que crêem, crêem naqueles que são sinceros; pelos jovens que sabem orar a Deus pela felicidade dos nossos entes queridos e pela felicidade de nossa Pátria, pelos jovens de cuja pureza, de cuja inocência, nós todos esperamos exemplos para os adultos e não máculas em sua formação.

É inaceitável, portanto, que o mundo impiedoso de hoje tente impedir nossos esforços, trazendo a essa juventude coisas que não são boas. Daí porque me regozijo e me encho de alegria quando vejo ações como esta do padre Memória, como esta da FUNABEM, que tentam por todos os meios reunir aqueles meninos desamparados e colocá-los no caminho do bem, e torná-los cidadãos do Brasil. Mais emocionado fico ainda quando vejo que esses moços tiveram a gentileza de receber-me com o meu hino, o hino que me acostumei a ouvir desde os sete anos de idade. O hino que me faz recordar aqueles sonhos que tinha, quando era da idade de vocês, sonhos que não se realizaram, sonhos que se realizaram. Aquela época da minha vida em que tudo para mim era alegria e prazer.

Fico muito agradecido por esta homenagem que me prestaram. E perante vocês eu prometo que, antes de mais ninguém neste país, ao dizer que quero governar no meio do povo, eu quero governar antes, muito antes, no meio de vocês, crianças.

FORTALEZA — CE — 26-09-78

CENTRO DE CONVENÇÕES
LIDO NO III CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASI-
LEIRA DE MUNICÍPIOS

Retorno ao Nordeste para confirmar o meu especial interesse, a minha preocupação profunda, por este povo e esta terra. Venho tangido pelo fascínio que representa o desafio do desenvolvimento desta região.

Honrado pelo convite para falar aos Prefeitos e Vereadores, reunidos neste III Congresso de Municípios do Ceará, vim para apresentar-lhes as minhas idéias de homem vivo.

Espero que as anotações e impressões recolhidas em minha peregrinação pelo Brasil, notas de andar e ver, tenham aguçado minha capacidade de sentir e ouvir. Sei que ela é indispensável a quem deseja fazer um bom governo.

Falando aos cearenses, devo começar reconhecendo que a Nação tem uma dívida para com cada um dos trinta milhões de homens e mulheres que habitam o Nordeste. Gente cuja força ajudou a fazer o Brasil mais forte. Gente cujo braço abriu caminhos. Cuja prole povoou glebas imensas.

Reconheço essa dívida. E afirmo que, no meu governo, ela continuará a ser resgatada.

Segundo a filosofia dos quatro governos revolucionários, o desenvolvimento do Nordeste, como o de todo o Brasil, pode ser auto-sustentável.

Mas, temos de admitir, um país normalmente não se constrói em décadas. Levanta-se em gerações, em séculos. No Brasil, mais uma vez, iremos contrariar esse princípio. Os governos revolucionários têm entendido a impaciência do povo. E, num processo contínuo de mudanças, estamos crescendo anos em meses; décadas em anos. O que mal sonhávamos para os nossos netos, estamos dando aos nossos filhos, quando não podemos ter já, agora.

Por todo o Brasil essa verificação pode ser feita. Aqui no Nordeste também.

É verdade que temos aqui grandes desafios pela frente, a saber:

agricultura e pecuária carentes de modernização, que lhes permita fazer face às adversidades do clima e do solo, aos baixos índices de produtividade e à estrutura agrária e fundiária insatisfatória;

industrialização incipiente, com baixo índice de integração a nível intra-regional; ausência de complementaridade com outras regiões; pouca utilização de matérias primas regionais;

reduzida autonomia decisória das autoridades, em matéria financeira e tributária;

finalmente, infra-estrutura econômica e social insuficiente, a começar pelos grandes centros.

O modelo de desenvolvimento dos Governos da Revolução reflete o tipo de sociedade que o País almeja. Traduz sua aspiração de torná-la economicamente forte e pluralista, politicamente aberta, e socialmente justa.

Queremos preservar, também, a identidade nacional, a unidade política e a segurança dos cidadãos. Impõe-se ao Governo a alta responsabilidade de reduzir as distâncias econômicas e as desigualdades de bem-estar social, ainda existentes entre pessoas e regiões. Tarefa de gigantes, a ela solenemente prometo dedicar o melhor do meu esforço.

Tenho consciência de que governar é decidir e afirmar. Por onde passo, não me canso de repetir que hei de fazer deste País uma democracia. Digo, portanto, como ato de vontade democrática, e como imperativo de justiça, que a grandeza econômica da Nação tem de repousar na participação de todos os seus cidadãos na riqueza nacional. De todos, e não só de alguns.

Senhores Prefeitos e Vereadores: O Ceará é predestinado a uma grande presença econômica, cultural e política no País. A saga cearense é a crônica dos feitos históricos de sua gente — para quem a aventura é a arma da coragem. A capacidade civilizadora e o pioneirismo dos cearenses vão muito além das fronteiras do seu Estado. Tinha de ser assim. Eles foram forjados no culto à mobilidade.

Daqui, José de Alencar, na sua genialidade, escreveu «O Gaúcho», sem nunca ter pisado o Rio Grande do Sul.

Daqui, nasceu a epopéia da ocupação da Amazônia. A fibra de sua gente pode ser medida pela contraposição: flagelados e famintos no Ceará — conquistadores e vitoriosos no Acre.

Desde o Cariri, o Ceará vem varando sertões, brejos, vales e serras, até este decantado litoral bravio, numa variedade de aspectos físicos e geográficos, retrato da universalidade de seu povo.

Povo que não se quebrou com tragédia alguma. Nem com a tragédia da seca, imortalizada pela pena de Rachel de Queiroz. Nem com a saudade: o retirante sofre, deixa a terra em busca de outra, mas um dia volta.

É essa mesma ligação atávica, a fusão povo-terra, de que falava Martim Soares Moreno, que deixa o Ceará à procura de sua verdadeira e profunda vocação no processo de desenvolvimento nacional.

Entretanto, não é difícil visualizar um conjunto de diretrizes de ação do Governo para aproveitar ao máximo o enorme potencial que aqui se encontra.

Cito, inicialmente, o incremento da agropecuária, para falar em pontos que os senhores conhecem, como:

- a pesquisa, a promoção e o manejo racional de culturas adequadas ao clima e ao solo da região semi-árida;

- o aumento das áreas plantadas;

- a criação de tecnologia capaz de melhorar os índices de produtividade e a resistência das plantas e animais ao sol e ao regime de chuvas;

- a assistência aos produtores, através de uma política realista de crédito agrícola, acoplada a preços mínimos compensadores, e sistemas satisfatórios de transporte, armazenamento e comercialização;

- por fim, e apesar de todas as experiências frustradas, teremos de buscar a água onde ela se encontrar, mediante o uso de equipamentos modernos e eficazes.

O algodão, planta-moeda dos cearenses, assim como o caju e as outras frutas, deverá ter o seu ciclo produtivo completado em centros agroindustriais, o mais próximo possível das fontes de produção. O mesmo apoio terão as culturas novas, ou renovadas, como o café nas serras, e a implantação do sorgo e do gergelim, ou o desenvolvimento da pecuária de corte e de leite.

Como já disse anteriormente, os projetos iniciados ou implantados pelos Presidentes revolucionários, como o Sertanejo, o POLO-NORDESTE e os programas de promoção social e de combate às grandes endemias, terão apoio e continuidade no meu Governo. Da mesma forma, daremos atenção particular às atividades associativas rurais, como o sindicalismo, o cooperativismo e os programas de trabalho com a juventude rural.

Para tornar o trabalho do homem mais rendoso e menos árduo, as cooperativas de eletrificação rural, fortalecidas, fornecerão energia, mas serão também centros de propagação de novas técnicas.

Nada disso poderá ser feito sem a participação e a colaboração dos poderes municipais. Sem eles, planos federais e estaduais perdem substância e eficiência.

A ênfase na agricultura não implica o abandono da industrialização. Em primeiro lugar, meu Governo considerará a descentralização industrial uma das fórmulas eficazes para a descompressão das áreas metropolitanas. Quero acionar mecanismos de estímulo, buscando favorecer as indústrias que se localizarem fora das áreas já congestionadas e próximo das fontes de matérias-primas, ou em locais onde a mão-de-obra seja abundante.

O III Pólo Industrial do Nordeste, na Região Metropolitana de Fortaleza, atende a esse princípio. A inteligência dos homens desta terra tem demonstrado facilidade de adaptação às atividades manufatureiras diversificadas. Aqui, consolidaremos os investimentos nas indústrias de têxteis, confecções, couros, peles, calçados, química, metalmecânica e não metálicos. Também intensificaremos os estudos para exploração de minério de ferro, manganês e cobre. Aproveitaremos, assim, as vocações legítimas do Estado, reduzindo o subemprego urbano, fantasma que espero exorcizar nos próximos seis anos.

Senhores Prefeitos e Vereadores, minha preocupação com o homem brasileiro é integral. O problema da qualidade de vida nas regiões metropolitanas está sempre presente em minha mente.

Vivemos uma era de intensa modernização. Não podemos nos contrapor ao progresso. Mas não podemos permitir que as nossas grandes cidades convivam com o medo.

Teremos, isto sim, de fazer com que o progresso seja um aliado do homem, não o seu algoz. Daremos incentivo ao homem, inclusive melhorando a infra-estrutura social das cidades grandes e pequenas, como habitação, saúde, escolas. Pretendo dar às cidades um novo estatuto de felicidade humana, na medida de nossas forças e da cooperação dos senhores Prefeitos e Vereadores.

No processo de transição da sociedade brasileira, o Estado é força dirigente e fonte principal de estímulos. Tem, por isso, o papel de agente das mudanças estruturais necessárias. Para que isso ocorra, o Estado moderno procura níveis de eficiência que no Brasil, em certa medida, já foram alcançados no âmbito federal e estadual. Isso tornou possíveis as melhorias que experimentamos.

Há, porém, um hiato no sistema de integração dos três níveis de gestão do Estado. O município, primeira forma de organização jurídica e política da sociedade humana, passa por uma crise de identidade — e sobretudo de competência e de recursos — que teremos de solucionar. Sem a melhoria da eficiência do sistema municipal, o processo de desenvolvimento não encontrará as forças modernizadoras de que necessita.

O sistema federalista brasileiro pressupõe o revigoramento dos municípios. O reforço de sua capacidade de auto-governo é necessário, se quisermos que haja cooperação inter-governamental, e não

submissão. Digo isso porque a maior parte dos planos, programas e projetos, além de se realizarem, fisicamente, no âmbito local, compreendem serviços de interesse imediato para as comunidades.

Falando aos Vereadores da ARENA do Rio Grande do Sul, prometi lutar por nova ordenação tributária, capaz de dotar os municípios dos recursos necessários ao bem-estar dos seus cidadãos.

Agora, afirmo aos Prefeitos e Vereadores do Ceará que o progresso que se almeja para a região e parte do Estado depende dramaticamente do esforço de todos nós. Mesmo porque, como já disse, não haverá Brasil rico com Nordeste pobre.

A pobreza necessita de uma ética: a ética do nosso inconformismo. Mas o Brasil não pode ficar somente no aguardo das providências do governo para corrigir mazelas seculares. O empenho, a participação de todos nós, nossa visão da realidade, irão dar aos brasileiros uma terra de justiça e bem-estar.

Não ficaremos parados, entretanto, à espera do ideal perfeito, absoluto. Faremos o que é possível, realmente viável.

Negaremos ouvidos aos despotistas e aos exploradores da miséria do povo; aos que desejam ver o Nordeste estagnado, monumento à sua crítica sem construção. O Brasil está enterrando, com o progresso, os que querem eternizar a lembrança de que estamos à beira do abismo.

O eminente Presidente Ernesto Geisel demonstrou agora, com as reformas aprovadas pelo Congresso Nacional, que a Revolução quer evoluir, abrir etapas para o futuro. Mas há os que preferem a negação, pela simples necessidade de negar. Há os que não colaboram com o futuro, pretendendo impedi-lo, forçar uma volta inadmissível ao passado. Não conseguirão. As reformas do Presidente Geisel serão ampliadas no meu Governo, porque a Revolução é dinâmica, criadora e democrática.

Aqui no Ceará, terra de tantos feitos heróicos do passado, e que legou vultos marcantes, como o do Presidente Humberto de Alencar Castello Branco, reafirmo o compromisso de lutar sem desfalecimento pelo desenvolvimento político, social, econômico e cultural do vosso bravo Estado do Ceará, e de toda esta região sofrida.

Desejo, também, que este apelo à maior participação e presença do município se torne marco efetivo dos tempos que estão por vir.

Muito obrigado.

SÃO LUÍS — MA — 02-10-78

ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS
LIDO DURANTE A VISITA A ACADÊMICOS

Este encontro com o Estado e a cidade traz-me à lembrança todo o legado histórico maranhense. Tanto mais porque, no meu desejo de governar no presente, mas voltado para o futuro, não posso esquecer-me, hoje, dos ensinamentos de ontem.

Em São Luís, cada forma de arquitetura, cada esquina carregada de tradições, me propõe um estímulo a mais, para prosseguir nesta jornada pelo bem do Brasil. Cada monumento traz gravados os signos do desafio e das conquistas desta gente destemida. Que soube mais do que podia, pôde mais do que possuía. Gente que marcou o seu nome nas artes brasileiras, com o ferro em brasa do seu talento.

Gonçalves Dias, a palavra poética por excelência, antecipa os rumos da cultura nacional independente. João Francisco Lisboa, entrincheirado no seu incorruptível Jornal de Timon, lança as bases de uma consciência política, respaldada na ética. Os irmãos Azevedo são o mundo romanesco, a cena dramática, o traço irreverente, plenos de brasilidade.

Cada um deles, e os que os sucederam, são testemunhos sempre vivos da capacidade criadora do nobre povo maranhense.

Por essa razão, atribuo importância particularmente significativa à oportunidade de falar aos homens de letras maranhenses. Sei que nesta Casa da Cultura preserva-se, bem alto, o saber e a lição dos seus patronos, nossos patronos de sempre.

Se os Senhores Acadêmicos me permitirem, gostaria de lembrar, entre os fundadores desta Academia, o nome do admirável brasileiro General Luso Torres. Inspirado em sua profunda vocação de convivência harmoniosa, ele dedicou o melhor de si à promoção do encontro, ou do reencontro, das Armas com as Letras.

Sem falsa modéstia, mas por feliz coincidência, posso dizer que nasci e fui criado no seio de uma família onde a convivência de Letras e Armas é cultivada a cada instante. Para meu pai, e para seus filhos, a Cultura e a Educação eram e são um capítulo prioritário dos princípios e deveres da democracia moderna.

Por isso, penso que no regime democrático toda atividade de planejamento — social ou econômico — haverá de ter os valores culturais nacionais como ponto de partida; e sua permanência como objetivo final. Esse conceito rejeita, naturalmente, todo esforço uniformizador, massificador.

Por extensão, a norma que preside à ação do Estado tem de ser eminentemente educativa, para não se esvaziar. Quero dizer, com isso, que o ideal da igualdade entre os homens — pelo qual haveremos sempre de lutar — tem de ser expresso, primeiramente, como igualdade de oportunidades.

A sociedade moderna lançou novos reptos ao desempenho do sistema educacional, sobretudo em razão do crescimento exponencial da demanda de cientistas sociais e políticos, escritores, professores, técnicos e profissionais das mil profissões novas e velhas. A cultura, como termômetro social, reflete inevitavelmente as trepidações desse contexto.

Temos de reconhecer, entretanto, que no afã de corresponder à pressa da nova sociedade, os meios convencionais de transmissão do conhecimento acusam uma nítida e inquietante queda qualitativa. Não será, porém, pela simples substituição de veículos transmissores que chegaremos à boa solução para o problema. Precisamos de uma revolução pedagógica. Revolução dos meios e dos fins. Da escola, do livro, do mestre, todos eles agentes insubstituíveis do que poderíamos denominar a pedagogia da qualidade.

Em vista, mesmo, do caráter planetário da nossa época, da transmissão instantânea, e da assimilação rápida, em âmbito mundial, das manifestações e inovações das culturas dos povos, os programas nacionais de educação e de difusão cultural terão de apoiar-se e crescer sobre as raízes dos caracteres próprios de cada nação. Deverão levar em conta, a cada iniciativa, em nosso caso, a estrutura federativa do Estado brasileiro e, conseqüentemente, as peculiaridades culturais de cada região.

A rica variedade de traços que se nota entre as diversas partes do País repele por definição a uniformidade estéril. Sua preservação jamais enfraquecerá a unidade nacional. Antes a reforça e conserva. Penso que a cultura é tanto mais unitária quanto mais uniforme, quanto mais diversificada e múltipla. A força vital das manifestações culturais se alimenta desse pluralismo interior.

Daí a razão pela qual afirmo que os mecanismos governamentais, concebidos para corrigir desigualdades, deverão conduzir seu trabalho em obediência a requisitos que incluem:

- a descentralização do processo;
- a desconcentração dos bens e da renda;
- o alargamento do acesso à educação e à cultura.

Esses pressupostos caracterizam o sistema federativo e realizam os princípios de justiça social.

Pela mesma razão, as prioridades do sistema educacional brasileiro terão de ser definidas em termos, ainda que aparentemente utilitários, capazes de promover o equilíbrio entre a demanda corrente de especialistas e a oferta de profissionais habilitados. Digo isto com todo o apreço que devoto às ciências puras, à pesquisa pura. Mas, como futuro governante, não posso ignorar as realidades do nosso País. Estas requerem a conciliação do ideal de generalizar a alta educação com a aplicação prática, imediata e condigna dos conhecimentos adquiridos. O que considero desejável é fugir dos dois extremos: a elitização do ensino e sua massificação.

Conseqüentemente, todas as mudanças quantitativas que se adotem, devem promover — e não comprometer — a qualidade de educação. Essas e outras preocupações, como a articulação harmoniosa entre os vários graus e ramos do ensino, correspondem às características e reclamos de uma sociedade em rápida transição, como a nossa.

Inseparável da política educacional é a formulação e o desdobramento de uma política cultural ativa e criadora, a efetivar-se no tempo e no espaço extra-escolares.

As sociedades em mudança reconhecem nesses dispositivos flexíveis de informação o estuário insubstituível da educação permanente, firmada nos princípios do intercâmbio, da confluência, do comércio contínuo e da participação de todos os segmentos da comunidade. Seu objetivo é liberar todas as forças criativas e fundar, sob o influxo da figura fortalecida do homem, a nova sociedade: livre, aberta, igualitária e pluralista.

A educação, mais do que gerar produtos, forma produtores. Por isso, a liberdade é a sua meta e a sua arma. Mas a liberdade responsável, plantada no solo firme da consciência humana.

Em meio a essas inquietações saudáveis, emerge o papel da Academia. Fortemente ancorados nos exemplos passados, os Acadêmicos apontam para o futuro, através da iluminada reinterpretação, na qual constantemente engajam seu espírito crítico.

A mobilização cultural do País pressupõe sua concepção como tarefa quotidiana, continuada, atualizada, revitalizada. No seu pró-

prio desenvolvimento, será ocioso delimitar onde começa a educação para a democracia e termina a educação na democracia.

Porque «as recriminações apaixonadas das facções», aquelas de que nos falava o sábio maranhense João Francisco Lisboa, se perderão no vazio dos seus próprios sentimentos. E a verdade agora confiante de Timon irromperá como a verdade da história.

Muito obrigado.

SÃO LUIZ — MA — 02.10.78

HOTEL SÃO FRANCISCO
CHURRASCO DE CONFRATERNIZAÇÃO

Desejo em especial agradecer a gentileza que os líderes da ARENA do Estado estão tendo para comigo na oportunidade desta minha rápida passagem pela capital do Maranhão, mas cabe-me realçar, com a mesma ênfase, a recepção generosa que me deu o povo do Maranhão. Recepção generosa já esperada, em face da conhecida hospitalidade da sua gente.

Todavia, mais que a hospitalidade esperada, senti nesta recepção aquele apoio à minha causa, que é também a causa da maioria do povo maranhense, a causa do culto à verdade. Às vezes, ao dizê-la noto que os nossos adversários se sentem feridos porque sabem que a despeito de tudo que possa acontecer na nossa terra, a despeito de quaisquer grupos que se possam antepor à nossa vontade, que é a vontade de vocês, eu vou fazer deste País uma democracia verdadeira, em que de fato o povo veja respeitada a sua vontade.

Por isso, agradeço este apoio que, estou certo, o Estado do Maranhão vai me dar para que eu possa concretizar este meu propósito. E saio daqui levando a esperança de que aqueles poucos que ainda não se alinharam ao nosso lado, aqueles que ainda insistem em não acreditar na nossa palavra, hão de formar conosco até o dia 15, para que eu possa proclamar que o Maranhão está todo comigo e com o Governador. Não quero dizer que não desejo oposição: infeliz daquela democracia em que não houver oposição. Mas a oposição, aqui no Maranhão, à causa da democracia, que é a minha, do Governador SARNEY, do Governador João Castelo e de todos os nossos candidatos pela Aliança Renovadora Nacional, de tão pequena, há de permitir que eu saia daqui convicto de que o Estado inteiro está conosco.

Aqui voltarei, posteriormente, para, nos braços do povo, dar resposta àqueles que foram dizer que eu não gosto do cheiro da minha gente. Espero voltar aqui eleito Presidente da República, para mostrar ao povo maranhense que, como Presidente, eu não vou mudar e vou continuar o mesmo.

Muito obrigado.

MANAUS — AM — 02.10.78

SUFRAMA

LIDO NA REUNIÃO COM A DIRETORIA E LIDERANÇAS EMPRESARIAIS

Venho à antiga Capitania de São José do Rio Negro reafirmar a vontade de integrar o Brasil num todo harmônico.

Inspira-me o sentimento herdado do desbravador audacioso, que empurrou a linha de Tordesilhas, expulsou o invasor estrangeiro, e deu ao Brasil este tesouro Verde, rico, exuberante e ainda não de todo conhecido.

Minhas viagens pelo Brasil permitem-me dizer que o povo reconhece com satisfação o trabalho realizado pelos Governos Revolucionários. Aqui na Amazônia observo mais do que satisfação. O presente e o futuro estão apagando a visão de um passado sucessivamente glorioso e triste.

Manaus, símbolo de uma época de riqueza, agora como cidade moderna, vibrante. Aqui se encontra o espelho da ação linear, renovadora, da qual pretendo ser o continuador.

A Amazônia exige responsabilidade.

Sua grandeza e, ao mesmo tempo, a fragilidade de sua natureza exigem uma atitude de respeito na exploração dos recursos. Eles só serão inesgotáveis na medida em que deles soubermos cuidar. Na minha anterior visita à região, transmiti aos seus representantes, reunidos na SUDAM, as idéias que tenho para o programa do meu Governo.

Governar é decidir, é mobilizar para executar. É harmonizar homens, idéias, recursos. É compatibilizar o ideal com as prioridades.

Ao assumir o governo, assegurarei a continuidade e, quando e onde necessário, o aperfeiçoamento e a extensão dos programas que nos deixa a fecunda administração do eminente Presidente Ernesto Geisel.

Tudo procurarei fazer para que, no espaço geo-econômico brasileiro, as regiões se completem, integrem e desenvolvam. Para que não sobre a uns poucos, enquanto tudo ou quase tudo faltar a outros.

Essa política exigirá que se identifiquem e valorizem:
os recursos naturais e humanos de cada região;
as vocações da terra e do homem para a produção;
as estratégias e opções econômicas adequadas à realidade local;
a oferta e a demanda regionais de matérias-primas e produtos acabados;
o equilíbrio nas trocas comerciais entre regiões produtoras e consumidoras;

a capacidade de produzir bens e mercadorias que, pelo seu valor, compensem os custos decorrentes da localização e do transporte.

Considero extremamente válida a experiência que se realiza, nesse particular, na Zona Franca de Manaus. Consolidá-la, ampliar seus objetivos, reforçar os instrumentos de que dispõe e os recursos com que conta serão pontos primordiais de meu Governo. Para esse fim, será justo manter em nível adequado e atualizado as quotas de importação para a Zona Franca, com as compras feitas aqui pelos viajantes brasileiros.

O objetivo de converter a Zona Franca em grande e dinâmico centro industrial será mantido e perseguido sem hesitação. Isso se aplica, especialmente, ao pólo de componentes eletrônicos, ao pólo relojoeiro e ótico. Em ambos os casos, trata-se da produção de partes, peças e produtos que o Brasil ainda precisa importar em escala relativamente grande.

Outros empreendimentos industriais dinâmicos, entre os quais cito a siderurgia e a refinação de petróleo, receberão de meu Governo estímulos especiais.

Neste momento, quero reafirmar o que tenho dito: Manaus reúne condições únicas para o modelo de desenvolvimento que aqui se adotou.

Os levantamentos do Projeto RADAM apontam as excelentes terras agricultáveis de que dispomos nesta região. Seu aproveitamento garantirá às populações rurais carentes o necessário acesso à terra.

As experiências feitas no pólo agropecuário de Manaus indicam a possibilidade de canalizar para a agricultura o potencial de trabalho e eficiência das empresas privadas e das formas cooperativas de associação de produtores.

Lembro aqui o que tenho repetido por todo o Brasil: na agropecuária, assim como na indústria, no comércio e nos serviços,

haverão de conviver harmoniosamente as grandes, médias e pequenas empresas.

A contribuição de todos é indispensável para que esse processo se torne auto-sustentável, pois a Amazônia não é feudo de idéias feitas. Aqui, a criatividade empresarial, a capacidade de iniciativa, a cooperação entre governo e empresas e o senso de brasilidade documentam a ação afirmativa do homem sobre este vasto meio.

Concordo com os que pensam que a agricultura da Amazônia pode abastecer plenamente a região e criar excedentes exportáveis para o resto do Brasil e para o exterior.

Quero remover destas terras as trases conformistas e os lugares comuns de ontem e de hoje. O «pulmão do mundo» só será tal se nos propiciar realmente oxigênio para a renovação econômica e social da região. O «celeiro do planeta» só será celeiro quando produzir em escala satisfatória e em termos racionais. O «patrimônio da humanidade» é, antes de tudo, e acima de tudo, responsabilidade nossa. E dela os brasileiros não abrem mão. Não aceitamos veleidades de «internacionalização» da área.

Não considero necessário sacrificar a nossa reserva florestal para fazer agricultura e pecuária. Nem admito que o progresso seja feito à custa do esmagamento no nosso ecossistema, do equilíbrio natural que Deus decretou para este pedaço majestoso do mundo.

Nosso desenvolvimento deverá ser realizado com o mínimo irreduzível de ofensa à natureza. O que se fizer haverá de ser condicionado à conservação da hileia, ao aproveitamento dos cerrados e das várzeas, estas, sem dúvida, com potencial a ser explorado pelas culturas de ciclo curto.

Essa a agricultura que entrevejo para a região.

Vislumbro também a piscicultura, como fonte de produção de proteínas, em escala industrial. O ciclo vital do peixe pode fazer dele algo ainda mais importante e rendoso para a Amazônia do que a criação do boi. Aqui se concentra um quinto da água doce do mundo. Não podemos ver esse potencial inexplorado.

O transporte hidroviário terá de ser estimulado. Linhas regulares de cabotagem, com barcos adequados, podem concorrer para normalizar o abastecimento da região e o escoamento de seus produtos, com fretes a preços razoáveis.

Fonte inesgotável de energia, a Amazônia deverá aproveitar suas quedas d'água, como será o caso da hidrelétrica de Balbina. O projeto do governo Geisel terá execução nos anos do meu mandato.

Nós, que desejamos ser dignos da posse e do domínio da Amazônia brasileira, não queremos cruzar os braços. Muito ao contrário. A ação energética e criativa em nossa Amazônia é absolutamente vital

para o Brasil, como o é, para cada um dos demais países amazônicos, o desenvolvimento de seu imenso potencial.

Falei em ação. Ação enérgica, realizadora, criativa. Jamais a inércia. Jamais o conformismo.

Quero vivificar ainda mais a experiência amazônica, que tanta emoção e apreço despertou nos meus antecessores, de Castello Branco a Costa e Silva, de Médici a Geisel.

Imagino uma Universidade Amazônica — não mais uma universidade na Amazônia. Ligada às coisas próprias da terra amazônica, inquieta em formulações para o amparo, para o avanço, para prospectar no futuro. Ela terá, como tarefa primeira, a formação dos quadros regionais que deverão encontrar as soluções regionais dos problemas amazônicos.

É nesse futuro que lanço minhas esperanças.

Futuro para ampliar e aperfeiçoar o nosso sistema político, social e econômico. Pois o futuro é reformar.

Futuro é fazer deste País a terra com que sonhavam nossos antepassados. A democracia definitiva, pela consciência do povo, pela vontade do povo, para o bem de todo o povo.

Muito obrigado.

ESCOLA TÉCNICA — ENCERRAMENTO DO CONGRESSO DE BAIRROS

Na oportunidade em que se encerra este primeiro Congresso de Diretórios Distritais e de Bairros de Manaus, em que me é dada a honra de falar aos senhores congressistas, devo dizer da satisfação com que vejo a obra feita pelo Partido em que há pouco ingressei.

Vejo, com satisfação, que o Partido que me fez candidato à Presidência da República está de fato realizando aqui em Manaus aquelas obras com que eu sonhava, aquelas obras cuja realização reclamara que os homens mais proeminentes do Partido fossem ao encontro do povo para sentir junto a este povo as dificuldades e preocupações que o assoberbavam, para, dentro das suas possibilidades, transformá-las em medidas capazes de trazer benefício aos habitantes dos bairros, ou pelo menos minorar as suas dificuldades.

Congratulo-me com a idéia de realizar o Congresso de Bairros, porque nele se corporifica de fato o diálogo entre o povo votante e os que serão votados. Desejo também, particularmente, expressar minha satisfação por ver que o povo está entendendo a palavra dos seus líderes da ARENA, convencido de que a razão está conosco, apesar de todas as dificuldades que os Governos Revolucionários têm experimentado. Tenho a certeza de que aqueles que em 1964 conheceram a situação do Estado do Amazonas não trepidam em dizer hoje que a Revolução melhorou de fato as condições de vida do Estado. Se mais não fez, e muito há ainda que fazer, é porque lhe faltaram recursos suficientes para tal, mas aí está toda a obra do Governo, a efetivação da Zona Franca de Manaus, o Parque Industrial que acabei hoje de visitar e que é um exemplo do esforço deste povo e dos empresários brasileiros, e o promissor Parque Agropecuário que espero ver efetivado no meu Governo.

O documento que acabo de receber dos senhores Congressistas, em que me solicitam algumas medidas no campo da habitação e da educação, leva-me a dizer que no tocante à Universidade de Ma-

naus eu hoje me pronunciei na SUFRAMA, dando todo meu apoio ao apelo que me fez o nosso futuro Governador José Lindoso. E quanto ao item em que me solicitam que estimulem as pesquisas na área, com o aproveitamento dos universitários e dos técnicos da região, até parece ter sido eu que mandei dizer aos congressistas que era essa a minha idéia, porque foi essa também a tese que defendi hoje. No que diz respeito à política habitacional, posso dizer aos senhores que é uma das graves preocupações que tenho. Sei bem que a Nação não tem recursos que permitam construir casas populares para todos os trabalhadores brasileiros. Estou certo de que os recursos seriam insuficientes ainda que se interrompessem as demais atividades do País.

Não me conformo com a idéia de que aqueles recursos que a Nação possui não sejam oferecidos aos que recebam salários mais baixos em condições melhores, em condições que lhes possibilitem pelo menos amortizar a dívida contraída. Confesso aos senhores que acho difícil a eliminação de juros e correção monetária, mas ao mesmo tempo asseguro que esses juros podem ser mínimos e a correção monetária quase inexistente. As classes de salários maiores, essas sim poderão pagar juros mais elevados e uma correção monetária mais alta, de modo a possibilitar recursos para as que recebem trabalhos inferiores.

Espero voltar a Manaus. Espero voltar a Manaus já eleito Presidente da República e nessa ocasião transmitir aos senhores congressistas as conclusões a que cheguei sobre essa questão habitacional que tanto me preocupa. Creio que os senhores não esperam que eu venha aqui contar inverdades. Vou me empenhar a fundo para que seja possível esta melhoria, e se o bom Deus não me indicar uma solução satisfatória virei aqui dizer aos senhores que ela não é possível. Mas Deus queira que eu possa vir abraçar os habitantes de Manaus e dizer a eles que nessa questão, como em tantas outras, Deus está comigo, porque me deu uma solução.

Muito obrigado aos senhores.

MANAUS — AM — 02-10-78

PRAÇA 14 DE JANEIRO
CONCENTRAÇÃO POPULAR .

Início estas minhas palavras agradecendo a gentileza do meu Partido pela recepção que me proporcionou. Devo em seguida manifestar ao povo de Manaus que lhe sou grato por este espetáculo que estou vendo. Como tive ocasião de dizer hoje em São Luís, agradeço não só a hospitalidade mas também o entusiasmo desta gente pelo apoio que vem dando ao meu Partido, porque o povo acredita nos seus líderes locais, no seu Governador, e nos candidatos do nosso Partido. Perdoem-me a falta de modéstia, mas o povo também começou a acreditar em mim. Nas minhas andanças por todo o Brasil, venho contemplando este mesmo espetáculo que agora presencio aqui em Manaus. O povo já sabe distinguir os que retiram as palavras de dentro do coração daqueles que falam da boca para fora. Sinto que ele começa a dar crédito a um ex-soldado.

Não me canso de repetir que lhes prometo uma democracia. Alguém já disse há tempos que ao despir a farda de General de Exército eu iria rasgar a fantasia. Prometo ao povo rasgar a fantasia dos falsos democratas, dos falsos democratas que vêm às praças públicas explorar as dificuldades do povo, sem apresentar soluções para diminuí-las ou para eliminá-las. Aqueles falsos democratas que falam em obras sociais mas que nada fazem em proveito do povo porque vivem da miséria alheia.

Tenho afirmado publicamente muitas das minhas idéias. Em cada região por onde passo digo sinceramente o que penso sobre todos os problemas políticos, econômicos e sociais de nossa Pátria, e em cada local falo sobre os problemas que ali me preocupam. Quero que o povo fique convicto de que aquilo que afirmo em praça pública eu tentarei fazer.

Tive a oportunidade hoje de falar nas minhas idéias sobre a Amazônia e em particular sobre o Estado do Amazonas. Fiz algumas promessas ao nosso Governador José Lindoso, promessas que

pretendo cumprir, tais como o Campus da Universidade de Manaus, o incremento da Zona Franca como solução única para absorção de mão-de-obra, o desenvolvimento do Distrito Industrial e também do Distrito Agropecuário, e fui muito além ao dizer como encarava o desenvolvimento da Amazônia, que começou com Castello Branco, foi incrementado por Médici com a Transamazônica e efetivado por Ernesto Geisel. Ao dizer como encarava o desenvolvimento da Amazônia Ocidental, fiz a afirmação de que não ia me esquecer das obras sociais, daquelas que de fato promovem a melhoria de vida do povo. Mais ainda, prometi esforçar-me para implantar aqui nesta terra, neste chão, a nova refinaria da PETROBRÁS.

Agora há pouco, falando aos congressistas dos Bairros de Manaus, eu lhes prometi buscar uma fórmula que melhorasse a aquisição da casa popular para o trabalhador. E pretendendo aqui voltar como Presidente da República, para mostrar àqueles que teimam em não acreditar e até tentam desacreditar no que eu digo quem de nós é amigo do povo. Hei de dizer aos que me acusam de ser militar e afirmam que vou implantar neste País um regime militarista, hei de dizer a eles que soldado também é povo, que ninguém é capaz de suplantar o meu amor à Pátria. Mas pretendo voltar a Manaus para dar uma demonstração de que as minhas intenções não foram palavras vãs, e para que vocês sintam diretamente o que estava errado e o que estava certo no meu Governo. Porque pretendo ser um bom Governante e não um governante demagogo. Pretendo ser um governante que ande no meio do povo, sentindo as suas dificuldades.

Sei que o povo amazonense vai me perdoar a veemência com que falo, veemência que às vezes ultrapassa os limites da franqueza. Reconheço que às vezes sou rude nas minhas afirmações, mas prefiro dizer a verdade, como é do meu hábito. Por que quando eu digo que hei de fazer deste País uma democracia, quando digo e repito pelo Brasil afora que hei de fazê-lo a despeito de quaisquer dificuldades, venham elas de onde vierem, com a coloração que tiverem, quando falo desta maneira, sei que o povo me compreende. E repito, como venho repetindo, que vou fazê-lo, custe o que custar.

Agradeço mais uma vez ao povo de Manaus a acolhida carinhosa e mesmo generosa que deu a mim e aos meus companheiros. E espero poder passear com vocês aqui em Manaus e ouvir de cada um, de cada popular, de cada transeunte que encontrar: «Presidente, a coisa não está boa», ou «Presidente, o senhor está certo». No dia em que isso acontecer eu me sentirei feliz somente porque não faltei à verdade com vocês. E amanhã no Acre, ao falar ao povo de Rio Branco, vou dizer a ele o que senti e vi aqui em Manaus. Vou dizer a ele como fui recebido pelo povo de Manaus e pedir-lhe que me dê este mesmo apoio que estou sentindo no coração de cada um de vocês.

PALÁCIO DO GOVERNO
CONCENTRAÇÃO POPULAR

Desejo inicialmente agradecer a cortesia do nosso Governador pela recepção carinhosa que acaba de me proporcionar e na oportunidade juntar a esse agradecimento minha gratidão ao povo do Acre pela beleza deste espetáculo e pela generosidade da sua hospitalidade. Venho aqui pela primeira vez como candidato à Presidência da República e espero voltar em pouco tempo, já eleito, para ver de perto, mais de perto ainda, aquilo que sei de leitura, de informações, que o povo do Acre está necessitando. Não venho com promessas fáceis de progresso rápido, mas venho cheio de boas intenções com a firme vontade de fazer deste Estado, mercê de Deus, o Estado progressista que ele merece ser, proporcionando-lhe senão a riqueza, pelo menos, tenho certeza, a melhoria de vida dos menos favorecidos.

É preciso que o Governo Federal — e o governo vai empenhar-se em fazê-lo — abra mais perspectivas de frentes de trabalho e principalmente de frentes de educação e de profissionalização para o povo. Por outro lado, urge que nos lancemos na firme determinação de fazer com que a nossa gente tenha mais alimentos em sua mesa, alimentos mais baratos produzidos aqui no próprio Estado.

Trago uma mensagem de fé e de esperança e um abraço muito efusivo para a juventude desta terra, porque é dela que o Estado espera o esforço destinado a fazê-lo reluzir na Federação Nacional como um grande produtor de riquezas.

Sei que o povo vai me ajudar, vai me ajudar porque já acredita na minha lealdade e sabe que em ocasião nenhuma eu lhe faltarei com a verdade, por mais crua que ela seja. Conto com vocês, do Estado do Acre, para a vitória do Partido que me apóia. Desejo essa vitória tanto como desejo nas demais Unidades da Federação, para mostrar aos Estados mais favorecidos que aqui há brasileiros que en-

tendem a boa causa. O restante dos brasileiros precisa saber que neste extremo do País existe uma juventude que também pulsa pelo progresso de nossa Pátria. Hei de voltar ao Acre, para agradecer a este povo o apoio que me deu e para retribuí-lo com medidas eficazes em seu proveito.

Muito obrigado.

RIO BRANCO — AC — 03-10-78

INAMPS

LIDO EM SAUDAÇÃO AOS ACREANOS

Trago a esta terra, que já viu uma guerra de integração, minha palavra de confiança na complementação dessa conquista.

O Acre é o pedaço do Brasil onde o heroísmo é questão de sobrevivência. Os brasileiros têm aqui um monumento de civismo. Rendo, assim, meu tributo à grandeza de nossa gente, à fibra do povo acreano.

Quando os primeiros brasileiros aqui chegaram, o Acre era a pátria dos índios, dos bichos e das lendas. Não se havia ainda descoberto que a região aconchegada entre as bacias do Juruá e do Purus, no fértil verde do seu majestoso polígono florestal, só esperava mãos, para transformar seu potencial em riqueza.

Essas mãos foram os nordestinos. A borracha era o novo Eldorado. A terra sem dono, desocupada e livre, o chamariz. Chegar, estabelecer-se, enriquecer e voltar: tal o sonho capaz de compensar todos os sacrifícios dos cearenses, portugueses e árabes que para aqui vieram.

Vieram, mas ficaram. Liderados por Plácido de Castro, deram o Acre ao Brasil.

Minha visita a este Estado é simbólica de minha jornada. Aqui, o candidato ao sufrágio dos representantes do povo encontra os descendentes dos bravos, dos pioneiros, dos conquistadores. Precisamente as qualidades que se exigem de um povo, nesta era de transição, mas também de aperfeiçoamento e de renovação.

Hoje, o Brasil é uma nação grande. Pacífica e respeitada. Ao longo da fronteira viva, de milhares de quilômetros, mantemos um estreito vínculo de solidariedade com os nosso vizinhos. E, na comunidade amazônica, somos um povo-irmão, entre irmãos.

Compreendo os problemas do Acre.

Com franqueza, quero que o povo saiba das limitações do Governo, para responder a todos os desafios que se nos apresentam.

Mas, com coragem e lealdade, digo também que o governo do eminente Presidente Ernesto Geisel tem olhado esta terra com extraordinária visão das suas necessidades.

Aqui se integram esforços de vários órgãos federais, com o objetivo de desenvolver e dar ao Estado uma infra-estrutura econômica sólida. Isso eu prometo manter, e ampliar, sem pausa ou hesitação.

A colonização do Acre deixou como seqüela uma carga de problemas fundiários. A titulação das terras se fez à feição de uma fase épica de conquista, de corrida, de ocupação e de sucessão de soberanias.

Por isso, a questão terá de receber tratamento próprio, já formulado na administração Geisel, e a ser posto em execução no meu governo. Assim, por suas características especialíssimas, pelas raízes históricas do Estado, pela forma em que se organizou sua produção, pelos fatores psicossociais e culturais conhecidos, qualquer solução deve reconhecer os direitos e os investimentos feitos por gerações de seringalistas. Há que ampará-los, em face das situações criadas pela nova ordem econômica e social do Estado, que sucedeu ao fausto da borracha.

Do mesmo passo, há também que reconhecer e proteger os direitos e interesses dos seringueiros. Para que eles não venham a ser esmagados pela permanência de condições inumanas, quase feudais, de trabalho. E para que não sejam relegados à própria sorte, nas áreas que mantiveram brasileiras e produtivas.

Portanto, as opções de investimentos para esta área deverão combinar oportunidades condignas de produção e lucro, com a promoção social e econômica do homem.

Temos de trazer para aqui, e incorporar ao Acre, os conhecimentos e recursos financeiros disponíveis em áreas mais desenvolvidas.

Temos de assegurar a quem cultive um pedaço de chão os ensinamentos necessários. Fornecer assistência e condições de obter crédito. Garantir a comercialização de seus produtos e preços remuneradores de seu labor.

Mas é importante que o extrativismo arcaico seja gradualmente, mas seguramente, substituído por culturas adequadas às regiões tropicais e equatoriais. O plantio racional de seringueiras deve ser ativado paulatinamente. Cito, como programa mínimo, a Resolução da SUDAM sobre o assunto.

Na questão de legitimação de terras, devemos dar preferência aos ocupantes de áreas de até 100 hectares, que nelas tenham moradia permanente. A quem as cultive de forma efetiva, e delas retire seu sustento.

Legitimáveis serão também as ocupações pacíficas, nas faixas de fronteiras, ou próximas das principais rodovias, desde que realmente utilizadas.

Portanto, toda ação de boa fé terá correspondência em nossa boa fé.

Mas não daremos trégua ao invasor, ao grileiro, ao profissional da desordem no meio rural, ao criador de tensões sociais, ao forjador e adulterador de documentos.

Nem descanse, também, o especulador, que mantém o solo improdutivo, no aguardo dos lucros advindos da infra-estrutura que o governo montou ou está montando, a duras penas.

Essas diretrizes vêm sendo incansavelmente — e digo até heroicamente — seguidas pelo INCRA. Ação que deve ser ampliada e reforçada em meu Governo, para que se cumpram as concepções do Estatuto da Terra, avançado marco doutrinário, fruto da Revolução de 1964.

Meus senhores:

Nesta minha primeira visita, não quero deixar esperanças vagas, ou promessas aleatórias. Quero assumir compromissos de trabalho, para confirmar, continuar, e, onde possível, ampliar o que tem sido feito pelo Presidente Geisel. Quero, assim, deixar registradas algumas linhas de ação que penso desenvolver.

Quero incentivar as atividades extrativas do Acre — o cacau, o café, o guaraná, a borracha, a castanha — em níveis mais amplos.

Quero quebrar a dependência de gêneros agrícolas vindos de outros Estados. Quem tem um solo fértil como este não deve importar alimentos.

Quero promover o aumento da produção, através de melhor articulação dos órgãos federais na região, e incentivar a cooperação entre o Governo e as empresas particulares.

Quero que os incentivos previstos para indústrias processadoras de matérias-primas locais tenham aplicação máxima, conforme o ato baixado, em 1968, pelo saudoso presidente Costa e Silva.

Quero estimular programas que permitam o beneficiamento de produtos nas próprias fontes de produção.

Quero ativar os sistemas viários, inclusive fluviais, para que a riqueza aqui gerada possa circular com mais rapidez.

Estudarei com prioridade o projeto da Rodovia Boca do Acre — Rio Branco, e da implantação da Rodovia Rio Branco-Cruzeiro do Sul, ambas de importância econômica e social fundamental para o Estado.

Quero retomar os estudos para a criação do Fundo Nacional da Borracha, e dotar a SUDHEVEA de recursos e de flexibilidade operacional.

Esses são alguns roteiros do que me proponho a fazer. Assumo aqui o compromisso de estudar, e afirmo o desejo de fazer e realizar. A gente acreana já demonstrou sua capacidade de vencer barreiras, espaços, distâncias, antagonismos e intempéries. Se for preciso redobrar esforços, o exemplo está aqui mesmo, diante de nós.

Para que eu possa fazer mais pelo Acre e pelo Brasil, precisarei, entretanto, de uma sólida maioria no Congresso Nacional. Peço, por isso, aos acreanos que sulfraguem a 15 de novembro os candidatos da ARENA ao Senado Federal, à Câmara dos Deputados e à Assembléia Legislativa.

Conclamo o povo a consagrar nas urnas o sentido de um Governo dedicado a reformar e a aperfeiçoar a vida política, econômica e social do País. Estou certo da vitória e da entusiasmada participação do povo acreano nessa eleição de um novo Brasil, de um novo tempo, de todos, para todos.

Muito obrigado.

Quando convidado, pelos organizadores da terceira FENAF, para estar aqui presente junto com os senhores, apressei-me a aceitar porque conhecia de muito a hospitalidade da gente desta terra. Não foi surpresa para mim, portanto, a delicadeza das palavras do senhor Prefeito, nem este brinde que acabam de me oferecer. Mas, mais do que isto, apressei-me a estar aqui hoje porque vinha prestar uma homenagem àqueles que dão tudo de si àquilo a que eu quero dar mais ênfase no meu governo: a agropecuária.

O que significa economicamente o que o povo desta terra planta em fumo, soja, trigo, o que significa economicamente o labor daqueles que se dedicam à pecuária, não poderia deixar de pesar na aceitação deste convite, porque venho aqui prestar a minha homenagem ao trabalho da terra. Desejo ressaltar entre os senhores esta mensagem de trabalho que pretendo levar Brasil afora como um exemplo.

Muito honrado e desvanecido fiquei com as palavras do senhor Prefeito, ao dizer que eu representava uma esperança. Não tenho medo da responsabilidade que isto significa, não tenho medo, modestia à parte, não tenho medo de nada. Só tenho medo de ter medo de faltar à confiança que o povo em mim deposita. Mas tenho a certeza de que, em qualquer situação, não há por que temer o amanhã. Porque sei que conto com o apoio do povo desta terra, que há de compreender as minhas intenções.

Muito obrigado aos senhores.

COLÉGIO MAUÁ
VISITA

Muita coisa do que eu pretendia dizer aos senhores foi dito aqui pelos que me antecederam. Muitos tiveram até a cortesia de repetir algumas das minhas afirmações, que tenho feito nestas minhas andanças pelo Brasil. Muitas coisas tenho afirmado em forma de intenções. Intenções que venho repetir, impulsionadas pela força de vontade que sei que tenho em dose forte. Mas de todas as coisas que ouvi aqui repetidas, e que não me canso de repetir por onde ando, há uma que não é uma intenção, porque é uma realidade. É que quaisquer que sejam os obstáculos que eu tenha que transpor, quaisquer que sejam as dificuldades, eu hei de fazer deste País uma democracia.

Não há força humana que me desvie deste meu propósito, desta minha afirmação. E essa decisão eu tive o prazer de manifestar em primeira mão ao meu prezado amigo, Senador Daniel Krieger, na minha casa: candidato ou não candidato, soldado ou civil, na ativa ou na reserva, eu estava determinado a fazer deste País uma democracia.

Não é portanto a condição de candidato, ou, sem falsa modéstia, a condição de quase Presidente da República, que me fez trazer para a praça pública esta minha intenção transmitida *intramuros* ao gaúcho Daniel Krieger. E ao vir aqui a esta terra, ao vir a esta santa terra, que é santa pelo nome e sacrossanta pelos ideais de sua gente, não vim pedir o apoio de ninguém porque seria até um insulto ao seu passado. Vim apenas dizer à gente de Santa Cruz do Sul e do Vale do Rio Pardo, aos meus correligionários, que não hão de decepcionar-se comigo, porque estarei sendo impulsionado por esta gente.

Tenho a certeza também, gaúcho de coração, de que esta gente saberá entender, como outros já estão entendendo, os meus eventuais extravasamentos, mais por conta do meu entusiasmo do que

do meu temperamento. Entusiasmo que jamais perdi nas horas amargas de minha vida. Que trago com o mesmo fervor para, junto com os senhores, ficar descansado e saber que os netos daqueles canarinhos* que ouvimos ainda há pouco, e os netos desta juventude que vimos desfilar pelas ruas desta cidade — esses netos irão cantar hinos e desfilar com a mesma alegria, com a mesma liberdade, no Brasil de amanhã, a grande potência que estamos construindo.

(*) Referência a um coral de meninos que o saudou durante o almoço, no Clube União.

CAMPOS — RJ — 09-10-78

PRAÇA SÃO SALVADOR
CONCENTRAÇÃO POPULAR

Necessariamente, eu tinha de vir a Campos e tinha de vir por motivos outros que não o de solicitar o voto dos campistas para o meu partido. Eu não podia deixar de estar presente nesta minha caminhada pelas terras brasileiras, eu não poderia deixar de estar presente à terra de Benta Pereira de Souza, a mulher símbolo do civismo fluminense e que deu tudo de si para que fosse possível a insurreição de 1748. Eu não poderia deixar de estar presente à terra de José do Patrocínio, de Nilo Peçanha e do almirante Saldanha da Gama. Eu não podia deixar de vir homenagear o conselheiro Thomaz Coelho, que fundou o Colégio Militar, o colégio que me educou. E se todos esses motivos não fossem suficientes, eu teria motivos outros para estar aqui. Porque ao povo de Campos me ligam laços de sangue e de amizade. Trabalhei e fui ajudante-de-ordens de um grande soldado campista: o general Cristóvão de Castro Barcelos. Meu avô, Guilherme da Silva, era um campista que foi mostrar as virtudes campistas no planalto de São Paulo, em Campinas, e lá fundou a sua família. Eu não poderia deixar de estar presente porque aqui estão os meus soldados, os Dragões da Independência, que comigo serviram em 1967 e em 1968 no Rio de Janeiro e em Brasília. Muitos desses soldados, Dragões, estão aqui, no meio desta gente, e eu não podia deixar de vir aqui falar ao povo desta terra, a quem tanto me ligam laços de sangue e de afeição. Para dizer a esse povo que não vim aqui pedir votos para o meu partido.

Vim apenas dizer que eu, na Presidência da República, terei bem presentes os problemas de Campos e do território fluminense. Te-los-ei presentes porque hoje escutei os líderes dessa terra. A universidade, o pólo petroquímico, o problema da indústria açucareira, o problema dos transportes vicinais e os problemas sociais que tanto afligem esta terra. Vim aqui apenas para dizer a este povo que na Presidência da República, apesar das reservas que a dignidade do cargo vai me exigir, pretendo continuar aquilo que sou. Pretendo governar escutando em primeiro lugar o povo, mas escutando dire-

tamente. Privando com este povo e dele ouvindo as suas queixas e os aplausos, se for o caso. Não venho aqui para pedir apoio para o meu partido, tamanha é a minha certeza de que o civismo do povo desta terra há de fazê-lo votar nos homens de bem do meu partido. E venho pedir a esta gente, que com tanta generosidade me acolhe e me homenageia, venho pedir a esta gente e a todos vocês um pouco de compreensão para aquelas vezes em que meu temperamento extravasar, aquelas vezes em que eu tiver de dizer verdades duras que às vezes doem e ferem.

Venho dizer a este povo que só sei falar verdades neste tom e dizer a esse povo que não o enganarei. Repito: não venho aqui pedir votos para o meu partido, porque tenho a certeza de que o meu partido escolherá o que há de melhor para junto a mim, na Presidência da República, permitir que eu faça aquilo que tenho a firme determinação de fazer: dar aos nossos filhos e aos nossos netos uma terra de que todos nós nos orgulhemos, uma pátria que os nossos vizinhos, as nações amigas, admirem. Uma pátria dentro daquele dístico que está na nossa Bandeira, de Ordem e Progresso. Uma terra que viva dentro de uma verdadeira democracia e que repila com todas as suas forças aquelas ideologias que exploram as dificuldades do povo.

Não venho pedir o voto do povo de Campos e do povo fluminense, porque sinto por esses Brasis afora que os homens de bem da minha terra estão entendendo o que eu digo. Porque não falo por metáforas. As afirmações que tenho feito; de algumas intenções em relação a todos os setores da nossa atividade, ficam apenas no plano dos meus propósitos e da minha força de vontade, mas há uma afirmação que eu não me canso de repetir por onde passo, e por mais que eu repita cada vez mais me dá a convicção de que eu hei de conseguir o meu objetivo, que é de dar aos brasileiros uma verdadeira democracia. Uma democracia em que eu me sinta, como Presidente da República, orgulhoso de andar no meio do povo e com ele confraternizar, e com ele sentir as suas alegrias, e com ele chorar nas horas de desespero. Eu quero que o povo me encare, na Presidência da República, como um amigo a quem o destino reservou a honra de ser o administrador de todos os brasileiros e com eles conviver como eu convivia nos quartéis com os meus soldados. Saio, volto a Brasília com a impressão dessa magnífica recepção que o povo campista e o povo fluminense me proporcionaram. Volto agradecido e volto lisonjeado.

Eu não merecia tanto sacrifício dos senhores. Mas volto satisfeito porque, repito, vejo que o povo fluminense já tem confiança no que eu digo. E me atemorizo às vezes porque sinto a esperança dessa gente na minha gestão e tenho receio de falhar. E esse receio será menor se eu dispuser ao meu lado, no meu Ministério, na Câmara e no Senado Federal, de homens como o meu partido de

Campos tem em seu seio. Homens que saberão compreender as intenções com que vou assumir o governo. Não posso prometer ao povo de Campos e ao povo fluminense uma fórmula milagrosa de prosperidade rápida, mas posso afirmar que a minha preocupação de governante será o bem-estar do povo. Se eu conseguir trazer um pouco mais de felicidade para o povo de minha terra e um pouco de melhoria de vida, eu me darei por satisfeito. Posso apenas prometer a minha dedicação, o meu esforço total, a minha compreensão para as incompreensões dos adversários. Após o 15 de novembro hei de abrir os braços para aqueles que hoje me combatem, a fim de que venham cooperar também junto com o nosso partido, no governo de redenção que pretendemos iniciar.

.

RIO DE JANEIRO — RJ — 11-10-78

FUNABEM
VISITA

Tenho a grande satisfação de conhecer elementos engajados na solução do problema do menor desassistido, neste estabelecimento da Fundação em boa hora criada pelo saudoso Presidente Castello Branco, e na ocasião em que se comemora o Dia da Criança.

Recolhi dados que alargaram meus conhecimentos e serão de grande utilidade para equacionar, em meu governo, soluções, se possível mais ágeis, destinadas a dar continuidade à política dos governos revolucionários — em particular o Governo Geisel — de integrar à comunidade social brasileira os milhares de crianças sem lar, que não pediram para nascer; 60% da população têm de 0 a 19 anos, dos quais 2/3 em precárias condições sócio-econômicas.

Meu coração se confrangeu vendo nas ruas mãozinhas estendidas pedindo o pão que não faltou aos meus netos.

Não me conformo com o medo, a pobreza, o abandono no quadro da vida urbana. Reafirmo meu propósito de dar à recuperação do menor abandonado interesse prioritário em meu Governo. Mas apelo a todos os brasileiros que foram capazes de compreender o sentido de minhas palavras e a honestidade de minhas intenções: nenhum Governo terá meios humanos e financeiros para resolvê-lo, se não contar com a participação de toda a população. Só assim poderá o Estado realizar o ideal de todos os brasileiros, de dar trabalho, pão, casa, saúde, educação, tranquilidade social, liberdade e futuro a todos os que nascem e vivem em nosso imenso território.

BRASÍLIA — DF — 14-10-78

CHURRASCARIA DO LAGO
LIDO NO ALMOÇO COM DELEGADOS DO COLÉGIO
ELEITORAL DA ARENA

Honra-me extremamente falar, neste momento, aos representantes da ARENA, que no Colégio Eleitoral expressarão a força do partido e a vontade da maioria dos brasileiros.

Para mim, e para o meu companheiro, Doutor Aureliano Chaves, este momento se identifica pela inequívoca manifestação da vitalidade e da coesão do nosso partido.

A ARENA é a própria expressão da vontade nacional. O que acontecerá amanhã no Colégio Eleitoral — nem sofisma nem má-fé pode obscurecer — será o próprio povo brasileiro a sufragar, soberanamente, o presidente e o vice-presidente do Brasil, para mais uma quadra da Revolução renovadora e democrática de 64.

Foi essa a Revolução que nos deram Castello Branco, Costa e Silva, Garrastazu Médici e Ernesto Geisel. Sequência insuperável de honradez, retidão, proficiência e continuidade administrativa, definitivamente associada à história da modernização da sociedade brasileira.

Modernização com democracia.

Progresso econômico e desenvolvimento social.

Afirmação da soberania nacional e convívio pacífico com as demais nações.

Ser eleito para suceder ao Presidente Ernesto Geisel importa em manter os olhos voltados para a sua mensagem de trabalho em favor da grandeza do País. E, portanto, para o futuro.

A caminhada do povo brasileiro para a prosperidade e a paz social, herança da transição, é também o nosso grande desafio.

Ter os olhos no futuro significa, ao mesmo tempo, cultivar a lembrança dos fatos do passado, para não repetirmos erros, nem alimentarmos ilusões, na jornada que se inicia.

Os homens da minha geração assistiram ao entrechoque de seus ideais com a realidade do caudilhismo e da insinceridade. De convulsão em convulsão, o País desaguou no Estado Novo, de onde sairia para uma vida constitucional fundada no desejo de evitar a reincidência na queda.

O que se viu, porém, foi a fragilidade das instituições contra as investidas dos que as queriam subverter. Faltou ao Brasil, de 1945 a 1963, a aliança das forças políticas para a renovação nacional.

A aliança, que hoje temos, é a nossa ARENA, expressão política do nosso patriotismo. Do nosso compromisso com a renovação e a paz entre os brasileiros. Do nosso desejo de servir. Da união dos brasileiros ávidos de progresso, desejosos de justiça.

Essa a ARENA.

Partido forte — como a Revolução deseja e precisa — partido que diariamente se consolida, enfrentando a oposição, e porfiando nas urnas.

E porque a ARENA é maioria do povo brasileiro vamos continuar a obra de renovação da sociedade brasileira.

Meus companheiros de partido:

Olhei, vi e sei: a ARENA manterá, a 15 de novembro, sua posição de partido majoritário, sustentáculo político da Revolução.

O povo demonstrará que as dificuldades de todos conhecidas, e por todos lamentadas, não o abatem. O povo não cedeu à catilina absurda dos que só querem — e só sabem — denegrir.

Nesta campanha, hoje encerrada, convivi com os brasileiros com o senso de observação de quem pretende construir e resolver.

Visitei o torvelinho das metrópoles.

Vi a pobreza dos bairros, longe da vida dos ricos.

Em toda a parte, observei os que aspiram, e os que ousam pensar alto. Ouvi, também, as queixas dos que receiam continuar à margem do enriquecimento nacional.

Só não encontrei o desânimo que sufoca. O pessimismo que esteriliza. O derrotismo dos que se entregam antes de começar a luta. O negativismo que estiola.

Por todo lado, vi confiança. Ânimo de pioneiros. Espírito de heróis. Esperança. Dedicção de mães, que nos seus filhos criam o Brasil de amanhã.

Anotei o esforço dos que estudam: crianças, moços e velhos, que pensam na vida como outras tantas oportunidades de trabalhar e vencer.

Falei com os que tiram sua força da caridade cristã. Visitei os que choram. Orei com os que rezam.

E me alegrei com os brasileiros cuja fortaleza está na vontade de vencer. Na disposição de trabalhar.

Meus companheiros:

A idéia-força do Brasil é o otimismo!

Em primeiro lugar, o otimismo da fé e do amor. Otimismo dos que, tendo olhos, vêem: enxergam o muito que o Brasil progrediu nestes últimos 14 anos.

Otimismo consciente dos que — desejando uma sociedade mais justa — sabem que o caminho é pontilhado de abrolhos e escolhos. Mas sabem também que só os preguiçosos, os apáticos, descansam e se comprazem na sua esterilidade, na sua abulia.

Por isso, digo: os brasileiros continuarão a confiar.

O povo dará resposta, a 15 de novembro, aos que subestimam sua capacidade de escolha. O povo sabe que o seu Presidente precisará de sólida maioria arenista no Congresso Nacional. Da mesma forma, os governadores precisarão de maioria nas Assembléias.

Nas eleições limpas e livres de 15 de novembro, o renovado encontro da ARENA com a maioria dos brasileiros será a consolidação do pacto social e político da liberdade com a justiça.

Confio na estrutura partidária da ARENA, e nos homens que a integram.

Confio nos quadros que sabem criar fatos políticos como o de hoje, com a inata vocação de artífices do momento histórico.

Confio em que o sufrágio dos brasileiros à ARENA permitirá que eu continue a obra de fortalecimento das instituições, através de reformas que não são de ontem, nem de hoje, mas do futuro.

Confio no meu partido. Confio no meu povo.

Confio em que, sob a liderança de tantos correligionários ilustres, a ARENA colherá uma vitória expressiva nas urnas de novembro. Vamos buscá-la, para o bem do Brasil!

Muito obrigado.

BRASÍLIA — DF — 15-10-78

ARACOARA HOTEL
LIDO À NAÇÃO COMO PRESIDENTE ELEITO

Começa hoje, para mim, o sonho jamais sonhado: a dignidade suprema que o País confere aos seus cidadãos.

Considero o munus da Presidência da República um mandato afirmativo e categórico para a promoção do bem comum. Para servir à Pátria e ao Povo.

Depositário da delegação outorgada pela maioria dos brasileiros, o Colégio Eleitoral dá aos escolhidos a legitimidade constitucional, indispensável e insubstituível.

Recebo a investidura com humildade, diante da grandeza da Pátria. Com coragem, para enfrentar os problemas que temos pela frente. Com o otimismo e a confiança resultantes do conhecimento íntimo da nossa gente e de suas aspirações. Com a lealdade dos que se comprometem a usar da franqueza sem subterfúgios, amar a verdade e sustentar a probidade.

Completa-se, hoje, também, mais uma etapa do processo revolucionário. A reconstrução institucional, a restauração da ordem democrática e do estado de direito, deram passo firme, anteontem, com a promulgação das reformas políticas votadas pelo Congresso Nacional.

Com seus ideais de democracia, justiça e participação, a Revolução continuará, enquanto houver entre nós memória dos compromissos históricos assumidos a 31 de março de 1964 pelo povo de nossa terra.

Neste ocaso de século, o Brasil é mais que uma aurora. É promessa de que o exemplo de nossos avós frutificará, em nossas mãos, em realizações concretas, a bem da humanidade.

A quadra significativa da história, que hoje vivemos, não é — como aconteceu e acontece ainda em outros países — a procura dramática da própria identidade nacional. Nem o esforço agitado e

ruidoso de adaptação e abrangência do Estado, em relação à Nação.

No Brasil, as borrascas e bonanças coincidem com os grandes movimentos de afirmação nacional; de inconformismo com a estagnação econômica, com a predominância de oligarquias, e com a compressão social, como meio de conservação de um *statu quo* sufocante. O pensamento dos tenentes de 1922, que se desdobra até 1964, registra um fascinante retrato da evolução natural; do florescimento e maturação de forças inerentes ao próprio organismo social.

Na crônica de um país gigante, como o nosso, hão de registrar-se inúmeros conflitos, choques, retrocessos e erros. Observados pela ótica mesquinha do negativismo estéril, ou das ambições imediatistas, podem servir de pretexto à descrença.

Mas, quem descrê não é brasileiro.

A esmagadora maioria dos brasileiros vive a vida coletiva, participa da construção do presente e das realidades futuras. Para a maioria, pouco importam os queixumes monocórdios e os presságios ocos. Os que esquadrinham os recessos do amargor, na fímbria dos horizontes da esperança, colhem safras magras de votos tristes.

Nesse passo, é da mais estrita justiça ressaltar a ação do presidente Ernesto Geisel, na concepção e na condução da grande marcha do Brasil para seus caminhos democráticos. A figura do presidente Geisel destaca-se hoje, entre os dirigentes mundiais, pela confiança que despertam seus atributos de honradez, serenidade, descortino e firmeza.

A infalível justiça da História consagrará o comandante de nossa passagem pelos difíceis caminhos da transição, que o Brasil vem percorrendo em pacífica e paciente reconquista.

A Providência entregou à nossa geração a delicada tarefa de formalizar e aplicar os instrumentos jurídico-políticos adequados à abordagem e à solução dos nossos problemas. Sei que são enormes. Contudo, sei que as dificuldades serão, seguramente, menores que os nossos recursos, a nossa disposição e a nossa criatividade para resolvê-los.

Homens saídos do povo, eu e o Vice-Presidente eleito, Antônio Aureliano Chaves de Mendonça, fomos elevados pelos nossos patrícios a posições cuja eminência só nos aumenta as responsabilidades, deveres, encargos.

É o que teremos de devolver ao povo, em trabalho e sacrifício.

De uma coisa pode o brasileiro estar seguro: de mim não se espere capitulação ou abandono.

Nunca desertarei o meu mandato precisamente porque não me pertence, mas a cada brasileiro.

Serei sempre fiel aos que honradamente confiaram em mim. Por isso, porque sempre fui assim, chego ao ponto culminante da minha vida sem sentimentos menores. O meu amor pelo Brasil substituiu em mim a capacidade de odiar, de ressentir-me, de magoarme.

Reconheço que a disputa é própria dos regimes abertos, das instituições sadias. Travado o pleito, porém, quero apresentar ao povo a mensagem que é a própria expressão do caráter nacional: a minha mão estendida de conciliação.

Espero a ajuda e a participação dos que se opuseram a mim. A crítica é mais que o aplauso: é a solidariedade que une os homens de bem.

A democracia só funciona como soma de todos os esforços em prol do bem comum. Mas o bem comum transcende ao somatório dos benefícios particulares, de pessoas, de grupos, ou de facções.

As divergências são o sangue do regime democrático. As lutas intestinas, porém, denunciam a decomposição do tecido social.

O que proponho ao Brasil, ao meu povo, é confiança nos desígnios do futuro Chefe do Governo, e na ação dos seus colaboradores, escolhidos na medida em que sirvam ao bem comum, à democracia.

A democracia que a sociedade moderna reclama e exige terá de afirmar-se, cada vez mais, como proposição concreta, voltada para as necessidades quotidianas do homem. Os ideais humanitários inspiram e orientam sua jornada, para alcançar conseqüências capazes de substituir a retórica por um desempenho produtivo, socialmente plantado.

A construção da nova sociedade brasileira pelas suas proporções, pela sobrecarga histórica de suas responsabilidades atuais, já não comporta o gesto individualista. O compromisso com a comunidade é ponto de partida e chegada das próprias tarefas governamentais.

A democracia do nosso tempo, empenhada na defesa e na promoção dos valores humanos, antes de imobilizar-se como uma instituição apriorística, cresce e se dinamiza.

Caber-me-á, daqui a cinco meses, ser o principal guardião da soberania nacional. Não quero esperar, entretanto, para pedir ao bom e generoso povo brasileiro, sem distinções, acima dos ressentimentos pessoais, aquilo de que preciso já, agora: o apoio, a compreensão, a esperança.

Para que, juntos, possamos dedicar-nos a realizar como adultos, a Pátria com que em meninos sonhávamos.

Para que a democracia seja uma palavra com som e hálito de amor.

Para que a justiça social tenha a forma de mãos dadas de brasileiros.

Para que ao homem brasileiro pertençam os frutos do desenvolvimento.

Para que a sociedade brasileira fale a linguagem de irmãos.

Peço a Deus que proteja e abençoe todos os brasileiros. Todos aqueles que vislumbram este espetáculo de grandeza: o confiante despertar de mais de cem milhões de seres humanos em um pedaço privilegiado do planeta, na busca do bem-estar coletivo, do progresso social e do aprimoramento espiritual, dentro da ordem e da liberdade.

Muito obrigado.

SÃO PAULO — SP — 18-10-78

CLUBE PINHEIROS
LIDO NO ALMOÇO COM LIDERANÇAS POLÍTICAS E
ARENISTAS

Não há brasileiro que, vindo a São Paulo, deixe de sentir o justo orgulho com que sempre participamos dos grandes feitos. Experiências com sabor de aventura, é sempre renovada com prazer por quem, como eu, está indissolivelmente ligado à terra e à gente paulista.

Não faltam, porém, aqueles que se assustam com a grandeza de São Paulo. É como se preferissem a igualdade na penúria, a irmandade na pobreza, a equidade na indigência. Como se, não podendo todos progredir igualmente, devêssemos todos fenecer juntos.

Rejeito essa e todas as outras aproximações negativistas às desigualdades e desequilíbrios existentes no País.

Acredito que só haverá Brasil rico se São Paulo continuar a crescer e a enriquecer-se. Mas, penso também, São Paulo só prosperará na medida em que o restante do Brasil saia da estagnação ou do subdesenvolvimento.

Conseqüentemente, devemos agir para nivelar por cima; não por baixo. Se assim não pensarmos, teremos de aceitar a injustiça como regra de comportamento social. Sabendo que, mais cedo ou mais tarde, conduziria à revolta e à convulsão.

A fase de desenvolvimento já atingida pelo Brasil exige que todos participem com mais justiça nos frutos do trabalho coletivo.

Conclamo, por esta razão, os empresários paulistas a intensificarem a presença civilizadora de seus investimentos nos demais Estados. São Paulo não querará ser o escoadouro dos sem-trabalho do Norte e do Sul. A geografia deve ser expressão de diferenciação, mas não de discriminação. De sua parte, São Paulo precisa de consumidores e fornecedores em todo o Brasil.

Como tantos antes de mim, andei pelo Brasil, falei com o povo e ouvi suas aspirações. Sei, por isso, que a missão primeira, verda-

deiro sacerdócio do governante, será estimular e coordenar o esforço fraterno e solidário de todos, no sentido de corrigir as iniquidades, suprimir os fatores de desigualdade e a todos assegurar oportunidades de acesso e participação na riqueza nacional.

Não nos esqueçamos de que, aqui mesmo, nesta São Paulo, por tantos títulos gloriosa, convivem a riqueza e a miséria. A abundância com o desperdício, o desconforto, a fome, a doença, o analfabetismo, o subemprego, a promiscuidade.

Penso, pois, que o desenvolvimento será de todos. E que ninguém seja privado dos seus benefícios, em nome de um elitismo mal disfarçado, ou em razão da doença, da subalimentação, de acidentes de nascimento, origem, raça ou cor.

Não podemos admitir que a cidade continue a exigir de seus cidadãos que, todos os dias, percam horas e horas de vida no trajeto de casa para o trabalho.

Nem que as vias públicas — acessíveis, em nossa infância, aos folguedos das crianças — se convertam em pistas de velocidade, carreiras de morte.

Nem que as fontes elementares de vida, como o ar e as águas, sejam diariamente convertidos em agentes de morte.

Nem que falem as crianças às escolas por não disporem de uma roupa simples que cubra sua nudez pura, ou de um calçado que lhes abrigue os pés.

Nem que deixe a mãe de ir ao trabalho, por não ter onde deixar os filhos.

Nem que perca o trabalhador sua casa, quando perder o emprego ou a prestação subir demais.

Nem que fique sem emprego, por capricho do patrão, ávido de alugar mão-de-obra cada vez mais barata. Respeitada a economia das empresas, ter-se-á de compatibilizar o fundo de garantia do tempo de serviço com um mínimo de segurança no emprego.

Nem que seja o domingo dia de aborrecimento para aqueles que só vivem para trabalhar. Não lhes falte um pouco de distração sadia; férias recuperadoras; aposentadoria recompensadora. Mas que se assegure efetivamente uma pensão adequada aos mais idosos e aos inválidos. E que se protejam os benefícios — e a sua base de cálculo — contra os efeitos da inflação.

Nem que falte pão nas casas. Quem pode aspirar a coisas grandes, com a panela vazia?

Nem que tenham os jovens que abandonar a escola, por falta de meios.

Nem que seja a escola fator de frustração. Nem que haja profissionais sem profissão definida. Nem profissões sem profissionais.

Reconhecidamente, há ainda largos segmentos da população — especialmente mulheres, crianças — fora dos benefícios da previdência social.

É indispensável aproximar — se não igualar — os benefícios dos trabalhadores rurais aos do empregado urbano. Sem isso, como fixar o homem ao campo?

No setor de assistência médica, temos de encontrar maneiras de compatibilizar seus custos com a ampliação necessária dos serviços. Preocupam-me, nesse particular, os menores desassistidos ou marginalizados, os idosos, os excepcionais.

Problemas como os que acabo de referir são de estruturação social mais profunda. Portanto, só se resolverão na medida em que o País se desenvolver e em que a distribuição de renda se faça de modo mais eqüitativo. Enquanto isso não for possível, será necessário, pelo menos, encontrar soluções que minorem perceptivelmente sua gravidade e permitam ingresso ou reingresso dos atingidos por ele nas relações sociais e na força de trabalho.

A mesma preocupação haverá de fazer-se sentir nos programas de habitação para o povo. Precisamos assegurar a posse de uma casa simples, mas limpa, a todos os que trabalham regularmente. Temos, também, de abolir a chamada «denúncia vazia», fator de intranquilidade e insegurança para os que são inquilinos por necessidade, não por opção.

Temos, ainda, muito a fazer pelos que trabalham. Não posso esquecer o sofrimento de tantos e tantos brasileiros, como aquela faixa de trabalhadores que se convencionou chamar de «bóias-frias». Tanta pobreza, tanta miséria é incompatível com o espírito de caridade que anima os brasileiros e forma sua personalidade.

Temos de assegurar, ainda, efetiva participação dos trabalhadores nas negociações e decisões que afetam mais diretamente seus interesses legítimos.

Tenho a certeza tranqüila de que essas aspirações sociais só podem ser equacionadas e atendidas no quadro de um empresariado forte, voltado para o progresso de suas empresas e do País. Cada uma delas representa um custo determinado, que só poderá ser pago dentro de um clima de produtividade e remuneração satisfatória dos investimentos.

O Brasil optou definitivamente pelo sistema capitalista. No meu Governo, a regra será estimular o capital a desempenhar o seu duplo papel: desenvolver a economia, sem prejuízo de sua eminente função social.

Sei também que os empresários encontram desestímulos e dificuldades sem conta no seu trabalho.

Quero reafirmar, aqui e agora, que pretendo conter a estatização da economia, fora daqueles casos especiais, previstos na Constituição. Pretendo desestatizar tudo o que puder ser mais bem administrado por particulares.

Pretendo, também, dedicar-me a reformar o sistema tributário, complexo e freqüentemente irracional. E, na medida do humanamente possível, superar a insensibilidade tão comum entre os técnicos e burocratas, que não compreendem os negócios, hostilizam o lucro e desconfiam dos que ousam.

Pretendo, também, que as decisões importantes, e que afetam as empresas, não sejam tomadas sem consulta aos interesses legítimos por elas afetados.

Sei que a tarefa é gigantesca. Sei, também, que não faltou, nestes 14 anos de governos revolucionários, o esforço sincero para executá-la. O que prometo é continuar. Lutar, para ganharmos tempo, pela adoção das reformas econômicas e sociais de que precisamos, tanto quanto das políticas.

Inspirado pelo exemplo de insuperável dedicação e patriotismo do eminente presidente Ernesto Geisel, vamos continuar a trabalhar. Vamos ouvir os trabalhadores, os empresários, os profissionais liberais, de forma a aumentar o nível de participação nacional nas grandes e importantes decisões que determinarão o rumo da Nação brasileira.

Não será fácil. O desenvolvimento econômico e o aperfeiçoamento das instituições democráticas exigem muito trabalho, paciência e perseverança. Só assim podemos receber com humildade a crítica séria e meditada, que precisa ser ouvida e respondida com boa-fé.

Porque o que todos queremos; o que a todos interessa; o de que todos carecemos, é um Brasil maior, mais justo, no qual cada um encontre sua oportunidade.

Essa a Pátria pela qual lutarei sem trégua, enquanto Deus me der forças.

Esse o compromisso que assumo perante os brasileiros, que vêem na pujança de São Paulo o seu ideal. O objetivo a atingir.

Muito obrigado.

SÃO PAULO — SP — 18-10-78

TELESP

LIDO POR OCASIÃO DA ENTREGA DOS PRÊMIOS
TELESP DE JORNALISMO

Minha presença nesta solenidade demonstra a importância que empresto ao nobre ofício de informar a opinião pública.

Nos meus dez meses como candidato, na convivência diária com os repórteres de jornal, rádio e televisão que cobrem o meu escritório, aprendi a estimar a função do jornalismo: nada mais nobre do que ver, ouvir e bem informar o que se viu e ouviu.

Por formação, sempre respeitei a atividade da imprensa. Tenho bem alta a definição de Rui Barbosa, um dos grandes jornalistas, de todos os tempos, neste País. Dizia ele que a Imprensa é a vista da Nação, que por ela a Nação respira, que por ela ouve e fala. Em suma, o jornalista encarna os sentidos da comunidade.

Por isso, ele afirmava ser o jornalista «ao mesmo tempo um mestre de primeiras letras e um catedrático de democracia em ação, um advogado e um censor, um familiar e um magistrado.»

O trabalho do jornalista permite que a comunidade e suas lideranças possam avaliar os atos e as iniciativas, no sentido de sua permanência, ou da correção de rumos. De outra parte, a informação, o comentário, a crítica, a reportagem, o editorial fazem do jornalismo elemento indispensável na formação cultural de um povo.

Um povo sem identidade e sem raízes culturais jamais conseguirá atravessar o mar encapelado das transformações sociais, políticas e tecnológicas de nossa era. A cultura é a alma e o sentimento de um povo.

Por isso mesmo, ao participar da entrega do Prêmio TELESP de Jornalismo, aproveito a oportunidade para dizer que considero essencial a participação de todos num dos importantes aspectos do nosso processo de desenvolvimento: o cultural.

Vivemos, no Brasil, o limiar de uma civilização sem preconceitos ou privilégios. O desenvolvimento econômico e social, iniciado pela Revolução e fortalecido no governo do Presidente Geisel, permite-nos esperar que a cultura, em vez de patrimônio de poucos, seja de todos.

Por isto, pretendo estimular as atividades culturais e artísticas, notadamente as que visem a fortalecer as formas de expressão essencialmente brasileiras. Que valorizem as expressões representativas da contribuição nativa e das etnias que, no Brasil, encontraram melhores condições de vida, de expressão, e de incentivo à inquietude do ofício de criar.

Reconheço, na trepidação da procura da forma literária ou artística, assim como na fagulha que incendeia o gênio e o induz à descoberta científica, ou à formulação abstrata, o momento de maior identidade do Homem com seu Criador. Desejo aqui repetir, portanto, o meu pensamento — expresso, aliás, nos termos da tradição jurídica brasileira. Considero essencial à dignidade da pessoa a liberdade de pensamento e de expressão.

No processo de aperfeiçoamento das reformas revolucionárias, há lugar para que o pensamento brasileiro demonstre suas aspirações e suas tendências.

Desejo incentivar o interesse do homem brasileiro pelos problemas sociais, econômicos, políticos, científicos e técnicos. Pouco será possível conseguir, em termos de participação e penetração junto ao povo, sem que os meios de comunicação — a imprensa, o rádio, a TV, o cinema, o teatro, o livro — tenham condições de exprimir o pensamento e os interesses dos segmentos sociais que representarem.

A liberdade responsável, que todos desejamos, não poderá ser maculada no convívio com a mentira, a calúnia, a injúria, a indecência, o incitamento do povo à desordem, ao terrorismo.

É por assim pensar que vim aqui, para juntar os meus cumprimentos a tantos outros que os nossos premiados hoje recebem.

Bem andou a TELESP em estimular os que se preocupam com os problemas de nossa sociedade e, através da imprensa, os trazem aos olhos e à consideração do público. No trabalho e na preocupação dos premiados, vejo exemplo da nobre tarefa de criar, aplicados aos meios de comunicação, mas embasados no interesse público.

Flagelo dos tiranos, sustentáculo das liberdades civis, uma imprensa livre é parte tão essencial de uma sociedade democrática que com esta se confunde. Uma não vive sem a outra.

Muito obrigado.

CAXIAS DO SUL — RS — 20-10-78

ALFRED PALACE HOTEL
ENCONTRO COM LÍDERES POLÍTICOS DA ÁREA

Minha presença aqui marca o início da arrancada final da ARENA rumo a uma vitória eleitoral no dia 15 de novembro.

Sobre parte do que está sendo proposto eu já tenho manifestado minha posição, inclusive em concentrações públicas. Haverá determinação minha no sentido de que se ouçam as lideranças municipais e regionais antes do equacionamento de problemas e na busca de soluções.

Quanto ao apelo no sentido de uma reformulação da política tributária, considero isso indispensável, e já encomendei, mesmo, estudos aprofundados sobre a matéria, para que os prefeitos possam ter a necessária autonomia administrativa. A casa popular — outro item do memorial — é uma de minhas preocupações. Manifesto o propósito de buscar a fórmula técnica, não milagrosa, de permitir ao trabalhador o acesso à casa popular, dentro do seu salário.

Mais uma vez venho ao Rio Grande, e cada vez que aqui passo se retempera o cidadão e o homem. As vicissitudes da vida já não permitem dizer que se retempera o soldado, mas o cidadão sem a farda, cada vez que aqui me retempero no meu civismo, porque tenho na memória os episódios históricos em que os gaúchos tomaram parte, responsáveis inclusive pela existência do Rio Grande no nosso território.

O cidadão se retempera porque se lembra de que em todos os momentos críticos por que passou a nossa Pátria o Rio Grande estava na vanguarda. Daqui partiram os primeiros gritos positivos das liberdades democráticas, com os Farrapos. E o cidadão se retempera. Retempera-se o homem, que vira outra vez menino e sente saudades. Porque foi aqui nesta terra que, como menino nas suas cavalgadas coxilhas afora, aprendeu com a gente gaúcha esse falar de que a oposição não gosta.

Foi aqui no Rio Grande, com a gente humilde do Rio Grande, com o peão da estância, com o soldado e com a minha saudosa professora, Dona Mimi, do Alegrete, que eu aprendi a ter ódio da mentira, que eu aprendi a ser leal, que eu aprendi a dizer o que muita gente não gosta.

Por isso, ao vir mais uma vez ao Rio Grande do Sul, não vim, como disse um dos oradores, trazer estímulo à sua gente, vim aqui na verdade retemperar o meu espírito para junto com o povo desta terra, sentindo a generosidade desta recepção e o calor desta amizade, poder continuar na minha caminhada, certo de que o Rio Grande está comigo.

Venho antes retemperar o meu espírito junto ao povo que, sei, tem fé religiosa como eu a tenho, para proclamar a todos os quadrantes do nosso Brasil que a democracia que haveremos de instalar neste País há de ser uma democracia tão cristã como a de nossos avós.

A abertura democrática já aprovada pelo nosso Congresso, passo grande e largo para o aperfeiçoamento dessa democracia que todos almejamos, não há de ser apenas, como disse o Dr. Gay da Fonseca, ou Mário Ramos, não há de ser apenas o aperfeiçoamento de nossa democracia política: há de ser, isto sim, a consagração daquela democracia social a que todos os brasileiros aspiram, o estabelecimento daqueles direitos sociais que todos, com tanto esforço, temos buscado no governo do Presidente Ernesto Geisel. Há de ser aquela democracia em que as liberdades individuais estejam garantidas. Mas que junto a elas tenhamos presentes, todos nós brasileiros, os deveres do cidadão para com a Pátria.

E é essa democracia que haveremos de conquistar todos juntos. Foi por isso que eu disse há dois dias, em São Paulo, que a Revolução de 31 de março vai continuar.

Mas a oposição está temerosa de uma catástrofe. A nossa oposição, a gente que se opõe a nós, vê negros horizontes em futuro próximo. E eu creio que os vê porque perdeu a fé e a esperança.

Jamais o povo do Rio Grande, por pior que seja a situação do nosso País, perderá a fé e a esperança no futuro da nossa Pátria.

A oposição não gosta da minha maneira de ser. Não gosta da minha maneira, às vezes rude, de fazer afirmações. Não vê elegância no meu falar nem no meu vestir. Mas foi com essa elegância ou falta de elegância no falar e no vestir que o povo me compreendeu.

E sem querer ser literato nem poeta, permitam-me os senhores que como resposta-modesta, é verdade — eu relembre aqui e repita aqueles versos que, menino, me ensinou a minha querida Dona Mimi:

«Somente no moral se vê minha elegância
Enfeitar-me não sei, nem dou para casquilho
Julgo muito bem não sendo peralvilho
Ando sem nada ter que pela cor agrade
Emplumado de orgulho, garbo e liberdade
Senão trago a cintura esbelta num corpete
A vergonha ajustou minh'alma num colete
O que não faço nunca é, fraco ou por incúria,
Sair sem lavar bem a recebida injúria
Trazer o pundonor ébrio de sono e vinho
Ter os brios de luto e a honra em desalinho.
São meus feitos e ações as fitas que apresento
Qual bigode gentil retorço meu talento
Faço por onde vou, tornando-as bem sonoras,
As verdades vibrar como clim-clins de espora».

Eu não vou mudar. Vejo muita gente preocupada em saber se vou mudar minha postura e minha maneira de falar e de existir. Posso garantir a todos os senhores que estou velho demais para mudar.

E não mudando, eu vou poder conversar com a gente de minha terra, como tenho conversado, e despir-me por vezes da posição de Presidente para tornar a ser o homem do povo e com ele sentir as suas alegrias e tristezas, e com ele festejar os nossos feitos, e com ele chorar os nossos desastres.

Por isso, venho ao Rio Grande para, ao sair daqui, levar aos outros brasileiros este espetáculo a que acabo de assistir.

A anistia há de vir no momento certo, mas não para aqueles terroristas ou assaltantes que, por motivos políticos ou ideológicos, querem destruir a nossa sociedade mas não hão de consegui-lo.

Na minha fala à Nação após eleito a 15 de outubro, fiz um apelo de conciliação ao povo brasileiro. E seria bom que os nossos adversários estivessem aqui presentes para amanhã não dizerem que não demos liberdades àqueles que a nós se opõem. Para não dizerem que não ouviram repetido aqui o meu apelo de paz, o meu apelo de concórdia entre os brasileiros para que juntos — e tenho a certeza de que amanhã estaremos juntos — possamos construir a Pátria que nós sonhamos e não tenho dúvida de que, no fundo, eles sonham também.

Para que amanhã não reiterem aquela imagem que fizeram ou tentaram fazer de mim, eu me apresento agora ao povo, como disse no dia 15, despido de ódio, sem mágoas, mesmo em relação àqueles que não me foram leais. E abro os meus braços para que possam se recompor conosco e permitam esta oportunidade mais de a Revolução de 31 de março mostrar o que verdadeiramente é e o que quer ser.

Tenho esperança, tenho muita esperança, de que nossas fileiras serão engrossadas por muitos daqueles que hoje se opõem. Porque tenho a certeza de que mais fundo, muito mais fundo do que a paixão partidária, há de falar nessa gente o seu sentimento de brasileiro. E tenho a certeza de que os primeiros que vou receber serão os do Rio Grande, para exemplo do Brasil.

Muito obrigado.

É certo que vim a Santa Maria, situada no coração do Rio Grande do Sul, situada no centro de seu território, mas é certo também que ao chegar a Santa Maria eu verifiquei, pelo calor com que o povo me recebeu nas ruas, pelo calor que sinto neste ambiente, pelo calor com que a juventude desta terra me abraçou, pelo carinho com que as crianças me beijavam, sinto-me um pouco avô desta terra, eu verifiquei que, de fato, Santa Maria não está no coração do Rio Grande do Sul: Santa Maria é o próprio coração do Rio Grande do Sul.

E é este coração do povo desta terra que pelos seus representantes vem pedir ao seu Presidente eleito uma democracia, vem pedir através de seus oradores que eu consiga para o povo brasileiro aquela democracia com que sonhavam os nossos avós. E a retribuição que posso dar à gente de Santa Maria é confirmar aqui, no coração do Rio Grande, que a única garantia de que darei uma democracia a este país é a vontade e a certeza de que nos momentos difíceis não há de faltar o apoio do povo de Santa Maria para este objetivo.

Naturalmente sei que o caminho não é fácil. Hei de encontrar pela frente aqueles que não acreditam nas minhas intenções, mas hei de convencê-los pelos meus atos e hei de tirar do meu caminho aqueles que queiram obstruí-lo com dificuldades incontornáveis.

E o que posso mais prometer ao povo desta terra?

À juventude desta terra prometo a busca incessante de mercado de trabalho para o seu futuro.

E é visando ao futuro desta juventude e destas crianças que prometo o meu apoio ao Governador eleito Amaral de Souza, para a implantação do complexo industrial de Santa Maria.

E prometo mais a este povo o meu esforço incessante, o meu sacrifício total para conseguirmos aquelas metas democráticas que todos desejamos.

A única retribuição que peço ao povo de minha terra, ao povo de Santa Maria, é que acreditem na minha palavra, que em nenhum momento de dificuldade — e muitos de nós a teremos pela frente — venham a perder a fé e a esperança no futuro de nossa Pátria. E peço ao povo de Santa Maria que me ajude na busca da paz entre o povo brasileiro. Que me ajude no convencimento daqueles que ainda não acreditam em nós, porque queremos de fato a conciliação, queremos trabalhar em paz, queremos dar justiça social ao nosso povo e melhorar as suas condições de vida.

Peço ao povo de Santa Maria que junte as suas vozes à minha voz isolada, para que eu consiga convencer aqueles que estão se antepondo a nós de que podem trabalhar conosco e de que não estamos pensando em destruí-los, nem imobilizá-los.

Estamos desejando, isso sim, que eles avolumem as nossas colunas, as colunas daqueles que de fato querem apenas o bem do Brasil e da nossa gente.

Repito o que tenho dito, que não guardo ressentimentos, não tenho ódios no coração, não tenho mágoas; a única mágoa que tenho é a desunião dos brasileiros. E tenho a certeza, absoluta certeza, convicção plena, de que o povo de Santa Maria vai me ajudar nesse desiderato.

Peço também ao povo desta terra que me ajude a ser aquilo que sempre fui e que não quero modificar. E que não tenha medo de abraçar o seu Presidente, como homem do povo que é. Para que todos juntos, eu, os velhos, os jovens e as crianças possam rezar na nossa igreja, na nossa fé cristã, rezar todos juntos para que não haja brasileiros desviados do bom caminho da democracia.

E se eu falhar, se eu falhar amanhã, não tenho dúvidas de que os santa-marienses hão de perdoar os meus erros, porque eu sou um homem como outro qualquer. A única qualidade que reconheço que tenho é minha fé e a força de vontade para não abdicar das minhas convicções. E se amanhã algum erro cometer, podem ter a certeza de que errei convencido de que o caminho certo era aquele. E Deus permita que mais tarde eu possa voltar a esta terra e abraçar e beijar estas mesmas crianças que me acolheram hoje na rua, e que elas possam me encarar não como o Presidente da República, mas com o carinho com que uma criança me chamou hoje na rua: o avô João.

BRASÍLIA — DF — 23-10-78

ARACOARA HOTEL
ENCONTRO COM CRONISTAS ESPORTIVOS DE SÃO
PAULO

Estou plenamente convencido da necessidade de nos voltarmos com urgência para os problemas do esporte e, de modo especial, para os do futebol.

Não é segredo a importância que grande parte da população do globo dá aos torneios esportivos mundiais e principalmente aos Jogos Olímpicos e ao Campeonato Mundial de Futebol. Por isso mesmo, muitos países encaram essas competições como oportunidades excelentes de marcar a sua presença de maneira honrosa.

Nós, brasileiros, tivemos a glória ainda não igualada de vencer três campeonatos mundiais de futebol. Além disso, fomos vice-campeões em 1950 e duas vezes conquistamos a terceira posição. Tivemos também um quarto lugar, em 1974.

O Brasil pode realizar uma façanha até agora ímpar: somos o único país a ter participado da fase final de todos os onze Campeonatos Mundiais até hoje levados a efeito.

Por outro lado, há alguns fatos que nos deixam a todos bastante preocupados: os nossos jogos de futebol não são mais tão emocionantes como eram há alguns anos atrás; os times não parecem tão bons como eram; os supercraques já não surgem com a mesma abundância dos tempos antigos; a violência dentro e fora do campo é uma constatação cada vez mais freqüente.

Diante disso, há uma pergunta que se impõe: o nosso futebol está em crise? E se estiver, quais as causas que a determinam e quais os meios para superá-la?

Tenho refletido sobre essas questões. Parece-me que um conjunto de problemas está afetando o futebol do Brasil, desde a diminuição dos campos da várzea até a estrutura deficiente de muitos clubes e federações. Também as divergências surgidas entre as entidades esportivas e os meios de comunicação — notadamente as emissoras de televisão — têm dificultado o pleno aproveitamento dos recursos destas na difusão do futebol.

É preciso, porém, que se proceda a um estudo sério dessas e de todas as demais questões que dizem respeito ao futebol. Há que se fazer, nesse setor, uma investigação profunda e extensa, de modo a identificar as deficiências e apontar as soluções.

Conto com o senhores para a realização dessa tarefa, que considero fundamental. Peço-lhes que convidem cronistas esportivos de todos os Estados — tanto os das capitais como os do interior — para formar um grupo de trabalho de alto nível que se encarregue de conduzir a pesquisa, ouvindo dirigentes esportivos, árbitros, técnicos, estudiosos, enfim, todos aqueles que tenham uma contribuição positiva a oferecer.

Como todo brasileiro, desejo que o futebol brasileiro possa continuar mantendo as gloriosas tradições que conquistou. Como todo brasileiro, quero ver bons espetáculos de futebol. Como todo brasileiro, pretendo ver de volta os grandes times e os grandes craques. Como todo brasileiro, espero que as escolas e as fábricas possam dedicar o máximo possível de atenção ao objetivo de integrar os estudantes e os trabalhadores na prática do esporte. Como todo brasileiro, acredito que devemos multiplicar, com critério, os campos de futebol, tanto os utilizados pelos mais modestos clubes de bairro, quanto os destinados a receber as grandes multidões, como é o caso específico do estádio que o Sport Club Corinthians Paulista pretende construir em São Paulo.

Sei que receberei de todos os jornalistas especializados e de todos os esportistas deste País a colaboração que neste instante lhes solicito com o maior empenho.

Muito obrigado.

SALVADOR — BA — 24-10-78

CLUBE BAHIANO DE TÊNIS
ALMOÇO COM LIDERANÇAS POLÍTICAS, EMPRESARIAIS E TRABALHISTAS

Meus amigos e correligionários da ARENA da Bahia: Ao agradecer esta homenagem que me prestam, devo afirmar aos senhores que a recebo menos como uma homenagem ao Presidente eleito e sim — tantas foram as vezes que, com o mesmo carinho, fui recebido aqui na Bahia — e sim como uma homenagem ao amigo e correligionário do partido.

Da última vez que estive aqui na Bahia, ao receber a homenagem dos líderes do partido, afirmei que levava os ventos aqui sentidos para os outros Estados, como um exemplo para a nossa campanha. Aqueles ventos que — achava eu — iriam enfunar de entusiasmo as velas do barco arenista. Agora, ao agradecer aos senhores esta homenagem, quero dizer que nas minhas andanças pelo Brasil os ventos da Bahia frutificaram em benefício do nosso partido.

Devo confessar aos senhores que o entusiasmo primeiro que senti na campanha partiu daqui, desta bendita cidade de Salvador. Levei esse entusiasmo, reforçado pelo de muitos companheiros, e conseguimos chegar à conclusão que de fato o nosso partido será vitorioso a 15 de novembro.

Sei bem que fui apenas mero mensageiro do que senti na Bahia, e podem os senhores ter a certeza de que a mensagem foi recebida do Amazonas ao Rio Grande do Sul.

Ao agradecer a oração do meu dileto amigo, Senador Luiz Vianna Filho, devo pedir permissão para discordar das suas benévolas palavras, quando disse que o excelentíssimo Presidente Ernesto Geisel escolheu o mais capaz. Sem falsa modéstia e em homenagem aos grandes líderes que tem o nosso partido, devo confessar aos senhores que eu me situaria, não com essa característica de capacidade, e sim com a de pertinaz. Se é verdade que a pertinácia tem algum valor, se é verdade que a força de vontade pode eliminar as deficiências, então eu tenho a certeza de que com o apoio do po-

vo da Bahia, com o apoio do que vejo aqui, do que mais representativo tem a Bahia, e com as bênçãos de Deus, haveremos de levar a nossa Revolução de 31 de Março naqueles rumos a que estávamos determinados na noite de 31 de Março, e haveremos de mostrar ao povo brasileiro, em particular àqueles que hoje militam na oposição, que a razão está conosco, e que o progresso do Brasil está na dependência dessa Revolução.

Isso é o que eu queria dizer. Muito obrigado.

SALVADOR — BA — 24-10-78

BASE NAVAL DE ARATU
ENCONTRO COM OS OFICIAIS DAS FFAA DE SALVADOR

Fico muito agradecido por esta oportunidade que os três comandantes de área me ofereceram de entrar em contato com os senhores. Devo dizer que eu é que agradeço a gentileza dos comandantes dos senhores, portanto repito aquilo que tenho dito às outras guarnições por onde tenho passado, e cujos comandantes me têm dado oportunidade idêntica, que é sempre uma satisfação para mim retornar ao interior dos quartéis. Levado que fui, por circunstâncias alheias à minha vontade, a deixar a vida militar, penso sempre em buscar um pouco de estímulo em contato com os meus companheiros. Só quem como eu passou 43 anos de serviço ativo no Exército, fora os outros 10 que passei no interior dos quartéis, como menino, pode sentir o que é deixar, repentinamente, a vida militar. Sem nunca haver sonhado, e sem ter feito planos para isso, despir a farda e, de uma hora para outra, transformar-me em político, coisa que jamais na minha vida sonhei, coisa que jamais na minha vida imaginei possível. Os que me conheceram mais de perto sabem que naquelas ocasiões mais prezadas para minha família eu me mantinha fiel aos meus quartéis. De maneira que agradeço, repito, aos senhores comandantes esta oportunidade que me deram de, momentaneamente, viver entre os meus camaradas das três forças, de retemperar um pouco o ânimo, das pauladas que tenho levado aí por esta vida afora, num mundo completamente diferente daquele em que até então eu estava acostumado a viver. Mas devo repetir também para os senhores, nesta oportunidade, que apesar de as circunstâncias terem me levado à situação em que hoje estou, apesar de me haverem arrancado quase à força da farda que vestia, jamais deixarei de ser soldado. Certo de que as nossas Forças Armadas estarão permanentemente do lado certo, formarei sempre ao lado das Forças Armadas, e é nelas que hei de buscar o apoio em todas as ocasiões, nas normais para me dar estímulo, e naquelas ocasiões em que eu sentir que a nossa pátria está em perigo, para que, jun-

tos, todos nós possamos de fato construir aquele Brasil que nós sonhamos com a Revolução de 31 de março de 1964. Muito obrigado, senhores comandantes, muito obrigado aos senhores.

SALVADOR - BA - 24.10.78

BAIRRO DA LIBERDADE
CONCENTRAÇÃO POPULAR

Hoje, ao agradecer uma homenagem que as classes representativas da Bahia me proporcionaram ao almoço, tive ocasião de dizer que, menos que uma homenagem ao Presidente eleito, eu a considerava uma homenagem ao amigo. Ao vir agora aqui em praça pública, no primeiro contato que tenho com o povo da Bahia depois de eleito, quero agradecer ao povo do Bairro da Liberdade esta calorosa manifestação que me fazem, e repetir aqui que, mais do que lá, eu sinto ser essa homenagem mais ao homem que ao Presidente. Sinto também que o povo da Liberdade, o povo da Bahia, está convicto da minha sinceridade. A única promessa que faço e venho repetindo em todos os rincões do Brasil, e repito aqui nesta terra onde pela primeira vez a cruz de Cristo foi plantada, é que estou determinado a transformar a nossa Pátria numa democracia condigna, numa democracia em que seja possível ao povo expressar-se junto ao seu Presidente como nosso amigo agora acabou de se expressar, sem que ninguém tenha medo, pudor ou vergonha de falar com o seu João usando da mesma franqueza com que eu falo ao povo.

Trago a minha bagagem leve de promessas, mas pesada de boas intenções. E ao agradecer o carinho desta manifestação desejo reafirmar as palavras do grande líder de vocês que é Antonio Carlos. Quero reafirmar a vocês que a democracia que eu almejo é aquela que, de fato, possa trazer para todos sensível melhoria das condições de vida, que vocês merecem, e obras sociais em que vocês sintam o apoio do governo a cada passo, com acesso à moradia e a uma alimentação barata e sadia. Trago um balaio de intenções, trago no peito uma promessa, mas não trago nenhum balaio de mentiras, não trago nenhum balaio de meias verdades, de calúnias ou de difamações. Essas eu as deixo para quem não tenha pejo de exibir a sua vergonha perante o povo. Ao invés desse balaio, eu trago um outro, que é o balaio do amor, o balaio da confraternização, que eu ofereço ao povo da Bahia. Peço ao povo da Bahia que me

ajude a carregar o meu balaio, conquistando os adversários, porque tenho certeza da nossa argumentação para convencê-los de que deveremos trabalhar juntos pelo bem do Brasil. Confio, acima de tudo, na argumentação do povo, que é o que vocês vão fazer a 15 de novembro, mostrando que de fato nós queremos a paz, nós queremos trabalhar junto com eles, se eles quiserem, ou sem eles, se eles não quiserem. Mas não haverá força humana que nos desvie das intenções que temos, pois haveremos de fazer desta terra uma democracia, a democracia que merecemos.

É esta a palavra, não do Presidente da República, é a palavra do João, um eleitor conforme vocês são, que tem seus erros e suas horas de amargura como vocês também as têm, que sofre na carne como todos vocês sofrem e que se alegra quando vocês estão alegres e que sabe chorar também como vocês.

Eu sou o João que vai para a arquibancada xingar o juiz, que não gosta de assistir a jogos de futebol em tribunas de honra, e que se apaixona ou que sofre como vocês sofrem.

Amanhã, depois de eleito e empossado, quero voltar a esta cidade santa de Salvador, aqui neste mesmo bairro da Liberdade, e me despir das prerrogativas de Presidente da República para, junto com vocês, ser apenas o João. Quero retornar à Bahia para pedir mais uma vez as bênçãos do Senhor do Bonfim, para pedir ao povo da Liberdade que com seu entusiasmo reze pela minha gestão, impedindo que eu deixe de ser apenas o João Presidente. Muito obrigado.

Ao agradecer, sumamente honrado e lisonjeado, a manifestação carinhosa com que o povo de Sergipe, através dos seus mais lúdimos representantes, me distinguiu, devo dizer que não esperava, conhecida que é a hospitalidade da gente desta terra, não esperava manifestação diferente. Mas devo dizer, também, que recebo esta manifestação menos como Presidente eleito da República e sim, aqui na casa do trabalhador, como um amigo que foi alçado, por força de circunstâncias alheias à sua vontade, à posição de trabalhador número um do Brasil.

Ao agradecer esta homenagem, devo dizer aos Senhores que o dirigente-trabalhador tem bem presente o que espera o eleitor deste Estado, em face dos recursos de que Sergipe dispõe, pela potencialidade e pelas perspectivas da sua pecuária.

Devo dizer-lhes que o dirigente-trabalhador também têm bem presentes os esforços que terá de fazer no seu Governo a fim de proporcionar melhor condição de vida para a nossa gente, em particular para o trabalhador, como salário condizente, moradia dentro das possibilidades do seu salário, assistência médica, educação e, principalmente, liberdade de dialogar com o patrão para expor suas dificuldades e seus anseios. O dirigente tem bem presente o que pode fazer pelo Estado de Sergipe se contar com o apoio dos trabalhadores: orientá-los no sentido de dialogarem com os seus chefes e seus dirigentes. E também tem presente que a 15 de março será o dirigente-mor, e que os dirigentes políticos do Estado de Sergipe hão de saber compreender as dificuldades do momento que atravessamos, empenhando-se em sanar as agruras dos menos favorecidos, dentro das possibilidades do erário.

Tenho dito por onde passo, neste Brasil, que minha bagagem é leve de promessas mas é bem pesada de esperanças. Quando disse e afirmei, em discurso na SUDENE, que não acredito no Brasil rico com o Nordeste pobre, eu quis dizer que precisamos incentivar e acelerar o desenvolvimento do Nordeste, num ritmo tal que o povo

se sinta recompensado pelo trabalho e que os empresários encarem o futuro com uma perspectiva melhor. Mas estou tranqüilo com o futuro, porque, se o Nordeste é pobre, se Sergipe é um dos Estados mais pobres da Federação, eu encontrei aqui uma gente rica de carinho, de amor, rica de fé cristã e rica em serviço, o que dá a certeza de que estão acreditando na minha maneira, como diz a oposição, rude, mas que é o meu modo de falar à minha gente. Se esperam que eu modifique a minha postura após 15 de março, porque me levaram à força a Presidente da República, estão muito enganados. Já estou muito velho para mudar e hei de continuar sendo aquele mesmo que diz as coisas como acho que elas são, e não como eles acham que são.

Penso em Deus e temo a Deus, mas não temo o futuro da nossa Pátria, porque Deus está conosco.

E se alguns dizem também que, pelo meu temperamento, não estou preparado para dirigir a nossa Pátria, confesso que às vezes eu me sinto despreparado. Sinto-me despreparado para responder às infâmias, às mentiras e às calúnias, como devem ser respondidas. Apenas a minha condição de Presidente eleito me impede de ser o que eu quero e o que eu acho que deveria ser nesses momentos. A situação a que me levaram e que aceitei, como missão, tem de fato me levado a engolir sapos, e sapos às vezes do tamanho de elefantes, mas a minha capacidade de suportar me permitiu até hoje não ter indigestão, apesar de não deglutir esses sapos. Daí por que, repito, não esperem de mim um Presidente sofisticado. Esperem de mim o que eu sempre fui e não me envergonho de ser, e que tantas cócegas está causando aos nossos adversários, porque eles temem as verdades e gostam — e como gostam — das mentiras. Daí por que estou tranqüilo quanto ao 15 de novembro, certo da vitória de que eu e o Senador Augusto Franco tanto necessitamos para que as minhas intenções e as dele possam ser facilmente concretizadas. Para que eu possa ter no Senado Federal, na Câmara Federal — e o Senador Augusto Franco na Assembléia Legislativa — uma plêiade de líderes que de fato nos apóiam e sabem que em ocasião nenhuma nós mudaremos de rumo. Porque, a despeito de todas as dificuldades, o céu nos ouvirá e, repito, Deus está conosco.

Mas, apesar de todas as dificuldades que possam vir de quaisquer direções, nós vamos aperfeiçoar o nosso sistema democrático. Daí o meu apelo, nestes últimos 15 dias de campanha, para que o povo de Sergipe — e este apelo eu faço na Casa do Trabalhador invocando a presença de Nossa Senhora da Vitória — vote conosco, deposite um voto de confiança nos nossos candidatos. E para que não haja omissões nesse esforço sobre-humano que teremos de fazer nestes últimos dias para convencer os indecisos de que nós é que estamos com a razão. Após a nossa vitória, tenham certeza de que ela virá — estaremos de braços abertos para receber aqueles que, mesmo nos combatendo, queiram cooperar com o nosso traba-

ARACAJU -- SE -- 25-10-78

28º BATALHÃO DE CAÇADORES
SAUDAÇÃO À TROPA

Desejo agradecer ao Ten. Cel. Waldir e aos senhores esta oportunidade que me estão dando de me dirigir à tropa como se estivesse ainda fardado dentro do quartel. Agradeço, sinceramente comovido, esta homenagem que o comandante, os senhores oficiais e os senhores resolveram me prestar.

Podem estar certos de que melhor homenagem não me poderia ser proporcionada, porque se há coisa de que eu sinto saudades é banda de música, clarim e ordem unida, porque em torno destas três coisas está tudo o que eu aprendi e devo ao Exército em meus 43 anos de serviço ativo.

Agradeço ao Sr. Ten. Cel. Waldir a oportunidade que me proporcionou, de ouvir aqui em Aracaju a canção que durante mais de 53 anos ouvi no sul do País, que é a canção da minha arma. Jamais me esquecerei desta homenagem. Muito obrigado a todos.

Eu vim aqui, é certo, pedir os votos do povo alagoano para os candidatos do meu partido. Não vejo a generosa presença da gente desta terra a esta reunião com a simples curiosidade de conhecer a figura do futuro Presidente da República. A rigor seria supérfluo pedir votos para o nosso partido porque sei que o povo alagoano na sua sensibilidade política já deu o seu voto para a ARENA.

Um povo que produziu Floriano, de uma terra que viu nascer um Pontes de Miranda, não poderia vir aqui por simples curiosidade. Ele veio aqui por sentimento de brasilidade e por civismo, para tomar contacto com o Presidente eleito da sua pátria, ver este homem de quem tanto falam, que não é mais do que um homem comum como todos os senhores, que traz na sua bagagem um baú de esperanças, esperanças de que a nossa terra possa progredir em ordem.

Venho aqui dizer ao povo das Alagoas que tenho bem presentes as dificuldades com que a nossa gente luta, e que me preocupo com a melhoria de vida da nossa gente mais humilde. Preocupo-me também com a justiça social que já tarda, e que tanto esforço vem merecendo do Governo do nosso Presidente Geisel.

Tenho bem presentes as dificuldades econômicas por que passa o nosso País e, em particular, no caso de Alagoas, a sua indústria açucareira, a sua bacia leiteira e o anseio de todos nós pela instalação definitiva do pólo rural petroquímico. E se não serão poucos os obstáculos que encontrarei para enfrentar tais dificuldades, a única coisa que posso dizer, ao agradecer esta homenagem que tão carinhosamente me prestam, é que tudo farei para que Alagoas deixe de ser apenas um oásis no deserto do Nordeste, transformando-se num centro irradiador pelo exemplo que tem dado o seu povo — um exemplo de trabalho e dedicação.

Tenho a certeza de que este povo não precisa de argumentos para saber quem está com a razão. E ao votar nos candidatos indicados pelo meu Partido, este povo estará votando naquelas in-

tenções que levo para o Governo, intenções de perseverança, intenções de progresso, intenções de trabalhar sempre por uma democracia cristã. Se algum dia for o caso, tenho a certeza de que o povo das Alagoas, terra de gente brava, não faltará com o apoio de que eu necessito para levar avante o desenvolvimento deste País. Pode ser que eu me engane nas impressões materiais através das minhas viagens pelos Estados, por todos os recantos do nosso Brasil, mas não me engano com a fisionomia do povo.

A oposição diz que eu não gosto do cheiro do povo, mas a verdade é que sinto o povo, sinto quando o povo está comigo. O que eu não tolero, o que eu odeio, o que eu combato, o que hei de combater com todas as minhas forças é o cheiro da mentira, é o cheiro da picaretagem, é o cheiro da meia-verdade, é o cheiro da calúnia, é o cheiro do despudor em praça pública, como se o povo não percebesse, como se o povo não sentisse, como se o povo não soubesse olhar fisionomias. Daí por que volto às minhas andanças por este país, saindo aqui de Maceió, na certeza de que o povo veio aqui para me dizer que está comigo, porque acredita nas promessas que tenho feito.

E ao votar naqueles Candidatos do nosso partido para a Câmara Federal, para o Senado e para a Assembléia Legislativa, o povo estará homenageando menos o Partido do que os que vão trabalhar comigo, aqueles que de fato irão me dar apoio, para que eu possa implantar o tipo de democracia que o povo brasileiro deseja.

Agradeço mais uma vez a carinhosa manifestação da gente alagoana, e ao fazê-lo mais uma vez saúdo a juventude, a juventude desta terra que vê em mim um velho moço, que me trata como um jovem, e eu me sinto bem com isso. Ao formular os meus agradecimentos à juventude alagoana, quero repetir que trago aos nossos opositores uma mensagem de paz, uma mensagem de conciliação quanto àqueles pontos comuns que, estou certo, nos unem para o progresso de nossa pátria. E levo para Brasília esta flor que me acaba de ser entregue por uma mulher alagoana como símbolo da confiança que o povo alagoano deposita no Presidente da República, como símbolo daquele espírito de conciliação.

Hei de voltar aqui a Maceió, hei de voltar como Presidente da República para festejar a vitória com a juventude alagoana. Sinto que a pátria é muito grande para que tenhamos ódio no coração. O Brasil não merece o quadro a que estamos assistindo. Um país com um futuro imediato tão brilhante não merece o espetáculo de tristeza que alguns maus brasileiros nos querem oferecer. E o povo alagoano tão calmo, tão bravo nas lutas, bravo entre os bravos, saberá perdoar e comigo abraçar os nossos adversários. Muito obrigado.

Venho, com satisfação, participar deste Simpósio, servidor público que sempre fui. Servidores fardados ou servidores civis, a maioria dos problemas que enfrentamos são comuns a todos.

Preparo-me, agora, para investir-me nas funções de Presidente da República. Função de servidor entre os servidores. Razão maior, portanto, para este diálogo entre companheiros de trabalho, que se estenderá por todo o período do meu governo.

Tenho afirmado a necessidade de participação de todos os brasileiros na obra nacional que o presidente Ernesto Geisel iniciou e pretendo consolidar.

A adesão dos espíritos, a união das vontades, a conciliação dos objetivos e ideais, a convergência dos propósitos, são condições importantes para fazer com que esta Nação continue a crescer. Tanto quanto a soma de recursos naturais de que dispomos. Sem os primeiros requisitos, não será possível alterar, como é necessário, a estrutura e os hábitos, transformando-os profundamente, para que possamos atingir as nossas metas de desenvolvimento econômico-social e de aperfeiçoamento político-institucional.

Os textos legais, por melhores e mais bem elaborados, não são capazes de produzir a mutação que a Nação reclama. O que se faz necessário são atos específicos. Atos de vontade consciente; partidos de todos os segmentos representativos da vida nacional.

Como Chefe da Nação e do Governo, estimularei atitudes como essa, para empolgar os homens e as mulheres do meu País; levá-los a participar do «mutirão» de esforços para que o nosso Brasil continue a ir para a frente.

Sou dos que acreditam que o equilíbrio da sociedade moderna só se encontra na completa satisfação do homem. Por isso, não aceito que o trabalhador seja relegado ao plano de instrumento, ou de simples engrenagem anônima.

Rejeito a noção de uma sociedade sem alma ou ideal. Consequentemente, rejeito a idéia do trabalho como uma série in-

findável de tarefas, cuja razão de ser desaparece ou se perde, na monotonia da repetição.

Da mesma forma, considero um atentado à dignidade das pessoas com interesse junto ao governo a incrível longevidade de exigências burocráticas desligadas da necessidade real do processamento dos pleitos. Rejeito, mais, a seqüela indesejável desse apego à formalidade, que consiste em dar maior valor ao secundário ou contingente do que ao substantivo, à essência do direito, ou da coisa a decidir.

Acredito que a máquina do Estado precisa de uma revisão geral. De atualizar-se.

Não se trata de dar um computador a cada repartição; ou uma máquina elétrica a cada funcionário. Sobretudo se, como acontece tantas vezes, a aquisição dos equipamentos não vier acompanhada da modernização dos métodos.

A função pública não é um fim em si. Tem de ser entendida, em primeiro lugar, como serviço ao público. Mas, logo em seguida, como instrumento necessário à ação do Estado na promoção do desenvolvimento econômico e social.

Esse conceito pressupõe, claramente, a preocupação com os custos, com a ação rápida e oportuna.

Num plano mais amplo, a melhoria do teor de eficiência da administração pública gira em torno da valorização do seu capital mais importante: os recursos humanos. Os senhores sabem muito bem que o serviço público tem demonstrado excelente capacidade de recrutar jovens inteligentes, ambiciosos, e com vocação de servir. Quantas vezes, porém, o Estado perde seus melhores elementos, já amadurecidos na reflexão e no estudo, simplesmente por falta de estímulos materiais, profissionais e morais adequados.

Não trago soluções miraculosas. Mas sinto que a chave desse problema pode encontrar-se na profissionalização dos servidores públicos.

No meu entendimento, a profissionalização deve começar com a formação adequada do candidato, seguida de treinamento intensivo e extensivo, por toda a vida. Assim é, para exemplificar, nas Forças Armadas. Em meus 43 anos de serviço ao Exército, aprendi que a maior parte do nosso tempo — do jovem oficial ao general encanecido — é dedicada a dar e receber instrução. Só será líder quem for capaz de transmitir sua experiência e seus conhecimentos. Mas estes precisam ser reciclados periodicamente, nas escolas de aperfeiçoamento ou comando.

Experiência semelhante, e digna de emulação, é a que se realiza, para os diplomatas, no Ministério das Relações Exteriores. Nesse particular, a estratificação da carreira em níveis sucessivos, a cada um dos quais corresponde a possibilidade do exercício de determi-

nadas funções, representa fator de estímulo e de permanência no serviço.

As experiências do Itamaraty e das Forças Armadas podem ser enriquecidas pelo estudo e pelas sugestões dos próprios servidores. Congressos, reuniões e simpósios como este podem converter-se em elemento precioso para a expressão e o recolhimento das aspirações, queixas e sugestões do pessoal civil. Na medida em que inspiradas no interesse público, serão recebidas como colaboração, e estudadas com atenção.

Sei que, nestes 14 anos de Governos Revolucionários, muito se tem feito em prol da melhoria das condições em que se exercem as funções públicas. Sei, porém, que muito resta a fazer.

No plano estritamente das relações de trabalho, precisamos atualizar a legislação básica do servidor. Seu Estatuto, velho de mais de 25 anos, requer reexame. Quando nada, para adaptá-lo às condições novas, decorrentes do progresso experimentado pelo Brasil no período.

Há que considerar, também, o impacto da coexistência de dois regimes de servidores — os estatutários e os da legislação trabalhista — muitas vezes lado a lado, mas com direitos, obrigações e vantagens diversos. E essa anomalia é muito mais profunda.

Há alguns anos, o governo equiparou e tornou intercambiável, para aposentadoria, o tempo de serviço prestado ao setor público e ao privado. A providência, de grande alcance social, não se completou, entretanto. Para os trabalhadores, a aposentadoria mais parece uma punição que um prêmio.

Os estatutários civis, ao se aposentarem, podem sofrer perdas substanciais, quando não incorporem aos proventos as vantagens relativas às funções de assessoria e confiança exercidos.

Os militares que passam à reserva, aos 40 anos de serviço, perdem 17% de sua remuneração. Essa perda, aos 30 anos, pode chegar a 30%.

Os trabalhadores da CLT têm o benefício da aposentadoria limitado pelo chamado «salário de contribuição».

É como se, em todos os casos, a Nação quisesse relegar à penúria, no fim da vida, aqueles que fielmente a serviram. Na verdade, o que queremos, é assegurar a dignidade necessária ao ócio merecido.

Sei que no governo do eminente Presidente Ernesto Geisel existem estudos adiantados para a aplicação do regime da Lei Orgânica da previdência social aos funcionários do serviço civil. Seria o caso, talvez, de pensar-se em uma medida de alcance social ainda mais amplo: a unificação geral das relações de trabalho e dos benefícios previdenciários, para todos os trabalhadores, independentemente de sua fonte pagadora.

Questões relevantes, como o 13.º benefício para os aposentados e pensionistas, o 13.º salário para os da ativa, também estão sob exame. O Governo estuda ainda a uniformização de critérios para a revisão dos proventos dos funcionários aposentados por certas doenças previstas em Lei.

Examina-se, também, a revisão das pensões pagas aos herdeiros de contribuintes do Montepio Civil e às viúvas de ex-funcionários acometidos de determinadas doenças graves.

Da mesma forma, procura o Governo o justo equilíbrio para a revisão das aposentadorias em geral. O que se deseja é conciliar as disponibilidades do Tesouro com a idéia de mudar a base do reajustamento atual, pela classe inicial das carreiras.

Tenho conhecimento, além disso, de outras aspirações dos nossos colegas. O problema da casa própria — já equacionado para tantas categorias profissionais — encontra, no caso dos servidores públicos, a dificuldade adicional da defasagem entre o reajustamento de seus salários, em bases inferiores à inflação, e a correção monetária dos débitos e prestações mensais.

O atendimento a essas e outras reivindicações — como a melhoria da assistência social, médica e jurídica; o amparo à mulher, mãe ou dona-de-casa que trabalha — não pode resultar de uma atitude paternalista do Estado.

Ao contrário. Talvez seja a hora de se começar a pensar em um novo contrato de trabalho entre o Governo e seus servidores. De um lado, cabe ao Estado recrutar bem o seu pessoal, e criar condições, inclusive de promoção, mais justas, mais objetivas e, sobretudo, mais estimulantes. Baseadas no mérito e na antigüidade. Não no subjetivismo ou no privilégio.

De outra parte, a sociedade tem o direito de exigir a contraprestação em horas de trabalho, em presença assídua e pontual, em serviço atento e rápido às partes.

E o Estado, para ser justo, tem de assegurar a compensação adequada, inclusive em termos materiais, aos que lhe prestam serviços.

Essas são algumas idéias que desejo propor ao estudo e à reflexão dos senhores. A base do meu pensamento é que a responsabilidade de promover o bem comum é de todos quantos participam da tarefa superior de governar a Nação.

Pois o governo de uma comunidade, de uma cidade, de um país, é de todos. Sobre tudo, para todos. Por todos.

Muito obrigado.

RIO DE JANEIRO — RJ — 28-10-78

EDIFÍCIO DE PAOLI
REUNIÃO NA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA IN-
DÚSTRIA

Ao saudá-los nominalmente eu os cito numa homenagem ao empresariado brasileiro, pelo muito que os senhores têm feito em prol do desenvolvimento do nosso País. Fico muito agradecido por esta oportunidade que os senhores me deram de estar aqui para, como disse o nosso presidente, iniciar um diálogo que espero prossiga no futuro e que me dê, de fato, maior conhecimento dos problemas que a indústria enfrenta.

Ouvi com toda a atenção os senhores representantes das Federações Estaduais, os quais, a par de dizerem que me encaminhariam documentos sobre como viam a problemática do desenvolvimento do país no que diz respeito à indústria, apresentaram oralmente problemas de ordem geral, problemas de ordem regional e, alguns, até problemas de ordem local.

Entre todos os problemas, anseios, dificuldades, sugestões, que aqui ouvi, devo dizer aos senhores que considero mais importantes para mim, como futuro governante, e para os senhores, como elementos básicos do desenvolvimento nacional, as questões relativas a: primeiro, o custo do dinheiro; segundo, incentivos para maior desenvolvimento do Nordeste e da Amazônia; terceiro, as dificuldades que enfrentam a pequena e média empresas; quarto, os problemas relativos ao livre mercado; quinto, a problemática da nossa agroindústria e, sexto, os problemas relativos à exportação e importação.

Complementando isso que julgo prioritário em relação ao que aqui ouvi, tive a satisfação — para não dizer quase alegria — de ouvir o nosso presidente muito objetivamente tocar no problema da educação, enfatizando a necessidade do ensino médio profissional, cuja precariedade constitui falha grave do nosso sistema educacional. E nesse particular presto as minhas homenagens ao trabalho desenvolvido pela indústria e pelo comércio no SENAI e no SENAC.

Muito bem disse o nosso presidente Domício Velloso que necessitamos de uma estratégia em que estejam definidos os nossos objeti-

vos e as políticas conseqüentes de execução, já que os problemas não poderão ser bem resolvidos a curto prazo. Deveremos contar, já que não é possível num só mandato vê-los resolvidos, com a indispensável continuidade de atuação no tempo.

Tenho bem presentes as dificuldades que irei enfrentar no meu governo, relativas aos problemas de ordem econômica e de ordem social, sem falar no problema político que aí está.

Estou cômico de que esses problemas não são fáceis, mas não nos faltará força de vontade, não nos faltará discernimento, não nos faltará patriotismo para resolvê-los, enfrentando o principal obstáculo, que é a insuficiência de recursos.

Teremos que encontrar meios e modos de obter recursos que possibilitem o desenvolvimento do nosso País, a fim de que possamos, já não digo alcançar a plena justiça social, mas pelo menos dar ao nosso povo um pouco mais do que a Revolução de 31 de Março já tanto deu.

Agradeço aos senhores o apoio que tão generosamente me ofereceram. E ao finalizar desejo manifestar-lhes o quanto os senhores acabam de me distinguir: eu nunca fui empresário.

Vou me permitir voltar aqui e considerar-me um dos senhores em torno desta mesa, a fim de que possamos chegar a conclusão mais objetiva a respeito do desenvolvimento brasileiro.

Muito obrigado.

BLUMENAU — SC — 31-10-78

BAIRRO FORTALEZA TRIBESS
LIDO NA INAUGURAÇÃO DO CENTRO SOCIAL UR-
BANO DA SOCIEDADE RECREATIVA CULTURAL

Quis começar minha visita a esta Blumenau, que é uma das jóias do vale do Itajaí — uma das jóias do Brasil — por uma passagem pela Fortaleza. Aqui, posso falar com o povo que trabalha. Que sofre. Mas que conserva alta a esperança de dias melhores.

É na fortaleza de fé no Brasil, que venho falar-lhes. E na certeza de que, juntos, podemos melhorar as condições de vida de todos. Separados, desunidos, zangados, cheios de ódio e dissensão, sem o estímulo da crença, chafurdando na desunião, jamais conseguiremos contruir a pátria melhor, com a qual todos sonhamos. A Pátria a que, solenemente, perante vocês, trabalhadores da minha terra, prometo continuar a dedicar todo o meu esforço, toda a minha capacidade de trabalho, todo o entusiasmo daqueles que comigo estarão, a partir de 15 de março.

Daqui até lá, porém, tenho uma jornada cívica a cumprir. Tenho de ir a outras partes, como vim aqui. E só lamento não poder ir a todos os recantos do Brasil, para ver os problemas de cada um. Sentir as mágoas e ouvir as queixas. Mas, também, ouvir a confiança e transmitir uma palavra de otimismo, de conciliação.

Sou parte de um processo revolucionário que, há quase 15 anos, vem utilizando o melhor do talento dos brasileiros de boa vontade, para resolver problemas — alguns deles seculares. Sou revolucionário da primeira hora. E digo isso com a tranqüilidade de quem pode encarar o povo de frente e pedir-lhe que reflita, na hora da escolha.

Não venham os demagogos dizer-me que o povo passa privações. Nós sabemos e estamos cuidando disso.

Não me digam que milhões de crianças brasileiras não podem ir à escola, porque não tem como lá chegar. Os governos revolucionários vêm olhando os problemas da educação, como é preciso.

Que, ano após ano, estamos empenhados em resolver, melhorando, construindo mais escolas, cuidando da alimentação dos escolares, procurando levar o ensino a todas as partes.

Aqueles que só pensam no povo para explorar suas dificuldades, apontam questões como as do abastecimento e dos preços — mas nada fazem para resolvê-las. Não apresentam soluções. Parecem realejos de feira, na repetição monótona e lamuriosa da cantilena cansada.

Sabemos que o povo aspira por uma casa própria. Assim tem sido há muitos anos. Mas, foi somente com a criação do sistema financeiro da habitação, liderado pelo BNH, que as soluções começaram a ser encontradas. Sei que a correção monetária ainda aflige muitas famílias. Sei, também, que as faixas de menor remuneração ainda não puderam ter sua casa própria. Mas é preciso que o povo saiba que, além das centenas de milhares de casas já construídas para os trabalhadores, estamos resolvidos a encontrar o modo de dar a posse de uma casa limpa e digna a todos os trabalhadores do Brasil. Isso, haveremos de conseguir.

Penso, também, que temos de encontrar maneiras de compatibilizar o fundo de garantia — criado com a melhor inspiração, e que já produziu tantos resultados positivos — com uma certa medida de segurança no emprego.

Acredito que, com o prosseguimento da construção de centros sociais urbanos, como o que vamos inaugurar daqui a pouco, os trabalhadores e suas famílias terão renovadas oportunidades de divertir-se um pouco; de conviver com os amigos; de proporcionar um ambiente sadio para os filhos e os vizinhos, na solidariedade que o espírito comunitário proporciona e desenvolve.

Precisamos ampliar os benefícios da assistência social, do amparo à saúde, da proteção aos velhos e aos inválidos, às crianças e às mulheres. Sei que isso custará mais dinheiro. Mas prometo empenhar-me para conseguir os recursos necessários. Pois é nosso dever cuidar da nossa gente, para melhorar-lhe o nível de bem-estar. Não vamos abandonar os programas de obras públicas essenciais à continuação e à sustentação do progresso do Brasil. Mas não vamos construir monumentos à nossa vaidade, ao nosso egoísmo.

Temos de estender ao campo os benefícios de que já dispõe o trabalhador urbano. Pois precisamos de uma agropecuária forte, para que haja mais alimento, mais barato, para todos.

Precisamos, enfim, assegurar o regime de livre-empresa, que o Brasil adotou. Mas, precisamos, mais ainda, compatibilizar o capitalismo, como solução definitiva, com a justiça social, expressa na responsabilidade de todos pelo bem-estar do povo. Com sua segurança. Com seu progresso.

Os quatro Governos Revolucionários têm demonstrado uma preocupação constante com os problemas do povo. E uma decisão, que jamais vacilou, de resolvê-los. E assim tem sido feito.

Essas são as razões pelas quais peço ao nobre povo catarinense que nos apóie, a mim e ao Governador eleito Jorge Konder Bornhausen, sufragando nas urnas de 15 de novembro os nomes dos nossos candidatos ao Senado, Haroldo Carneiro de Carvalho e Wilmar Dallanhol.

Precisamos, também, que o povo de Santa Catarina nos assegure uma sólida maioria arenista na Câmara dos Deputados e na Assembleia Legislativa. Assim, poderei dar continuidade à obra notável que vem realizando pelo Brasil o eminente Presidente Ernesto Geisel. Da mesma forma que o Governador eleito poderá continuar o trabalho desenvolvido pelo Governador Antônio Carlos Konder Reis.

Assim ungida pelo povo catarinense, como vai acontecer no restante do Brasil, a Revolução de 1964 poderá prosseguir na sua caminhada para garantir o progresso e o bem-estar dos brasileiros.

Acredito que bem se aplica ao Brasil de hoje o que disse o apóstolo São Paulo, em sua mensagem aos Romanos:

«Eu estimo efetivamente que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção alguma com a glória que há de revelar-se em nós.»

Essa é a nossa bandeira. Bandeira do bem do Brasil. Da conciliação na vitória.

Vitória que, antes de tudo, e acima de tudo, é do Brasil.

Muito obrigado.

Andei por todo o nosso Brasil. Dos pampas do Rio Grande transpus a selva Amazônica e fui até o extremo oeste do Acre. Estive no Nordeste sofrido, estive na opulenta São Paulo, estive em terras cariocas. Falei com os pais, falei com as mães, falei com os filhos e conversei com os netos. Falei com o empresário e falei com o trabalhador. Falei com as donas-de-casa e falei com as domésticas. Senti a alegria das crianças e a tristeza dos velhos. Andei nas favelas. Vi a pobreza e vi o desnível social. Falei com o estudante e falei com o soldado. Vi muita coisa ainda por fazer neste nosso Brasil. Senti e ouvi reclamos, queixas, mas em nenhum lugar do Brasil senti desesperança. Até no povo sofrido do Nordeste e da Amazônia eu sentia o olhar da esperança.

E venho aqui a Santa Catarina, nesta jóia que é Blumenau. Estive no Bairro da Fortaleza e no Bairro Garcia e aqui venho a uma casa de trabalhadores, e ao agradecer a homenagem que o povo de Blumenau me prestou, e em particular esta que me presta o trabalhador da Companhia Hering, cuja gentileza foi ao ponto de me fazer saudar pelo seu operário-padrão, trago após estas minhas andanças o abraço do trabalhador de Blumenau.

É a mensagem que aqui venho transmitir, neste exemplo de operosidade que é a Companhia Hering. É o abraço da esperança. O abraço daqueles outros mais sofridos que nós, que sentem as amargura do dia-a-dia, mas que me pediram que dissesse ao povo de Blumenau e aos seus trabalhadores que eles têm confiança no futuro.

Eles tem confiança no futuro porque acham que um país como o Brasil não pode ter gente que perca a esperança.

Um país tão grande como o nosso, construído com tantos sacrifícios pelos nossos antepassados, que tanto sangue custou aos nos-

sos ancestrais, que tanta abnegação reclamou dos¹ seus dirigentes, um país como o nosso de mais de 120 milhões de habitantes não pode ter um povo desesperançado.

Trago o abraço dos trabalhadores do Norte e do Nordeste, do Centro e do Sul ao operoso trabalhador de Santa Catarina.

E daqui levo a eles o exemplo desta gente, para que saibam que o povo de Santa Catarina também tem fé.

CURITIBA — PR — 51-10-78

CENTRO SOCIAL URBANO
LIDO NUMA CONCENTRAÇÃO POPULAR POR OCA-
SIÃO DA INAUGURAÇÃO

Comparecer perante o povo desta cidade magnífica de Curitiba é como situar-me diante do próprio futuro do Brasil. Aqui, como em outras capitais, tenho sentido os reclamos legítimos do homem urbano brasileiro.

Há uma diferença, porém. As administrações curitibanas — desde os tempos do antigo prefeito Ney Braga, até os dias do atual prefeito Saul Raiz — conseguiram resultados notáveis na humanização da cidade. Na melhoria da qualidade da vida urbana. Na organização do tráfego motorizado, sem prejuízo do deslocamento dos pedestres. Na localização das atividades econômicas, em harmonia com a residência das famílias.

Por tudo isso, o desenvolvimento harmonioso de Curitiba serve de exemplo para o Brasil. Inclusive, e especialmente, nas preocupações sociais que demonstra, como neste Centro Social Urbano.

A inauguração de hoje é parte de um programa de âmbito nacional. Em Curitiba, esse acontecimento tem um valor ainda mais particular. Em primeiro lugar, porque o Paraná é um dos melhores exemplos que temos, no Brasil, de entendimento e coordenação entre os governos federal, estadual e municipal. Em segundo lugar, porque Curitiba é uma capital exemplar em muitos aspectos.

No campo da criação artística, no incentivo às artes e ao desenvolvimento pessoal e comunitário, o Centro de Criatividade de Curitiba é um exemplo a ser emulado.

A velha fábrica é o centro de fermentação criativa e artística; do encontro sadio de gerações, de pessoas das mais diversas origens e culturas.

Vejo hoje uma Curitiba também preocupada com seu patrimônio histórico. O Paiol, que hoje é teatro, suas casas mais antigas, reconstruídas e preservadas, refletem o cuidado do seu povo com sua história e sua cultura.

A herança de vossos antepassados — portugueses, alemães, poloneses, italianos, ucranianos, holandeses, franceses, suíços, japoneses e índios — é aqui carinhosamente mantida e preservada, ao mesmo tempo que a ação dos seus descendentes constrói dias melhores.

Tudo isso aumenta o meu orgulho de brasileiro com esta Curitiba. Ao andar por suas ruas limpas e arborizadas, verifico que existe muito mais. Olho os jardins cuidados estendendo-se pelas calçadas. Penso nos que passeiam pelas avenidas, feitas para a circulação e não para o enlouquecimento humano. Vias comunitárias como a Rua Goethe, inaugurada pelo Presidente Geisel recentemente, que demonstram como o homem pode associar o progresso, com suas exigências, e o lazer, com seus direitos.

De outra parte, as vias estruturais de transportes urbanos — Norte e Sul, Boqueirão — representam o mais moderno e econômico sistema de transporte por ônibus do país.

Tudo isso é a Curitiba que soube tão bem empregar os recursos liberados pelos governos dos Presidentes Médici e Geisel. Quem deu tal exemplo saberá aplicar, como agora, os recursos que demonstrarão, no meu governo, a continuidade do apoio federal a esta capital. Mais ainda porque, entrando na década de 80, o crescimento urbano da cidade irá exigir novos investimentos para aperfeiçoar e melhorar ainda mais os serviços urbanos e metropolitanos.

Pensando nas implicações da urbanização crescente, que o Brasil vai experimentar, quero citar dois problemas de interesse dos curitibanos, dos paranaenses — de todos os brasileiros, enfim.

O primeiro deles é a educação. Com sua população universitária, Curitiba é um cadinho de idéias e uma esperança para o futuro. Desejo, porém, nesta questão, lembrar a importância da qualificação abundante e oportuna de profissionais de nível médio. Se não dermos a esse segmento dos recursos humanos a atenção devida, poderemos estar criando condições adversas de trabalho para os profissionais de nível superior. Em várias atividades, os salários e até as funções dos diplomados pela Universidade são deprimidos pelo excesso de oferta, ao passo que faltam os mestres, os oficiais, os técnicos.

A outra questão refere-se ao papel decisivo que caberá à agropecuária no meu governo.

Olhar os campos lavrados do Paraná é um exercício de orgulho patriótico. É a certeza de que não faltarão alimentos para baratear a vida do povo. A ação do meu governo haverá de assegurar ao produtor uma remuneração melhor pelo seu trabalho. Para que ganhem os que produzem e consomem, e não aqueles que simplesmente intermediam ou atravessam.

Além do apoio à agropecuária, as populações do interior deste Estado e deste vasto Brasil — especialmente as das cidades médias e pequenas — também exigem programas adequados para que lhes sejam oferecidas condições melhores de saúde, trabalho e lazer.

Curitibanos:

Dou hoje mais um passo na minha peregrinação por todo este país, para vos assegurar que o município brasileiro receberá atenção prioritária em meu governo. Curitiba, região metropolitana, capital deste grande Estado, respalda essa inspiração. Quero o município brasileiro administrado com probidade e cuidado.

Na medida em que os administradores municipais se sobrepujarem no elã de oferecer melhores condições para seus cidadãos, e em que os cidadãos ajudarem e apoiarem seus líderes, o município se tornará mais forte, mais eficiente e mais dinâmico em termos político-administrativos.

Aqui vejo um exemplo sadio do municipalismo que pretendo incentivar em meu governo. Eficiente descentralização. Interesses legítimos do povo atendidos por interlocutores administrativa e tecnicamente capazes, politicamente sensíveis, socialmente responsáveis, como são o Governador Jayme Canet Jr. e o Prefeito Saul Raiz. Como será, sem a menor dúvida, o antigo e futuro Governador, esse revolucionário de todas as horas, o meu amigo Ney Braga.

Dentro dessas linhas mestras, desejo conduzir a política urbana de meu governo. Estarei atento às peculiaridades e diferenças das várias regiões, com o objetivo de estimular os organismos locais para que melhor possam atender às necessidades de suas populações.

Para isso peço os votos dos curitibanos — e de todos os paranaenses — nas eleições de 15 de novembro. Tenho dito, e reafirmo aqui, que dessa eleição, limpa e livre, sairá a base do fortalecimento da nossa democracia. Curitibanos, paranaenses e brasileiros consagrarão livremente seus escolhidos nas urnas eleitorais. Mas sei que o meu povo não faltará com o apoio, de que eu e o vosso governador precisaremos, para prosseguir no esforço de aperfeiçoamento democrático, iniciado pelo Presidente Ernesto Geisel. Por isso, peço o seu voto, para levar Túlio Vargas ao Senado Federal e os candidatos da ARENA à Câmara dos Deputados e à Assembléia Legislativa.

Tenho certeza e confio em que os curitibanos, paranaenses e brasileiros irão corresponder nas urnas a esse nosso chamado. Não trazemos demagogia. Trazemos fatos reais, como o apoio que o governo vem dando, há tanto tempo, ao progresso desta bela capital e de todo o Paraná.

Os oportunistas aqui não terão vez, para mistificar o povo com falsos apelos. Dizem que o povo está omissa e indiferente. Vendo hoje esta Curitiba progressista eu digo o contrário: o povo está aqui, o povo está conosco.

O povo nos dará o apoio indispensável a 15 de novembro, porque não existe governo forte sem apoio do povo.

Muito obrigado.

Ao agradecer esta manifestação com que o povo do Alto Taquari me distingue e aos meus companheiros, devo dizer que não foi surpresa para mim o que vejo hoje neste recinto. Esta é a sexta viagem que faço ao Rio Grande do Sul após indicado como candidato à Presidência da República.

Eu fui aos Pampas, fui à Serra, fui à Fronteira e fui ao Litoral; faltava vir àquela região que vive da terra e para a terra e à qual eu dedico especial atenção.

Acabo de ser obsequiado com um brinde de pedras semipreciosas da região e que levarei com todo o carinho para meu gabinete de trabalho. Mas muito mais do que isso, eu levo daqui a preciosidade do entusiasmo desta gente do Vale do Alto Taquari. Levo a preciosidade do seu civismo e, em particular, a preciosidade da confiança em mim depositada. Confiança que muito me alegra porque sinto que o povo do Vale do Alto Taquari, em particular, entendeu a minha linguagem. Entendeu aquela linguagem não rebuscada, às vezes rude e brusca, às vezes até violenta, mas que fala a verdade, que diz as coisas como elas são. Essa verdade nunca me faltou. E por ela me pautei mesmo nos momentos mais difíceis da minha vida.

E ao agradecer esta manifestação, ao agradecer a confiança que o povo do Alto Taquari deposita no seu futuro Presidente, repito aqui para este povo que conseguiram quase à força fazer-me despir a farda do soldado, mas me transformaram num soldado lutador pela democracia. Aquela democracia que todos nós, homens do povo, almejamos. Aquela democracia baseada na nossa formação cristã e não aquela que eles nos querem impor, por que essa é uma falsa democracia, que ao invés de resolver ou minorar os problemas do povo, da população menos favorecida, vive dessas dificuldades e nada constrói para a Pátria.

Não sou mais um general, sou apenas um chefe; mas não julguem que sou um chefe sem soldados. Eu tenho os soldados do Rio Grande comigo. Eu tenho aquela gente que não está interessada em discursos bombásticos e rebuscados, mas em fazer, em lutar, em realizar, porque quer fazê-lo.

A região do Vale do Alto Taquari tem todo o seu progresso baseado na agropecuária. A ênfase do meu Governo nos problemas da agropecuária, principalmente aqueles dos pequenos proprietários, como nesta região, dedicados particularmente à agricultura de subsistência, ao trigo, ao milho, à soja, à pecuária, à cana-de-açúcar e à pecuária do leite, significa que para todas essas atividades o Governo federal, em cooperação com o Governo Estadual, procurará desenvolver técnicas destinadas ao aumento da produtividade, por hectare e por trabalhador.

Maior produção, mais trabalho, mais lucros, melhor nível de vida. Estrela e o Vale do Alto Taquari são das regiões do Brasil de menor índice de analfabetismo, razoavelmente dotados de escola de 1º e 2º graus, mas se ressentem da falta de escolas superiores e, em particular, das de nível médio, destinadas a formar técnicos necessários ao progresso da região. Escolas desse nível poderão dar melhores condições de trabalho à própria região, contribuindo para fixar nela a juventude mais selecionada.

Conheço os problemas da região. Sei quanto interessa à população a construção de um aeroporto. E que se possa fazer a ligação direta à sede dos distritos por estradas asfaltadas. Sei também que região voltada para a agropecuária precisa implantar os seus serviços de eletrificação rural e de telefones. Do mesmo modo, a cidade precisa melhorar e ampliar os seus serviços de saneamento básico, inclusive como condição para a melhoria na qualidade das águas da região. Esses serviços devem abranger também as áreas urbanas alagáveis.

O atendimento de tais aspirações é preocupação constante do Governo federal, da mesma forma que foi a construção do porto inaugurado há um ano e do terminal rodo-hidroferroviário. Numa união do Estado com o Governo federal, eu e o governador Amaral de Souza haveremos juntos de encontrar modos e meios de atingir essas metas, que são as aspirações desta região.

Mas, para que isso seja possível, é necessário que eu conte na Câmara Federal e no Senado, e aqui no Rio Grande do Sul que o Governador Amaral de Souza conte na Assembléia Legislativa, com aqueles homens que longe de futricas políticas ou de rivalidades inconsequentes queiram de fato construir um Rio Grande maior e um Brasil também maior.

Sou dos que apreciam a luta. Gosto de lutar. Aprecio a luta leal, e vivo dela praticamente. Toda a minha vida foi uma luta con-

tra o destino. Mas não gosto de perder, porque eu não entro na luta para perder. Quando entro numa luta eu me compenetro de tal maneira das minhas possibilidades que às vezes me supero. E tenho vencido adversários muito mais fortes. Nós não vamos perder as eleições de 15 de novembro. Eu só acredito na derrota se me levarem a nocaute. Mas sou muito forte para me derrubarem. E sei que posso contar com os votos e com a torcida do Vale do Alto Taquari, pois estou sentindo aqui o entusiasmo, a confiança e o idealismo de sua gente.

ARROIO DO MEIO — RS — 03-11-78

FÁBRICA DE RAÇÕES COOPAVE
INAUGURAÇÃO DA FÁBRICA E CONCENTRAÇÃO
POPULAR

O calor desta recepção que acabam de me proporcionar abrandou um pouco o frio da chuva; o entusiasmo da gente de Arroio do Meio não se abateu com o percalço da chuva, e eu fico muito orgulhoso disto.

Tenho a certeza de que esta organização que acabamos de inaugurar hoje, no seu estilo a maior do Estado, vai progredir e há de ser no futuro uma das molas mestras da produção de riquezas no Rio Grande do Sul.

Hei de voltar aqui a Arroio do Meio quando São Pedro estiver um pouco mais arenista do que hoje, para cumprimentar a população pela brilhante vitória que nós vamos obter. São Pedro quer nos submeter a sacrifícios, mas ele está vendo que a gente de Arroio do Meio não se deixa abater por estas coisas.

Virei aqui novamente festejar com vocês a vitória de 15 de novembro. Muitas felicidades para todos. Muito obrigado.

RIO GRANDE RS 04-11-78

PRAÇA DA PREFEITURA
CONCENTRAÇÃO POPULAR

Não sei como deva iniciar o meu agradecimento, se por esta magnífica e calorosa recepção, que vem tirar dos senhores o descanso do fim-de-semana — e peço desculpas por ter chegado neste dia — ou se inicio agradecendo as palavras generosas do nosso presidente do Diretório Regional da Arena, ou, ainda, se agradeço a belíssima placa que acabam de me oferecer, tão sugestiva nos seus dizeres e que tantas responsabilidades vai colocar sobre os meus ombros.

Mas ao agradecer as três gentilezas: a recepção, as palavras e a placa, vou dizer ao povo desta terra que a revolução de 31 de março fez renascer Rio Grande. Esta cidade que se achava tolhida, cercada, imobilizada, conseguiu desde os primeiros tempos do governo do Presidente Castello Branco sair do marasmo que as circunstâncias lhe estavam impondo, e finalmente chegar a esta situação de hoje. E vejo renascer no povo desta terra a esperança, não por se tornar desde já o escoadouro natural das riquezas que o Estado produz, mas principalmente pelo que leio naquela faixa: «todo o bem da terra vem.»

O labor do povo do Rio Grande do Sul vai retirar dessa terra tão amada aquelas riquezas que o seu superporto levará para o resto do país e para o estrangeiro, contribuindo assim para o progresso do nosso país.

Tenho bem presentes os problemas do município de Rio Grande. Sei dos anseios, das aflições e das dificuldades da sua gente. Mas não temo o futuro.

Não temo o futuro porque sei que conto com o apoio desta terra para transformar esta cidade no grande impulsionador das riquezas do Rio Grande do Sul. Sei que o nosso Partido vai enfrentar um embate difícil, mas também não temo o resultado, principalmente porque os nossos opositores respondem a apelos vindos de fora, de quem não tem o direito de falar em democracia para nós.

Para que o povo de nossa terra vote bem, não precisamos dos apelos daqueles que não souberam defender aqui no Brasil os princípios democráticos. Não temo o embate que se aproxima porque tenho a certeza de que o povo da minha terra já entendeu com quem está a razão. Não temo o nosso Partido campanhas difamatórias aparecidas antes das eleições. A única coisa que queremos, na realidade, é que o povo saiba escolher os candidatos capazes de me ajudar na Presidência da República. Capazes de me ajudar com todo o empenho, como é o desejo de todos nós, a implantar nesta terra uma democracia com fundamentos cristãos. Uma democracia que não venha apenas com o rótulo de democracia, em que os nossos dirigentes possam se misturar com o povo e sentir os seus anseios, como eu senti agora.

Espero que a 15 de novembro nós tenhamos na cidade de Rio Grande uma votação expressiva para os nossos candidatos. E que o povo de Rio Grande, com sua compreensão costumeira, desculpe o seu Presidente, que às vezes fala uma linguagem rude demais, que a certos ouvidos não agrada, que a certos corações também não agrada, mas que é a linguagem que eu sei que o povo entende. Porque é a linguagem que eu, como menino, aprendi aqui mesmo neste Rio Grande do Sul e que minha velha professora do Alegrete, a quem presto aqui as minhas homenagens, a Dona Mimi, conseguiu incutir no menino de oito anos, ao ensinar-lhe que a primeira falta grave para um homem de bem é a mentira.

E é com este propósito que tenho falado ao povo de minha terra, dizendo-lhe que posso errar no futuro, e estou certo de que errarei muitas vezes, dizendo-lhe que posso dar expansão ao meu temperamento e perder a razão muitas vezes, mas jamais enganarei o povo.

E mercê de Deus saberei ser compreensivo com os nossos adversários, mas saberei também ser violento com aqueles que não querem o bem da nossa pátria.

RIO GRANDE - RS 04-11-78

GINÁSIO IPIRANGA
LIDO NO ALMOÇO COM LÍDERES LOCAIS

Como Presidente eleito, venho a este município de excepcional importância para o Rio Grande do Sul e para o País, como uma prova de otimismo e confiança.

Nenhum Presidente interessado em bem começar o seu mandato poderia deixar de vir captar, junto ao povo gaúcho, as razões da fé no futuro da nossa terra.

Aqui estou em Rio Grande, com os homens do meu Partido, para comungarmos em fé, otimismo e confiança.

E por que não tê-los? Por que simplesmente acreditar nos céticos e nos cegos que vivem a apregoar, aos quatro cantos do País, que o Governo está dissociado da Nação?

Fala mais alto a realidade, a nos mostrar que os apologistas da divisão do povo brasileiro não têm mais vez.

Não têm mais vez nesse valoroso Estado do Rio Grande do Sul, presença sempre inquebrantável no destino histórico da Nação, a lhe garantir um espírito de solidez.

Não têm mais vez nesta cidade do Rio Grande, que bem sabe o quanto se está fazendo pelo progresso, sem alardes nem demagogia. Os riograndenses têm testemunhado a aplicação, em sua terra, de enormes recursos do Governo na construção de casas para os trabalhadores, na construção de centros sociais urbanos, na ampliação dos serviços de educação e saúde.

Obras de base social, são também investimentos na grande vocação econômica desta terra.

Os Governos Federal e Estadual vêm mobilizando apreciáveis recursos para cá, para a modernização e ampliação da infraestrutura já existente. Terminal de um dos maiores corredores de exportação do País, e sede de importantes indústrias, Rio Grande não poderia ser olhada de forma diferente.

Aqui se agiganta o superporto, portão de entrada de um dos maiores sistemas hidroviários do mundo. Portão de saída de uma das terras mais férteis e produtivas do planeta.

É por isso mesmo que nós, da ARENA, não pensamos pequeno para o Rio Grande do Sul. Não podemos pensar pequeno para o Brasil.

Por isso digo hoje ao povo desta Rio Grande que pretendo ver concluída em pleno funcionamento durante meu Governo, e no menor espaço de tempo possível, a majestosa obra do superporto.

Tenho a exata noção do seu significado, como escoadouro da produção agrícola e industrial do Rio Grande do Sul para o centro do País e para o exterior. Além disso, descortino a sua grande função social, como fator de ampliação do mercado de trabalho na região, como por exemplo no setor da pesca.

Aqui, onde a pesca é fator de desenvolvimento e de multiplicação de riquezas, quero dar uma palavra ao humilde e anônimo pescador artesanal.

Peço que confie na ação das autoridades que estão atentas às dificuldades de toda a ordem que têm enfrentado, e que vão da depredação de seu material de pesca à remuneração injusta.

Com o advento do complexo portuário-distrito industrial grandes empresas estão aqui localizando fábricas e depósitos que certamente deverão dinamizar as atividades industrial e comercial em futuro próximo, para o que o governo não deixará de concorrer.

Vejo na realidade do superporto de Rio Grande uma demonstração incontestável da força da união entre a iniciativa privada e o poder público.

Pois não cabe somente a nós, homens do Governo, manter os controles na direção do nosso desenvolvimento. Tenho dito, ao longo de toda a minha jornada cívica, através de todo o território nacional, que preconizo um sistema econômico descentralizado, como condição preliminar para a construção da sociedade politicamente aberta que desejamos.

Tenho plena consciência de que o Estado tem que desempenhar um papel importante na gestão do desenvolvimento nacional. Mas sei também que essa participação há de ser cuidadosamente analisada e dosada, para que a presença empresarial do Estado não crie inibições e até inércia na livre iniciativa.

Quando a iniciativa privada e o poder público conseguem harmonizar seus interesses, como na obra do superporto de Rio Grande, o País pode vencer os seus desafios e caminhar para a frente.

Um desafio a enfrentar, por exemplo, em Rio Grande consiste na melhoria dos canais de acesso ao porto, sob pena do afluxo de navios ser prejudicado ou de fazer com que haja aumento nos custos

de fretes diante da alegação de existir perigo latente na árca. Mas haveremos de encontrar a solução mais nacional.

Temos fórmulas simples para os nossos problemas. Não nos preocupamos com as alquimias apresentadas por alguns dos nossos adversários, e com as quais pretendem salvar o Brasil. Nosso País, pelas suas dimensões, mas também pelo quadro de suas necessidades dentro de uma economia de escassez, não pode se dar ao luxo de se emaranhar em retóricas vazias e em propostas mirabolantes, em que predominam a irresponsabilidade e a demagogia, mas que nada solucionam.

A linguagem pretensamente bravia dos nossos adversários é patrioticamente malsã. A Oposição pede ao povo que diga não, anulando o seu voto. Mas eles não pedem o não. Pedem o nada. O niilismo. A pior atitude do homem é não acreditar em coisa alguma.

Mas, e este Rio Grande do Sul merece crédito? Esta cidade do Rio Grande merece que acreditemos nela? E esse povo esperançoso e confiante, pois não aceito que o povo esteja abatido, não nos sugere o máximo esforço? Não nos anima a resolver a nossa fé e o nosso entusiasmo?

Sim. O Rio Grande de hoje é toda uma mensagem positiva, afirmativa, máscula, brasileira, grandiosa.

Muito diferente das épocas em que os gaúchos eram presa da demagogia pertinaz de um pequeno grupo que imaginava, estimulava e apoiava a pior das ditaduras, e nela se cevava, procurando servir-se do povo em sua boa fé.

Confrontados com problemas concretos, só ofereciam soluções demagógicas.

Falava-se de seca? A resposta era simples: fazer a reforma agrária. Mas uma reforma explicativa. Não uma reforma séria, como a que decorre do Estatuto da Terra, decretado pelo inesquecível presidente Castello Branco.

Para o problema das taxas de juros, sua única resposta era: estatizar os bancos. Esquecidos de que o governo não prima por ser bom gerente de banco.

E por aí afora.

Eram soluções simplistas, dentro de uma perspectiva catastrófica, que pregava a demolição de tudo.

Hoje, vemos que essas vozes voltam a erguer-se, e até com urgência. Mas, que pleteiam? Que desejam? Voltar a antes de 64 quando a inflação era de 140 por cento ao ano? Quando a economia entrava em bancarrota, com a queda total da nossa respeitabilidade e o corte do nosso crédito no exterior? Quando devíamos contas vencidas e não pagas, humilhando-nos a passar de pires na mão junto aos meios financeiros internacionais?

Em 1963, estávamos com nossa imagem tão arruinada que tínhamos de pagar antecipadamente o petróleo que importávamos.

Daí para cá, o que se vê é a estabilidade social, o desenvolvimento econômico e a abertura política conduzindo à democracia, nosso objetivo final e absoluto.

Por certo, nem tudo está feito. Nós, da Revolução, sabemos que ainda temos uma tarefa gigantesca.

Mas é por tudo isso, mesmo, que comparecemos perante o povo, para pedir a continuidade do seu apoio. Para o bem do Brasil.

Quero ainda alertar o eleitorado para as acusações torpes e difamatórias assacadas contra as autoridades, incriminando-as sem quaisquer provas.

Trata-se de uma campanha dirigida que tenta denegrir a imagem do governo, mas que não conseguirá o seu intento.

Acredito firmemente que a maturidade política da nossa gente fará com que perceba o seu nítido conteúdo eleitoral.

O povo do Rio Grande saberá reconhecer, no momento em que for dar o seu voto, a 15 de novembro, o imenso trabalho de reconstrução que hoje é capaz de nos orgulhar quando vemos o progresso deste País, deste Estado e desta cidade do Rio Grande.

O gaúcho, que sempre soube responder aos chamados históricos de sua gente, repetirá sua história, a 15 de novembro, sufragando os candidatos da ARENA que comigo aqui estão. No seu gesto libertário, darão a resposta da confiança. Prova do seu apego mais sincero à pacificação, do seu culto ao otimismo.

Gaúchos:

Vamos juntos à vitória de 15 de novembro.

Muito obrigado.

Venho a esta cidade, centro de uma das dinâmicas regiões de São Paulo e do Brasil, com a satisfação de poder dialogar com homens e mulheres que têm prestado imensa colaboração à tarefa de fazer o País crescer. Venho para ouvir as reivindicações e os conselhos sobre como melhor fazer para operar um bom Governo. Venho para expor meus pensamentos. Venho alimentar a corrente contínua de informação, formadora da opinião pública, a qual levará à opção consciente, à escolha certa.

Nossos adversários têm feito críticas exacerbadas e inconseqüentes à peregrinação cívica que o eminente Presidente Geisel e eu realizamos por todo o País. Criticam por temerem, pois sabem que o povo esclarecido os derrotará em 15 de novembro. Temem porque mentem. E sabem que as nossas opiniões, que os feitos dos revolucionários de 31 de março são a grande verdade brasileira. Nós, da Revolução, continuaremos a viajar e a pregar, nesse trabalho didático, a instauração da democracia que todos almejamos, e que eles dizem querer, mas procuram prejudicar.

A cada viagem, em cada contato com os cidadãos de todas as regiões brasileiras, o nosso ânimo cresce. Sinto que os resultados de 15 de novembro darão o apoio parlamentar necessário para que eu continue o processo de reformas políticas e sociais que o Presidente Geisel, na sua ação marcante de estadista, iniciou. O povo está se libertando dos mistificadores. Vai compreendendo o projeto político, econômico e social, iniciado pela Revolução, e nele confia.

A opinião pública entendeu, e entendeu porque sofreu, o processo contínuo de desorganização, que atingiu o País na época em que os nossos opositores nos governavam. Jamais se chegou a tamanha desmoralização, interna e externa, como no período que antecedeu a março de 1964. Esse processo atingiu a empresa privada e inibiu o espírito empresarial; desencorajou os investimentos; comprometeu a empresa, tornando-a economicamente inviável, e gerando condições incompatíveis entre as reivindicações de seus empregados e suas possibilidades.

Nossos adversários falharam. Ao falharem, provaram que não tinham competência para a consolidação do capitalismo, ou mesmo para a socialização que tanto preconizavam. O que eles fizeram foi levar o País à estagnação e à desordem social.

Mas houve o basta. A opinião pública, foro íntimo da Nação, potência silenciosa, resistiu à desordem, opôs-se à deterioração. Hoje, após 14 anos, eles tentam voltar. Alguns transvestidos em novas roupagens; outros, buscando no exterior recompor alianças espúrias; tentando fazer voltar situações que os brasileiros não aceitaram. Trabalham sempre com má-fé. Mentindo. Querendo esconder os erros cometidos.

Não temo esses adversários. Tenho responsabilidades para com a Nação e a sua gente. Sei distinguir entre a opinião do povo e a dos seus adversários. Sou aberto à crítica séria, construtiva, responsável. Sei distinguir, na opinião pública, as posições permanentes, definitivas, as aspirações do povo, que deseja igualdade de oportunidades, trabalho, educação, alimentação, saúde, habitação, assistência social, respeito e segurança. Sei, também, isolar a mistificação. Eu e o povo sabemos isso. Sei porque sou povo, e da condição de povo jamais me afastarei.

Com esse espírito, venho a Ribeirão Preto. Venho apelar aos meus patrícios desta região paulista para que votem bem, sem indecisões. Para que escolham entre o caos que os adversários, os dinamitadores, oferecem e aquilo que nós, construtores, estamos dando ao povo.

Apelo no sentido de que votem para que possamos corrigir as anomalias ainda existentes no ensino. Não me conformo com a idéia de que, neste município, de cada sete alunos que concluem o primeiro ciclo apenas um ingresse no segundo.

Votem todos para que esta cidade se consolide como centro universitário.

Para que possamos estender os benefícios trabalhistas e da previdência social aos trabalhadores do campo, para que cesse a vergonha nacional que são os bóias-frias.

Votem todos para que possamos continuar prestando apoio ao esforço dos que aplicam seu capital na implantação de unidades agro-industriais e complexos fabris, nesta região promissora, ampliando a faixa de pleno emprego.

Votem todos para que novas obras, a exemplo das rodovias Anhanguera, Washington Luís, Castello Branco, Imigrantes, Anchieta, Bandeirantes, possam continuar sendo realizadas, levando progresso a todas as regiões do Brasil.

Para isso, é necessário que votem com decisão pelo Brasil, pela ARENA.

Cada voto dado aos candidatos da ARENA ao Congresso Nacional e à Assembléia Legislativa é um voto pela continuidade do progresso. Pelo prosseguimento da abertura política. Pelas reformas sociais e econômicas, de que ainda precisamos.

Meus amigos, votem bem.

Muito obrigado.

CAMPINAS — SP — 07-11-78

INSTITUTO AGRONÔMICO
LIDO NO ENCONTRO COM LÍDERES AGROPECUÁ-
RIOS

É com o maior prazer que visito o Instituto Agronômico de Campinas, organização que honra a ciência aplicada no Brasil. Como Presidente eleito, e em vista da ênfase que, no meu governo, será dada à agropecuária, não poderia deixar de vir conhecer de perto os trabalhos que aqui se fazem.

Tenho que o crescimento da agropecuária é indispensável para que o Brasil adquira condições de continuar os programas de apoio ao comércio externo e de bem-estar social e progresso econômico de nossa gente.

O quadro que se apresenta diante de nós é de um mundo carente de alimentos e de matérias-primas de origem rural. No plano interno, o aumento da produção agrícola e pecuária garantirá ao povo alimentos mais abundantes e baratos.

Não posso conceber outro programa de maior urgência ou de impacto mais universal que este. Há fome no Brasil. Os alimentos são caros e freqüentemente escassos. Mas quanta produção se perde, por falta de transporte ou armazenamento.

O agricultor precisa ganhar mais pelo seu trabalho. O consumidor precisa pagar menos pelo que compra. Há que compatibilizar os dois termos dessa equação. Precisamos produzir mais, a preços mais baixos. A questão não comporta hesitações: temos de reduzir os custos de produção, de financiamento, de transporte, de comercialização. E, sobretudo, o ônus da intermediação.

Naturalmente, o aumento substancial da produção agropecuária pode ser obtido pelo aumento das áreas plantadas. Pela incorporação ao sistema produtivo de vastas parcelas de terra virgem ainda existentes.

Tudo isso é possível. E desejável.

Contudo, essas duas alternativas levantam outros problemas, como a extensão da infra-estrutura de serviços, da rede de

transporte e armazenamento, insuficiente mesmo para o cultivo e a criação atuais.

Por isso, além de experiências vitoriosas, como a descoberta da fertilidade dos cerrados, no Centro-Oeste, e das terras firmes na Amazônia, penso que a verdadeira solução está no aumento substancial da produtividade. Inclusive, como meio de melhorar — por que não dizer otimizar? — os níveis de renda da população rural.

Essa melhoria é essencial em, pelo menos, três aspectos. Primeiramente, para reduzir as disparidades de renda entre setores da economia e pessoas da sociedade. Em segundo lugar, o aumento da renda rural terá efeito imediato no crescimento do mercado interno, de todos os bens produzidos no País. E, por fim, mas não menos importante, a melhoria de vida dos trabalhadores rurais concorrerá para diminuir a velocidade da urbanização, que os estatísticos prevêem em aceleração geométrica.

De outra parte, à medida que formos capazes de promover a integração da produção com a industrialização próxima às fontes, estaremos diminuindo a pressão dos migrantes sobre as regiões metropolitanas. São Paulo e seus arredores são exemplos a evitar.

O papel da pesquisa agropecuária, para a nova agricultura que pretendo ver desenvolvida no Brasil, está baseado nessas premissas e na rápida mutação que experimentamos. Estamos evoluindo de um sistema pouco menos que feudal para formas de capitalismo nos campos. Em consequência, uma nova classe agrária, dinâmica, operosa, responsável, trouxe o Brasil para a posição de segundo exportador mundial de alimentos.

Não se trata apenas de uma posição a manter. A demanda é de tal ordem, que o Brasil é dos poucos países do mundo em condições de, rapidamente, oferecer substanciais quantidades adicionais de alimentos e matérias-primas rurais às correntes mundiais de comércio.

A produção de álcool como substituto dos derivados do petróleo para uso motor, ou na indústria química, é bem um exemplo do que desejo dizer. Só o Brasil dispõe, ao mesmo tempo, dos recursos tecnológicos, do território e das condições de clima para embarcar em programa tão ambicioso.

Mas, cabe perguntar aos pesquisadores: quantas outras oportunidades semelhantes não estarão ao alcance das nossas mãos?

Muitas, certamente, na medida em que formos capazes de manejar corretamente os fatores de produção: os recursos naturais, o capital e o trabalho, fertilizando-os com o estudo, a meditação e a experimentação.

O modelo pressupõe toda uma série de estímulos para motivar os investimentos do setor privado; para o apoio, em especial, à pe-

quena e média empresa rural; para incentivar o cooperativismo e outras formas de esforço coletivo e coordenado.

Nesse contexto, o papel da pesquisa agrônômica é claro. Os exemplos de países, como o Japão e os Estados Unidos, são eloquentes.

As peculiaridades da divisão da terra nos dois países — minifúndios no Japão e grandes fazendas e «ranchos» nos Estados Unidos — resultaram em linhas diversificadas de capitalização e aplicação de tecnologia.

Os japoneses, com abundância de mão-de-obra, têm no preço da terra um fator de encarecimento da produção. Optaram, portanto, pelo aumento da produtividade por unidade de área plantada.

Já os americanos, com grandes extensões cultiváveis, mas com séria falta de trabalhadores rurais, causa e consequência da urbanização intensa, preferiram aumentar a produtividade por homem empregado.

No Japão, predominou a capitalização da atividade rural através da utilização intensiva de insumos químicos e biológicos. A genética produziu linhas de sementes de alto rendimento. O uso de fertilizantes e defensivos elevou a renda dos agricultores.

Não podendo, por motivos óbvios, praticar a pecuária extensiva, os japoneses dedicaram-se à pesca e à criação de animais de grande valor individual.

Já os americanos, sem desprezar a genética e o capital químico-biológico, acrescentaram a esses fatores o capital mecânico. Talvez se encontre nos Estados Unidos a agropecuária mais mecanizada do mundo. Ali, um agricultor produz o suficiente para alimentar 59 pessoas, mais que o triplo da Europa ocidental, o quádruplo do Japão, o sextuplo da União Soviética, 12 vezes a média mundial, que é de 5 pessoas alimentadas por um agricultor.

As perspectivas, para o Brasil, indicam a conveniência de capitalizarmos a nossa agropecuária com insumos químico-biológicos, adicionando-lhes os instrumentos mecânicos adequados. Não se trata de uma opção entre elementos reciprocamente excludentes. Mas de um conjunto de produtividade por homem e por unidade de área.

Paralelamente, como disse há pouco, haverá que criar condições propícias ao beneficiamento e à industrialização do produto agropecuário junto às próprias fontes. De outro lado, a abertura de novas áreas não poderá deixar de levar em conta a necessidade de preservar o ecossistema e, em especial, o revestimento florístico, em regiões de equilíbrio delicado, como a Amazônia.

A aplicação das descobertas dos pesquisadores pressupõe outras iniciativas de importância igualmente decisiva.

Temos a questão do crédito rural e dos preços mínimos. Não obstante abalizadas opiniões de que, em matéria de crédito, já teríamos feito muito, demais, pela agricultura, minha opinião é no sentido de que ainda estamos longe do satisfatório ou suficiente. Na verdade, as políticas de crédito e preços garantidos devem andar juntas.

Do mesmo passo, há que facilitar e generalizar o acesso dos produtores às diferentes formas de seguro rural.

Proteção adicional — mas indispensável — para os que plantam e criam, o seguro rural deve ser entendido como parte dos programas assistenciais do Estado.

As experiências de Minas Gerais e São Paulo, nesse sentido, devem ser estudadas para aplicação em todo o Brasil, com decidido apoio federal.

É preciso também que as políticas de beneficiamento, transporte, armazenamento, informação, assistência técnica, transferência efetiva da tecnologia, sejam capazes de assegurar a renda dos produtores e o abastecimento dos consumidores. Sem excedentes perdidos na hora da safra, sem deficiência no abastecimento, sem preços altos na entressafra e que, de qualquer forma, só aproveitam ao intermediário, nunca ao produtor.

O programa governamental para a atividade rural não para aí. Temos de dar ao homem do campo os benefícios da assistência social e da legislação trabalhista. Iguais, ou pelo menos aproximados dos que tem o trabalhador urbano. Temos de vencer as grandes endemias, que reduzem ou anulam a capacidade do homem para viver, conviver com a família, trabalhar e gozar os frutos de seu trabalho.

Desejo que os homens e mulheres que trabalham aqui no Agrônômico, assim como nos demais estabelecimentos de pesquisa do País, saibam que seu trabalho é fundamental para o Brasil. O governo federal e o governo estadual sabem que daqui haverão de sair as diretrizes, os ensinamentos que permitirão aos brasileiros produzir melhor, alimentar-se melhor.

Quando pensamos na alta parcela que o custo de alimentação representa na economia familiar, podemos avaliar o quanto a pesquisa e a organização dos demais fatores mencionados importam para o bem dos brasileiros.

Presto, assim, minha homenagem sincera aos abnegados cientistas e dedicados trabalhadores deste Instituto. Sei que nem sempre as condições foram as mais favoráveis para seu labor. Mas sei que supriram, com patriotismo, as insuficiências materiais e as dificuldades pessoais. Digo que não lhes faltaremos com os meios apropriados de manifestar nosso reconhecimento pelo muito que fizeram. Pelo muito que ainda farão. Muito obrigado.

CAMPINAS — SP — 07-11-78

FEPASA
LIDO NO CHURRASCO DE CONFRATERNIZAÇÃO
COM FERROVIÁRIOS

Esta recepção que me fazem em Campinas muito me honra. Vejo, neste almoço, as forças expressivas da comunidade desta «Princesa do Oeste», centro econômico, tecnológico e cultural dos mais importantes do País. Como futuro Presidente da Nação, aqui não poderia deixar de comparecer, não para ser homenageado, como neste momento, mas, para ouvir e debater as soluções dos problemas, ainda muitos, que afligem o nosso Brasil.

Esta laboriosa Campinas, que de médio núcleo urbano passa a ser grande, é o exemplo típico do crescimento das cidades brasileiras. O desenvolvimento, desejável criador de empregos, faz também com que a população sofra a insuficiência dos serviços básicos de saneamento, transporte, habitação, saúde, educação.

Campinas é uma síntese dos problemas urbanos que terei de enfrentar quando assumir a chefia do governo, em março. Daí, a minha determinação de aqui passar e dialogar com seus líderes.

Sinto a necessidade imediata de apoiar a implantação do Distrito Industrial, capaz de abrigar ordenadamente novas indústrias, para que continuem a criar-se os empregos de que a cidade e sua gente precisam.

Sei que o meio ambiente e a qualidade da vida urbana de Campinas têm sido bastante castigados. A expansão industrial, que localizou inadequadamente alguns parques fabris, e a falta de tratamento adequado para os resíduos dessas indústrias têm envenenado o ar e a água, muitas vezes em níveis acima do suportável. Também o problema dos esgotos domésticos, pela falta de rede adequada, colabora de maneira danosa para piorar o ambiente.

São problemas que pressionam o administrador brasileiro. Representam, num breve relato, a série de solicitações, de reivindicações, diria mesmo de exigências, que um Presidente da República terá de solucionar, não só aqui, mas em todo o Brasil.

Mas os problemas são grandes e os recursos pequenos — dizem alguns.

Realmente, entre a magnitude das necessidades e a exigüidade dos recursos se debate o administrador público. Eu, porém, tenho fé no Brasil e no seu povo. O povo e suas lideranças unidas jamais deixaram de resolver seus problemas. Para isso, a Nação tem de estar consciente, decidida.

Isso ocorreu em 1964, quando o povo se mobilizou e as Forças Armadas puseram fim à baderna, aos descaminhos em que os nossos opositores de agora tinham lançado a Nação.

Nova mobilização pode ser observada agora. Atendendo à aspição do País, o Presidente Geisel, que passará à história com um dos nossos maiores estadistas, iniciou o processo de aperfeiçoamento democrático. Eu, de minha parte, pretendo consolidá-lo, dar-lhe continuidade, e levá-lo a bom termo.

Esse mesmo sentimento consciente será comprovado quando as urnas de 15 de novembro forem abertas. Aí veremos demonstrado o repúdio do povo aos baderneiros de ontem, aos incendiários. A repulsa aos que, a serviço de ideologias externas que hoje lhes prestam tributo e apoio, preparavam o Brasil, em 1963, para implodir.

Desesperados, os nossos adversários passam a assumir atitudes nihilistas, defendem os votos em branco, tentam anular a expressão da vontade popular. Fazem isso porque sua mensagem tem caído no vazio.

Como apelo final, correm para o nada. Também nisso serão repudiados, pois os eleitores saberão escolher os melhores, votando nos candidatos da ARENA. Mostrando sua confiança nos que trabalham para confirmar o pacto social que a Nação apóia, e do qual carece.

Pacto que estamos tecendo. E no qual colaboram todas as forças vivas da Nação. Pacto de congraçamento, onde patrões e trabalhadores discutem como irmãos os seus problemas, em busca de soluções justas, sem comoções que abalam os fundamentos da paz social.

O próprio Estado de São Paulo é cenário vivo das questões sociais que se desenrolam neste momento histórico. O que se vê, porém, são debates entre as partes. Da convivência respaldada nas leis e nos instrumentos que o Governo tem propiciado decorre o clima de tranqüilidade em que vivemos. Com isso, a riqueza e o engrandecimento do Brasil e de sua comunidade estarão assegurados.

Tal conquista não se faz, entretanto, do dia para a noite. Não houve mágicas, pois a história se constrói com paciência e luta.

Na pessoa dos ferroviários da FEPASA retribuo a homenagem que recebi dos trabalhadores brasileiros.

Trabalhador, assalariado, sempre fui e continuarei a ser, como Presidente da República.

Foram vocês, companheiros ferroviários, os pioneiros, os primeiros a contribuir para a força de trabalho organizada, na segunda metade do século passado, quando aqui se montavam as estradas de ferro inglesas. Ferroviário, também, foi o primeiro sindicato operário, a primeira consciência de classe que se formou entre nós.

Atualmente, a luta social é mais sofisticada.

Houve época em que os aproveitadores, dissimulados, promoviam badernas, em nome de reivindicações justas, para evitar que recebessem a consideração devida.

No nosso atual estágio de desenvolvimento, o trabalhador sabe que o caminho para a justiça social está fundamentado na ordem, dentro da lei. Da mesma forma, rejeita as lutas aleatórias, promovidas por profissionais da agitação.

Os líderes trabalhistas têm de ser trabalhadores, irmãos de ofício, que pegam no batente do dia-a-dia, e recebem o voto dos sindicalizados porque sofrem os seus problemas, aspiram às mesmas soluções. Não há mais lugar para pelegos. Assim como não há lugar para os que aceitam ideologias estranhas aos sentimentos brasileiros, que são de convivência social descontraída, humana e boa.

O Brasil, companheiros ferroviários, cidadãos de Campinas, cresce com sua força de trabalho. E se orgulha disso.

Vamos, portanto, votar bem, para podermos assegurar esse crescimento contínuo, sem fronteiras sociais.

Muito obrigado.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS — SP — 07-11-78

NOVOTEL
ENCONTRO COM LÍDERES POLÍTICOS

É a primeira vez que como Presidente eleito venho ao Vale do Paraíba, e o faço começando por esta cidade que tão generosamente me recebe, que tão carinhosamente me recebe como hóspede oficial. Ao vir aqui ao Vale do Paraíba, em São José dos Campos, eu me recordo de 1932, porque foi aqui neste Vale que os homens da terra paulista mais resistiram, mais combateram em defesa da lei e da Constituição; e junto com o povo paulista estavam todos os homens e mulheres válidos do meu sangue; aqui combateram, aqui sofreram.

Lugar melhor, portanto, não poderia eu encontrar para repetir perante os paulistas o que tenho afirmado nestas minhas andanças pela nossa pátria. Aquele espírito de 1932 é o mesmo espírito que trago para a defesa de lei e da ordem. Aqueles que combateram em 1932 em defesa de uma Constituição e do seu cumprimento pelo Executivo, e os filhos e netos daqueles que aqui no Vale do Paraíba tanto sofreram, não podem deixar de estar comigo.

Tenho a certeza de que aqueles que se lembram da campanha de 1932 sabem que os nossos propósitos são os mesmos de meu saudoso pai.

Não é em vão que tenho prometido, promessa repetida mais de vinte vezes neste País, que eu hei de fazer deste país uma democracia, aquela mesma democracia com que sonharam os combatentes de 32, mas uma democracia de que se orgulhem os nossos filhos e os nossos netos, porque será uma democracia fundamentada nas nossas tradições puramente cristãs e que repugne quaisquer outras ideologias espúrias.

Mas esta nossa repugnância por democracias outras que venham de fora não significa que não estendamos a mão àqueles que hoje se nos opõem e divergem totalmente de nossas idéias.

Após o 15 de novembro tenho a certeza de que os homens do Vale do Paraíba, de São José dos Campos, e todos os paulistas hão

de dar a vitória ao nosso Partido. Nós todos, de braços abertos, vamos receber aqueles que, hoje na Oposição, hão de compreender que a razão está conosco e, como disse o nosso Prefeito, Deus também está. Muito obrigado.

TAUBATÉ -- SP -- 07-11-78

PRAÇA DA CATEDRAL.
LIDO NUMA CONCENTRAÇÃO POPULAR

Daqui a poucos dias, o Brasil tomará decisões muito mais que políticas. Certamente, muito mais importantes do que, simplesmente, a votação partidária.

Não se trata só de saber quem representará o povo brasileiro nos Legislativos dos Estados, e na Capital Federal. Os paulistas não vão dizer apenas se Paulo Salim Maluf governará com maioria na Assembléia Legislativa. Ou se, por quatro anos, conviverá com um Legislativo de maioria oposicionista.

As realizações dos governos revolucionários, nos planos nacional e estaduais, provam que a operosidade, o interesse pelas aspirações das comunidades e a boa aplicação dos recursos públicos produzem administrações realizadoras, como as do nosso Presidente e do vosso Governador.

Num contexto mais amplo, mostramos que o esforço orientado para o desenvolvimento econômico é compatível com o atendimento das justas reivindicações dos que trabalham. A preocupação com o progresso na indústria e no comércio não prejudica o interesse dos governantes pela educação, pela saúde, pelo bem-estar do povo.

Isso, o eminente Presidente Ernesto Geisel já comprovou e demonstrou. A sua administração foi uma das mais profícuas de que o Brasil tem memória.

Aliás, é bom lembrar, só a notável continuidade administrativa dos governos revolucionários permitiu que o Brasil saísse do atoleiro em que se encontrava em 1963. E hoje contemplamos, não mais uma Nação em moratória, não mais um país desacreditado, mas um povo com todas as condições de atingir o pleno desenvolvimento, ainda em nossa geração.

Não precisamos ir muito longe para documentar o que digo. Basta vir ao Vale do Paraíba, a esta mesma cidade de Taubaté. Aqui encontramos o testemunho vivo do quanto pode um governo honesto e empreendedor, aliado ao empresariado mais progres-

sista do Brasil, e a um operariado dedicado às suas tarefas, orgulhoso de sua produtividade. Daqui até São Paulo, e mais além, o horizonte está pontilhado de fábricas, onde diariamente se forjam peças e se cria a riqueza nacional. Muitas delas, simplesmente não existiam antes de 1964, ou foram largamente ampliadas no período revolucionário.

Nesse mesmo lapso de tempo, o Produto Interno Bruto, que representa a soma de todos os bens e serviços produzidos, triplicou. De 55 bilhões de dólares, em 1963, passou a 164 bilhões, em 1977.

O comércio exterior do Brasil cresceu de três bilhões de dólares, em 1963, para 24 bilhões, em 1977.

A produção de automóveis e caminhões, mais do que quintuplicou, nos últimos 14 anos, estando agora num ritmo de um milhão de veículos por ano. No mesmo período, passamos de 80 mil tratores em nossas fazendas para 380 mil.

Enquanto em 1963 mal havia 18 mil quilômetros de rodovias asfaltadas, chegamos em 1977 a 78 mil quilômetros pavimentados.

Nesse período, os Governos Revolucionários não deixaram de atuar na área social e cultural, preocupados com o bem-estar dos trabalhadores. Havia 30 milhões de analfabetos, em 1963, representando quase 40% da população. Em 1977, havia menos de 16 milhões, que correspondiam a 14% dos brasileiros.

No setor do ensino, o número de estudantes matriculados nos cursos de 1º grau dobrou, de 10 para 21 milhões. E o ensino superior registra, agora, mais de um milhão de universitários, contra 124 mil em 1963.

Os itens de conforto doméstico melhoraram substancialmente. Em 1977 havia três vezes mais casas com água corrente do que em 1963. Há sete vezes mais famílias com automóvel. Dez vezes mais casas com televisão.

Cito esses números em resposta aos demagogos, que só pensam nas dificuldades para explorá-las. Só falam no que falta fazer. Nada constróem.

Mas é bom que se lembrem: o povo brasileiro não é constituído de tolos, como parece que eles pensam.

O povo brasileiro sabe que seu Governo luta com todas as forças, dentro dos recursos de que dispõe, e muito acima desses recursos, para melhorar a vida de todos. Para garantir a todos os brasileiros uma oportunidade de trabalho e uma remuneração condigna.

Os nossos adversários se espantaram, ao ver o governo acompanhar com serenidade as negociações entre os metalúrgicos paulistas e seus empregadores, em busca de um salário mais compatível com

o lucro das empresas. Enganaram-se os que esperavam baderna, ou impasse. O Governo confiou em que a lucidez de patrões e empregados conduziria a um entendimento aceitável por ambas as partes. Só não se permitirá que a parte do aumento acima dos níveis oficiais seja repassada aos consumidores. Nós, da Revolução, queremos justiça para todos. E não soluções demagógicas, que acabam onerando o próprio povo.

Espero, por isso, poder garantir, no meu Governo, a continuação de uma atmosfera propícia à negociação dos salários e de todos os demais interesses legítimos dos trabalhadores, como a segurança no emprego, a habitação, o transporte, a higiene e segurança dos locais de trabalho, a representatividade dos sindicatos (pois nós queremos líderes e não pelegos), o conforto da mãe que trabalha e dos seus filhos pequenos.

Isso tudo nós queremos.

Isso tudo, e cada vez mais efetivamente, a Revolução deseja assegurar a todo trabalhador, num ambiente de trabalho e de paz social.

Só num clima de ordem e respeito às leis, que assegure os direitos e responsabilidades de todos, o Governo poderá diminuir sua interferência nas relações e no regime de trabalho, nas cidades e nos campos.

Só com a liberdade dentro da ordem é que a reivindicação pode ser atendida, dentro da lei.

Só assim será possível assegurar, de maneira real e eficiente, a melhor distribuição da renda nacional, a correção dos desequilíbrios entre as regiões e dos desníveis entre as várias camadas da sociedade.

Só num clima de harmonia entre o Governo e o povo será possível continuarmos a crescer — para o bem de todos.

Sei que temos ainda muito a fazer. Pontos a aperfeiçoar. Desigualdades que precisam ser sanadas. Injustiças. Privações. Doenças.

Corrigir isso, povo de Taubaté, é o meu objetivo. O povo já me conhece. O povo aprendeu a ver na minha franqueza um penhor de firmeza e lealdade. O povo sabe que meu compromisso é com a verdade, só com a verdade. O povo sente, sabe, diz e mostra que pode confiar.

A confiança do povo me honra e juro não desmerecê-la. Em nome dela, repito neste Vale do Paraíba que não descansarei enquanto não assegurar a cada brasileiro o acesso a tudo o que de melhor o Brasil puder dar hoje a seus filhos.

E não digo isso por estarmos às vésperas de uma eleição decisiva. O voto é importante. E, naturalmente, peço aos que ainda não se decidiram que escolham seus candidatos pensando no Brasil.

E não se deixem enganar pela falácia daqueles que prometem, mas não cumprem.

Não se deixem atrair pela fala macia dos que apelam para a democracia, mas têm nas mãos o punhal para destruí-la, que acabam de receber dos inimigos jurados da liberdade.

Falam em direitos trabalhistas, mas a primeira coisa que seus aliados de hoje decretam, nos países em que chegam ao poder, é a negação de todos os direitos sociais.

Enquanto nós queremos uma sociedade pluralista, eles querem o partido único. Sob a capa da «ditadura do proletariado», o que eles querem, na verdade, é a ditadura, simplesmente.

Enquanto nós estamos caminhando seguramente, sob a liderança do Presidente Geisel, para o aperfeiçoamento das nossas instituições democráticas e constitucionais, convém perguntar aos nossos adversários o que aconteceu com a liberdade dos trabalhadores, dos intelectuais, dos jornalistas, dos homens de ciência, nos países sob o jugo de seus novos sócios.

Convém perguntar e refletir.

Para o povo brasileiro, nos dias de hoje, a opção é muito semelhante à de março de 1964. Trata-se de escolher entre a abertura — que prometo continuar, gradual e segura — e a negação de todas as conquistas, o fechamento definitivo do regime, sob o comando dos mesmos homens que nos iam levar ao caos, em 64.

A opção é clara.

O apoio aos candidatos da ARENA, que peço a todos hoje, não é egoísta, comodista, ou de conveniência.

A força moral dos homens da Revolução já provou que eles podem governar e promover o bem comum, mesmo em circunstâncias políticas adversas, como é o caso de São Paulo.

Se peço a consagração, nas urnas de 15 de novembro, dos candidatos da ARENA, é porque estou convicto de que uma maioria arenista no Congresso Nacional tornará muito mais fácil continuar as reformas políticas, sociais e econômicas de que o povo brasileiro tanto carece.

E porque confio no meu povo, espero tranqüilo o resultado das urnas de 15 de novembro.

Em 1932, neste mesmo Vale do Paraíba, meu pai estabeleceu o quatel-general do Exército Constitucionalista. Cachoeira, Aparecida, Taubaté, Cruzeiro são nomes gravados a fogo e sangue, para sempre, em minha memória.

Aquele era o tempo em que o chamado para a salvação nacional era feito para o bem de São Paulo.

Hoje, as circunstâncias são parecidas. Está novamente em jogo o bem de São Paulo. O bem do Brasil.

E é em nome do grande Estado e da grande Pátria, que concito os cidadãos paulistas a sufragar os nossos candidatos ao Congresso Nacional e à Assembléia Legislativa.

Paulistas:

Pelo bem de São Paulo e do Brasil, a hora é de consagrar os candidatos da aliança política que se propõe à renovação nacional.

Muito obrigado.

SÃO BERNARDO DO CAMPO — SP — 7-11-78

RESTAURANTE SÃO JUDAS TADEU
LIDO NO JANTAR COM REPRESENTANTES DA
CLASSE EMPRESARIAL

Hoje, o que eu realmente queria era estar em todas as casas brasileiras. Apertar a mão de cada um dos meus patrícios: velhos e moços; homens e mulheres; trabalhadores e contemplativos; engenheiros e poetas; maquinistas e intelectuais; lavradores e costureiras.

Queria dizer a todos que seu Presidente-eleito está aqui, para ver, ouvir e dizer.

Ver a grandeza que se constrói diariamente em São Bernardo do Campo. Ouvir o que pensa o povo, para orientação do governo que se instala daqui a quatro meses e dias.

Dizer — ou melhor, pedir que me ouçam — que passada a minha própria eleição; passadas as eleições gerais da próxima semana; chegado o dia em que começam a vigorar as reformas do Presidente Ernesto Geisel — começará, realmente, uma fase excitante no processo de modernização do Brasil. Cumprir-se-ão os compromissos da Revolução de Março.

Vencida mais uma etapa, iniciaremos outra.

Permanecerão, porém, os grandes objetivos que inspiraram a ação, sem medo, dos Presidentes Castello Branco, Costa e Silva, Médici e Geisel. Prosseguiremos no propósito de trabalhar pelo bem do Brasil. Pelo desenvolvimento social, complemento inseparável do desenvolvimento econômico.

Continuará a grande opção nacional pela liberdade dentro da lei. Pelo progresso com ordem. Pela participação de todos na riqueza nacional. Pela justiça, como princípio de ação social. Pela responsabilidade do capital para com os seus sócios na produção, os trabalhadores.

Tenho dito e redito que o momento em que vivemos só comporta posições claras. Definidas.

Em matéria política, sou pelo pluralismo. Pela representação autêntica das diversas correntes de pensamento. Com exclusão, apenas, dos que desejam servir-se da democracia para derrubá-la.

Sou pela livre manifestação do pensamento, respondendo cada um, nos termos constitucionais, pelos abusos que cometer.

Sou pela ação — e não apenas pela palavra fácil e freqüentemente solerte — em favor de distribuir mais igualmente os frutos do progresso e da produção. Mas, como disse na vossa Capital há alguns dias: nivelando por cima, não por baixo.

Sou pela igualdade entre os Poderes do Estado. Pela conjugação de pontos-de-vista e pela atuação harmoniosa, para a promoção do Homem; para que este possa alcançar a felicidade pessoal a que tem direito. É assim que vejo a atuação nos vários ramos, níveis e órgãos do governo.

Sou — como a Revolução tem dado provas repetidas — pela temporariedade dos mandatos. Sou pelo respeito às leis. Pela segurança dos cidadãos, em paralelo com a segurança do Estado.

Esse pensamento ocorre, especialmente, quando acabo de sobrevoar longos trechos do território paulista. De Ribeirão Preto a Campinas, de São José dos Campos a Taubaté, venho terminar a jornada entre as chaminés de São Bernardo do Campo.

Senti, nessa viagem, como nas quatro outras que fiz ao vosso Estado, a força, o peso, a densidade da economia paulista. Digo, com franqueza, que se enganam os que pensam que, para o Brasil crescer, é preciso parar São Paulo. Não. O progresso do Brasil está baseado na grandeza de São Paulo.

O que temos de fazer é prover para que as demais partes do Brasil cresçam e se agigantem, como São Paulo. Repito: precisamos nivelar por cima.

Essa minha convicção vem, sobretudo, do otimismo e da confiança que tenho nos destinos de nossa Pátria. Significa também a renovação do meu compromisso de continuar a gigantesca obra que vem sendo erguida em nosso País pelos governos revolucionários.

Pois, sem deixar de reconhecer os bons governos que tivemos no passado, nunca, em tempo algum, a Nação brasileira experimentou progresso igual a este, que data da Revolução de 1964.

Nem houve maior esforço que o agora desenvolvido, a fim de procurar as melhores soluções para os problemas nacionais. Para dar ao nosso povo a certeza de melhores dias. As profundas mudanças dos métodos e programas do governo agilizaram a ação do poder público, no desempenho de suas atribuições.

Esta a realidade que importa reconhecer e proclamar. Realidade só contestada por uma minoria — negativista e apaixonada — que quer voltar aos tempos da descrença, da incerteza.

São Bernardo do Campo — que me recebe com o calor da hospitalidade paulista — é bem exemplo da dinamização de que falei. Suas empresas prestam inestimáveis serviços ao povo e à economia deste Estado, de todo o Brasil.

Não digo que está tudo realizado e acabado.

Sei que muito já foi feito, embora haja ainda muitas coisas a fazer. Graves distorções e injustiças nos acompanham há muito tempo; algumas já corrigidas, outras com providências a caminho. O nosso desejo, o nosso objetivo, é entregar aos nossos filhos e netos um país melhor do que recebemos.

Um país próspero e rico mas, acima de tudo, fundado na felicidade e na tranquilidade de seus cidadãos.

Este é o desafio que temos de enfrentar juntos. Por isso, preciso da participação e da ajuda de todo o povo brasileiro, para superarmos os obstáculos que se antepõem a esta caminhada.

Teremos de harmonizar o capital e o trabalho, de forma a permitir uma melhor distribuição da riqueza da Nação. Para que a opulência do rico não se contraponha ao semblante tristonho do pobre.

E para que o homem de mãos rudes, que sulca a terra e impulsiona a máquina, receba a remuneração justa. Capaz de garantir o atendimento condigno das necessidades básicas de sua família.

Venho aqui à presença de líderes operários de São Bernardo e de todo o ABC — que também comungam em nossa fé no futuro — e quero dizer que o governo não esqueceu em momento algum o trabalhador.

Ao contrário. As quatro administrações revolucionárias tem dedicado o melhor de sua atenção e do seu esforço no sentido de melhorar a qualidade do nível de vida do povo, porque têm o homem como centro e objeto de todo o processo de desenvolvimento.

É pensando no desenvolvimento integrado do País que temos de reunir forças para intensificar o combate às desigualdades, buscando assim a construção da sociedade justa que todos sonhamos para o Brasil.

Povo de São Bernardo:

Por tudo o que disse, espero a vitória da ARENA, na terra dos bandeirantes. Será, para os paulistas, a reafirmação de sua vocação democrática.

Fortalecidos pela vitória da ARENA, eu e o Governador eleito deste Estado poderemos dar continuidade à obra notável do eminente Presidente Geisel e do Governador Paulo Egydio Martins.

Confio em que São Bernardo e suas irmãs, Santo André, São Caetano do Sul, Diadema, e todas as demais cidades que formam o maior complexo industrial da América Latina, hão de atender ao meu apelo, dando o seu voto aos candidatos arenistas no pleito de 15 de novembro.

Muito obrigado.

SÃO BERNARDO DO CAMPO —SP — 08/11/78

ESCOLA TÉCNICA PROFESSOR LAURO GOMES
GINÁSIO DE ESPORTES
ENCONTRO COM ALUNOS

É sabida a minha afirmação, já repetida várias vezes, de que, na minha opinião, a nossa cadeia de ensino está falha. Tenho dito e repetido que há um hiato grave na nossa cadeia de ensino, de que têm resultado muitos males para o nosso País. E esse hiato diz respeito ao ensino técnico.

Dai a minha satisfação por ser tão generosamente e com tanta cortesia recebido nesta escola, onde vim conhecer melhor as condições do ensino técnico. Conhecer melhor, digo bem, porque esta é uma escola modelo.

Pudéssemos nós dar a todos aqueles que se dedicam ao ensino técnico as possibilidades que esta escola oferece aos seus alunos, eu tenho a certeza de que a nossa indústria iria ter um progresso muito mais rápido.

Agradeço sinceramente a oportunidade que me deram, como agradeço também a acolhida generosa dos senhores.

Desportista que fui e que ainda tento ser, apesar da idade, fiquei muito sensibilizado com o sonho dos alunos quanto ao Centro Esportivo. E como sou desportista e tenho o coração mole, da mesma maneira que eu tenho feito a afirmação de que hei de fazer deste País uma democracia, eu faço aqui a afirmação de que hei de dar o Centro Esportivo a esta escola.

SANTOS — SP — 08-11-78

CINEMA JÚLIO DANTAS
LIDO NUMA CONCENTRAÇÃO DE PORTUÁRIOS

Minha presença em terras da Baixada Santista representa um compromisso com o passado e uma esperança para o futuro.

Foi neste pedaço de solo pátrio que surgiu a primeira estrutura administrativa, jurídica e política do Brasil, com a fundação da vila de São Vicente, célula-mater da Nação.

A herança histórica da primeira vila é representada pela Câmara: integrada pelos «homens bons» da terra; e pelo pelourinho: símbolo da justiça, não do opróbrio.

De São Vicente para Santos, pelas mãos desbravadoras de Brás Cubas; depois para todo o interior, pela coragem e espírito pioneiro dos Bandeirantes — assim se disseminaram as instituições.

Falo hoje pela primeira vez, como Presidente eleito, ao povo de Santos. Sei dos problemas que o afligem. Sei do drama que enfrenta com o favelamento, a poluição do ar e das águas, a falta de empregos em número suficiente e qualidade satisfatória.

Santos, como tantas outras partes do Brasil, tem mais incompreensões, mais divisões do que seria de desejar. Não é um mal local. Assim é o país que recebemos, depois de um processo histórico de cinco séculos. Mas, pela nossa força de vontade, pelo nosso espírito de decisão, bem diverso deverá ser o País que entregaremos aos nossos filhos e netos.

Essa a tarefa que nos espera. A ser enfrentada por todos, sem exceção.

Ao lado da criação de empregos, da ampliação das possibilidades de ganho, as cidades clamam por uma adequada estrutura de saneamento básico, de transporte, saúde e educação.

O desenvolvimento econômico — a alavanca mais importante do processo nacional — não é um fator isolado. O País crescerá tanto melhor quanto mais se observarem algumas regras elementares de convívio social e de respeito à natureza.

Não defendo a volta impossível à vida simples dos séculos passados.

Proponho uma trégua: paremos de atacar a natureza, para que ela não se volte contra nós. Estimemos o nosso vizinho, para que ele nos respeite.

Povo de Santos:

Sei que esta é uma comunidade que nunca teve receio de fazer valer seus direitos.

Sei disso, porque lembro com respeito o Patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada e Silva, filho ilustre desta terra. Por ele e com ele, conclamo a todos para a luta comum por nosso futuro.

Disse em muitas ocasiões que a democracia plena é objetivo de meu Governo. Será sempre. Mas quero a democracia de um povo próspero. Não a democracia com fome, a democracia com taxas altas de mortalidade infantil, a democracia com desigualdades econômicas insuperáveis.

Para que isso aconteça, não basta o esforço pessoal do Presidente Ernesto Geisel e do futuro Presidente da República.

Todos nós temos nossa responsabilidade como cidadãos. Atravessamos um período em que as transformações jurídico-políticas abrem novas perspectivas para todos os brasileiros.

Período em que a calma é fundamental para que as transformações se processem e se consolidem, sem crises.

Período em que as reivindicações se tornam mais intensas. Movimentos inevitáveis, porque gerados pelo próprio desenvolvimento.

Desenvolver o país significa prover para que todos os segmentos da nação possam crescer harmonicamente, em conjunto, com o mínimo irredutível de disparidades regionais ou setoriais. O desenvolvimento tem de ser o somatório do progresso de todos os membros da comunidade nacional. Sem isso, estaremos incentivando as desigualdades e as deformações econômicas e sociais do País, em vez de corrigi-las, como de justiça.

No período de abertura para o diálogo, que estamos vivendo, é natural que ocorram divergências. Mas podemos esperar que pontos-de-vista diferentes não se transformem em choques ou impossibilitem a paz política e social desejada.

Estamos às vésperas de uma eleição que decidirá a velocidade com que nos encaminharemos para esse Brasil de amanhã. Sugiro que votemos em função do futuro, não do passado.

Através do voto consciente, cada brasileiro fará valer sua opinião, suas convicções profundas. Assim, os Poderes constituídos representarão efetivamente a opinião da comunidade.

A uma semana das eleições gerais, governantes e governadores podem olhar com otimismo e orgulho o futuro que nos espera. Isso porque, hoje, podemos somar ao nosso amor por este País a certeza de que vivemos em uma sociedade que amadurece na democracia, pelo exercício de seus direitos.

Penso, porém, que a hora exige que a escolha represente um investimento na prosperidade do nosso País, condição indispensável para a prosperidade dos indivíduos.

A observação isenta dos fatos diz que a Revolução está cumprindo fielmente suas proposições.

Caminhamos com firmeza para a democracia plena.

E estou convicto de que a democracia política só pode institucionalizar-se se estruturada sobre a paz social e o desenvolvimento econômico.

Esses objetivos, essas condicionantes, foram perseguidos, sem desfalecimento, pelos quatro Presidentes revolucionários, de Castello Branco a Geisel.

Eles procuraram assegurar a igualdade de oportunidades para o trabalhador e o empresário; para o agricultor, o comerciante e o industrial; para a pequena e a grande empresa; a fim de que todos possam produzir com dignidade, contribuindo, cada um, com sua parcela de trabalho para o desenvolvimento do País.

Todos reconhecemos — acredito — que o Brasil vive uma atmosfera de paz fecunda e promissora de dias ainda melhores. Paz na família, paz política, paz social.

Paz nacional que todos queremos permanente, sem interferências estranhas, ultrapassadas, anacrônicas.

Paz brasileira.

É sobre essa plataforma que assenta o meu pedido ao povo de Santos, para que consagre, nas urnas de 15 de novembro, os nomes dos candidatos da Aliança Renovadora Nacional ao Congresso Nacional e à Assembleia Legislativa.

Cada voto dado aos candidatos da ARENA, para formar maioria nas casas do Legislativo, facilitará e tornará mais rápido o atingimento dos nossos objetivos e o cumprimento dos compromissos que assumimos pelo bem do Brasil.

Muito obrigado.

Continuando na minha pregação cívica, venho à Amazônia Goiana, buscar deste povo generoso e audaz apoio e incentivo para que possa realizar um bom governo.

Aqui me encontro nesta região-tronco do Brasil, convergência de duas obras integradoras da unidade nacional, a Belém-Brasília e a Transamazônica, região antes tão longe dos centros de progresso e de cultura, mas já agora incorporada à realidade de um Brasil que se integra pelo despertar pujante de todo o seu território.

Venho para garantir, diante do povo, que não faltará apoio de meu governo aos grandes projetos de desenvolvimento, capazes de promover o pleno emprego e a livre circulação de riquezas para a população do Norte e do Nordeste goianos.

Venho hoje a Araguaína, para dizer ao seu povo, ao povo de toda essa região, que conheço suas aspirações e as estudo aplicada-mente.

O pólo industrial de Araguaína e a implantação de unidades fabris em outras cidades importantes da região constituem uma justa reivindicação, que será atendida no meu Governo. Mais empregos, mais riquezas geradas pelas indústrias que vão manufaturar os produtos da terra, é o que prometo.

O problema de assistência escolar em todos os níveis será atacado com vigor. Desejo criar escolas profissionalizantes de nível médio, como, também, examinarei a oportunidade de instalar escolas de ensino superior. A juventude, a inteligência desta terra aqui deverão ficar para melhor servir ao Brasil.

Penso também como prioridade na solução definitiva do problema fundiário desta região. Já tive oportunidade de afirmar, em viagem anterior à Amazônia, que estarei constantemente empenhado, em meu Governo, no equacionamento dos problemas que criam

a tensão social no campo, principalmente pela ação dos grileiros, do invasor e do especulador fundiário. Esses são os inimigos do homem do campo.

Pretendo incentivar, ao máximo o trabalho de regularização fundiária para que possamos dar títulos definitivos de terras a número cada vez maior de brasileiros que desejam trabalhá-la. Daremos preferência ao posseiro, que já ocupa economicamente a terra, nas titulações que o Governo irá fazer.

Não teremos fórmulas mágicas. Nosso guia será sempre o Estatuto da Terra, esse documento histórico que nos foi legado pelo eminente Presidente Castello Branco.

Tenho afirmado que o País se fortalece à medida que crescem as suas empresas urbanas e rurais. Nesse sentido, é minha intenção ampliar os recursos de financiamentos bancário do POLAMAZÔNIA e do PROTERRA, objetivando erradicar o desemprego, pois não me conformo com a existência de cerca de duzentos mil braços ociosos na região.

A implantação da BR-010, para tirar do isolamento as regiões da margem do Tocantins, possibilitando, também, o aumento do fluxo migratório em direção ao Bico do Papagaio, é reivindicação que vejo com simpatia por seu sentido integrador.

Examinarei, finalmente, o aproveitamento, dentro das possibilidades do Governo, do potencial hidrelétrico do Araguaia e do Tocantins, com obras que, iniciadas por Tucuruí, se estenderão pelas Cachoeiras de Santo Antônio, Lajeado Grande, São Felix do Funil, Santa Isabel. Essa região poderá ser a grande supridora da energia que o Brasil precisa para mover suas máquinas e continuar crescendo.

Brasileiros do Grande Norte e do Nordeste Goiano:

Quero dar a este povo medidas e obras que propiciem melhoria de vida para todos, integrando esta região, econômica e socialmente, ao Brasil já desenvolvido.

Para que possa concretizar essa tarefa, para que possa mobilizar forças suficientes à execução das soluções do Governo, necessito do apoio do povo.

Apoio que será corporificado através de expressiva votação na ARENA. O País necessita que a ARENA conte com forte maioria no Congresso Nacional, para que possamos continuar trilhando a rota do aperfeiçoamento democrático que todos almejamos.

Tenho a certeza da vitória.

E não me fundamento em ilusões ou quimeras para estar certo de que a ARENA fará maioria nas eleições de 15 de novembro.

Basta dialogar com o povo, para termos essa certeza.

E desde o começo da campanha me propus ao diálogo. Um diálogo irrestrito com as mais diversas representações da sociedade. Um diálogo que nos revela o quanto o povo repele os demagogos, os aproveitadores e os derrotistas.

Aqui, hoje, nesta Amazônia Goiana, ao lado do Governador Irapuan Costa Júnior, do governador eleito, Ary Ribeiro Valadão, assumo o compromisso de defender as legítimas reivindicações desta terra, ao longo do meu Governo.

Mas para isso será necessário contar com a maioria que os goianos e os brasileiros irão me proporcionar a 15 de novembro. Sufragando os candidatos da ARENA à Câmara dos Deputados e à Assembléia Legislativa, e os seus candidatos ao Senado, Osiris Teixeira, Jarmund Nasser e Jonas Duarte, o povo de Goiás terá um Governo que trabalhará incansavelmente pela prosperidade desta região, do Estado e de toda a Nação.

Muito obrigado.

ITUMBIARA — GO — 09-11-78

PRAÇA DA REPÚBLICA
LIDO NUMA CONCENTRAÇÃO POPULAR

Agradeço a acolhida generosa que me dispensam nesta cidade de Itumbiara. Minha presença aqui decorre da vontade de conhecer de perto os problemas da região e as aspirações do seu povo.

Não podemos esquecer os conturbados dias que vivemos até março de 1964, quando os adversários da democracia envidaram esforços para impedir que a Nação prosseguisse o seu movimento renovador.

Felizmente, o povo exigiu a exclusão dos promotores da baderna, que hoje tentam retornar, transvestidos em democratas que nunca foram.

Naquela época, Goiás não faltou ao Brasil, graças à perseverança democrática do seu povo.

Agora, nas urnas de 15 de novembro, estou convicto de que Goiás trará seu aplauso pelo quanto se fez de certo nestes 14 anos.

Nossos adversários nos criticam pela devoção ao Brasil. Criticam em forma abstrata, e a razão é simples: os quatro Governos Revolucionários alçaram nossa economia ao oitavo lugar no mundo ocidental e décimo em termos mundiais, aí computados também os países de economia estatizada.

Apesar de inegáveis sucessos, não posso deixar de reconhecer que ainda há muito a realizar.

Nossa tarefa é hercúlea.

Peço a Deus que me ilumine e fortaleça, para prosseguir a obra edificante do honrado Presidente Geisel.

Aqui em Goiás, por exemplo, o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados está propiciando a execução de projetos agrícolas em nada menos que cinco municípios, em terras que eram anteriormente consideradas impróprias para a agricultura. A conjugação de esforços nas áreas da pesquisa, assistência técnica e crédito rural já apresenta resultados plenamente satisfatórios.

Para que deixe de ser a oposição deletéria, mergulhada no passado, saudosista e apegada a temas que o povo não mais aceita.

O esforço pelo aperfeiçoamento democrático não deve ser interrompido. É preciso que a ARENA obtenha expressiva votação no dia 15 de novembro.

E vamos dar essa maioria à ARENA!

Todos nós, que acalentamos o anseio de vermos consolidada a democracia, sabemos que os seus piores inimigos desejam criar conflitos entre o capital e o trabalho, entre empregados e empregadores, lançando os brasileiros uns contra os outros.

Eles não querem ver patrões e empregados resolvendo suas diferenças pacificamente, de modo direto ou com a mediação da Justiça do Trabalho.

É com o objetivo de assegurar a plenitude democrática e a justiça econômica e social que peço ao nobre povo goiano que apóie a mim e ao Governador eleito, Ary Ribeiro Valadão, sufragando nas urnas, no dia 15 de novembro, os nomes dos candidatos arenistas à Câmara dos Deputados e à Assembléia Legislativa.

Peço que consagrem nas urnas nossos candidatos ao Senado Federal, Osíris Teixeira, Jarmund Nasser e Jonas Duarte.

Deixo-lhes minha admiração pela gente laboriosa desta terra e a firme confiança em que venceremos as próximas eleições, com o auxílio do valoroso povo de Itumbiara.

Muito obrigado.

Sei que os agricultores desta região almejam a obtenção de financiamentos mais adequados para o desenvolvimento das atividades agropastoris, sustentáculo da economia do Sul de Goiás. A criação de mecanismo que garanta preço justo à produção agrícola é outra reivindicação que pretendo levar em consideração.

Ainda não é o momento de apresentar à Nação meu programa de trabalho.

Reitero, no entanto, que a ênfase da política econômica de meu governo recairá na agropecuária.

Entre os incentivos à produção, que examinarei, menciono a possibilidade de assegurar melhor remuneração aos produtores, mediante a adoção de medidas capazes de estimular não somente a grande empresa agropecuária, como também a média e pequena empresas.

Pouco poderá ser alcançado, entretanto, se essas medidas não forem complementadas com a segurança de um curso regular de escoamento da produção. Exemplifico com a questão crucial da ligação ferroviária com Uberlândia ou com o município de Colômbia, no vizinho Estado de São Paulo, pois não desconheço que hoje o transporte das safras se faz por rodovias até o porto de Santos, o que onera muito o ciclo produtivo.

Outra aspiração deste município, a implantação do Distrito Agroindustrial, é medida que conta com o meu apoio e interesse, por verificar que esse empreendimento contribuirá significativamente para estimular as atividades econômicas nesta vertente goiana do Paranaíba.

A doença de Chagas e o saneamento básico ainda constituem uma das maiores preocupações da saúde pública no País e, especialmente, nesta região.

Asseguro-lhes que o programa visando à melhoria do Sistema Nacional de Saúde merecerão atenção muito especial em minha administração.

Os adversários dizem que não deveríamos fazer campanha política em favor da ARENA. E dizem que eu deveria encastelar-me em meu escritório de trabalho em vez de vir também pedir votos para o meu partido. Mas assim procedemos porque só seremos fortes se o povo nos apoiar.

Jamais me afastarei do meu povo. Vou continuar percorrendo o País, agora e durante o período do meu Governo, ouvindo políticos, empresários, trabalhadores, e todos os cidadãos que tenham contribuído a dar. Democracia é participação de todos, assim entendo eu.

Não fugirei ao diálogo, e faço votos para que a oposição deixe de ser inconseqüente, e passe a criticar de modo lúcido os eventuais desacertos em que podemos incorrer.

UBERABA — MG — 10-11-78

PRAÇA RUY BARBOSA
LIDO NUMA CONCENTRAÇÃO POPULAR

A razão e o coração me fizeram peregrinar a Ouro Preto, a velha capital de Minas, na minha primeira viagem a este Estado, ainda como candidato à Presidência da República.

Hoje, a razão e a esperança me fizeram vir aqui, como Presidente eleito, no encerramento de minha jornada cívica com vistas às eleições de 15 de novembro.

A meu lado acha-se o ex-Governador tão querido dos mineiros, que interrompeu seu mandato nas Alterosas para prestar serviços ao espaço maior do Brasil todo, como Vice-presidente da República — o mineiro Aureliano Chaves de Mendonça.

Vejo, neste Triângulo Mineiro, nesta Uberaba de gente forte, uma pujante agricultura, destacada produtora de alimentos; um rebanho bovino que é o maior do País, um ágil sistema de transportes e armazenamento. Tudo isso faz desta região o ponto de gravitação de todo um sistema econômico.

Afirmo aos mineiros que meu Governo dará a este Estado todo o apoio necessário para que, harmonicamente conjugado aos interesses da Federação, possa atingir por completo seu destino de prosperidade.

Desde algumas décadas, o Triângulo Mineiro é o sinal vivo da interiorização do desenvolvimento.

Mas não iremos nos deter naquilo que já temos. Dedicarei recursos para a ampliação das facilidades de armazenamento e de transportes.

Uberaba apresenta boa centralização em relação à região do Triângulo Mineiro. No entanto, uma distribuição desigual da rede de transportes rodoviários ainda dificulta a interligação regional com o setor Oeste, ao contrário da parte central e da parte leste, bem servidas por estradas.

Examinarei com interesse a modernização e a racionalização dessa rede para que o progresso regional não seja paralisado por entaves de qualquer natureza.

Sendo a rodovia a espinha dorsal do desenvolvimento desta região, como de todo o País, tudo deve ser feito para racionalizar os custos de sua utilização, encurtando distâncias e melhorando a qualidade da pavimentação.

Temos ainda uma vasta área de terras cultiváveis a conquistar, para que possamos ampliar ainda mais a participação de Minas e do Triângulo na nossa arrancada agropecuária.

Vejo aqui potencialidades de ocupação econômica racional dos 30 milhões de hectares de cerrados mineiros, numa expansão da fronteira agrícola de modo que tenhamos uma produção capaz de baratear o custo dos alimentos e fornecer excedentes exportáveis.

Pretendo agilizar o seguro rural, pois entendo que, associado a outros incentivos governamentais, esse instrumento, bem manuseado, oferecerá garantias de comercialização das safras e dos rebanhos sem os ônus decorrentes dos maus intermediários.

Espero ver implantado um complexo químico na região do Triângulo Mineiro, em função dos recursos minerais de que dispõe e das indústrias que aqui se instalam no setor de fertilizantes. Será este um fator de modernização da agricultura, a que muito justamente aspira a gente desta terra.

Desejo aproveitar o talento de sua Escola de Zootecnia para que desenvolva projetos que visem a racionalizar e modernizar as técnicas empregadas no setor da pecuária.

Por tudo isso, eu e o presidente Ernesto Geisel confiamos no apoio dos uberabenses e mineiros, para a eleição, a 15 de novembro, dos candidatos da ARENA a Deputado Federal e a Deputado Estadual. Nossos candidatos ao Senado Federal, Israel Pinheiro Filho e Fernando Fagundes Neto, aqui estão, ao nosso lado, ao lado do Governador Ozanan Coelho e do Governador eleito Francelino Pereira, como escolhas acertadas para um povo que deseja ser bem representado.

Não para sufragar a demagogia.

Não para a ação da calúnia com fins eleitoreiros.

Mas porque o povo repele os que não se renovaram, os que não têm tradição democrática nem um programa concreto em seu favor.

Os que querem usá-lo para o pseudo-enriquecimento de suas biografias.

Os que querem usá-lo pedindo-lhe que não vote e que diga não, para negar a democracia que tanto dizem amar.

Os que querem usá-lo a serviço de doutrinas estranhas ao sentimento democrático, que tanto identifica Minas e o Brasil.

Por isso, levo a certeza de que o povo de Uberaba consagrará nas urnas de 15 de novembro os candidatos da ARENA.

Muito obrigado.

UBERLÂNDIA — MG — 10-11-78

PRAÇA TUBAL VILELLA. PARQUE DE EXPOSIÇÕES
LIDO EM HOMENAGEM PRESTADA A POPULARES

Vir aqui, a esta terra de pioneiros que construíram o Triângulo Mineiro com audácia e perseverança, é colher lição de otimismo.

Encontro uma cidade jovem e de ânimo criador, feita por gente destemida, gente que faz do progresso desta região seu objetivo permanente.

Uberlândia, com seu elevado índice de desenvolvimento econômico, mostra que, aqui, nada vem pelo acaso, tudo é construído pelo duro trabalho dos que confiaram na excelência da terra e na potencialidade das riquezas de Minas Gerais.

Como Presidente eleito, ao encerrar a jornada cívico-eleitoral por todo este País, vejo hoje, em Uberlândia, a síntese da capacidade de realização do homem brasileiro.

A vocação industrial têm levado este pólo geoeconômico a experimentar ativo surto de crescimento.

O desenvolvimento urbano, que aqui observo, comprova que podemos programar o progresso das cidades que crescem vertiginosamente.

Exemplo de ação integrada da comunidade, com ativa participação dos mestres e da juventude universitária, aqui se busca harmonizar as diferentes áreas de infra-estrutura, para que o homem possa ter uma cidade humana e bem planejada para viver.

Por essa razão, quis vir a Uberlândia para falar também aos jovens. Porque sei que eles têm fé e confiança no futuro; que não se deixarão levar pelas teses derrotistas próprias das sociedades fatigadas.

Eles sabem que estamos em pleno trabalho de afirmação econômica, social e política; estamos em pleno ciclo das reformas, que ainda não se esgotaram.

Dai a minha vontade de ampliar a participação da juventude, que é maioria neste País jovem.

Participar é um dever cívico. Votar é um meio de exercer a opção de comandarmos, nós próprios, o nosso destino.

A meu lado, está um mineiro que hoje se coloca a serviço do Brasil como Vice-Presidente eleito, o Dr. Aureliano Chaves de Mendonça. A meu lado, o Governador Ozanam Coelho e o Governador eleito Francelino Pereira. Com a força que esses mineiros me emprestam, peço ao povo de Uberlândia que vote nos candidatos da ARENA à Câmara dos Deputados e à Assembléia Legislativa.

Peço ao povo de Uberlândia que sufrague nas urnas os candidatos da ARENA ao Senado, escolham entre Fernando Fagundes Neto e Israel Pinheiro Filho.

Brasileiros do Triângulo Mineiro e de Uberlândia:

Sendo a agropecuária e as indústrias derivadas das atividades rurais os esteios da vida econômica da região, é natural que lhes dirija algumas palavras sobre um assunto que terá excepcional importância no meu Governo: a produção de alimentos.

Instituindo uma política de crédito rural apropriada, um sistema de preços mínimos compensadores, e garantindo a comercialização dos produtos agrícolas, creio que poderemos assegurar maior oferta de gêneros de primeira necessidade no mercado interno, continuando a suprir o mercado internacional.

A tecnologia para transformação industrial de produtos primários também merecerá relevo no meu programa de ação governamental.

Por isso, como medida específica para Uberlândia, buscando consolidá-la na sua expansão de centro urbano e importante pólo econômico, vejo com esperança a implantação do Distrito Industrial Sócio-Integrado, que garantirá a expansão do parque fabril.

A Fundação do Ensino Técnico terá o meu incentivo, porque entendo que o ensino profissionalizante é importante fator de desenvolvimento.

Estou convencido de que o fortalecimento do pequeno produtor é o primeiro passo para a formação de sólida classe média rural, reforçando os fundamentos da democracia que queremos consolidar.

Obra do Governo Geisel, neste momento, no Paraná e em Santa Catarina, o Banco do Brasil está inaugurando os dois primeiros Postos Avançados de Crédito Rural. E Minas Gerais receberá 134 desses Postos, significando o fim das longas caminhadas em busca de empréstimos.

Temos diante de nós grandes tarefas para engrandecer o Brasil. Por isso, aceitamos corajosamente o desafio.

Desafio que não é apenas do governante, mas de toda a comunidade nacional, que se quer afirmar como uma sociedade aberta, democrática, baseada na livre iniciativa, na igualdade de oportunidades.

Retorno com a certeza de que Minas saberá escolher os melhores, votando na ARENA, pelo Brasil.

Muito obrigado.

RIO DE JANEIRO -- RJ -- 11-11-78

ESCOLA EUCLYDES FIGUEIREDO
LIDO DURANTE A VISITA FEITA À ESCOLA

Prezadas amigas professoras da Escola Euclides de Figueiredo,
Meus amiguinhos e amiguinhas:

Quero me apresentar a vocês.

Meu nome é João.

Meu pai era menino órfão. Como órfão, estudou em escola pública e no Colégio Militar. Quando eu nasci, ele era capitão do Exército. Capitão Euclides de Figueiredo.

Minha mãe se chamava Valentina. Quando meu pai a conheceu, era aluno da Escola Militar. Aluno pobre. Minha mãe e meu pai viveram sempre pobremente, mas realizaram um milagre de que os pais são sempre capazes: educar bem seus filhos.

Nasci ali adiante, na Vila Souza Cabral, defronte do Regimento de meu pai. Muitos anos depois, comandeí o mesmo Regimento. Como ele gostaria de me ter visto no comando dos seus Dragões da Independência! Como gostaria de ter visto seu filho Euclides comandando o Regimento Andrade Neves! E como gostaria de ter visto seu filho Diogo comandando a fronteira de Uruguaiana, que ele também comandou e onde eu e meu mano Euclides servimos! E seu filho Luiz Felipe, dentista, profissional de mérito, e seu filho Guilherme, jornalista, e sua filha Doliza, que hoje já tem um neto e meio.

Nós tivemos pais que ajudaram nossa educação. Meu pai não teve. Sua educação se deveu aos professores e professoras. E chegou a ganhar o nome numa escola. Graças aos seus professores e professoras.

Fui menino pobre, não tão pobre como meu pai. Brinquei de futebol na Vila, na Quinta da Boa Vista, fui aluno da Escola Nilo Peçanha e do Colégio Militar.

Mas fui rico, sim. Rico da dedicação, do amor de meus pais.

Fui rico dos ensinamentos de minhas professoras, que eram como as de vocês que aqui estão, riqueza nunca perdida. A minha riqueza, eu a recebi dessas professoras: Dona Jardelina, Dona Virgínia, Dona Alice Demillecamps, Dona Francisca, Dona Zulmira e Dona Mimi Contino.

E sou rico do que me ensinou outra professora, anjo da guarda de minha família, Tia Candê, de casa sempre aberta nas nossas dificuldades.

Fui rico dos meus professores do Colégio, da Escola Militar, de uma vida inteira de estudos. Minha vida profissional foi construída por meus professores.

Com sua vida, meu pai me deu — e a todos os brasileiros — uma lição de democracia, de apego às leis, do amor ao Brasil. Nós, seus filhos, ficamos contentes de haver uma escola pública com o seu nome: o nome de uma escola como a que o ensinou e como a que ensinou os seus filhos. Porque o nome de meu pai está sempre lembrando a vocês o que devem fazer para serem cidadãos úteis.

Algum dia, quantos de vocês verão numa escola o nome de seus pais? Quantos de vocês terão seus nomes numa escola? Quantos hão de ser aquilo de que mais me orgulho, de que se orgulham seus pais, seus professores e professoras: brasileiros que amam brasileiros e a eles se dedicam?

E quantos de vocês, minhas amiguinhas, alcançarão a grandeza de uma vida rica de bem-estar, de inteligência a serviço do próximo, como são as de suas professoras?

No entanto, até mesmo na propaganda eleitoral feita no rádio e na televisão vemos que os candidatos, de quaisquer partidos, quando são professores não podem hoje dedicar-se unicamente ao ensino: os candidatos que se apresentam como professores exercem também outras profissões — porque do contrário o que ganham não daria para sustentar a família. Com isto se perde o melhor da dedicação dos mestres a seus alunos.

É preciso corrigir essa injustiça, porque o Brasil só será realmente um grande País quando for um País de professores. De professores dedicados unicamente a formar cidadãos, a estudar para formar cidadãos, a ensinar para formar cidadãos.

Meu pai se chamava Euclides. Deu o nome a esta escola graças aos seus professores. Olhando a sua vida, acho que ele foi um professor.

Eu me chamo João. Fui menino como vocês. Sou um homem como seus pais. Se algum dia eu merecer ter o meu nome numa escola será graças a meus pais e a meus professores.

Prezada diretora Dona Odila: quero beijar em suas mãos as mãos de todas as professoras e de todos os professores de minha terra. Muito obrigado.

PRAÇA ROBERTO SILVEIRA
CONCENTRAÇÃO POPULAR

Esta é a primeira recepção que o povo da minha terra me faz após a minha eleição. Confesso aos senhores que estou emocionado e comovido, não tanto por ter o seu prefeito dito que o povo aceitou a minha forma de me comunicar com ele e que eu era uma pessoa de fácil comunicação com a minha gente. Mas principalmente porque muito mais do que o progresso que os Governos de após 64 conseguiram dar aqui a esta terra, Caxias, eu senti nela o entusiasmo da gente da minha terra em saber, em sentir e vir aqui demonstrar com a sua presença que pelo menos tem confiança no que eu digo.

Isto me deixa muito satisfeito, porquanto ao iniciar as minhas peregrinações pelo Brasil afora eu não tinha idéia de como o povo ia receber um soldado carrancudo. Faziam de mim uma imagem de homem duro, de homem intempestivo e de pavio curto, de um homem irascível, e antipático. Mas o povo percebeu que atrás dessas feições amarradas estava um velho sensível. Essa é que é a verdade.

Estava um velho emotivo, e por sua emoção é que ele consegue se comunicar com o povo, porque ele recebe com emoção o entusiasmo do povo. Queriam que eu viesse à praça pública fazer conferências com frases rebuscadas e citando autores famosos para convencer a minha gente. Mas eu não fiz mais do que vir à praça pública e usar aqueles argumentos que sempre usei com os meus soldados. Que são os argumentos da verdade, da franqueza e da sinceridade. E da mesma maneira como nos meus 43 anos de cara feia, dentro dos quartéis, eu percebia nos meus soldados a convicção de que eu não os enganava, sei que a gente da minha terra hoje tem certeza de que eu não os vou enganar.

Não sou um homem diferente de todos os homens normais. Tudo que dizem a meu respeito vem um pouco da benevolência de quem me conhece de perto, vem um pouco do carinho com que os meus amigos sempre me trataram, mas sei bem que não sou mais do que um simples homem do povo, indicado para esta missão que não escolheu e não desejaria. Missão que me foi quase imposta por meus superiores. Uma vez aceita, vou defender os direitos desta gente, da qual provim.

Sei que os governos de 64 muito fizeram pela gente humilde do Brasil, pelas classes trabalhadoras, mas estou cômico de que muito ainda temos que fazer daqui por diante. Afirmer que eu sei dizer as coisas na hora certa* e fazê-las certo é portanto um exagero, um exagero perigoso. Mas o que eu posso declarar aos senhores é que quando eu tiver de dizer uma coisa que a minha consciência me mande dizer, eu direi mesmo que esteja errada.

A justiça social, a melhoria das classes trabalhadoras, o custo de vida, os transportes de massa, a saúde, a educação, essas são as preocupações de todo homem que quer ter os aplausos de sua gente. Mas não possuo fórmulas mágicas para dar em curto prazo tudo aquilo que os senhores e eu desejamos. Posso apenas prometer, dentro da minha rudeza e da minha sinceridade, que jamais faltarei com meu trabalho naquilo que o povo necessitar.

E se alguma promessa devo fazer em praça pública, reitero aqui, nesta terra bendita de Caxias, a promessa que fiz do Chuí ao Oiapoque, das margens do Paraguai ao Oceano Atlântico: eu hei de fazer desta terra uma democracia, queiram ou não queiram, porque ninguém imagina a determinação e a força de vontade que me impelem nessa direção. E quando digo que vou enfrentar as dificuldades, vou superar os obstáculos que quiserem colocar no meu caminho, estou falando a verdade, porque sei que hei de enfrentá-los e hei de vencê-los para benefício de vocês e para benefício de nossa pátria.

Muito obrigado.

*Referia-se ao discurso do prefeito Renato Fonseca.

NILÓPOLIS — RJ — 11-11-78

ESCOLA BEIJA-FLOR
CONCENTRAÇÃO POPULAR

Fiquei sinceramente comovido e sensibilizado com a manifestação que vocês acabam de me proporcionar. Desde Caxias, sinto que estou na minha terra, pelo entusiasmo do povo, por sua alegria, por sua maneira de manifestar-se. Sinto que estou no Rio de Janeiro. Eu poderia vir aqui falar-lhes uma porção de coisas, mas prefiro ficar apenas no meu agradecimento sincero pela maneira carinhosa como vocês me recebem. Transfiro esta manifestação ao nosso Governador Faria Lima, que tanto tem feito pela Baixada Fluminense. Como carioca quero dizer-lhes que na qualidade de Presidente da República estarei sempre presente aqui na Baixada com vocês, ao lado da nossa Escola de Samba, nos momentos bons e nos momentos maus. Quero sentir o que é que vocês necessitam, quero sentir as suas preocupações, os seus anseios, as suas reivindicações, enfim, quero estar no meio do povo, porque eu também sou povo.

NOVA IGUAÇU — RJ — 11-11-78

PRAÇA SANTOS DUMONT
CONCENTRAÇÃO POPULAR

Foi nesta terra que iniciei minhas andanças em campanha política pelo meu Partido, e aqui venho terminá-las, porque foi nesta terra que eu nasci e em parte me criei. Quis terminar aqui em Nova Iguaçu, o Município mais populoso do Estado do Rio de Janeiro, depois do Município da Guanabara, para dizer ao povo desta terra que hei de levar esta mensagem ao resto do meu Estado, para dizer ao povo que eu sou isto mesmo, que em parte eu sou o que eles dizem; muita razão têm eles em dizer que eu sou o que sou, mas devo dizer ao povo que eu não vou mudar como Presidente.

Talvez muitos deles não gostem do meu modo de ser, do meu modo de falar, do meu modo de entender, mas assim é que eu sou, e porque eu sou assim é que vim a Nova Iguaçu. Porque eu sou assim é que vim a esta terra para mostrar ao povo que eu sou como eles dizem, e não me envergonho. Eles não gostam da minha maneira de falar, da minha maneira de vestir, da minha maneira de andar, mas vão ter que gostar da minha maneira de ser. Eles se enganam se pensam que eu vou mudar; eu vou continuar o mesmo; o mesmo que fui durante 43 anos de quartéis, onde aprendi com meus superiores e com meus soldados que a única coisa que vale para a nossa pátria é o lema da nossa bandeira — Ordem e Progresso. E aquela democracia de que eles tanto falam mas nunca tiveram a coragem de implantar de fato em nossa terra, porque jamais nesta terra houve democracia, mesmo quando eles estavam no poder. Aquela democracia que eles querem eu não venho prometer ao povo do Estado do Rio de Janeiro, ao povo de Nova Iguaçu. O que venho prometer ao povo de minha terra é uma democracia decente fundamentada nas nossas tradições cristãs, em que haja total liberdade com responsabilidade de cada um; uma democracia em que o povo seja responsável mas que não venham líderes disfarçados falar em nome do povo.

Chegou a hora de o povo manifestar a sua vontade através do voto. E cada um dos senhores vai ter a consciência livre para votar em quem bem quiser. Não venho pedir votos. Venho apenas dizer ao povo da minha terra que não preciso pedir votos ao povo consciente, porque sei que o povo de Nova Iguaçu vai votar conscientemente. Mas desejo dizer a este povo que se alguma confiança mereço, depois de todas as minhas andanças, eu peço que votem bem, que votem naqueles que podem me ajudar, que podem me ajudar a construir um Brasil melhor, para todos nós, que votem naqueles que queiram, de fato, amenizar as agruras do povo, problema de que eles tanto falam mas que não resolvem.

Dizem que o custo de vida é o carro-chefe, o cabo eleitoral da Oposição; eu desafio a Oposição a ir para o poder e melhorar o custo de vida, em curto prazo, como dizem. Mas prometo ao povo que hei de me sacrificar para conseguir essa melhoria, sem eles ou com eles, se Deus assim o quiser.

Creio que está na hora de nós, brasileiros, pensarmos um pouco nos nossos filhos, nos nossos netos, pensarmos no futuro ao invés de pensar no presente; e é pensando nesse futuro que eu peço a cada eleitor do meu Estado que vote por um Brasil que seja digno dos nossos filhos e dos nossos netos.

Ao invés de passeatas e caminhadas, o que nós queremos são fatos concretos que melhorem a vida do povo, que lhe dêem melhores condições de educação e de saúde, que lhe dêem melhores condições de moradia, que lhe dêem melhor acesso ao trabalho digno e honesto, que lhe dêem melhores condições de transporte, que lhe dêem melhores condições de lazer. E não serão passeatas e caminhadas que vão resolver esses problemas.

Sei que os recursos da Nação são pequenos, e que temos de estabelecer prioridades para os grandes problemas que temos pela frente, mas aqui está o Governador Faria Lima, que soube estabelecer prioridades, e entre as primeiras colocou a Baixada Fluminense. Eu desafio cada um dos senhores a lembrar com a consciência livre o que era a Baixada antes da Revolução e o que é hoje, e estou certo de que farão a justiça de reconhecer que com todos os descaminhos, os erros e os enganos que cometemos a Baixada Fluminense melhorou muito.

Sei que muita coisa há por fazer. O nosso eminente Presidente Ernesto Geisel muita coisa fez pela nossa terra, mas o trabalho era tanto, que ele ainda deixou muito por fazer, e alguma coisa deste muito eu prometo que vou fazer, porque sei que o povo vai votar conscientemente. Mais fácil será para mim realizar alguma coisa se eu tiver ao meu lado aqueles companheiros que acreditam na minha palavra.

Peço ao povo de Nova Iguaçu que leve a minha mensagem aos demais fluminenses. Quero dizer aos meus adversários que, de fato, eu sou o que eles dizem. Sou o que eles dizem porque o povo da minha terra assim o quer; o povo da minha terra não me quer sofisticado; não quer que eu mistifique o meu pensamento; prefere até que eu seja mal educado (risos e palmas), mas quer que a cada momento tenha a coragem de vir à praça pública para no meio do povo dizer a verdade, seja ela boa ou má para mim. E disto o povo de Nova Iguaçu pode ter a certeza: eu, como Presidente da República, não vou mudar. Hei de fazer da verdade o meu lema (palmas). Sei que vou machucar muita gente, mas não vou machucar a consciência do povo, nem a minha consciência, porque eu aprendi quando menino que mentira é pecado mortal, e eu sou cristão. Não gosto de mentira, porque é pecado. Sinto vergonha de ter de dizer as coisas diferentes do que elas são, daí por que eu sou assim, e não vou mudar.

Todos os dias faço preces ao bom Deus pedindo-lhe que me dê forças para que depois de atingir os 60 anos de idade eu possa continuar o que sempre fui, meio desaforado mas sincero. Jamais direi ao povo que torço pelo Flamengo, porque eu sou Fluminense; jamais direi ao povo que não gosto de futebol, porque futebol é a alegria do povo. E mais tarde, se Deus aprovar, hei de voltar a esta terra para ouvir desaforos do povo e hei de ter a coragem para rebatê-los com a mesma franqueza com que estou falando hoje a todos vocês, e estabalecer um diálogo, o diálogo entre o mandatário maior e os senhores, porque o que vou fazer lá em cima vai depender em parte, e em grande parte, do voto que os senhores derem em 15 de novembro.

Quando, amanhã, vierem cobrar estas afirmações que fiz, quero ter a firmeza de dizer ao povo que ele tinha razão, porque votou nos candidatos do meu Partido, mas não quero ter o desprazer de dizer ao povo que não posso fazer o que prometi porque o Congresso não está me ajudando. Daí por que digo que muito do que eu tenha de fazer depende de vocês.

Sei que muitos estão indecisos, e é natural. A esta altura da campanha, muitos brasileiros ainda não escolheram em que partido votar e em quem votar. Peço a todos que meditem bem, que façam um exame de consciência e no fim votem ou naquela democracia que eles querem implantar, ou naquela que eu desejo, que é também a que o povo quer. E quero voltar aqui para, dialogando com todos vocês, permitir-lhes de fato verificar que eu não mudei e que vou continuar a minha peregrinação do mesmo modo que eles rejeitam, mas que é o modo que meus pais me ensinaram. É o modo que eu aprendi no Exército. É o modo que as minhas professoras e os meus padres professores me ensinaram.

Sei que vou errar muito, vou cometer muitos erros e vou ser responsabilizado por muitas deficiências no Governo. É natural. Já comecei a ser massacrado antes de começar a governar. Mas não me farão mudar. Hei de ser até morrer aquilo que sou, apesar das críticas, porque tenho certeza de que é o melhor para minha pátria. Eu peço a vocês que pensem bastante antes de votar.

Muito obrigado aos senhores.

BRASÍLIA — DF — 1-12-78

ESCRITÓRIO NO 19º ANDAR DO BANCO DO BRASIL
LIDO AO POVO BRASILEIRO

Agradeço cordialmente a visita que, nesta nova casa de trabalho, me fazem os dirigentes do nosso Partido, a Aliança Renovadora Nacional. Quero reviver, por um momento, a alegria de haver participado convosco da nossa jornada por todo o Brasil, que a tantos de nós emocionou e enobreceu.

Praticamente concluídos os trabalhos, e conhecidos os eleitos de 15 de novembro, o povo brasileiro pode orgulhar-se da nova etapa vencida. Um dos maiores colégios eleitorais do mundo — quase 50 milhões de eleitores — foi às urnas, e nelas livremente consagrou os candidatos de sua escolha.

Como está à vista de todos, o pleito se realizou em ambiente de paz e de ordem. Os eleitores manifestaram suas preferências sem constrangimentos. Mesmo a crítica mais severa tem de reconhecer a inquebrantável lisura da conduta do Presidente Ernesto Geisel. Como homem de partido, o Presidente entrou limpamente na porfia eleitoral. Como estadista, assegura o respeito à vontade popular expressa na eleição.

Para honra da Revolução de 1964, o Presidente soube, com patriotismo e descortino exemplares, dar prosseguimento ao programa de aperfeiçoamento de nossas instituições, em conformidade com a incoercível vocação brasileira para a Democracia.

Em todas as suas manifestações — e seja qual for a maneira em que se exerça — o voto é a origem de todos os poderes do Estado. Símbolo da soberania, o voto popular exprime, entre nós, uma delegação democrática de amplitude raramente encontrada em outros países.

No Brasil, os representantes eleitos pelo povo não tem somente função legislativa. Permanentemente constituinte, o Congresso Nacional é o órgão próprio para que a Nação decrete os estatutos que lhe ordenam a vida jurídica. E, sempre que necessário — como ago-

ra — ao mesmo Congresso incumbe baixar os atos constitucionais, que consubstanciam as reformas de que a sociedade brasileira precisa.

É por isso que durante a campanha tanto me empenhei no sentido de que o povo elegeisse maiorias arenistas para o Senado Federal e a Câmara dos Deputados. A resposta do povo correspondeu à minha expectativa.

Posso, assim, pensar em prosseguir as reformas políticas, em tão boa hora iniciadas pelo eminente Presidente Ernesto Geisel. E posso dar-lhes continuidade, nos campos social e econômico.

Tarefa naturalmente complexa, e que se refletirá em numerosos aspectos da vida nacional, dela pretendo acercar-me, depois de 15 de março, com atenção profunda, interesse e ponderação. Uma vez que a Constituição prevê iniciativa do Executivo em todas as matérias legislativas e constitucionais, o processo poderá ser conduzido em colaboração estreita e efetiva entre os Poderes da União.

Mas é sobretudo pelo voto que a Nação encontra os instrumentos reais de equilíbrio político. É no voto que se exerce efetivamente a igualdade de direitos entre os cidadãos.

Daí por que rejeito que se acentue ou diminua a representatividade dos mandatos, por circunstâncias de localização, de adiantamento ou atraso das comunidades, ou do número de pessoas que as compõem.

Pretender atribuir diferentes graus de legitimidade aos votos da zona rural e aos da cidade, aos da capital e aos do interior — é negar a democracia.

Pretender valorizar a representação dos Estados mais adiantados, e desvalorizar a dos mais pobres — é atentar contra a Federação.

Não são mais nem melhores cidadãos os que tiveram maiores oportunidades de acesso à educação, ou mais diretamente receberam os benefícios da riqueza nacional. Assim como não valem menos os votos dos que mourejam nas dificuldades e sofrem as injustiças que ainda não pudemos reparar.

Os que me ouviram, em praça pública e nas reuniões de trabalho, conhecem meus compromissos.

Quero reafirmá-los, aqui e agora.

Em primeiro lugar, e como condicionante geral da ação do governo, a fidelidade às inspirações que forjaram a aliança entre os civis e militares, nos dias inesquecíveis de março de 1964.

Conseqüentemente, convoco a todos para o serviço da Pátria. Sem distinções. Com a dedicação dos fortes. Com o respeito dos patriotas. Para estes, a eventual diferença de caminhos deve levar, necessariamente, aos mesmos fins.

Só com o esforço de todos, na harmonia da direção comum, na unidade de propósitos, poderemos fazer deste nosso País a democracia que todos sonhamos. Do somatório de forças que proponho ninguém deve omitir-se ou ausentar-se.

Dos que apoiaram o governo, especialmente nas decisões no âmbito parlamentar, espero o voto consciente e afirmativo.

Dos que preferirem o caminho da Oposição — espero que ela seja tão vigilante quanto leal. A divergência, a diferença de opiniões e enfoques é condição natural nos regimes de direito.

Há que distinguir, porém, entre as divergências que surgem no meio dos que colaboraram para a construção do Estado democrático, e as divergências que representam a rejeição ou o combate à forma de organização do Estado, adotada pela Nação. Essa distinção é indispensável para caracterizar a diferença entre a oposição constitucional e a oposição não-constitucional. Enquanto a primeira é legítima e desejável, a oposição não-constitucional é ilegítima, além de desagregadora.

Dentro desses pressupostos, mantenho minha mão estendida em conciliação. A ninguém peço que renuncie às convicções fundadas no bem da nossa Pátria.

A todos digo que aguardo com interesse a sua colaboração, traduzida em propostas, críticas e sugestões concretas.

Os objetivos de meu Governo são de todos. O Brasil não comporta mais as antíteses passado/futuro, ou imobilismo versus movimento. Nossa tarefa tem de ser concebida para diminuir, a curto prazo, como condição para futuramente eliminar, os velhos problemas que ainda nos afligem. Da inflação ao abastecimento. Da saúde pública à habitação. Do uso da terra à qualidade de vida nas cidades. Da educação à assistência social. Da segurança no emprego à remuneração justa dos fatores de produção.

De hoje até 15 de março, vou recolher-me ao estudo das grandes questões nacionais. Vou examinar a colaboração e as sugestões já entregues, e receber as novas, que desejem prestar-me os brasileiros interessados no progresso de nossa Pátria.

Espero, especialmente, aqui acolher a visita dos Srs. Ministros de Estado do Governo Geisel, no propósito de informar-me sobre o muito que já foi feito — e o que ainda precisaremos projetar para o futuro.

Meus senhores, minhas senhoras:

Da mesma forma que solicito a ajuda de todos os brasileiros, peço a Deus que abençoe este lugar de trabalho e reflexão, e inspire às pessoas que aqui vão viver dias produtivos e emocionantes.

Para que da harmonia das intenções, e da fortaleza das vontades mobilizadas, comece a nascer o quinto Governo Revolucionário. E para que ele seja, como o foram as administrações Castello Branco, Costa e Silva, Emílio Médici e Ernesto Geisel, agente da Providência para a promoção do bem comum dos brasileiros.

Muito obrigado.

BRASÍLIA — DF — 29-12-78

ESCRITÓRIO NO 19º ANDAR DO BANCO DO BRASIL
INDICAÇÃO DE LIDERANÇAS DO CONGRESSO NA-
CIONAL

Boa tarde.

Pedi aos Senhores que viessem aqui para uma importante comunicação que desejo fazer ao público.

A continuação do aperfeiçoamento das nossas instituições — iniciado pelo Presidente Ernesto Geisel — demandará intensa atividade legislativa. Toda uma série de leis existentes precisará ser revista, atualizada e consolidada. Leis novas devem ser feitas. Emendas constitucionais preparadas, apresentadas e votadas.

É sobretudo no processo de elaboração legislativa que se apresentam as melhores oportunidades de ação harmoniosa e de colaboração recíproca, entre o Executivo e o Legislativo. Nesse momento, a Nação melhor transmite suas aspirações, através de seus representantes.

Confio em que não me faltarão, no Governo, a participação ativa, a colaboração patriótica e inteligente; assim como a experiência dos Senhores parlamentares.

Pretendo, por isso mesmo, assegurar um clima de relacionamento estreito, contatos fáceis e freqüentes, informação ampla e rápida, de todos os escalões do Governo com o Congresso Nacional.

Solicitei, portanto, a dois ilustres companheiros de partido — o Sr. Senador Jarbas Passarinho e o Sr. Deputado Nelson Marchezan — que aceitassem a missão de atuar como líderes do governo, no Senado e na Câmara. Não preciso dizer muito sobre esses dois parlamentares, de tão longa experiência e tão destacada presença no plenário e nas Comissões. Pedi a ambos que se sacrificassem, em benefício do trabalho legislativo e do bom relacionamento entre os poderes. O fato de haverem aceito a incumbência, sem hesitação, fala bem de seu patriotismo.

O Executivo assegura o acesso direto e permanente dos líderes a todos os gabinetes, órgãos e entidades. E mais ainda, a colaboração

constante, em sua missão de esclarecer e informar os Senhores Senadores e Deputados, em todos os assuntos em que o interesse nacional o exija.

No nosso sistema bipartidário, é natural que as lideranças do Governo e da maioria se exerçam cumulativamente. Assim, no momento oportuno, serão submetidos às bancadas da ARENA os nomes dos nossos dois companheiros. Se o partido homologar a designação ora feita, teremos dado um passo a mais, no sentido de cooperação.

Para terminar, quero, de público, agradecer ao Senador Jarbas Passarinho e ao Deputado Nelson Marchezan a sua disposição de continuar a trabalhar — agora com novas e maiores responsabilidades — pelo bem do Brasil.

BRASÍLIA — DF — 15-1-79

ESCRITÓRIO NO 19º ANDAR DO BANCO DO BRASIL
TRANSCURSO DE SEU NATALÍCIO

Festejar 61 anos eu pensei que fosse um pouco mais pesado do que festejar os 60. Ainda hoje pela manhã, o Presidente Geisel, ao me cumprimentar pelo telefone, teve a oportunidade de me dizer que eu devia estar percebendo que os meus 61 anos não estavam me causando tanta perda quanto a minha entrada na era sexagenária, e eu concordei com ele, dizendo que o impacto da entrada na era sexagenária era um impacto muito forte, mas que depois a gente se acostumava com a idéia e via que não era tanto.

Talvez até aos 55 eu não estivesse com tanto ânimo como estava quando ingressei nos 60; mas o que eu tenho reparado nestes aniversários de sexagenários, como é o meu caso, é que os mais moços, como são todos vocês, ficam satisfeitos em comemorar a velhice dos outros. Mas a minha vingança é que vocês todos vão chegar lá, e eu espero que vocês ultrapassem a minha idade com a mesma saúde e com a mesma vontade de viver com que eu estou enfrentando os 61 anos.

Fico agradecido pela lembrança desta reunião, pela lembrança deste quadro, que eu vou roubar de minha mulher. Ela vai querer pendurá-lo no quarto, e eu vou querer no meu escritório. Vai ser um dos outros motivos de desavenças nos nossos 37 anos de casados, que festejamos hoje, além dos cavalos, que são o primeiro motivo de desavença.

Eu dizia que fico muito agradecido pela lembrança e pela gentileza que vocês tiveram de me oferecer esse quadro, não apenas pelo seu valor, mas também porque, sabidamente, eu gosto de dizer: "Sou um crente e acredito na minha religião". Não sou um praticante ostensivo, mas talvez seja o maior praticante escondido da minha religião. E se há coisa que nunca deixei de fazer todos os dias, mentalmente, na hora de levantar e de deitar, é rezar um pouco, pedindo, às vezes, a Deus que me dê um dia seguinte tão bom quanto este que terminou, e, às vezes, pedindo a Ele que não

me faça tão exigente como eu fui naquele dia. Outras vezes eu peço a Ele que não me faça, no dia seguinte, tão frouxo e condescendente como eu fui. Em suma, cada dia eu peço uma coisa ao meu Deus e aos meus santos. Tenho sido muitas vezes atendido; outras vezes eu tenho sido castigado, talvez por alguma falta que tenha cometido no dia anterior, e não consigo obter as graças.

Mas, de qualquer maneira, a mensagem que os meus amigos conseguiram transmitir é uma mensagem muito grata a mim, porque coincide com a minha maneira de ser. Agradeço também a presença dos meus amigos de São Paulo que vieram trazer, junto a esta lembrança santa que os senhores me deram, a lembrança do meu Corinthians, porque este é um bolo corinthiano — tem o branco, tem o preto, e tem o marron das amarguras dos vinte e tantos anos que ele passou sem ser campeão.

Todos nós vamos comer este bolo, e ele só não vai fazer bem ao nosso colesterol, que vai aumentar um pouquinho. Agradeço muito a gentileza de todos e espero completar os meus 65 anos na companhia de todos vocês, com esta mesma disposição; não tão brabo como estive ontem, nem tão mole como vou estar amanhã, mas, pelo menos, igual a hoje.

BRASÍLIA — DF — 18-1-79

ESCRITÓRIO NO 19º ANDAR DO BANCO DO BRASIL
INDICAÇÃO DO SENADOR JOSÉ SARNEY PARA PRESIDENTE DA ARENA

Agradeço a presença dos senhores aqui, nesta oportunidade, para me fazerem esta comunicação, em especial a do Deputado Francelino Pereira, nosso Presidente. E aproveito a oportunidade para solicitar a este último que leve aos membros da direção do nosso Partido o nome do Senador José Sarney, nome em que me fixei como Presidente eleito, e para o qual espero contar com a aprovação dos nossos correligionários.

Muito obrigado.

BRASÍLIA — DF — 19-1-79

AUDITÓRIO NO 22º ANDAR DO BANCO DO BRASIL
INDICAÇÃO DE SEU MINISTÉRIO

Nesta primeira vez que nos reunimos todos, quero dizer-lhes o quanto me agrada tê-los comigo nesta nova jornada. Sei que pos-
suo uma equipe valorosa. Aqui encontro companheiros de toda a vi-
da, ao lado dos que conheci mais recentemente. De todos espero co-
laboração leal, recomendações fundadas no bem de nosso povo. E,
sobretudo, o sal de seu patriotismo, que tudo dignifica.

O mecanismo pesado do Governo Federal brasileiro só funcio-
nará corretamente se os seus integrantes se despojarem sinceramente
de todo sentimento personalista. Se quiserem somar.

O êxito do nosso governo dependerá de sua coesão interna, da
fidelidade de cada Ministro às diretrizes da Presidência e de que
estas sejam executadas fielmente, em todos os escalões.

No complexo mundo atual, um país com a extensão e a
população do Brasil só realizará suas aspirações através da unidade,
da conciliação, do trabalho em comum.

Em termos de progresso, cada etapa vencida gera a confiança
em superar também a seguinte, ainda que o esforço necessário seja
cada vez maior. Isso, os brasileiros o fazem com determinação e
espírito de decisão.

É verdade que desde o novo amanhecer da consciência nacio-
nal, em março de 1964, até hoje, o Brasil deu passos gigantescos.
Homens como Castello Branco, Costa e Silva, Emílio Médici e Er-
nesto Geisel deixaram-nos uma Nação certa de poder alcançar o
bem-estar de seu povo. Resolvida a não perder o rumo.

De cada um, guardo provas de firmeza nos momentos difíceis.
Testemunhos de grandeza e generosidade. Marcos de patriotismo e
dedicação integral.

A oportunidade de suceder ao nosso chefe e amigo, Presidente Ernesto Geisel, é particularmente grata a quem o serviu tão de perto. Nos quatro anos em que participei de sua administração, pude ver — todos os dias — o quanto o nosso Presidente deu de si. Quão inteiramente se entregou à sua missão de conduzir o Brasil pelos caminhos do progresso e do desenvolvimento.

Só peço a Deus que me inspire, para que eu não faça menos que ele. E que eu possa, daqui a seis anos, situar-me no conceito dos brasileiros na mesma altura em que o nome de Ernesto Geisel, que conheço tão bem, está no julgamento de todos nós.

Quero dizer portanto que, assegurada a continuidade da estratégia de governo, considero o Homem objeto do desenvolvimento. Não apenas em seu conforto e bens físicos. Mas em toda a sua inteireza: espiritual, moral, ética, social, cultural, política e material.

O desenvolvimento é meio para o Estado proporcionar aos cidadãos as condições que lhes permitam pelo trabalho e pelo esforço atingir uma vida digna e socialmente proveitosa, a saber:

que o progresso venha com liberdade;

a paz, com justiça;

a ordem, dentro da democracia;

a segurança dos indivíduos, ao lado da segurança do Estado e das instituições nacionais.

o desenvolvimento seja para todos. E o maior esforço se concentre nas regiões mais pobres.

Portanto, que prossigam as reformas políticas já iniciadas. Para que possamos institucionalizar, em termos duradouros, o Estado federativo, sob regime republicano e representativo, com o qual a Revolução está indissoluvelmente comprometida.

Com tal propósito, o governo estimulará, de um lado, a liberdade de iniciativa, para que possamos melhor e mais rapidamente alcançar os ideais sob os quais vivemos. De outro, reafirmo o propósito de tudo fazer para que os frutos do trabalho comum se distribuam mais justamente.

Da mesma forma, das diretrizes que serão entregues a Vossas Excelências constam as determinações para que a todos os brasileiros, sem discriminações ou preconceitos de qualquer espécie, seja assegurado o acesso aos benefícios sem os quais o progresso não terá sentido: a saúde, a educação, as oportunidades de trabalho, o repouso, a remuneração suficiente, e os serviços sociais de competência do Estado.

Desejo, também, que se dê seguimento à reforma do Judiciário, a fim de que todos possam socorrer-se da justiça. E que esta se faça de modo rápido e descomplicado.

No campo político, nosso governo haverá de manter e sustentar as franquias, garantias e liberdades cívicas inscritas na Constituição. Minha promessa, tantas vezes reiterada, de fazer deste País uma democracia, essa eu juro cumprir. Com a ajuda de Deus. Com a solidariedade indefectível de todos os meus Ministros. Com o apoio do povo brasileiro.

Por isso mesmo, espero a participação consciente do povo, que é essencial, inclusive nas decisões amargas, que terei de tomar. Tal é, por exemplo, o combate à inflação.

Com a crise do petróleo, os preços internos saltaram para o patamar de quarenta por cento ao ano, do qual teimosamente não baixam.

Entendo que eliminar a inflação, de chofre, causaria problemas pelo menos tão graves quanto ela própria. Mas o meu governo tomará todas as medidas para, pelo menos, fazer com que as taxas anuais retornem aos níveis do início desta década. Precisamos, para isso, de um esforço coletivo, concentrado nos primeiros anos do período governamental. E, também, do envolvimento de todos os brasileiros nesse objetivo, sem o que nada conseguiremos.

Para liderar o processo, faremos uma redução substancial nos gastos públicos. Todo o excesso de arrecadação e demais recursos não comprometidos deverão ser esterilizados. Esta foi uma decisão difícil. Mas tinha de ser a primeira.

Entendo, por outro lado, que a sustentação dos programas nacionais de desenvolvimento econômico e social exige que se equacionem os problemas do balanço de pagamentos e da dívida externa. Para isso, teremos de continuar estimulando os que produzem e vendem, para que registremos exportações crescentes de mercadorias e serviços. Precisamos acumular saldos em conta-corrente, para manter em proporções adequadas a dívida externa, as exportações, as reservas cambiais e o produto interno bruto.

Teremos de fazer, também, um esforço adicional, para aumentar a acumulação de poupança — tanto na esfera individual, como na das empresas e do setor público. Sem deixar de recorrer a capitais externos, penso que o desenvolvimento brasileiro haverá de ser financiado, principalmente, com recursos gerados aqui mesmo.

Nosso propósito é obtermos, em todo o período de 1979 a 1985, um expressivo aumento da renda real *per capita*. Nem o nosso desenvolvimento será justo se não conseguirmos sanar, ou pelo menos diminuir significativamente, as desigualdades existentes entre as regiões e entre as pessoas. Instrumentos fiscais e creditícios serão acionados para esse fim. Pensamos, especialmente, na progressiva tributação das rendas mais altas, das heranças e doações, dos ganhos de capital e dos lucros imobiliários.

Teremos de valorizar ainda mais a mão-de-obra, através da educação e do treinamento. Prosseguirão sem tréguas o combate às grandes endemias, o saneamento, os serviços de saúde pública e a programação de assistência social — que tanto progresso vêm registrando, apesar das dificuldades encontradas.

Tudo isso, porém, não implicará maior tutela do Estado sobre a sociedade. Ao contrário, a abertura política exige maior latitude de iniciativa, menor ingerência na economia, relações mais livres e igualitárias entre os Poderes da Nação e entre a União, seus Estados e Municípios.

Por isso mesmo, recomendo aos Senhores Ministros que proponham as medidas necessárias à privatização das empresas e serviços estatais não estritamente indispensáveis à correção de imperfeições do mercado, ou a atender às exigências da Segurança Nacional.

Quero reafirmar que considero a agropecuária o setor de nossa economia que responde melhor e mais rapidamente — e em volumes imediatamente apreciáveis — a estímulos e investimentos. Assim, além de prover alimentos mais baratos para a nossa gente, é capaz de produzir grandes excedentes para a exportação.

Recomendo, portanto, que às atividades rurais se destine parcela maior dos recursos disponíveis, em termos de crédito — especialmente para os médios e pequenos produtores; de um sistema de preços e garantias de compra do que for produzido; de política de transporte, armazenamento e formação de estoques reguladores; de pesquisa de solos, espécies e sementes; de tecnologia, para aumento da produtividade por homem e por unidade de área; de fomento ao uso de fertilizantes, defensivos e outros insumos modernos.

Vamos procurar resolver, também, as questões fundiárias que emperram a produção e desanimam o produtor em tantas regiões.

E convencer os empresários de que a agroindústria é uma solução viável e inteligente capaz de aliviar a pressão dos migrantes sobre a estrutura de serviços das cidades.

O trabalhador deverá receber remuneração compensadora de seus empregadores, independentemente de sua localização urbana ou rural.

Espero fazer isso, mantendo meu propósito de descentralizar a administração federal e assegurar aos Ministros o máximo de liberdade de ação, dentro das diretrizes e prioridades presidenciais.

Conseqüentemente, os órgãos da Presidência da República transferirão aos Ministérios setoriais as unidades executivas que possuírem, conservando apenas as necessárias ao assessoramento do Presidente e ao acompanhamento da execução dos programas aprovados.

O lançamento de qualquer programa novo deverá ser precedido de seu exame preliminar, quanto à prioridade, oportunidade, conveniência, disponibilidade de recursos e previsão de desembolsos. Não se iniciará a execução de qualquer programa ou projeto sem que os recursos necessários estejam clara e seguramente definidos. Isso pressupõe estimativas de custos realísticas e minuciosas. Esta será uma regra de valor absoluto e aplicação universal no meu Governo.

Tenho plena consciência de que a máquina do Estado precisará passar por um processo de modernização e desburocratização. Sei que o serviço público tem problemas — alguns causados pelas relações de trabalho insatisfatórias que prevalecem na função pública. Em particular, a remuneração dos servidores — civis e militares — está freqüentemente abaixo das responsabilidades correspondentes. Vamos enfrentar esses problemas. Ainda que sejam necessários vários anos para chegarmos à solução, temos de começar já, para que não nos atrasemos ainda mais.

Por fim, quero lembrar que o Brasil sempre foi e continuará a ser uma Nação pacífica. Nossas relações externas sempre estiveram sob o princípio do respeito recíproco e da não intervenção. Esse, o relacionamento que devemos manter com as nações amigas. Com larga visão, própria dos horizontes amplos da nossa grande terra, nós brasileiros haveremos de ser, neste mundo de elevado potencial de conturbação, uma esperança de paz, de vida fraterna. Estaremos sempre abertos à cooperação, em termos como os que serviram de base a Itaipu — exemplo de colaboração raramente visto nas relações entre nações soberanas.

Por isso mesmo, o Brasil nunca precisou manter uma organização militar acima de nossas necessidades — ou, como ocorre tão freqüentemente no mundo, acima de nossas posses. As Forças Armadas estão conscientes de sua missão constitucional e só a ela se dedicam. E o fazem com o amor característico da carreira que seus integrantes abraçaram e na qual vivi, com afeto e inextinguível satisfação íntima, por mais de 40 anos.

No plano interno, a perfeita articulação entre os Ministérios da área social e os da área econômica haverá de continuar a assegurar o desenvolvimento político e a paz da família brasileira — início e fim de todo o nosso trabalho.

Muito obrigado.

BRASÍLIA — DF — 9-3-79

DISCURSO DO PRESIDENTE-ELEITO DA REPÚBLICA
FEDERATIVA DO BRASIL. JOÃO BAPTISTA DE FI-
GUEIREDO, AOS GOVERNADORES-ELEITOS

Cada vez que me detenho a olhar a nossa Pátria, vem-me a certeza de que à sua extensão territorial, à multiplicidade de seus recursos naturais, à variedade de sua paisagem humana, corresponde a dimensão dos problemas que nos compete equacionar e resolver.

Poucas vezes, como agora, a história permitiu-nos a expectativa realística de que o processo brasileiro de desenvolvimento possa dar um salto qualitativo. Manda o mesmo realismo, porém, que reconheçamos os muitos obstáculos que temos à nossa frente.

O desafio começa no fato de estarmos em plena primavera de reencontro com as franquias democráticas.

É bem possível que Vossas Excelências sejam testados, em primeiro lugar, em sua qualidade de guardiães da ordem pública. Nos dias e meses que se aproximam, conviverão lado a lado a exaltação sincera e a provocação fria e calculada; a fala sôfrega, exaltada — mas bem intencionada — e a agitação premeditada.

Usaremos, nesses casos, de toda a compreensão, para tratar com generosidade os arroubos dos que propugnam as aspirações legítimas da maioria da sociedade. Mas não os confundiremos com as litanias das minorias ativistas e ruidosas.

A prudência tem de ser irmã da firmeza. Pois — como está à vista, em tantas terras — só dentro da ordem legítima podem os povos alcançar a verdadeira liberdade. Por definição, a democracia repele a baderna. Nem se afirma o direito na desordem.

O progresso a que aspira o povo brasileiro funda-se na paz social. Só nesse clima se asseguram as garantias fundamentais do cidadão. O direito de ir e vir; a liberdade de pensar e de manifestar suas convicções sem medo ou constrangimento; a de professar a religião de sua escolha; ou de associar-me para a promoção de interesses subjetivos.

Na verdade, o somatório de todos os direitos é o de que ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei votada livremente pelos representantes do povo. Esse é o sentido do Estado em que vivemos, desde o primeiro dia deste ano. O princípio do Estado democrático e de direito, que nos deixa o Presidente Ernesto Geisel.

O múnus de que nos vamos investir é, em primeiro lugar, um mandato de sacrifício. Vossas Excelências a eles chegam, muito justamente, com planos ambiciosos, em bem de sua terra e de sua gente.

Quero que saibam que tudo farei para apoiar os projetos exequíveis, e ajudar a transformar em realidade aqueles que mais de perto beneficiarem os mais carentes. Entretanto, peço que tenham em conta que o Brasil vai passar por uma fase difícil.

Nos últimos seis anos, fatores econômicos de todos conhecidos vêm exercendo pressões sobre o comportamento dos preços internos e o próprio ritmo de progresso dos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. Muitos desses fatores — como os decorrentes de fenômenos climáticos, ou os de origem externa — estão fora de nosso controle. Outros, porém, como a inflação, podem e devem ser resolvidos ou eliminados por nós. E o serão, na medida em que soubermos querer e quisermos fazer o que for necessário.

Uma medida duplamente eficaz — pelo exemplo e pelos seus efeitos concretos — é a contenção dos gastos públicos. Sem entrar na discussão de ser ou não o governo uma fonte autônoma de inflação, impõe-se reduzir a pressão dos dispêndios estatais sobre a economia como um todo.

A redução dos investimentos governamentais não é apenas um gesto. É condição inadiável para desaquecer a economia. Como tal, a redução de gastos haverá de fazer-se em quantias compatíveis com a prioridade que meu governo dará ao combate à inflação e aos malefícios por ela causados.

De outro lado, diminuindo-se ou adiando-se certas despesas públicas, será possível criar substanciais excedentes de receita. Com eles poderá o governo promover a redução, em termos reais, da dívida pública interna, usando para isso recursos não-inflacionários.

Determinei, portanto, aos meus Ministros, que adotassem na gestão financeira da União os princípios da eficiência da arrecadação e do realismo orçamentário. Todos os programas federais serão dimensionados de acordo com os recursos disponíveis. Nada de novo será iniciado, se para tanto for necessário recorrer a meios que inflacionem.

Pelas mesmas razões, sugiro que Vossas Excelências, nos Estados, no Distrito Federal e nos Territórios, adotem medidas semelhantes.

Reconheço que, ao longo dos anos, se deteriorou a Federação e a autonomia local. Desfalcados de quadros, pobres de recursos, limitados em suas aspirações, diminuídos em sua representação política, reduzidos a quase caudatários do governo federal, os Estados são hoje uma pálida sombra daquelas grandes e fortes unidades com que sonharam os fundadores da República.

Ora, a Federação é o símbolo que consubstancia a própria República. O Estado-membro é, para cada um de nós, o primeiro sinal da Pátria. Quem de nós não se engrandece na operosidade dos paulistas; no linguajar característico dos sulistas, nos modos de ser do nordestino e do nortista? Quem não se orgulha dos que empurraram as fronteiras do Brasil, desbravando o grande sertão do Oeste?

Tenho por bem recomendado aos meus Ministros que tudo procurem fazer para que a identidade regional não se perca ou confunda, na uniformidade estéril e despersonalizante. Uma vez que a grande unidade cultural dos brasileiros é o penhor de sua grande unidade nacional, são justamente as nossas muitas diversidades que nos identificam como povo, e permitem que conservemos nossa individualidade como pessoas.

Pois bem. Considero meu dever indeclinável promover uma nova Federação brasileira. Forte. Unida nas laços indissolúveis da grande Pátria que herdamos, e que teremos de entregar ainda mais engrandecida.

Queremos, porém, uma Federação moderna. Que disponha de instrumentos ágeis de articulação e equilíbrio. Baseada na redistribuição harmoniosa de responsabilidades e de meios para a elas corresponder.

Tudo isso pressupõe, no plano mais amplo, uma reforma tributária, capaz de diminuir as desigualdades entre as pessoas e as regiões. Mas pressupõe, também, no plano operacional, a coordenação entre a ação federal e a estadual — em todos os programas de interesse comum.

Peço, portanto, a Vossas Excelências que, sem abdicação da autonomia que lhes cumpre preservar, procurem articular a ação estadual com a federal. Na medida em que conseguirmos evitar duplicações, estaremos abreviando o período de dificuldades que vamos viver.

Meus Ministros estarão sempre prontos a reunir-se com os Secretários de Estado, para conciliar projetos, somar talentos e harmonizar interesses.

Entendo, nesse sentido, que a função do planejamento, nos regimes democráticos, e nos países em desenvolvimento, é assegurar o bom emprego de recursos escassos. Por assim entender, a alocação de recursos, no plano federal, estará diretamente vinculada à prioridade — sobretudo em termos de benefícios sociais — de cada um dos muitos projetos que diariamente se produzem no seio do governo.

Dentre eles, ocuparão lugar preeminente nas prioridades federais os destinados a incrementar a produção de alimentos para o povo; a estender e melhorar as prestações da previdência e da assistência social; os programas de saúde pública; as medidas de proteção ao trabalhador e as que dizem respeito à descompressão da vida nas cidades, como sejam a habitação limpa e digna, os transportes urbanos e o lazer dos que trabalham.

São esses mesmos, Senhores Governadores, alguns dos setores em que mais se faz necessária, como condição para que se evitem desperdícios inúteis e superposição contraproducentes, a boa e íntima cooperação entre os diversos níveis de governo.

A colaboração União-Estado-Município estará baseada, de um lado, na disponibilidade de recursos. Mas, de outro, também, na vocação natural de cada esfera do poder público, para certos tipos de ação, dentro de um planejamento harmonioso, voltado para a eficiência dos trabalhos e não para a suntuosidade das realizações.

Teremos, talvez, menos obras novas. Mas estaremos investindo no Homem — que é o objeto final do desenvolvimento. Não apenas como expressão de longo prazo, mas como preocupação quotidiana.

Porque devo falar a Vossas Excelências com franqueza e lealdade, preciso dizer-lhes que a austeridade fiscal e orçamentária será requisito para a assistência financeira da União aos Estados e Municípios. Mesmo porque, se a ação federal não for seguida nas várias unidades federadas, muito mais doloroso será o processo de reajustamento da economia. Muito mais retardada será a volta a taxas mais altas de crescimento.

Senhores Governadores:

Não quero que saiam daqui sob a impressão de que prevejo crise iminente.

Não haverá recessão no Brasil.

Muito especialmente, se soubermos prever, compreender e preparar-nos para a conjuntura em que vamos entrar.

Dificuldades viriam, na certa, e graves, se pretendêssemos ignorá-las. Tenho certeza, porém, de que as que virão serão transitórias. Como disse, nosso preparo para atravessá-las diminuirá o tempo da travessia e mitigará os efeitos adversos da quebra de safras e dos preços altos de nossas importações.

No plano interno, assegurada a manutenção do poder de compra dos assalariados, o mercado de produtos agropecuários e industriais deverá conservar-se ativo e competitivo. No plano externo, nossos empresários continuam na procura agressiva e salutar de novas oportunidades de exportar as mercadorias e os serviços de que nos vamos tornando fornecedores internacionais.

Tudo parece reunir-se para que — usando agora de toda a nossa prudência — possamos sair dos próximos meses mais unidos como povo, e mais fortes como Nação.

Essa é, Senhores Governadores, a missão para a qual convoco a sua clarividência e o seu patriotismo, no setor administrativo e econômico.

Quanto ao político, a visita que ora me fazem, por convocação do presidente de nosso partido, senador José Sarney, demonstra a razão da minha esperança no fortalecimento da legenda arenista.

Considero a política a ciência do bem comum e a administração seu instrumento. Como políticos, Vossas Excelências sabem que uma não vive sem a outra.

Por isso, recomendo muito especialmente a Vossas Excelências que, de sua parte, se articulem com as bancadas federais da ARENA. Inclusive, como meio de melhor e mais facilmente promoverem os interesses legítimos de seus Estados e Territórios. É certo que os Deputados Federais e os Senadores da República poderão colaborar decisivamente com Vossas Excelências, para esclarecer, informar, enfim, ajudar a acelerar o estudo e a decisão dos pleitos regionais e locais.

Esta é uma recomendação que lhes faço no interesse da eficiência do meu governo e dos de Vossas Excelências. E, também, no propósito de manter a unidade partidária, de que tanto precisaremos nos anos próximos.

Como mandatários, para dar ao povo aquilo que espera de nós.

Como indivíduos, como penhor de realização política e compensação dos sacrifícios que teremos de impor a nós próprios.

Muito obrigado.

BRASÍLIA — DF — 15-3-79

DISCURSO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, JOÃO BAPTISTA DE FIGUEIREDO, AO RECEBER A FAIXA PRESIDENCIAL DAS MÃOS DO PRESIDENTE ERNESTO GEISEL

Os passos de Vossa Excelência, eu os acompanhei em toda a minha vida. Para mim, Ernesto Geisel foi exemplo de virtudes militares e cívicas a seguir e emular.

Deus me premiou ao fazer-me receber esta faixa, insígnia da mais alta magistratura de nossa Pátria, das mãos honradas de Vossa Excelência.

O elogio de seu governo, melhor do que eu, toda a Nação o faz. Toda a Nação aí está para dar testemunho da história real dos cinco anos que hoje se encerram. Como seu antigo ministro, tudo o que diga será pouco.

Vi Vossa Excelência sofrer com os que sofrem. Jamais tomar para si os momentos de alegria e de realização. Examinar as questões e decidir, no interesse exclusivo do bem da Nação e do Povo.

Vi quando mudou convicções amadurecidas, diante de soluções mais adequadas.

Vi quando — entre tantas propostas conflitantes — ousou escolher a melhor, ainda que a menos popular.

Vi a serena e patriótica lucidez de Vossa Excelência quando — a despeito de duras crises, no âmbito nacional e internacional — soube conduzir o País a um real progresso social e político.

E peço a Deus que, ao sair deste Palácio, daqui a seis anos, tenha eu percorrido o caminho exemplar de Vossa Excelência: caminho que é a própria História da nossa Pátria.

Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente Adalberto Pereira dos Santos:

Dos cargos e funções públicas, poucos serão tão nobilitantes quanto aquele que é o próprio símbolo da continuidade constitucional.

Ser Vice-Presidente da República — como tão bem demonstrou Vossa Excelência — é um constante exercício de humildade, modéstia e confiabilidade. A um passo do poder, cabe-lhe, sobretudo, estar pronto a servir.

Ao deixar a Vice-Presidência, sai Vossa Excelência cercado do respeito dos brasileiros e agasalhado na estima de todos, que tanto o apreciamos.

Excelentíssimo Senhor
General-de-Exército Alfredo Stroessner,
Presidente da República do Paraguai,

Excelentíssimo Senhor
General-de-Divisão David Padilla Arancibia,
Presidente da República da Bolívia,

Excelentíssimo Senhor
Doutor Carlos Alberto da Mota Pinho,
Primeiro-Ministro da República Portuguesa,

Excelentíssimo Senhor
Doutor Henck Alphonsus Arron,
Ministro-Presidente e Ministro para Assuntos Gerais e Estrangeiros
da República do Suriname,

Excelentíssimos Senhores e Senhoras,
Chefes e membros da Missões Especiais que aqui vieram para assistir
à minha posse:

Honra-me especialmente a presença, nesta cerimônia, dos altos Representantes de um número tão expressivo de nações, com as quais mantém o Brasil as melhores relações de amizade e de cooperação.

A inalterável tradição de convivência harmoniosa, que caracteriza a diplomacia brasileira, inspira-me a reafirmar, neste momento, o roteiro proposto pelo Barão do Rio Branco, no começo do século, para a política externa brasileira. «O Brasil do futuro», disse ele, «há de continuar invariavelmente a confiar, acima de tudo, na força do Direito e no bom senso e, como hoje, pela sua cordura, desinteresse e amor da justiça, procurar merecer a consideração e o afeto de todos os povos».

Saúdo, com fraterno sentimento, os representantes das Nações de nossa comunidade latino-americana. Ao expressar o apreço pela presença de Vossas Excelências, ressalto a convicção de que os laços que nos unem serão ainda mais reforçados e enriquecidos.

Vejo com satisfação a presença dos representantes de nações que, como o Brasil, se empenham na luta pela superação do subdesenvolvimento e pela construção de uma sociedade mais justa, nos planos nacional e internacional. Rogo que levem de volta a seus povos, na América Latina, África e Ásia, a expressão da solidariedade, em tão nobre causa, do Governo e do povo brasileiros.

Recebo com especial contentamento a presença de representantes de nações africanas de recente independência. Toca-me profundamente o significado histórico de tal fato. Considero-o marco importante de um relacionamento, cujas perspectivas são tão amplas quanto entrelaçadas nossas raízes étnicas, lingüísticas e culturais.

Aos Senhores representantes de todas as nações irmãs da África, transmito a certeza do continuado apoio do Brasil às aspirações do povo daquele Continente.

Aos países desenvolvidos, da Europa Ocidental, das Américas e do Pacífico, aos quais nos ligam um precioso acervo de laços históricos e tantas identidades culturais, desejo expressar o constante empenho do Brasil numa aproximação crescente, para ainda maior benefício de nossos povos, e engrandecimento dos valores comuns.

Às Nações com sistemas diferentes do nosso, reitero a disposição de manter um relacionamento profícuo e dinâmico. Desejamos aproveitar construtivamente todas as oportunidades de cooperação, com resguardo das singularidades sociais e políticas, na esperança de um caminho de paz.

Senhores e Senhoras: de regresso a seus países, a todos peço transmitir a seus governos a afirmação de que o Brasil será sempre um interlocutor amistoso, um parceiro leal.

A mensagem deste Brasil generoso e hospitaleiro — que peço levar de volta a seus povos — é de otimismo e confiança em nosso futuro comum.

Os meus votos pessoais são de prosperidade e de paz.

Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente Antônio Aureliano Chaves de Mendonça,

Excelentíssimo Senhor Senador Luiz Vianna Filho, Presidente do Senado Federal,

Excelentíssimo Senhor Deputado Homero Santos, Presidente em Exercício da Câmara dos Deputados,

Excelentíssimo Senhor Ministro Antônio Neder, Presidente do Supremo Tribunal Federal,

Excelentíssimos Senhores Ministros de Estado do governo Geisel,

Meus Ministros de Estado,

Meus Senhores, minhas Senhoras:

Para o Vice-Presidente Aureliano Chaves e para mim, as palavras do nosso juramento, perante o Congresso Nacional, não são expressões rituais ou protocolares. São o penhor de dedicarmos ao bem do povo brasileiro todas as nossas forças, todo o nosso caráter. Nele empenhamos honra e vida.

Reafirmo, portanto, os compromissos da Revolução de 1964, de assegurar uma sociedade livre e democrática. Por todas as formas a seu alcance, assim fizeram, nas circunstâncias de seu tempo, os presidentes Castello Branco, Costa e Silva, Emílio Medici e Ernesto Geisel.

Reafirmo: é meu propósito inabalável — dentro daqueles princípios — fazer deste País uma democracia. As reformas do eminente presidente Ernesto Geisel prosseguirão até que possam expressar-se as muitas facetas da opinião pública brasileira, purificado o processo das influências desfigurantes e comprometedoras de sua representatividade.

Reafirmo: sustentarei a independência dos poderes do Estado e sua harmonia, fortalecendo, para que atinja sua plenitude, a Federação sonhada pelos fundadores desta Pátria.

Reafirmo: não descansarei até estar plenamente assegurado — sem sobressaltos — o gozo de todos os direitos do homem e do cidadão, inscritos na Constituição.

Reafirmo o meu gesto: a mão estendida em conciliação. Para que os brasileiros convivam pacificamente. Para que as divergências se discutam e resolvam na harmonia e na boa vontade, tão da índole de nossa gente.

Reafirmo a dedicação total, minha e de meu governo, ao ideal — plenamente atingível em nossos dias — de propiciar condições dignas de vida a cada cidadão.

Para que melhor se distribuam, entre todos, os frutos do trabalho de todos.

Para que a riqueza nacional não seja meio de ostentação de uns e de opróbrio de outros.

Para que não sobre a uns poucos o que a muitos falta.

Para que as regiões e os Estados se diferenciem uns dos outros pela personalidade e pela tradição cultural. Não pelo contraste entre a opulência e a privação injusta e inumana.

Reafirmo a prioridade ao desenvolvimento agropecuário. Como meio de prover rapidamente à elevação dos padrões alimentares do povo. Como forma de melhorar substancialmente a qualidade de vida nos campos.

Reafirmo: o combate à inflação é condição preliminar do desenvolvimento. E será mantido com intensidade proporcional aos malefícios da elevação contínua dos preços.

Reafirmo a decisão de promover o equilíbrio de nossas contas internacionais. Muito do progresso até hoje alcançado só foi possível pelo aporte de recursos de poupança externa. Penso, porém, dada a dimensão da economia brasileira, que devemos financiar, nós mesmos, os custos do nosso desenvolvimento.

Reafirmo o propósito de fazer da cidade um chão e teto habitáveis. Não a troca da miséria pela promiscuidade. Não o câmbio de uma forma de pobreza por outra — tão mais cruel, porque mais próximos os bens da civilização.

Reafirmo a minha determinação de garantir a cada trabalhador a remuneração justa em relação ao trabalho produzido, às suas necessidades como chefe de família e à harmonia entre os vários segmentos da sociedade. Recordando as imortais palavras do Santo Padre Leão XIII: «Do trabalho do operário nasce a grandeza das Nações».

Reafirmo cada brasileiro tem direito de receber do Estado os cuidados básicos com sua saúde, com a própria educação e a dos filhos; assistência médico-social na enfermidade, no desemprego e na velhice; habitabilidade nas casas; meios de transporte que não sacrifiquem, nas filas e nas conduções, o tempo destinado ao lazer e ao convívio.

Brasileiros e Brasileiras:

Vou entregar-me de corpo e alma às tarefas do governo, para assegurar uma administração eficiente e proba.

Rápida nas decisões.

Simples nas relações com as pessoas e as entidades.

Preocupada com o bem comum.

Vigilante na preservação da ordem pública e dos direitos das pessoas e da sociedade.

Firme na segurança das instituições. Prudente e serena na utilização dos instrumentos legais existentes para esse fim.

Numa nação jovem, como a nossa, é natural uma certa dose de impaciência na promoção dos anseios populares. Ai de nós se nos faltasse o entusiasmo da juventude! Reafirmo meu desejo de encontrar os jovens; com eles confraternizar; e com eles avançar democraticamente na construção da Pátria de nossos filhos e netos.

É o que espero fazer, com a ajuda de Deus e dos brasileiros.

Muito obrigado.

DISCURSOS PREPARADOS MAS NÃO PROFERIDOS

PELOTAS - RS 03-11-78

GINÁSIO DE ESPORTE PAULISTA FUTEBOL CLUBE
CONCENTRAÇÃO POPULAR

Aqui estou, na condição de Presidente-eleito, para prestar minha homenagem ao laborioso povo de Pelotas — centro cultural e econômico de uma das mais prósperas regiões do Estado.

Vim, para sentir de perto as dificuldades que enfrenta o seu povo; saber a que aspira; ouvir suas reivindicações. E registrar a confiança que tenho no bom julgamento que o povo haverá de fazer do governo, através do voto.

Neste Estado, as disputas políticas sempre foram renhidas. Mas, por tradição, os gaúchos honram o trabalho e reconhecem o esforço honesto. Sei, por isso, que honrarão e reconhecerão a dedicação inextinguível, a retidão e a perseverança dos governos revolucionários, na luta para resolver os graves problemas que o Brasil enfrenta, muitos deles há décadas e até há séculos.

Somente olhos apaixonados, contestadores, teimam em não enxergar a ação das autoridades, no seu desejo de alterar em profundidade o quadro da realidade nacional.

Mas dos bons, dos que não estão cegos pela paixão, espero nas urnas de novembro a resposta aos céticos, aos descrentes, aos pregadores do negativismo. Vamos silenciar, com votos, os que, sem teses válidas para defender, não vão além da crítica leviana, irresponsável e; quantas vezes, injuriosa.

Integrado à campanha do meu Partido, vim juntar-me à ARENA do Rio Grande do Sul para ajudar a levá-la à vitória de 15 de novembro. Falo em vitória porque os gaúchos sabem que o Partido da Revolução tem mais mensagens a oferecer ao eleitorado. Mensagens de otimismo.

Tem melhores homens para disputar o voto. Homens provados e capazes.

Sobretudo, tem propósitos definidos, que servem de guia à vossa escolha. Propósitos altaneiros, firmes e patrióticos.

Por conhecer a força inquebrantável do povo deste Estado, confiar em sua vocação democrática e crer no seu patriotismo, posso antever que, de hoje a 12 dias, os gaúchos escolherão seu Senador entre os nomes dos candidatos da ARENA ao Senado Federal: Mário Ramos, José Mariano da Rocha e Fernando Gay. Sei mais. Sei que consagrarão como Deputados Federais e Estaduais os valorosos companheiros que compõem as chapas da ARENA.

O Brasil espera dos gaúchos que assegurem ao quinto Presidente Revolucionário, assim como ao vosso Governador eleito Amaral de Souza, o apoio de que precisamos. O Brasil e o Rio Grande do Sul esperam de nós que possamos operar as transformações políticas e sociais indispensáveis à estruturação correta do Estado constitucional e democrático.

Os gaúchos mostrarão aos opositores do regime a importância de votar. E o valor ainda maior de saber em quem votar; por que votar; e para que fim votar.

E eu digo: votar nos candidatos da ARENA.

Porque só pelo voto poderemos completar a revolução renovadora que tanto bem fez ao Brasil.

E consagrar a aliança dos políticos que buscam o desenvolvimento o bem-estar do povo e a justiça social, a renovação dos costumes políticos, a união do povo com o seu governo, a continuidade do aperfeiçoamento das instituições democráticas, iniciado pelo eminente Presidente Ernesto Geisel.

Dito isto, quero lembrar ao grande, ao bom, ao forte, ao sincero, ao franco, ao leal e corajoso povo gaúcho — com o qual tão bem me identifico — que cada voto dado à ARENA é um voto pela liberdade com responsabilidade.

Votar na ARENA é votar no futuro, é dizer um não à estagnação.

É, portanto, garantir um emprego para cada trabalhador.

Uma casa para cada família.

Uma mesa simples, mas sadia, em cada casa.

Escola para os filhos.

Votar na ARENA é garantir que a saúde pública continuará a receber, nos seis anos de meu mandato, o mesmo carinho e a mesma atenção que lhe dá o eminente gaúcho, o grande chefe, o nobre Presidente Ernesto Geisel.

O sucesso alcançado por este encontro povo-partido é uma demonstração clara do quanto pode a ARENA unida.

Vejo aqui representadas as classes produtoras e empresariais, às quais crédito o notável desenvolvimento da região, e, conseqüentemente, da própria economia nacional. O governo está atento às suas dificuldades, esforça-se para achar as melhores soluções, tem consciência de que há distorções a corrigir.

Vejo, com a emoção que sempre sinto diante da presença da juventude, sua expressiva participação nesta concentração. Entendo que o jovem não se conforma com a espera, se a esperança não estiver ao seu lado. A juventude deseja participar, desde já, do processo político nacional, como condição mesma para assumir amanhã os destinos do País.

Tenho dito de mim que, nem por haver feito 60 anos, deixei envelhecer a mente. Em espírito, sinto-me ainda um jovem cadete. Por isso, porque o tenho em mim, acredito no potencial da mocidade, e pretendo utilizar e canalizar o idealismo próprio dos jovens, para convocá-los a participar na construção do Brasil, com que todos sonhamos. Aos moços não basta herdar o mundo. Querem ajudar a fazê-lo.

Mas vejo aqui também representações dos trabalhadores do campo e da cidade. A eles preciso dizer que o Governo não os tem abandonado. Está empenhado, todo o tempo, em programas que visam a melhorar as suas condições de vida.

Como primeiro mandatário da Nação, mantereirei todos os benefícios sociais do governo. E procurarei ampliá-los. A luta é gigantesca, bem sei. Mas, o compromisso que assumo é de lutar. E vencer.

Quero dizer que os trabalhadores tenham garantia do tempo de serviço, mas sem perder um mínimo de segurança no emprego. Quero que a remuneração seja justa. Que tenham amparo na enfermidade e na velhice. Que a aposentadoria seja um prêmio, e não um castigo.

Quero que tenham escolas para educar os filhos. E um pouco de lazer para compensar as horas de trabalho.

No comparecimento espontâneo, aqui, das associações de bairros, descortino o desejo da comunidade de unir-se ao poder público, para equacionar seus problemas.

Sua presença leva-me a fazer algumas observações importantes para Pelotas. Por se constituir no centro cultural e econômico da região, o município merece a especial atenção das autoridades.

Sua base econômica, a agroindústria, terá de meu Governo o apoio devido, inclusive na implantação de um distrito próprio, sonho há muito acalentado. Mas a sazonalidade das safras perturba o regime de emprego, que se deseja pleno para a região. O trabalhador vive entre os altos e baixos da grande demanda de mão-de-obra, na época de colheita, e do esvaziamento que se verifica no período de entressafra. Daí nasce um sério problema social, do qual estou consciente, mais um desafio a enfrentar.

Temos de encontrar formas capazes de fazer com que a mão-de-obra se organize e oriente, diante dessa situação, criando-se ou-

tras fontes de ocupação, no período de entressafra. Afinal, o mínimo que um trabalhador apto e capaz pode esperar é que lhe dêem oportunidades de ganhar a vida o ano todo.

No campo da educação, pretendo intensificar o auxílio do governo federal ao aprimoramento do ensino e da pesquisa, nas duas modelares universidades pelotenses.

Voltarei meus olhos, ainda, para as grandes obras de infraestrutura de que necessitam a cidade, o município e a região, mormente as relacionadas com os problemas das cheias, que tantos prejuízos vêm causando.

Essas são algumas das idéias e compromissos da ARENA, aqui solenemente repetidos, perante os pelotenses, para que confiem na intenção e no esforço do seu Governo. Do meu Governo.

Peço que confiem, e alerto para que não sirvam de instrumento às vozes da discórdia. Dos que fingem defender o povo. Mas apenas como manobra eleitoral. Só enquanto passa a temporada do voto.

Tenho fé em que, sob o pálio protetor do Senhor de todas as coisas, eu e os parlamentares da ARENA poderemos ajudá-los a encontrar melhores dias.

Para finalizar, conclamo a todos para a grande caminhada do Brasil, que só será vitoriosa se dela todos participarem.

É a caminhada das urnas de 15 de novembro.

É a reafirmação da vontade popular.

É a chancela de sua identificação com a Revolução de 1964 e seus líderes de hoje.

Muito obrigado.

Venho encerrar a campanha da ARENA, que se estendeu por todo o território nacional, nesta velha província que é hoje o novo Estado do Rio de Janeiro. As razões são evidentes.

A cidade do Rio, por tanto tempo Capital do País, sintetiza a alma nacional. Por isso, continua o Rio e a sua área metropolitana a ser a terra de todos.

Brasileiros e estrangeiros, todos se sentem um pouco cidadãos da bela capital e, por extensão, do nosso Estado. Talvez em retribuição, o homem do Rio será, sempre, mais universal que local, mais federal que regional. Essa herança, ele a honra, transmite e expressa, em cada geração, pelo modo de ser local, plasmado na história e impregnado da vida cívica da Nação.

O espírito heróico e profundamente nacional do Rio de Janeiro — cidade e Estado — nasceu ao mesmo tempo que os centros originais de colonização. A incorporação de novas áreas e novos contingentes estendeu no espaço físico e humano as mesmas características que tornaram inevitável sua união cívica e político-administrativa.

Hoje, o Grande Rio sintetiza, conserva, representa e irradia o liberalismo e a força do pensamento político brasileiro. Vista isoladamente, Nova Iguaçu é uma das maiores cidades do País. Com sua população totalmente urbana, concentra mais de um milhão de habitantes, em menos de 800 quilômetros quadrados de área.

Quem mover os olhos, também, para Duque de Caxias, Nilópolis, São João do Meriti e as demais cidades da Baixada Fluminense verá, por estes lados, o surto da metropolização. Fenômeno que antecedeu à própria lei que instituiu as áreas metropolitanas.

Há muito, os serviços essenciais de transportes, assistência médico-social e educação, entre outros, ainda que de forma precária, já estavam integrados.

A criação formal da Região Metropolitana apenas consagrou o que os fluminenses e cariocas já haviam estabelecido.

A criação do novo Estado do Rio de Janeiro foi ato do maior alcance social e político. A fusão dos dois Estados é uma vitória da Revolução. A administração Faria Lima coube dar-lhe forma, executá-la com dinamismo.

Vimos, nos últimos quatro anos, mais do que a soma, a multiplicação dos recursos públicos. Vimos a ação do Estado aplicada em grandes números, beneficiando uma população que cada vez mais se expande e se torna exigente.

No meu Governo, incentivarei a continuidade administrativa, os projetos essenciais das duas comunidades que se integraram pela fusão. Dessa forma, o grande, o novo Estado do Rio de Janeiro tornar-se-á fator de equilíbrio no desenvolvimento nacional. Diminuindo as disparidades inter-regionais, que tanto prejudicam os brasileiros.

Aqui em Nova Iguaçu, em toda a Baixada Fluminense, apesar dos esforços do Governo, ainda observo graves problemas urbanos e sociais. Noto a pobreza de recursos, inerente à condição de cidade fornecedora de mão-de-obra. Garanto que não permitirei essa situação anômala.

Cada comunidade receberá no meu Governo sua justa parte dos tributos gerados pela atividade de seus trabalhadores. Para mim, é intolerável a esqualidez de tantos bairros, o favelamento, a falta de higiene, de conforto, e a falta de meios para o lazer da população.

A expressão «cidade-dormitório» não pode mais ter conotação pejorativa. Por todo o País, o mesmo tipo de problema é encontrado nas principais capitais, cujas cidades satélites sofrem mazelas idênticas.

Esse fenômeno evidencia a necessidade de se repensar o papel do município, no contexto político-administrativo nacional.

Reconheço que as autoridades locais — Prefeitos e Vereadores — por se encontrarem mais próximas do povo, podem melhor equacionar, se não resolver, problemas que dizem mais de perto com a qualidade da vida dos cidadãos.

Desse modo, questões como os melhoramentos urbanos, o zoneamento, a proteção ao meio ambiente, os transportes locais, a instrução de primeiro grau, e tantos outros serviços à população não podem prescindir da participação direta da administração municipal.

Isso pressupõe, naturalmente, um teor de autonomia do município — em especial na arrecadação e na aplicação de recursos — incompatível com a política tributária, como hoje se encontra. Com meios financeiros adequados, as autoridades locais poderão exercer novas responsabilidades e encargos.

Afirmo, porém, que muitos problemas urbanos, como o transporte de massas, as vias expressas, o saneamento básico, a recuperação de áreas importantes — como é o caso, aqui, da Baía da Guanabara — requerem recursos de engenharia e finanças de tal vulto que, naturalmente, transcendem a capacidade financeira e até gerencial das autoridades municipais.

É por isso que se justifica, em tais projetos, a iniciativa estadual e a participação federal.

Por tudo isso, o meu Governo concederá alta prioridade à reformulação da política urbana e à distribuição dos recursos públicos entre o Governo Federal e os Governos Estaduais e Municipais.

Será mais uma reforma, dentro do processo renovador que o Presidente Geisel legará ao País.

Nela, projetaremos a função da autoridade local, dando-lhe condições de satisfazer tudo aquilo que represente o interesse do povo.

Acredito que a nossa reforma será capaz de conter a migração dos melhores, estancando essa espécie de seleção de valores às avessas. Dará horizontes, perspectivas, para que os moços encontrem o futuro em sua própria terra natal.

Essa mesma razão me leva a promover o desenvolvimento da agropecuária e estimular os meios para industrializar os produtos da terra nos locais da produção.

Sei que é difícil reter o homem no campo. A urbanização é fenômeno inexorável. As cidades da Baixada Fluminense, Nova Iguaçu à frente, são exemplos eloqüentes.

Esta a razão pela qual o meu Governo se voltará, com atenção especial, para as grandes aglomerações urbanas, nas regiões metropolitanas brasileiras.

Ao Grande Rio, minha terra natal, tudo farei para trazer mais segurança, mais saneamento, mais educação, mais saúde, mais oportunidade de trabalho.

Mas, para ajudar o povo, preciso que todos participem.

Necessito da manifestação política dos brasileiros, dos fluminenses e dos cariocas, elegendo os candidatos da ARENA ao Senado, à Câmara Federal e à Assembléia Estadual.

Peço com a convicção de que na ARENA se encontram os candidatos à continuação da obra do aprimoramento democrático, do caminho pacífico, do direito ao pão, à palavra justa, ao respeito à pessoa, à vida, ao trabalho produtivo, ao lazer, à Pátria de todos.

Neste momento, manifesto a minha esperança e a firmeza da minha determinação, de dedicar o que de melhor tenho em mim para trazer aos brasileiros um futuro melhor, calcado no trabalho e na justiça social.

Povo do Estado do Rio de Janeiro: O voto que peço para os candidatos da ARENA é penhor da continuidade do esforço pelo aperfeiçoamento das instituições. O povo desta cidade, que derrotou os inimigos da democracia, não faltará ao Brasil nesta hora.

Portanto, nenhum lugar melhor que este para, no encerramento da minha campanha, falar ao Brasil, ao seu povo, que aprendeu a confiar em mim:

Prometo, pela minha honra, manter e sustentar a Constituição e as Leis; promover o bem-estar do povo e assegurar as melhores condições possíveis para que não lhe faltem trabalho, segurança, remuneração condigna, uma casa limpa, educação para os filhos, amparo na velhice e na doença.

Volto para casa tranqüilo, convicto de que o povo saberá compreender a minha mensagem e corresponder ao meu apelo.

Voltem vocês para casa, para a meditação destas horas sem propaganda eleitoral. Para refletir e decidir, pelo bem do Brasil.

Através do voto nos candidatos da ARENA.

Muito obrigado.

Agradeço sensibilizado a homenagem que o município de Duque de Caxias me presta. Vivo hoje um dia de dupla emoção. Primeiro por ter visto esta manhã brotar para o futuro crianças que estudam em uma Escola que traz o nome de Euclides de Figueiredo, meu pai.

E agora, em Duque de Caxias, diante de seu povo, pela homenagem que me presta.

Ao povo, venho sempre falando com franqueza e coragem sobre o que temos, o de que precisamos, e o que desejamos.

De mãos limpas, o digno e honrado Presidente Geisel veio à Baixada Fluminense e ao povo dizer que realizava a promoção social e econômica dos brasileiros. O povo de Caxias bem sabe o que o Governo realizou no setor de abastecimento d'água e de saneamento. São esforços marcantes.

Afirmo à comunidade de Duque de Caxias que esse trabalho continuará no meu Governo, em escala compatível com as necessidades da população. Será objeto da minha preocupação constante, para este município e para a região.

Sei dos problemas gerais que afligem o povo. Sei das aspirações da comunidade por melhores condições de saúde, de assistência à criança e ao menor, de nutrição e serviços médicos.

Sei da angústia de seus habitantes diante do índice de criminalidade que nos preocupa, mas isso não nos amedronta. Vamos combater sem medo e sem trégua essa chaga social.

Sei da carência de conservação das vias públicas.

Sei das dificuldades com que se promove o crescimento urbano, com a pulverização dos loteamentos e com uma ocupação irregular dos espaços destinados à construção, esmagando o verde, que é um direito do homem.

Sei de tudo isso, minha gente de Caxias. E me preocupo.

Por isso, estou aqui. Para que saibam, entendam a minha vontade inquebrantável de promover melhoria da qualidade de vida

para o meu povo, que almeja uma existência condigna, em cidades limpas, humanas, com empregos, saúde e escolas.

Ao cidadão, garantirei a sua integridade. Ele deseja e terá transportes acessíveis, para se deslocar ao trabalho, e lazer. Verá barateado o custo da sua alimentação, através de maior oferta de alimentos.

São essas as intenções de meu Governo. Intenções simples, porque sou povo. Portanto, sou simples.

Nós temos aspirações de progresso, de prosperidade com ordem.

Não endossaremos a cantiga traiçoeira dos que já serviram todos os senhores, sempre oportunistas, sempre carreiristas.

Trago a Duque de Caxias, como o fiz por todo o País, a garantia da esperança e da paz brasileira, que a maioria almeja.

Muito obrigado.

Daqui a poucas horas, na forma da Lei, termina o prazo para a propaganda política, com vistas às eleições de 15 de novembro.

A calma que se segue foi criada com o objetivo de dar ao povo uma oportunidade de ponderação e reflexão quanto aos partidos, às idéias que defendem, como aos candidatos que as expressam.

Neste momento, virtualmente encerro a campanha que, desde a convenção memorável de 8 de abril, empeendi pelo meu partido, a ARENA.

Nos sete meses decorridos, visitei todos os Estados do Brasil. Falei em mais de cem comícios, reuniões e concentrações. Escutei os pedidos, ouvi os anseios, cataloguei as aspirações de brasileiros de todas as camadas sociais. Da cidade e do campo. Jovens e velhos. Principalmente pobres e carentes.

Saio da campanha fortalecido na minha fé. Reconfortado pelo apoio que recebi. Mais consciente dos problemas, e mais determinado e firme no meu propósito de resolvê-los.

Quero solicitar, porém, um pouco do seu tempo e da sua complacência. Quero pedir, mais que seu apoio, sua participação. Nestas horas finais, precisamos de um último esforço, de pessoa a pessoa, na conquista de sufrágios para o Partido que, desde sua fundação, vem sendo o suporte político da Revolução.

Com a ARENA, foi possível caminhar ao longo da rota que leva à restauração da tradição constitucional brasileira. Com ela, o Presidente Ernesto Geisel restabeleceu o Estado democrático. Com maioria arenista, poderei consolidar e ampliar mais rapidamente as reformas políticas, estendendo-as, no meu período presidencial, aos campos social e econômico.

Ao pedir sua participação, e o esforço pessoal de todos, faço-o na convicção de estar pedindo só um ato de justiça.

A ARENA, Partido da Revolução, proporcionou-nos 14 anos de paz. Não creio, de boa-fé, que o partido adversário tenha inspirado, aplaudido, freqüentado ou asilado as guerrilhas que combate-

mos. Mas só o clima de ordem — fruto da fidelidade da ARENA — permitiu que o Brasil progredisse como nunca antes em sua História.

Não creio que o partido adversário se tenha associado às vozes que desejavam e ainda desejam ardentemente ver falir os empreendimentos estatais; derrubar as pontes que construímos; rebentar as barragens com que multiplicamos a energia elétrica do País e as riquezas do solo; explodir as centrais atômicas; fechar as fábricas; secar as águas e fazer chegarem as pragas, as geadas, os cataclismos, os percalços de nossa marcha para o progresso — vicissitudes sempre festejadas por oradores e panfletários.

Não creio que seja essa a plataforma do adversário. Mas temos de reconhecer que os quatro Presidentes Revolucionários encontraram na ARENA as condições para dar aos brasileiros 14 anos de administrações operosas. Só a continuidade seguida por todos os Presidentes eleitos pela ARENA assegurou a permanência dos objetivos e o prosseguimento dos programas e projetos.

Não creio que se deva atribuir ao partido adversário a impaciência, a solécia, a má-fé com que as vozes da descrença impatriótica urram ou sussurram a negação da evidência. Sei, porém, que a ARENA, o Partido da Revolução, ofereceu aos brasileiros uma democracia em que a crítica severa, justa, e feita com propriedade, permitiu o aperfeiçoamento material e moral do País.

Não creio que o partido adversário queira transformar-se em valhaçouto de aviltadores da honra alheia; de caluniadores de homens de bem; de detratores da honra do Presidente da República, da minha honra, da de meus filhos; vilões sempre escondidos atrás de outros que comandam a coragem alheia. Mas, certamente, o julgamento sereno, a palavra prudente tem vindo, nestes 14 anos, quase somente da ARENA.

A ARENA, o Partido da Revolução, está ao lado das Forças Armadas, coesas, dignas, ativas, fiéis, disciplinadas. E pergunto: onde se agasalham os que insultam nossas fardas; os que assaltaram quartéis para roubar armas e voltá-las contra os seus companheiros, contra o povo, contra os guardiães da paz pública; os que, com essas armas alienadas, assassinaram inocentes; os que as usaram para a emboscada, o assalto, a primária covardia de marginais. Onde se abrigam esses? Onde encontram apoio e ressonância?

A ARENA, o Partido da Revolução, trouxe-nos, a todos os brasileiros, um presente melhor do que o passado. Deu-nos a certeza de um futuro com mais pão do que promessas descumpridas. Não sei dizer quais as propostas concretas do partido adversário, sem demagogia, a bem só do Brasil e de seu povo.

Com a ARENA, seu Partido, a Revolução multiplicou empregos, trabalho, transporte, habitação, educação, saúde, previdência.

Mesmo sem excluir desse desenvolvimento o dinâmico partido adversário, cabe perguntar: onde se acomodam os humoristas do incêndio, os histriões da infidelidade, os funâmbulos das anedotas em que o riso mostra os colmilhos?

É para a ARENA — Partido da Revolução, fiel e constante, que nessas virtudes encontra sua honra — que eu venho, honesta, limpa, orgulhosamente pedir o voto do povo.

Faço-o na convicção de que na ARENA se encontram os candidatos capazes de dar continuação à obra de aprimoramento da democracia.

Candidatos do caminho pacífico, do direito à participação equânime, à palavra justa, ao respeito à pessoa, à vida sem temor do próximo, ao trabalho produtivo, ao lazer vivificador.

E porque assim o creio, creio também que o povo não se furtará a aplaudir os nossos anseios de brasileiros.

Em sã consciência, não insulto os nossos adversários com a hipótese de que tenham ido buscar — ainda que silenciosa e prazerosamente o recebam — o auxílio de quem traiu companheiros de farda, imolou seus irmãos de armas, aceitou combater ao lado de quem combate o Brasil. Esses não somos nós. Serão os nossos adversários?

Vamos ver. Olho para além de 15 de novembro. No dia 27, rendemos justas homenagens aos heróis tombados na luta por um Brasil independente, livre, próspero, democrata, cristão.

É o dia em que cultuamos os bons brasileiros e repudiamos os que traem e os que a eles se aliam.

Aqueles que forem bons brasileiros volto a estender a minha mão em conciliação.

Convido os que também repudiaram a ideologia antinacional, e este é um convite da ARENA, das classes armadas, do Governo da Revolução, dos pais, viúvas, filhos, netos, órfãos desses mortos imortais, para que ao redor do monumento sagrado possamos olhar-nos com os olhos dentro dos olhos e as mãos dentro das mãos.

Sei que assim será porque, no dia 15, os brasileiros terão repudiado nas urnas aqueles que aceitam a traição e convivem nos conchavos de hoje com os que só querem, amanhã, destruir a democracia.

Que Deus abençoe o Brasil e os brasileiros.

Muito obrigado.

Secretaria de Comunicação Social
da Presidência da República